This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

VID-LC
V
298
P56
906x

HARVARD
COLLEGE
LIBRARY

Alfredo de Leão Pimentel

Manual do Colono

127

II

A Guerra nas Colonias

2.ª EDIÇÃO

Alfredo de Leão Pimentel

Manual do Colono

SUMMARIO

1.ª PARTE — Noções de Hygiene Colonial

Climatologia colonial sob o ponto de vista hygienico. Impaludismo — Hygiene do individuo durante a viagem e nas colonias — Regimen diario em marcha e em estação — Vestuario — Habitação — Alimentação — Desinfecção e antisepsia — Clinica medica — Pathologia e therapeutica — Pharmacia.

Um volume de cerca de 300 pag. com gravuras, prefaciado pelo Ex.mo Sr. Dr. Eduardo A. P. Pimenta, Capitão-medico e Lente da Escola de Pharmacia do Porto.

2.ª edição, ampliada e revista — 1906 **Preço 700 reis**

2.ª PARTE — A Guerra nas Colonias

Relações politicas com os indigenas — Effectivos das columnas — Organisação das armas e serviços — Instrucção — Postos militares — Tactica de marcha, d'estacionamento e de combate — Informações e reconhecimentos — Fortificação e trabalhos de campanha — Ataque e defeza de posições. Noções d'estrategia colonial — Noticia historica sobre algumas campanhas coloniaes portuguezas, francezas e inglezas.

Um volume de 260 pag. com 64 gravuras fóra do texto

2.ª edição, revista — 1906 **Preço 800 reis**

3.ª PARTE — Construcções. — Estudo da região, etc.

Construcções = Materiaes — Madeiras e ferramentas — Habitações provisorias — Construcções definitivas — Nós, ligações e entalhes — Drenagem dos terrenos humidos — Vias de communicação — Pesquiza e captagem de nascentes d'agua.

HARVARD
COLLEGE
LIBRARY

Estudo da região = Topographia — Levantamentos hydrographicos — Sondagens — Geologia; explorações geologicas — Mineralogia — Pesquiza de mineraes uteis, metaes e pedras preciosas — Preparações e collecções zoologicas — Anthropologia — Meteorologia.

Organisação d'uma colonia ou residencia — Viagens — Industrias — Receitas e processos uteis — Caça — Pesca — Photographia — Formulas, elementos e tabellas para calculo — Legislação aduaneira — Direitos de importação na metropole; idem de importação e exportação no ultramar — Tarifas postaes — Diametro e peso das moedas.

Um volume de 320 pag., com numerosas gravuras no texto e fóra d'elle

2.ª edição, revista — 1906 **Preço 1$000 reis**

4.ª PARTE — Agricultura tropical. Botanica. Herborisação.

Agricultura tropical = O terreno — O clima — Materias fertilisantes — Afolhamentos e rotação — Agua — Preparação do solo — Abrigos — Multiplicação das plantas.

A Horta — O Pomar — A Plantação — A Floresta — O Prado.

Noções de Botanica — Noções de Herborisação.

Um vol. de 460 pag., e 58 gravuras, prefaciado e revisto pelo Ex.mo Sr. Dr. Julio A. Henriques, Lente da Universidade e director do Jardim Botanico.

Publicado em 1906 **Preço 1$500 reis**

5.ª PARTE — Zootechnia e Veterinaria (em preparação)

6.ª PARTE — Synopse da legislação ultramarina (em preparação)

7.ª PARTE — Noticia succinta sobre as nossas possessões (em preparação)

DEPOSITARIO

Livraria Ferin — Rua Nova do Almada, 70-74

LISBOA

Para assignatura, mediante o bonus de 20 % a p/p. dos volumes publicados, dirigir-se ao auctor — ~~Avenida Diogo Leite n. 43 — VILLA NOVA DE GAYA.~~

Rua de Villar, 161 — Porto.

MANUAL DO COLONO

SEGUNDA PARTE

A GUERRA NAS COLONIAS

BÁYÉTE Á BANDEIRA
COMMANDO MILITAR DE CHICOMO

ALFREDO DE LEÃO PIMENTEL

MANUAL DO COLONO

SEGUNDA PARTE

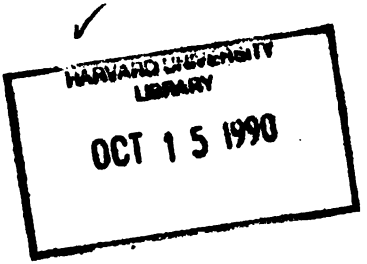
A GUERRA NAS COLONIAS

2.ª EDIÇÃO, REVISTA

PORTO
IMPRENSA COMMERCIAL
29—Rua da Conceição—37

1906

BV
4293
.P56
1906
Vol. 2



A GUERRA NAS COLONIAS

CAPITULO I

Relações politicas com os indigenas

O desenvolvimento dos paizes intertropicaes em que o dominador é representado em reduzidissima proporção perante a massa consideravel de indigenas, tem como factor de primeira grandeza a norma politica a seguir com estes.

Da propria definição de possessões, segundo os melhores economistas coloniaes, resulta bem nitidamente a necessidade d'uma boa politica indigena. Assim Harmand e com elle Lanessan, Saussure e outros, dão o nome de *possessões* aos paizes intertropicaes em que o branco não póde habitar a não ser com todos os cuidados hygienicos, não se entregando ao cultivo das terras ou a outros trabalhos pesados, não podendo ser mais do que o protector, o director, o educador do indigena a quem incumbe fornecer a mão d'obra dos trabalhos agricolas e industriaes.

Excepção feita de algumas regiões em Cabo Verde, em Mossamedes, India, Macau e n'uma ou outra região planaltica do nosso Ultramar, não possue Portugal colonias, mas sim possessões, pois em todo elle é defezo ao branco entregar-se a serviços pesados, sendo o indigena o auxiliar imprescindivel dos nossos trabalhos, da nossa prosperidade.

Ahi, como muito bem diz Chailley-Bert, no seu livro = *Dix Années de politique coloniale* = 1902 = «... sem indigenas nada de producção, nada de imposto, isto com respeito ao governo; sem indigenas nada de agricultura, nada

de industria, isto pelo que interessa ao plantador; sem indigenas nada de negocios, isto pelo que respeita ao negociante. Sem indigenas nada mais teriamos a fazer do que evacuar o territorio.»

E' por isso que convém adoptar com o indigena uma politica paternal, benevolente, protectora, respeitando os seus costumes, as suas crenças, a sua organisação social (cujos élos convém aproveitar para mais facil e efficaz manutenção da nossa soberania) sempre que não haja incompatibilidade com os nossos principios humanitarios.

Recommendava Mousinho d'Albuquerque aos capitães móres de Moçambique que se abstivessem de intervir no viver intimo das tribus, nos usos e costumes, excepto quando estes fossem crueis ou inconvenientes ao nosso dominio. — «E' da acção combinada da politica e da força que deve resultar a pacificação do paiz (Madagascar) e a organisação a dar-lhe mais tarde. A acção politica é a mais importante e tira a sua maior força da organisação do paiz e dos habitantes.» (*Galliéni*).

A obra de assimilação das raças inferiores, quer pelos costumes, quer pela linguagem, quer pela religião, quer pelas instituições, a qual seduz bastante gente, mórmente os recemchegados ao ultramar, e cuja proficuidade, aliás, Saussure e outros negam, a fazer-se, será muito lenta e expontaneamente, não se podendo forçar o seu curso, sob pena de ver o indigena retrahir-se, reagir, tentar escapar-se a uma soberania que quer impor-lhe principios e costumes que elle não comprehende, de que se ri e que, mesmo no seio da propria raça dominadora, levaram seculos e seculos a germinar e a desenvolver-se. Essa assimilação a fazer-se, será por lenta evolução e não de repente. E' modificando subtil e lentamente as asperezas barbaras das suas leis, indicando-lhes com o bom exemplo a benignidade dos nossos costumes, patenteando-lhes com a applicação e pratica, a utilidade e a vantagem dos objectos do nosso uso, provocando-lhes necessidades novas, disseminando pelas suas terras estabelecimentos sortidos dos artigos que mais lisongeiem o seu gósto e vaidade, facultando-lhes um trabalho certo, remunerado

com pontualidade, proporcional ás suas forças e aptidões, fazendo-o vigiar e educar nos differentes trabalhos por capatazes humanos e experientes, é assim que approximaremos o indigena da nossa civilisação. Só assim o tornaremos, não digo já affeiçoado a nós, mas ao menos docil, prestavel e trabalhador.

Mas esta obra é muito lenta, as suas phases devem ser opportunas, será conduzida com tacto e perseverança, caminhando os administradores methodicamente com um espirito de sequencia que vá de successor em successor, sempre com a mesma orientação e tenacidade.

O administrador colonial não deverá nunca deixar-se dominar pelo sentimentalismo que muitas vezes aos olhos do indigena é tomado por tibieza e inepcia e o encoraja na reacção contra o nosso dominio, nem appellará excessiva e innoportunamente para os processos violentos, para os actos de força que provocam a rebellião, a represalia, e prejudicam altamente a nossa obra colonisadora.

A irresolução, a tibieza, a deslealdade, a má fé nos contractos, são maus predicados no administrador colonial.

Os actos de força innoportunos fazem retrahir o indigena, afugentam-o, tornando-o desconfiado e indocil e perturbam notavelmente os interesses do commercio e da industria locaes.

O administrador deve possuir um pleno conhecimento dos costumes, da indole, da organisação social, da lingua, das leis, das necessidades, das tendencias, das aptidões dos seus administrados, e será em vista d'estes elementos que pautará a sua orientação nos processos administrativos e educativos, na applicação da justiça, no desenvolvimento das communicações, no utilisamento das riquezes locaes para tornar a região prospera, na preparação dos indigenas para formarem a mão d'obra para a agricultura e para a industria, na creação do credito agricola (1), etc.

---

(1) Nota — Entende-se por *credito agricola* a faculdade de os administradores, para promover o aperfeiçoamento dos processos cul-

Sómente apoz alguns annos de permanencia no meio dos indigenas, o branco se achará apto a bem desempenhar a sua missão civilisadora. E' por isso que aquelles que se destinam ao exercicio de funcções administrativas no seio das raças inferiores não devem transitar de possessão, convindo conservarem-se sempre em contacto com povos dotados da mesma lingua e de identicos costumes, etc.

Como diz Gallièni, a confiança dos selvagens só se adquire com o habito, com o tempo, sendo essa tambem a razão principal por que simples negociantes ou fazendeiros estabelecidos n'algumas regiões dispõem de tanto prestigio a ponto de serem os verdadeiros chefes a quem os indigenas apenas obedecem e respeitam. N'uma ou outra costa da nossa Africa são vulgares estes casos, e grandes serviços teem assim alguns colonos prestado ao Estado, levantando massas de auxiliares e carregadores para nos ajudarem nas nossas campanhas coloniaes: Mataka, Barué, etc.

Se o funccionario é bom, estabelece-se com o correr do tempo uma mutua confiança entre elle e os seus administrados que muito concorre para a consolidação do nosso dominio e para o progresso do paiz. E' só ao fim de alguns mezes, de alguns annos até de permanencia no interior que se começa a ver claro no modo de ser das sociedades indigenas, a poder orientar o procedimento na administração.

Mas quanto erro accumulado até então, quanta injustiça commettida, quanta violencia mal applicada a desprestigiar-nos no conceito dos povos, a tornar-nos incompativeis com elles, isto apezar de estarmos convencidos da nossa rectidão,

---

turaes, vulgarisar entre os naturaes o uso da charrua e de outros apparelhos de lavoura, desenvolver as culturas existentes e introduzir novas especies agricolas, distribuirem aos naturaes sementes e emprestarem esses instrumentos aos habitantes que pouco e pouco forem conhecendo a utilidade dos nossos processos de cultura, impondo-se ás authoridades indigenas a obrigação de os usarem no amanho das terras exploraveis adjacentes ás suas povoações.

da nossa dedicação, dos nossos bons officios em prol do levantamento moral, do desbravamento do indigena!

E' pois immensamente delicada e cheia de escolhos a missão do administrador de circumscripção, do commandante militar, do chefe do concelho, do capitão mór, do commandante de posto e de todos aquelles, emfim, que tratem de perto com o indigena. Estas funcções são, sem duvida, a pedra angular da organisação administrativa ultramarina e deviam merecer dos poderes superiores o maximo cuidado na escolha do pessoal, na sua preparação e procedimento.

E' d'uma importancia enorme para o Europeu o conhecimento da lingua do paiz. Para conseguir isso é preciso estar em contacto com os naturaes, conversar com o pessoal negro da residencia. Logo que se sabe alguma coisa, fala-se com os indigenas, toma-se conhecimento dos seus costumes, dá-se-lhes conselhos, etc. O procedimento e a attitude do branco são um importante factor para a creação e consolidação do prestigio não só d'elle, mas da raça. O indigena deve persuadir-se de que achará no branco apoio e protecção todas as vezes que d'elles careça e de que póde sempre dirigir-se-lhe sem receio. As visitas frequentes ás terras predispõem á confiança, tornam o chefe conhecido. Mas é necessario que nas relações não haja familiaridade, afim de que o indigena, perdendo o respeito ao branco, não passe a tratal-o como seu egual. Não perderá este occasião de tratar doenças, de sarar as feridas, conforme os seus conhecimentos de medicina; a troco d'um pequeno consumo na pharmacia portatil, consolida-se muitas vezes o prestigio do chefe e, de resto, isto é humano.

Das raças inferiores só se vence com tacto, paciencia e serenidade. Antes de reprimir qualquer tentativa hostil, convém chegar primeiramente a uma solução pacifica. «Em Africa, o chefe branco não deve nunca dar o primeiro tiro» (Stanley).

Firmeza, justiça e benevolencia, são como diz Gallièni, os principios que devem guiar o branco nas relações com o indigena, seja qual fôr a raça a que pertença ou a região

em que se viva. Deverá aquelle que se destine ao Ultramar, pôr-se em guarda contra as narrações, criticas apaixonadas e conselhos ás vezes pouco sensatos dos que já andaram por lá.

Logo que se desembarque, convém que nada do que o cerca lhe passe despercebido e precisa então desenvolver e educar o seu espirito da observação.

Quando depois se encontre no interior, no seio d'uma tribu, precisa estudar de perto, a todo o momento, as condições do meio, vivendo tão perto dos naturaes quanto a dignidade e a disciplina o permittam. Desde então é necessario que a superioridade do branco se manifeste pela rectidão, pela benevolencia, pelo sangue frio, pela dignidade pessoal, pelo desprezo dos perigos, pela sua linha sempre correcta, por uma prudente energia.

Administração.—Como diz Lanessan, o valor moral, politico e administrativo dos governadores ou dos seus subordinados tem uma importancia superior á dos diplomas e regulamentos. O melhor d'estes documentos nas mãos de máus funccionarios apenas produz a desorganisação, a revolta, e o peior manejado por individuos habeis, rectos e prudentes garante a paz e o progresso da região. Nos paizes em que a paz, a tranquilidade não estão completamente garantidas só a administração militar dispõe dos meios d'acção necessarios para reprimir as velleidades de revolta, e por isso é preferivel á administração civil.

As relações com os indigenas fazem-se por intermedio das suas authoridades. E' a ellas que o administrador deve impor a limpeza das estradas (sob a sua direcção), é a ellas que se fixa o numero de trabalhadores necessarios para os serviços da residencia e do governo, etc.

Ouçamos Mousinho: «Os pequenos chefes são auxiliares utilissimos, indispensaveis mesmo para a administração e politica n'aquellas vastas regiões onde, por vezes, um commando tem uma area de jurisdição muito superior á dos districtos administrativos da metropole. Apenas os chefes poderosos, os que porfiem na desobediedcia é necessario

supprimir; os outros devem ser aproveitados, e na maneira de o conseguir, que tem de ser differente de commando para commando dentro do mesmo districto, é que o commandante militar precisa applicar toda a habilidade, empregar muito tacto e prudencia.» Servirmo-nos das instituições locaes e dos agentes indigenas é tambem o meio mais economico de administrar o territorio. No commando de Inhambane cada regulo ou cabo importante tem junto do commandante um induna seu por intermedio do qual o branco transmitte ás authoridades cafreaes, todas as ordens de serviço. Estes indunas são ao mesmo tempo guias, auxiliares do serviço de policia das terras, etc. E' uma pratica muito preconisavel, não só por facilitar o expediente do serviço, mas como boa politica.

Muitas vezes, porém, estes indunas residentes servem-se da sua authoridade e da força que lhes conferem as suas relações com o commando para praticarem abusos muito lastimaveis. E' por isso conveniente fiscalisar, vigiar o seu serviço, castigando-os e substituindo-os mesmo, quando sejam incorrigiveis, convindo tambem recompensar e tratar com benevolencia os que forem zelosos e bem comportados. A todos se deve fornecer habitação isenta de imposto, e de uma outra vez, um panno, um casaco barato, um barrete, etc. Nunca é demais que o indigena saiba que com o contacto do branco só tem a lucrar. Quando o europeo toma conta do commando é de uso em muitas regiões as authoridades indigenas virem cumprimentar o recemchegado e muitas vezes essas visitas são acompanhadas de presentes a que o branco corresponde com outro presente. Não aconselhamos que o funccionario acceite dinheiro d'essa gente, mas convém que elle receba, a titulo de preito de soberania, um objecto qualquer, uma pelle, um animal raro, um cabrito, gallinhas, etc. Regeitar o presente trazido pelos visitantes seria muitas vezes um acto pouco politico, que elles tomariam por uma offensa, não comprehendendo aliás as susceptibilidades do branco n'este assumpto. As venias, os salamaleks feitos pelo indigena, que o branco não dispensará nunca, serão os correntes na região, não se tornando neces-

sario apropriál-os aos nossos costumes. Os actos externos de respeito por parte dos naturaes devem exigir-se sempre, habituando estes a saudarem-nos á nossa passagem ou quando a nós se dirijam. Alguns potentados indigenas costumam nos primeiros tempos *tomar o pulso* ao chefe branco, ou deixando de o visitar, ou não cumprindo pontualmente as instrucções d'este, etc. E' necessario reprimir com uma certa energia estas velleidades de insubmissão, vigiando-se de futuro o insolente.

Quando se torna necessario obter viveres, etc. mandar-se-hão comprar nas povoações, pelo seu justo valor local. Se os habitantes estiverem ausentes, procurar-se-hão e, não os encontrando, deixar-se-ha em logar bem visivel, dentro das habitações, a paga do que d'ellas se tiver tomado.

Os indunas residentes, os cypaes, os soldados negros, os creados, toda a gente de côr, emfim, que presta serviço junto do chefe branco deve ser vigiada, por que é certo que essa gente abusa do prestigio que lhes dá a sua qualidade de domesticos ou guardas dos brancos para se imporem e praticarem infamias. Os roubos assim praticados, de gallinhas, de fazendas, de mulheres, etc. por esta gente são vulgares. Não é raro mesmo cobrarem nas terras o imposto, dizendo-se enviados pelo administrador.

A mulher é nos paizes quentes, como aliás em toda a parte, a causa de mil conflictos. A este respeito o branco deve ser escrupuloso, não requestando a mulher do negro, nem consentindo que nenhum dos que estão com elle o faça. A negra gosta das graçolas que alguem lhe dirige, mas desde que o caso vá mais longe, breve apparece o marido a pedir, pelo menos, uma indemnisação. Se o branco tem fama de requestador, como se lhe não póde pedir indemnisação, breve desapparecerão da residencia as mulheres dos cypaes, dos indunas, dos soldados, etc. e atraz d'ellas, por via de regra, vão os *maridos*. De resto, o exemplo do chefe é logo seguido pelo pessoal e não será de estranhar que este vá provocar conflictos sangrentos nas terras, perante os quaes o branco não terá authoridade.

E' então vantajoso que o branco procure uma mulher

que viva com elle, que o trate na doença, etc. Muitas vezes estas creaturas são os mais seguros informadores do administrador, pondo-o ao facto das prevaricações do interprete, das correntes d'opinião entre os indigenas, dos usos e costumes locaes e na doença são enfermeiras desvelladas. E' necessario, porém, escolhel-as bem. N'algumas regiões em que as authoridades indigenas ainda disponham de grande prestigio, é de boa politica casar ao *modo da terra* com uma das filhas do chefe de côr. O administrador assim casado disporá de grande influencia e grandes serviços poderá prestar á nossa soberania. De resto, como estas coisas teem uma côr local, nada de ridiculo ou deprimente trazem para o branco, o qual, retirando da colonia, deixa a mulher a quem dotará devidamente.

Nem sempre os chefes indigenas podem corresponder ás exigencias que o branco lhes faz, pois é certo que o seu prestigio muitas vezes é quasi nullo, e, apezar da boa vontade e attenção que ás vezes prestam ao serviço, pouco conseguem dos seus. Isto succede principalmente nos paizes desde muito submettidos á influencia europea a qual, evidentemente, se exerce á custa do enfraquecimento dos laços que ligam os naturaes aos chefes da sua raça. Por isso é judicioso estudar o grau de prestigio de que dispõem as authoridades indigenas, tornando-lhes proporcional a nossa exigencia e castigando a desobediencia ás ordens d'essas authoridades, que digam respeito ao serviço do Estado.

Os deveres do chefe europeo sob o ponto de vista administrativo são muito complexos. Além da sua acção politica, da applicação da justiça, da policia das terras, cumpre-lhe ainda esforçar-se por crear receitas para o estado, desenvolvendo as culturas, ensaiando a producção de especies valiosas, organisando granjas, dando-lhes o desenvolvimento compativel com os recursos de que disponha, sem gravame do thesouro; cobrará ou fará cobrar os impostos dispondo de toda a actividade, energia e tacto para evitar que o contribuinte deixe de pagar; promoverá o estabelecimento de lojas de commercio, de bazares, etc. onde o indigena encontre as mercadorias mais do seu agrado, com ex-

cepção d'armas, polvora e alcool; rasgará o territorio com estradas que liguem a residencia com as sédes das circumscripções adjacentes e com os nucleos mais importantes das povoações indigenas, fazendo manter essas estradas sempre limpas; procederá ao levantamento o mais preciso possivel da carta da região, demarcando com cuidado as linhas d'agua importantes, pantanos, terrenos rochosos, nascentes d'agua, florestas ricas em quaesquer productos vegetaes, etc. podendo tomar-se para base do levantamento as estradas rectilineas que se kilometrarão e balisarão de kilometro em kilometro ou de legua a legua com troncos alcatroados ou encinerados em que se fixam taboletas com a indicação da distancia á residencia do administrador; incitará á cultura de productos valiosos por intermedio das authoridades indigenas, facultando-lhes a sua collocação; promoverá a producção e desenvolvimento de raças de animaes uteis: bois, carneiros, cabritos, etc.; esforçar-se-ha por moralisar, disciplinar e educar os indigenas ao seu serviço, reprimindo com energia os abusos praticados por elles, e dando-lhes ao mesmo tempo a força necessaria para que sejam respeitados nas terras como seus emissarios e agentes da authoridade; annunciará aos centros europeos mais proximos a notavel aptidão agricola de certos terrenos, a existencia dos productos de valor, a riqueza mineral d'um ou outro terreno, provocando a sua exploração, etc., etc.

Vê-se, pois, que a missão do administrador colonial é importantissima e que muito ha que fazer por lá, a questão é querer...

Não se imagine que este programma que ahi deixamos esboçado seja uma utopia ou uma exigencia de difficil execução. Isto tudo faz-se por lá, não dizemos já em toda a parte, mas n'uma ou outra circumscripção.

De resto, ouçamos as bellas palavras escriptas nas instrucções de 22 de Maio de 1898 pelo pacificador e organisador de Madagascar, palavras que em Portugal hão-de surprehender muita gente, tão extravagante parecerá a orientação que exprimem. «As funcções administrativas parecem incompativeis com a ideia que em certos meios se

faz do militar. Todavia é esse o verdadeiro papel do official colonial e dos seus subordinados. E' esse o mais delicado, o que exige mais applicação e esforço, aquelle em que póde revelar as suas qualidades pessoaes, porque destruir não é nada, reconstruir é mais difficil. Um paiz não está conquistado e pacificado quando uma operação militar dizimou os habitantes e fez curvar as cabeças sob o terror... E viu-se depois o que esses homens fizeram no dia da pacificação; a companhia não representava apenas a unidade militar, mas uma multidão de mestres de officina, de jardineiros, de agricultores, de capatazes». Como diz Lyautey, Gallièni não admittia que a força representada por um francez ficasse improductiva e aproveitava os seus homens em todos os ramos d'actividade em que podiam ser-lhes uteis para a pacificação e progresso do paiz.

Justiça. — A applicação da justiça entre raças inferiores é talvez a pedra de toque por onde os indigenas avaliam da integridade do administrador. E' sabido que o negro tem, em geral, uma noção muito lucida da justiça e tanto que muitas vezes succede o individuo punido por uma falta ser o primeiro a confessar que o branco teve razão em o castigar; mas tambem o castigo injusto não lhe sahe jámais da memoria, despertando-lhe os seus instinctos de revolta e de vingança até. Por isso o prestigio d'um chefe depende muito da boa e opportuna applicação da justiça.

Que o negro não veja no branco unicamente o seu explorador, o senhor que o obriga a trabalhar, a pagar tributos, mas que o desinteresse e a imparcialidade com que aquelle procede na solução dos pleitos sejam garantia segura da ordem e do socego nas terras e da defeza dos bens e da mulher contra as extorsões e violencias praticadas não só pelos da sua raça, mas tambem pelos da nossa.

No districto de Inhambane é gratuita a intervenção do commandante militar nos *milandos* entre indigenas. N'outras regiões o queixoso paga um tanto por apresentar o seu pleito. Ao regulo paga quasi sempre o negro um tanto por apresentar milando.

Nós, no commando de Chicomo, em Inhambane, só authorisavamos os regulos a acceitarem milandos pouco graves e, sempre que visitavamos as povoações d'estes chefes, inquiriamos dos motivos por que se encontravam diversos negros no calabouço. Foi sempre nosso cuidado não desauthorisar as authoridades cafreaes aos olhos dos indigenas, visto serem ellas os auxiliares da nossa administração, mas tambem não lhes deixar nas mãos todo o poder e força. E' muito importante para a nossa soberania e para o prestigio do chefe branco, ser escolhido pelos naturaes para julgador das suas causas. Assegura-se assim a influencia, é o meio melhor de conhecer a indole e os costumes dos habitantes, e é talvez o mais efficaz de polir as asperezas das suas leis e usos.

E' na solução das questões de justiça que se torna mais sensivel a necessidade do funccionario saber fallar ou, ao menos, comprehender a lingua do paiz. Muitas vezes os interpretes por estupidez, por falta de attenção, por prevaricação, ou não transmittem fielmente as nossas perguntas e as respostas das partes ou não dão ao interrogatorio a orientação que desejamos, de modo que, apezar de toda a nossa boa vontade, damos uma sentença injusta. Na apreciação dos factos, na interpretação do procedimento de cada uma das partes, na decisão, emfim, attender-se-ha sempre aos usos, costumes, leis e indole dos habitantes. Quando se reside ainda ha pouco tempo na região e não se conhecem bem estes elementos, convem chamar duas ou tres authoridades indigenas que desconheçam os litigantes, ou alguns velhos de povoações differentes, escolhidos ao acaso, e fazel-os assistir ao julgamento, em logares separados, deixando-os usar da palavra, e interrogal-os bem um a um isoladamente no fim, antes da decisão, confrontando as suas respostas e opiniões que nos elucidarão sobre a gravidade e circumstancias que o pleito apresenta aos olhos da sociedade indigena e, por consequencia, nos auxiliará no pronunciamento da sentença; tal processo tem tambem a vantagem de nos esclarecer sobre os costumes, leis, etc. do povo com que se está em contacto.

Quando se tratar de castigar, de premiar, de decidir,

emfim, não esquecer nunca que os processos devem ser apropriados aos homens e ao meio, sem que lhes repugnem, aliás a intervenção do branco perderá toda a efficacia e este arriscar-se-ha a que o natural o classifique de injusto e insensato, envolvendo os outros brancos na mesma apreciação. Não esquecer que o negro na sua intelligencia e educação rudimentares é muitas vezes mais leviano que criminoso na pratica dos delictos.

Muito convém obter a confissão do accusado ou, pelo menos, o apoio moral, a approvação espontanea dos indigenas chamados a conselho. O negro nega e mente sempre systematicamente, sendo difficil muitas vezes fazer luz n'um pleito; enganar, mentir, negar são faltas desculpaveis na sua moral inferior, não devendo, portanto, influir na decisão final, embora seja justo reprimil-as. Deve-se prestar toda a attenção ao jogo physionomico dos assistentes, das partes e do interprete. O branco usará de todo o tacto, serenidade e paciencia. A colera prejudica muito o prestigio do branco e leva-o a ser precipitado e a praticar injustiças. Antes de applicar o castigo, o branco esforçar-se-ha por mostrar em publico ao delinquente que procedeu mal. E' necessario então distinguir bem os factos praticados com intenção criminosa dos devidos ao uso do paiz ou á apoucada intelligencia e moral inferior dos habitantes.

Estudar-se-hão as impressões que as differentes especies de castigos produzem sobre a população. Se se trata d'uma indemnisação a impôr, quer pecuniaria, quer em bens, dever-se-ha proporcional-a aos recursos do accusado, não lhe exigindo impossiveis. Pronunciando a sentença, deve ser cumprida a todo o transe e quanto antes, para o castigo ser mais exemplar. Muitas vezes o culpado é aquelle que vem apresentar o pleito. E' muito vulgar o — «chama-lh'o antes que t'o chamem». E muitas vezes acontece tambem terem ambas as partes as suas culpas. Entre os castigos a applicar figuram a prisão aggravada, trabalhos mais ou menos violentos no matto, nas estradas, nas granjas da residencia, em transportes e o uso moderado da palmatoria. O cavallo marinho deve ser banido, como processo de castigo.

Uma chibatada que attinja o ventre, o hypocondrio direito póde matar.

A multa só se impõe nos delictos politicos, nas infracções em assumptos de serviço. Recorre-se muito a ella no ultramar, mórmente para punir as faltas ou as desobediencias das authoridades indigenas. Tem o inconveniente de dar a estas a impressão de que é imposta pela cupidez do branco, e que na consciencia d'este todas as faltas se redimem com dinheiro. Entendemos que a multa deve ser sempre aggravada com outro castigo: a prisão, os trabalhos, etc.

E' de boa justiça castigar as violencias e desmandos praticados nas povoações por europeus que transitem pela região, prendendo-os e sujeitando-os á alçada competente ou participando o facto superiormente, fazendo indemnisar a victima da importancia da extorsão, etc., conforme os costumes locaes. Se algum dos indigenas da residencia foi o author do delicto, depois de bem contastada a culpabilidade, castiga-se na presença dos queixosos, dando ao acto a maior publicidade.

Trabalho. — O negro não é tão rebelde ao trabalho como se pretende. O que é necessario é provocar-lhe o desejo, a necessidade de possuir certos objectos, cuja utilidade se lhes apresente bem visivel ou que sorriam aos seus gostos bizarros no modo de se vestir e adornar. Apaixona-se facilmente por uns tecidos de côres garridas, por um enfeite esquesito para o cabello, por umas bugigangas extravagantes para dependurar ao pescoço ou ornamentar as orelhas; assim paramentado, acha infinito prazer em pavonear-se aos olhos dos seus eguaes. E de que esforços não é capaz um negro para juntar um monte de artigos com que possa comprar uma ou mais mulheres! Se assim não é, como explicar o exodo do negro de Lourenço Marques, Inhambane e Gaza para o Transwaal todos os annos antes da guerra sul-africana? E é sempre a mesma intenção: juntar dinheiro para comprar mulher no regresso. Todos elles traziam, quando voltavam, casacos, colletes, chapeo, um cinto de coiro com porte-monnaie, polainas de cabedal, muitas vezes

uma mala e até alguns corrente de latão e... relogio. As economias feitas por elle eram taes que, depois de explorado infamemente pelos commerciantes e aventureiros e ainda cá por toda a gente, inclusivamente pelo estado que o obrigava a pagar um tanto em Lourenço Marques, a titulo de indemnisação, multa, ou quer que fosse, chegava á terra ainda com dinheiro para comprar mulher, que attingio n'alguns logares, nomeadamente nos M'chopes o preço de 20 e 30 £, e para pagar os tributos de alguns annos seguidos.

Será o negro d'alli dotado de qualidades excepcionaes de trabalho? Não o crêmos. E, se é certo que elle se negava obstinadamente a trabalhar nas suas terras, seria talvez porque achasse isso humilhante, ou porque lhe pagavam pouco e a más horas, procurando-se muitas vezes illudil-o nos pagamentos? A cultura nas terras onde vivia, depois de exgotados os recursos do Transwaal, era feita quasi sempre não só para seu alimento e para dos productos extrahir umas tantas canadas d'alcool, mas tambem muitas vezes para vender ao moiro, ao baneane que lhe pagava com um pedaço insignificante de chita. D'ahi ainda sahia muitas vezes o dinheiro para o *mucupo* (imposto de palhotas). Não se póde pois dizer que o negro é refractario ao trabalho. Produz muito menos que o trabalhador europeu, mas fica tão barato... O que é necessario então é simplesmente saber fazel-o trabalhar, remuneral-o, ser honesto e pontual com elle e pôr-lhe ao alcance os artigos que mais lisongeiem o seu gosto e vaidade.

Eis os tres systemas que a *Societé d'Etudes coloniales* diz no seu *Manuel du voyageur et du resident au Congo* haver para creação e desenvolvimento da agricultura no Congo belga: o trabalho obrigatorio, o trabalho com remuneração de mão d'obra e a compra dos productos. Todos tres têem os seus preconisadores e os seus detractores. O trabalho obrigatorio impõe-se muitas vezes, dada a imprevidencia incuravel dos negros, tornando-se necessario frequentemente coagil-os no seu proprio interesse até, a dedicaram-se a certas culturas para prevenirem a fome, por ex.; o trabalho por pagamento da mão d'obra aconselha-se para as planta-

*

ções de especies que só produzem no fim d'alguns annos como: o café, a borracha, o cacau, etc.; a obtenção de trabalho por compra de productos, que é o meio mais proprio de provocar no indigena o gosto por este, de desenvolver-lhe a actividade e o instincto de previdencia, applica-se nas industrias da pesca, apanha de borracha, de animaes, pelles, etc.

Quando se reconhecer capacidade no negro para proceder nas suas terras á cultura em grande escala, ou feição para ensaiar e produzir especies de mais valor do que as que commumente utilisa na sua subsistencia, convem encorajal-o com processos adequados, dar-lhe sementes, emprestar-lhe instrumentos agrarios mais perfeitos e facilitar-lhe a venda dos productos. Como dizia Mousinho d'Albuquerque, é pelo trabalho manual, pelos habitos de actividade regulamentada, pelas necessidades que cria em contacto com o branco que o indigena ha-de ir passando lentamente da sua selvageria para uma civilisação rudimentar. De resto é coisa assente que a verdadeira instrucção a ministrar ao negro deve ser exclusivamente manual e profissional. Mas dado que elle seja um tanto refractario ao trabalho, cumpre impôr-lh'o, quando mais não seja, nos serviços das residencias, granjas, estradas, etc. Nos commandos de Inhambane ha obrigação de cada regulo ou cabo mandar turnos mensaes ou quinzenaes de indigenas fazerem serviço no commando, isto além da obrigação d'essas authoridades manterem permanentemente as estradas limpas. Em Chicomo as povoações mandavam espontaneamente substituir os seus no fim de cada 15 dias, cingindo se a uma escala sua que era geralmente respeitada por todos; não havia, pois, necessidade de requisitar periodicamente a gente de serviço (*lidamba*), bastava fazer a chamada diariamente: por cada povoação deviam comparecer uns tantos trabalhadores. Em Zavalla não succedia assim: a chamada era individual, porque a inscripção era por individuos e não por povoações. Era necessario andar sempre a requisitar gente e ás vezes não vinha o numero fixado.

N'alguns commandos, não se interpretava bem a nossa

missão; apenas se empregavam esses contingentes de trabalhadores no serviço de transporte e construcção de palhotas, deixando-os entregues á sua indolencia dias e dias, quando não havia cargas a transportar ou palhotas a reparar. Nós em Chicomo não poupavamos essa gente. Havia sempre que dar-lhes a fazer e, quando não havia, inventava-se. Excepto nos dias de guarda e ás horas de maior calor, trabalhavam sempre desde manhã até á tarde. Entendiamos ser necessario combater quanto possivel os habitos de indolencia e apathia d'aquella gente e isto conseguir-se-hia talvez um tanto treinando-a no trabalho. Deixamos lá transplantados do matto, onde cresciam espontaneamente, 6:000 cafézeiros, um viveiro de algumas centenas de landolphias (trepadeiras que produzem borracha), algodoeiros, etc. Quando vinha das terras um turno de serviço destacavamos logo um grupo d'homens para o transporte d'agua, outro para a conducção dos pés de cafézeiro que eram trazidos de longe, outro para as regas d'estes de manhã e de tarde nas primeiras semanas da transplantação, outro para a surriba de matto, outro para a limpeza das immediações do commando, etc. A cada grupo marcavamos uma occupação definida e era guiado e vigiado nos trabalhos por caçadores (policia do commando) escolhidos e adestrados por nós nos respectivos serviços. Sabiamos assim a quem exigir responsabilidades e, posta d'este modo a *machina* a funccionar, não parava nunca visto que novos trabalhadores vinham pouco e pouco render os anteriores e assim se iam educando e treinando no trabalho. Quando retirámos do commando era intenção nossa insinuar, impôr ás authoridades cafreaes a obrigação de desenvolverem as suas culturas e de se dedicarem ao cultivo do café, da borracha (landolphia) etc. Era esta, de resto, a ideia de Mousinho de Albuquerque o qual tencionava obrigar as authoridades cafreaes de Inhambane a plantarem uma porção de cafézeiros, vendendo depois o producto ao Governo.

A imposição do trabalho deve fazer-se com equidade e justa repartição dos serviços entre os indigenas, attendendo-se ás especies de industrias ou de commercio a que es-

pontaneamente se entregam e que variam segundo as regiões; não é judicioso exigir d'um individuo trabalho acima dos seus habitos ou capacidades. Deve-se attender tambem a que os serviços que se exigem do negro não vão surprehendel-o no momento em que se ache entregue aos trabalhos habituaes nas terras. Aos carregadores que vão fazer longos percursos deve-se dar tempo para reunirem algumas previsões, não convindo retel-os muito tempo longe das suas povoações.

Não se esquecerá que a cultura indigena é um elemento de riqueza d'uma região, augmenta os recursos dos naturaes, habitua-os ao trabalho...

Eis o que dizia Gallièni em um Relatorio sobre Madagascar «... Importa ainda melhorar os processos de cultura pelos adubos e economisar a mão d'obra, supprindo a sua falta pelo emprego de instrumentos agrarios aperfeiçoados. Procurei vulgarisar entre os povos o uso da charrua; em Novembro de 1896, com esse fim, fiz proceder na minha presença, revestindo o acto d'uma certa pompa, ao primeiro ensaio d'este instrumento, n'um arrozal de Tananarive, na presença das authoridades indigenas e de uma grande affluencia de malgaches. Os commandantes do 1.º e 4.º territorios militares esforçaram-se pela sua parte por incitar o indigena a entrar n'esse caminho. O tenente-coronel Liautey introduziu no concelho de Ankazobe 40 charruas e 22 grades cujo ensaio se effectuou perante uma multidão de indigenas os quaes, iniciados no manejo d'estes instrumentos, pediram emprestados alguns que foram distribuidos por grupos de povoações. Esta gente não tardou em contastar que o trabalho effectuado por uma charrua em meia hora representava o de 20 homens em duas horas ...» E mais adiante. «... Na minha visita ás terras em 1897 impressionou-me o numero de cafézeiros que encontrei nos arredores das povoações e o abandono em que estavam. Prescrevi então aos chefes da provincia que fizessem cuidar os habitantes d'esses cafézeiros, procurando desenvolver a sua cultura, e no anno seguinte ordenei a alguns administradores que fizessem proceder á plantação d'um cafézeiro e d'uma

amoreira por cada indigena do sexo masculino de 16 a 60 annos d'idade... No littoral recommendei a plantação de coqueiros nas terras. Experimentei tambem desenvolver entre os indigênas a cultura do trigo. Com esse fim distribui sementes e para os interessar isentei do imposto as terras em que as culturas se fizessem... Distribui egualmente sementes de hortaliças aos habitantes do planalto central, as quaes se desenvolveram e propagaram com uma rapidez tal que, actualmente, em muitos mercados apparecem á venda abundantes provisões de muitas especies horticolas da Europa. O mesmo succede com a batata cuja cultura ordenei nos lugares desprovidos de arrozaes... Para assegurar a extensão da agricultura indigena recommendava aos commandantes de circulos das regiões centraes que era indispensavel restringir quanto possivel, na epocha das culturas, o emprego da mão d'obra nos trabalhos d'estradas, na conservação dos postos, etc. Muitas vezes as sementeiras e mais trabalhos agricolas eram feitos sob a vigilancia das authoridades que se viam obrigados a reagir contra a apathia, a indolencia dos indigenas.» Gallièni ordenou que os differentes administradores usassem da sua authoridade para obrigarem os malgaches a entregarem-se á cultura, estabelecendo como principio *a obrigação de todo o indigena cultivar*. N'um districto habitado por tribus sakalavas entregavam-se estas exclusivamente á creação de gados, desprezando as culturas, recorrendo aos productos d'outros districtos para se alimentarem. O administrador, não deixando de fomentar a creação dos gados, incitou o indigena á cultura do solo e, passados tempos, communicava que nos terrenos mediocremente cultivados em 1896 podiam contar com 5.000 hectares d'arrozaes que bastavam para o consummo local. E' da maior vantagem, sob o ponto de vista de aprendizagem do indigena nos trabalhos agricolas, a creação de granjas junto das residencias em que se patenteem os nossos processos agricolas, em que se ensaiem culturas novas, desconhecidos do indigena e que convenha vulgarisar, incitando-o a empregar nas terras identicos processos e especies de cultura. A este

respeito diz o relatorio do ex-governador de Lourenço Marques, Snr. Capitão Gaivão:

—«Considero de uma importancia capital a creação e o desenvolvimento das quintas regionaes das circumscripções (Lourenço Marques) pelos seguintes motivos:

1.º—«Porque não sendo o trabalho (o do indigena) remunerado, podem produzir por preços baixos generos de primeira necessidade, que encontrarão sempre compradores no mercado de Lourenço Marques, barateando a vida da população e augmentando as receitas da fazenda»;

2.º—«Porque em pouco tempo poderão ellas fornecer muitos dos generos para o rancho das praças, alimentação dos indigenas e dos solipedes em serviço do governo, o que representa uma economia muitissimo consideravel»;

3.º—«Porque, convenientemente dirigidas, serão escolas onde o indigena aprenderá a trabalhar bem e a aproveitar as terras, onde os ensaios das diversas culturas ricas definirão as aptidões dos terrenos das differentes zonas, o que poderá trazer como consequencia a exploração agricola do districto tão descuidada ainda e tão difficil pela carestia do trabalho, que é uma consequencia da elevação dos salarios na cidade e nas minas do Transvaal»;

4.º—«Finalmente, porque, pondo em contacto com o administrador e as authoridades da circumscripção um grande numero de pretos das terras, o nosso dominio torna-se mais effectivo e a administração facil e justa.»

O pagamento dos serviços, quaesquer que sejam, deve ser feito individual e directamente, não se entregando ás authoridades indigenas os salarios para a distribuição ser feita por ellas. Nos logares em que o indigena prefira o pagamento em especie, effectuar-se-ha um sortimento dos artigos mais preferidos na região. A distribuição será feita com equidade, proporcionalmente ao preço da mão d'obra local, sem regateios, nem prodigalidades. Nunca se prometterá ao negro coisa que se lhe não dê depois do trabalho concluido. A decepção desalenta-o e tira-lhe toda a confiança no branco. O pagamento dos productos ou da mão d'obra

por preços insignificantes, inferiores aos usados na região, afugenta-o, destroe-lhe alguma pequena feição que tenha para o trabalho; pagando-lhe mais de que o habitual, torna-se mais e mais exigente para o futuro. Dando-lhe tudo o que quer, é capaz de chegar a pedir valores impossiveis por qualquer objecto ou serviço insignificante. Muitas vezes em Inhambane no interior ouvia lastimar alguns europeus: o preto pedia um dinheirão pelo minimo serviço, porque os engajadores de indigenas para o Transvaal tinham habituado ô negro a sèr pago generosamente, «ás mãos cheias» e este já não vendia nem trabalhava senão a poder de *quinhentas* (500 reis). Nos paizes d'occupação recente é difficil obter mão d'obra. E' por isso necessario ahi muito tino para ir attrahindo o indigena. Aconselha-se então installar campos e officinas onde trabalhadores de fóra se exercitem nos differentes serviços e patenteiar os trabalhos aos chefes locaes e ás populações, pagando ao pessoal deante d'elles, tratando-o benignamente, pondo emfim bem em evidencia a vantagem qne advem ao negro de trabalhar sob a direcção do branco. Obrigar as populações a trabalhar á força, arrebanhando gente nas povoações e impondo de repente e violentamente a prestação de certos trabalhos ao indigena, será uma acção altamente impolitica e condemnavel. Só com paciencia, habilidade e tempo se conseguirá obter uma mão d'obra facil, interessada e util. Não esquecer que a verdadeira e grande colonisação se deve fazer, segundo a pratica o tem aconselhado, nas granjas d'ensaios, nos grandes campos de cultura e nas officinas.

Occupação e politica a seguir nas regiões incompleta ou recentemente submettidas.—A questão da penetração nos territorios insubmettidos tem sido resolvida nas ultimas campanhas coloniaes estrangeiras, occupando e pacificando o territorio, reprimindo com energia e systematicamente as tentativas de rebellião, protegendo e tratando benignamente as tribus submettidas, afim de que não desertem para o lado dos rebeldes e antes cooperem comnosco na pacificação, e abrindo, finalmente, essas regiões á exploração pelo com-

mercio e pela industria, cujos progresso e estabilidade fiquem garantidos por uma serie de postos e de guarnições bem organisadas.

Para a pacificação d'um territorio ha dois systemas: por columnas militares, preconisavel para bater grandes aggrupamentos de indigenas que se defendem nas povoações, nos bosques ou que nos atacam em grandes massas, impedindo a submissão d'outras tribus; ou a occupação progressiva do paiz por uma rede cerrada de postos fortificados em torno d'um nucleo que é geralmente a baze d'operações, os quaes vão avançando a formar a «nodoa d'azeite», segundo a feliz expressão de Gallièni. Este ultimo systema, que logo desenvolveremos, tem o inconveniente de immobilisar um grande troço do corpo d'occupação, mas é preconisavel nos paizes em que o adversario, offerecendo uma resistencia tenaz, não tem uma forte organisação militar ou quando é constituido por bandos dispersos que combatem isoladamente fazendo a *guerra de guerrilhas*, e tem a vantagem de garantir a protecção e de facultar uma efficaz acção politica sobre os povos á rectaguarda dos postos. Accrescentaremos que, assim como o systema da pacificação por columnas não dispensa o estabelecimento de postos ao longo da linha d'operações ou em outras posições importantes, tambem o da occupação por uma rede circular de postos é completado pela acção de pequenas columnas que vão destruindo os nucleos de resistencia mais viva.

Mousinho d'Albuquerque affirmava com razão que toda a tentativa de posse que não fosse precedida d'uma acção de força e seguida de uma occupação que impozesse respeito, *ou antes, medo*, era sempre mal succedida. E por isso, dizia elle, a sua intenção em Moçambique era correr o paiz com uma forte columna e, batidos os rebeldes, occupar os pontos importantes com postos fortificados que dominassem areas extensas afim de protegerem o commercio e a exploração da região.

Eis a summula das instrucções militares e politicas ordenadas por Gallièni em Madagascar, as quaes constituem um exemplo magnifico da occupação e pacificação d'um paiz

pelo mesmo systema de que fallámos ha pouco:—Proteger efficazmente a linha d'etape de Tananarive a Analamazaotra por meio d'uma serie de blockaus occupando pontos dominantes ao longo das estradas, os quaes deviam ficar muito proximos para se apoiarem e auxiliarem mutuamente. Depois penetrar na grande floresta em frente, a seguir á estrada, para a proteger, por uma especie de testa de ponte constituida por um sector de postos e blokaus.

Installar em volta de Tananarive um primeiro escalão de postos militares, formando um circulo protector de 20 k. de raio e occupando depois, pouco e pouco, o terreno exterior de modo a augmentar successivamente o raio d'aquelle circulo. Atraz dos postos militares, armar as aldeias submettidas, sob a vigilancia das authoridades e fazel-as retomar os trabalhos agricolas, protegendo-as contra as saltadas dos rebeldes. Os postos e blockaus deviam ter sempre uma certa força, poucos homens, mas bem aprovisionados de munições e bem fortificados.

Não se devia ganhar terreno para a frente, sem ter organisado o que ficasse á rectaguarda. Eram os proprios indigenas submettidos que deviam ajudar os francezes n'esse trabalho. O ponto mais avançado tornava-se, logo depois de occupado, o observatorio d'onde o commandante do circulo ou do sector examinasse a situação, procurando entrar em relações com os indigenas que estivessem na frente, determinando-se os novos postos a occupar e preparando, emfim, um novo salto para a frente. Os commandantes de sector eram auxiliados pelas authoridades indigenas submettidas a quem se dava uma certa força, mas a quem se tomavam todas as responsabilidades, castigando-se ou recompensando-se como fosse justo.

Foi recommendada egualmente a politica de raças e a destruição da hegemonia dos dominadores—os Hovas. Para isso aconselhavam-se os estudos das raças d'uma região afim de se fixar a organisação politica a dar-lhe e os meios a empregar para a pacificação. «Um official que consegue fazer uma carta ethnographica da zona d'um commando facilmente pode effectuar a sua pacificação e organisação.» Aconselha-

va-se ainda tratar com doçura e benevolencia não só os povos submettidos, mas ainda aquelles que quizessem submetter-se.—

Para dar uma noção nitida e suggestiva de como se deve proceder a uma occupação militar, transcrevemos um trecho d'uma conferencia feita pelo Snr. Major Eduardo Costa em 1901 na Sociedade de Geographia, sob o titulo *Occupação militar e dominio effectivo nas nossas colonias.*—

«Tratando-se das *occupações militares* que ainda nos são necessarias, não só temos de *attingir a peripheria* dos nossos interlands, mas ainda de *dominar* as tribus ou povos *rebeldes* aos nossos anteriores esforços.

Para chegar á peripheria das nossas possessões africanas e *marcar* visivelmente o limite do que nos pertence, é preciso *caminhar rapidamente* e sem outro objectivo. O que ha a fazer é, portanto, uma penetração *linear* aproveitando quanto possivel as communicações existentes, sobretudo as vias fluviaes navegaveis, e marcando esta linha de penetração por uma serie de postos *militares* estabelecidos com o fim positivo de servirem as *communicações* do seu extremo. Bem fortificados, bem abastecidos, exigem pequenas guarnições e uma *reserva,* em ponto central, bastará em regra a assegurar protecção á linha inteira. Seguras as communicações não se perderá tempo, de principio, em vencer a rebeldia d'algumas das tribus encontradas, o que ficará para depois da occupação da fronteira.

Não se julgue, e decerto não se julga, que estou preconisando um methodo meu, um alvitre da minha lavra. Apenas indico o processo commum, talvez constante, que tem sido empregado pelas outras nações coloniaes em casos identicos, como se vae ver.

Quando Faidherbe tomou o governo do Senegal, esta velha colonia franceza reduzia-se a uma estreita faxa litoral. Percebeu logo, este energico official, que era necessario caminhar para o interior para fazer da esteril colonia confiada á sua guarda um paiz de futuro, mas não procurou uma expansão *geral* em todo o sentido, antes, aproveitando o Senegal, caminhou ao longo do rio estabelecendo postos e batendo povos rebeldes. Por este processo se fez a conquista do Soldão Occidental. Foi por uma penetração linear que se foi do Senegal ao Niger, de Kayes a Banmako, ao longo d'uma serie de postos fortificados. Alcançado o Niger por elle se caminhou até Tombuctu. Do mesmo modo procederam os francezes no Congo e nos seus affluentes o Sangha e o Ubanghi. Servindo-se admiravelmente d'estes ultimos e

do Mbomu, Liotard e Marchand, seguindo exemplos anteriores, fazem uma maravilhosamente rapida penetração até á bacia do Nilo.

Tomando conta de Mombassa, a Inglaterra não teve desde logo outro empenho que não fosse o de chegar depressa á Uganda e Unyoro, cuja importancia estrategica em relação ao alto valle do Nilo ella tão bem tinha apreciado. Com este fim fez uma penetração linear, marcando por uma serie de postos fortificados a linha de communicações a estabelecer entre a costa e o Victoria Nyanza.

Assim se tem procedido no alto Dahomé, nos Achantis, nas colonias allemãs, etc., etc.

Alcançada a linha fronteiriça, é mister *occupal-a*. Bastará para isso um unico ponto? Evidentemente não. Será preciso estabelecer muitos? Tambem não. Parece necessario, mas será sufficiente, *marcal-a* nas suas inflecções principaes, nos pontos mais importantes. A existencia da *feitoria* da Companhia de Moçambique em Macequece e a da residencia do Mossurize, junto ao antigo curral do Gungunhana, salvaram o que nos resta entre o Save e Pungue.

Não deixarei o assumpto sem accrescentar que os postos intermedios d'uma *linha de penetração,* embora estabelecidos mais para segurança d'essa linha do que para qualquer fim politico, representam muitas vezes um papel importante na expansão da influencia europea. Cada um d'estes *postos,* bem commandado, póde tornar-se o centro d'uma acção irradiante do nosso dominio duradoura e expansiva.

Ha, intercaladas nos paizes que já reconhecem o nosso dominio, tribus ou regiões obstinadamente rebeldes, ou por causa do mallogro e insufficiencia dos meios empregados até agora, ou por causa da indomita selvageria dos seus habitantes. Para os dominar não basta *occupar alguns postos* e deixal-os entregues a *pequenas guarnições.* E' preciso fazer uma *occupação systematica* do paiz rebelde. Depois de uma campanha ao modo ordinario, procurando dar o maior numero possivel de combates—para destruir a resistencia organisada—e occupando os pontos principaes, é preciso perseverar-se depois na occupação effectuada, circumscrevendo e delimitando por reducções successivas o campo de acção dos insubmissos, batendo o paiz em todas as direcções, occupando todas as passagens importantes do terreno—vaus, cóllos, etc., lançando mão dos gados, apoderando-se das colheitas, desarmando os homens, e pondo a bom recato as mulheres e creanças aprisionadas.

Como regra militar: numerosas *columnas volantes* e muitos *postos;* tal foi o processo do grande Bugeaud na Argelia, de Roberts e White na Birmania, de Duchemin no Tonkin e de Gal-

lieni em Madagascar (1). Como principio politico: benignidade para os que se submettem, extrema energia para os que resistem ao transe; tal foi a base da conducta do bondoso e heroico Hoche na pacificação da Vendêa, conducta que todos os chefes, operando em identicas circumstancias, devem imitar.

Resumindo os caracteristicos dos dois processos de occupação militar que foram indicados, direi que o primeiro exige um *progresso rapido* e uma *penetração linear* e o segundo *occupação systematica* e *energica repressão.* » —

E' um erro não effectuar a penetração completa, levando a seu termo a pacificação e fazendo a occupação effectiva, ou seja por motivo de timidez nas operações ou por falta de recursos ou por imprevidencia e falta de perseverança. Assim ficam sempre, latentes ou apparentes, nucleos de revolta que aproveitam a primeira circunstancia favoravel para se desenvolverem e explodirem. Isto tem succedido bastas vezes entre nós. A campanha de Gaza (1897) é um exemplo d'isso. Nos paizes estrangeiros tem succedido o mesmo. Por isso a pacificação e a occupação d'um paiz insubmisso deve fazer-se completamente, gaste-se o que se gastar e leve o tempo que levar, de modo a destruir ou paralysar qualquer veleidade futura de revolta. E' certo que as difficuldades de abastecimento, de communicações, as provenientes do desconhecimento do terreno, a acção do clima, etc., tornam a penetração difficil e morosa e por isso só uma successão de esforços, só com uma grande tenacidade e um tacto e energia enormes se poderá ir para a frente. E' por isso que, antes d'uma tentativa d'esta ordem convém calcular se a importancia commercial e industrial da região vale a pena tanto esforço e dinheiro consummidos.

A occupação definitiva deve consistir no seguinte: — Espalhar ao longo das linhas de communicação naturaes ou artificiaes postos fortes e approximados entre si de modo a auxiliarem-se mutuamente e garantirem a ordem e a segu-

(1) Na realidade ha *dois processos;* o das *columnas* seguido na Argelia; o dos *postos* seguido em Madagascar, mas nem o primeiro dispensa o estabelecimento de numerosos postos, nem o segundo o emprego de muitas columnas, o que me auctorisa a englobal-os n'um só.

rança. O numero d'estes postos pode ir diminuindo á medida que a região se vae submettendo mais effectivamente. O pessoal d'esses postos policiará o terreno adjacente, tratando com benevolencia as tribus visinhas e protegendo-as. Além d'isso occupar-se-hão os centros de influencia da região, collocando authoridades europeas junto de cada chefe indigena importante afim de vigiar os seus actos, abstendo-se de intervir nos costumes, usos, leis, etc., cuja pratica não seja prejudicial aos nossos interesses, ou repugnante aos nossos principios humanitarios. As authoridades indigenas devem ser aproveitadas, taes como existem, com os mesmos nomes, funcções, etc., utilisando quanto possivel a organisação existente.

Toda a acção politica deve consistir em distinguir e aproveitar os elementos locaes utilisaveis e em destruir ou pelo menos, neutralisar os prejudiciaes, pois que, como diz Gallièni, toda a agglomeração de raças, tribus, ou individuos, representa uma somma de interesses communs ou oppostos; se ha costumes a respeitar, ha tambem odios e dissensões a aproveitar, oppondo-os uns aos outros, apoiando-nos n'uns grupos para melhor dominar ou vencer os outros.

De resto, mesmo entre as povoações mais refractarias á nossa influencia ha sempre um grupo que nos é favoravel, que nos auxilia, que nos fornece carregadores e guerreiros. E' por isso conveniente manejar com habilidade aquelles odios e rivalidades para attrahirmos alliados. Assim, a primeira e efficaz medida dos francezes para tornar alliadas certas tribus de Madagascar foi destituir os chefes de raça dominadora (inimiga dos francezes) e substituil-os por individuos das mesmas tribus e de prestigio entre ellas, isto sob a vigilancia dos europeus; para isso ordenava Gallièni aos seus subordinados que estudassem de perto as povoações sob o seu commando, os seus usos e costumes, a sua organisação social, que procurassem conhecer as familias influentes, as relações de amizade entre ellas, os ressentimentos, odios e rivalidades entre os povos, aproveitando estes conhecimentos da organisação do paiz na norma politica a seguir.

—A administração d'estes paizes tem de ser muito paciente, não se exigindo nos primeiros tempos grandes impostos ou a prestação de trabalhos em grande escala, excepto a titulo de castigo. Não convém fazer sentir de repente ás populações quanto é onerosa para ellas a administração europea. Ao mesmo tempo procurar se-ha com muito tacto diminuir o prestigio das authoridades indigenas sem o abater demasiado, visto terem de ser os nossos auxiliares e augmentar a nossa influencia. E' de boa politica aproveitar as dissensões entre as povoações ou entre as tribus sob a authoridade d'um chefe importante para lhe fraccionar as terras, a pretexto de qualquer falta praticada por elle. *Divide ut imperes*, eis a divisa.

Gallièni preconisava para Madagascar formar tantos aggrupamentos politicos separados, quantas fossem as raças ou populações differentes e entregar o governo de cada um a um chefe sahido d'elle, a quem os francezes deviam, conforme as circunstancias, apoiar moral e materialmente.

Convém tambem não reconhecer a um chefe mais poderes que aos seus rivaes, tratando todos com a maxima egualdade. Mousinho d'Albuquerque explica a consolidação da nossa soberania no districto de Inhambane (Moçambique) pela «extrema divisão do territorio em numerosos regulados de pequena importancia e que, por esse facto, se conservam facilmente subjugados á authoridade do governo.»

No commando de Chicomo e n'outros havia um registo onde se notavam as informações dos regulos e cabos da região, mencionando-se, a respeito de cada um, os laços de parentesco, o procedimento, as qualidades de energia, de dedicação, e em que cada ocmmandante formulava o seu juizo privativo, afim de que o funccionario recem-chegado podesse colher facilmente uma informação mais ou menos valiosa ácerca dos seus auxiliares na administração.

E' judicioso completar essas informações, pondo ao nosso serviço alguns indigenas, vizitando frequentemente as terras, estudando a attitude dos chefes e das povoações e utilisando as relações que as mulheres do pessoal da residencia tenham com as da região, etc. Deve-se, comtudo,

confrontar as informações fornecidas, não dando logo credito a qualquer noticia isolada, embora nos ponhamos de sobreaviso, pois é certo que os individuos das raças inferiores são propensos ao exagero e á divulgação de boatos muitas vezes falsos. De resto, como dizia Mousinho d'Albuquerque, é difficil ao branco, mesmo ainda que viva alguns annos no seio das raças inferiores, fazer a minima ideia das suas disposições que muitas vezes, embora pareçam pacificas, encobrem preparativos de revolta.

O administrador deve fazer comprehender aos indigenas que, assim como é benevolente, generoso e protector, quando elles são submissos e dedicados, tambem sabe e pode reprimir com energia a desobediencia. Assim, toda a tentativa hostil bem constatada deve ser punida energica e promptamente, á mão armada, se for preciso. Mas, antes de lançar mão das armas, devem-se averiguar as causas das hostilidades ou da desobediencia e as circumstancias em que se deram, fazendo por prender os principaes culpados, sejam quaes forem, chamando os restantes á obediencia. Falhando os meios pacificos, ou em caso de aggressão e garantido (1) com a força disponivel o exito da expedição ou pedindo auxilio aos postos visinhos ou ás authoridades superiores que devem ser informadas dos acontecimentos desde logo, procede-se a um energico e justo castigo da rebeldia, tomando-se responsabilidades ás authoridades indigenas, quando estas não tenham empregado a sua influencia para evitar a revolta ou quando sejam cumplices d'ella ou não tenham informado opportunamente o administrador, etc.

Se os rebeldes se refugiarem no matto, onde ás vezes é impossivel a perseguição, prendem-se-lhes as mulheres, as

(1) Nota. — A acção pelas armas só deve effectuar-se quando se esteja seguro do bom resultado da lucta, pois um insuccesso prejudicaria bastante o prestigio do chefe branco e até a nossa soberania.

creanças, os velhos (que serão tratados com doçura), apprehende-se-lhes o gado; publicam-se as condições da submissão mediante as quaes se deixam voltar em paz ás suas terras e se lhe restituem os refens. Geralmente essas condições devem versar sobre a entrega dos cabeças da rebellião, pagamento d'uma multa em dinheiro ou em genero por palhota ou por cabeça, entrega das armas, prestação de trabalho extraordinario nas estradas, na granja da residencia, etc. As condições da submissão podem ser transmittidas aos rebeldes por um velho ou por uma velha d'entre os prisioneiros.

Se os rebeldes se recusarem obstinadamente a tratar, perseverando na desobediencia e na desordem, procura-se batel-os, e, em ultimo caso, á falta d'outro castigo, queimam-se-lhes as povoações, inutilisam-se-lhes as culturas, tomando-se-lhes as colheitas, e põe-se a preço a entrega dos principaes culpados. E' um grande erro destruir systematicamente os rebanhos nos paizes de conquista. Estes devem ser concentrados n'um recinto defendido e promover-se-ha a sua multiplicação e boa collocação. Os chefes compromettidos no movimento devem ser exilados e substituidos por individuos da mesma tribu ou, ao menos, da mesma raça, que nos mereçam confiança. De resto é principio assente que o chefe indigena que não inspire confiança deve ser despojado dos seus poderes, exilado e substituido, aproveitando-se a primeira falta de lealdade ou de submissão para justificar este acto aos olhos da população.

CAPITULO II

Effectivos das columnas.—Organisação das armas e serviços

I

Generalidades. — Estudando as campanhas coloniaes modernas, notam-se geralmente os diminutos effectivos em presença de adversarios numerosos e ás vezes regularmente armados. Mas não pode deixar de ser assim, attendendo-se ás difficuldades enormes provenientes do transporte d'abastecimentos de toda a ordem e ao enorme preço porque fica a manutenção do pessoal, a acquisição do material, de viveres, etc., e ainda muitas vezes á difficuldade de obter agua no caminho atravessado, etc., etc. As tropas coloniaes devem, pois, habituar-se á perspectiva de combaterem um adversario que lhes será frequentemente dez e mais vezes superior em numero, não esquecendo nunca que com uma tropa bem na mão, disciplinada e firme, facilmente se tirará partido d'um bando de indigenas, pois que a superioridade do armamento e as qualidades das nossas tropas contrabalançam a inferioridade dos seus effectivos.

Como diz Peroz, o desastre dos italianos em Dogali deve-se attribuir em grande parte ao facto de estes estarem mal habituados á ideia de se baterem um contra dez, pois tomaram como norma as campanhas inglezas precedentes em que os brancos luctavam quasi sempre um contra quatro. O meio termo é justificado pela expressão de Henrique IV, fallando das campanhas em Hespanha — «Invadi com enormes effectivos e sereis aniquillados pela fome; invadi com effectivos fracos e sereis esmagados pela população hostil.»

Não se esquecerá que nas campanhas dos francezes no

Soudan, nas nossas na Africa Oriental nos ultimos annos, etc., os adversarios se apresentaram em muitos combates em numero dez e mais vezes superior ao das nossas forças e foram sempre repellidos. Os effectivos nas campanhas coloniaes serão pois diminutos em vista do numero dos adversarios, sem attingirem um grau de fraqueza que comprometta o exito da expedição. Segundo a opinião dos bons mestres nas guerras coloniaes, a proporção não deverá ser inferior a $^1/_{15}$ até $^1/_{12}$, não se esquecendo que o clima e as privações reduzirá muito os effectivos. Além d'isso, o indigena deve entrar em grande parte na constituição das columnas, pois como diz Von Wissman, «aquelle que preconisasse uma tropa composta exclusivamente de europeos, daria prova d'uma completa inexperiencia.» A questão é enquadrar o indigena bem e fortemente, armal-o e instruil-o a preceito.

— E' necessario prestar attenção a todos os assumptos, não descuidando os transportes, o serviço de saude e de subsistencias, a remoção de obstaculos pelos trabalhadores que se hão-de enviar a distancia, a construcção de pontes, a telegraphia, todos os detalhes tratados de tal modo que a columna, depois de iniciar a marcha, não seja forçada a parar por falta de recursos ou por demora nos transportes. Estas paragens são prejudicialissimas para a saude e moral das tropas, descoroçoam os auxiliares, dão novos alentos ao inimigo, concorrendo para os seus alliados lhe reforçarem as fileiras, etc. Aproveitemos a licção ingleza = Tão precisos tinham sido os calculos na expedição de provisões, na organisação de barracas, na construcção de pontes, no desbastamento dos caminhos, que a expedição dos Ashantis — 1895-96 — entrou na capital 24 horas antes da data fixada havia seis semanas. Quando o 2.º destacamento inglez desembarcou em Cape-Coast, estavam já construidos abarracamentos necessarios para armazenar os viveres, aquartellar os homens, tinham sido organisados postos n'uma grande extensão da linha de operações, estavam adquiridos 10:000 carregadores para transportes e trabalhos de campo, tinha sido já praticado o desbastamento de caminhos n'uma grande extensão, a ponte para a passagem do Prah, a cento e tantos ki-

lometros da baze d'operações, tinha sido começada a construir, linhas telegraphicas estavam a montar-se, as reservas de viveres começavam a encher os postos d'etapes e faltava apenas passar uma ultima inspecção aos trabalhos e marchar interrompidamente, sem preoccupação pelos serviços da 2.ª linha, os abastecimentos garantidos, os trabalhadores rasgando os caminhos e garantindo a continuidade da marcha.

II

Quadros. — Deve haver o maior escrupulo na sua escolha; o seu procedimento, energia, sangue frio e saber profissional concorrerão em grande parte para a victoria, como exemplo vivo sempre diante dos olhos da columna. Se n'um caso critico os homens veem os chefes commovidos, sobresaltados, receiosos do successo, perderem a cabeça, a esperança fugir-lhes-ha dos espiritos e, adeos cohesão, adeos obediencia, cada um procederá a seu arbitrio, fazendo fogo á louca na sua frente, a confusão se produzirá e, apoz ella, a derrota, a carnificina. Quanto menos bem constituida e solida estiver a força que vae entrar em operações maior deve ser o effectivo dos quadros. De resto attender-se-ha á inutilisação de parte d'elles pelas baixas por doença e pelos combates. Muito convém que os graduados conheçam a lingua das praças indigenas, quando estas não saibam portuguez, como acontece vulgarmente (!). Segundo a opinião de Lord Wolseley, os quadros para uma expedição devem escolher-se pedindo a cada um de differentes regimentos o quadro escolhido para uma companhia.

A'cerca do effectivo dos quadros, diz Wolseley que para combater no matto africano é necessaria uma proporção de officiaes excepcionalmente consideravel, pois que nos terrenos muito cobertos um official não póde exercer a sua vigilancia senão sobre os homens perto d'elle e, portanto, é preciso pelo menos um official para 30 praças. Geralmente

nos projectos de operações a proporção é maior, tendo-se em conta as baixas que se hão de produzir.

Tropas brancas. — Serão o nucleo e o esteio da columna e organisar-se-hão em fracções adaptaveis á tactica seguida n'estas operações. O seu numero depende do valor e da instrucção das tropas negras, e da importancia da campanha. Não esquecer que ellas são n'um caso de insuccesso, n'um momento critico, as unicas capazes de manterem a firmeza e unidade para salvarem a situação, e servirem de apoio ás fracções indigenas. O seu effectivo deve ser por isso proporcionado ao valor do adversario e estará em relação com a tactica d'este, com a guerra a fazer, etc.

De resto muito convém mostrar nas regiões do interior os chapeos de feltro dos nossos soldados brancos. Muitas vezes a noticia da approximação d'um forte effectivo branco bastará para pôr termo ás hostilidades ou pelo menos para reduzir a força moral do adversario. Wolseley no seu livro *The soldier's pocket-book* fixa indicações para o recrutamento do pessoal d'uma expedição importante. «Pedem-se 50 a 100 voluntarios a um numero sufficiente de regimentos até attingir o effectivo necessario. Com um batalhão de 100 homens assim escolhidos podeis destroçar o inimigo mais bellicoso e intrepido. O espirito de corpo que anima um batalhão composto de 10 companhias tiradas cada uma de seu regimento torna-se irresistivel...»

Wolseley para a campanha dos Ashantis de 1874 propunha que cada regimento enviasse um quadro escolhido para uma companhia, cujos officiaes escolheriam os voluntarios de confiança necessarios para completar o effectivo d'esta unidade. Achamos isto muito vantajoso sempre que possa fazer-se: os homens são da confiança dos seus officiaes, terão espirito de corpo e emulação na pratica dos deveres militares.

Tropas negras. — O soldado negro é geralmente valente, resistente ás fadigas, atrevido e, de certo, um auxiliar

precioso como explorador do terreno, como vigia de noite, como farejador de emboscadas, etc. E' susceptivel d'uma solida instrucção militar, mas não tem nas situações perigosas a firmeza, a serenidade, o sangue frio do branco. E' necessario dar-lhe quadros bons e numerosos, proporcionaes ao seu grau de instrucção e ao seu valor militar. Diz Ned-Noll: O atirador indigena é o verdadeiro soldado da conquista; filho da terra, não teme os effeitos do clima, habituado ás privações, não precisa arrastar apoz elle enormes comboios. Accrescentaremos que nas nossas colonias ha raças cujos individuos, quando bem adestrados e submettidos a solida disciplina, dão soldados que, a não ser em operações de maior importancia, poderão prescindir das tropas brancas, ou, pelo menos, constituir exclusivamente com uns bons quadros a infanteria d'uma columna.

III

Infanteria. — Constitue o grosso d'uma expedição e por lá bem merece o nome de — rainha das batalhas.

Para diminuir quanto possivel a unidade tactica, o que permitte aos chefes ter os homens mais nas mãos e tornar menos rigidas as formações de marcha e de combate, convem que as fracções da companhia sejam de pequenos effectivos, 30 a 40 homens. Afim de facilitar a formação do quadrado e das columnas duplas de marcha, etc., convém que o fraccionamento da companhia se faça ao modo binario, isto é, a companhia dividida em 4 fracções commandadas por officiaes. Alguns chefes, Mousinho d'Albuquerque, por ex., enquadram as fracções indigenas entre algumas filas brancas, afim de darem áquellas mais solidez. Os graduados de cada pequena fracção indigena devem ser tanto mais numerosos quanto menos aguerridas e menos instruidas estiverem as praças. Só com um energico auxilio d'esses graduados poderá n'uma occasião critica manter-se a firmeza d'uma fracção mal constituida.

Preconisam Wolseley e outros a distribuição d'algumas

metralhadoras á infanteria. Houve um tempo em que a sua boa fama perdeu muito por encravarem facilmente, deixando de funccionar exactamente no momento mais critico da lucta, quando o seu serviço se tornava mais necessario. Isto succedeu frequentes vezes. Todavia com os aperfeiçoamentos porque esta arma tem passado, gosa hoje de mais confiança. Na defensiva sobretudo é efficassissima. Callwel diz que na excitação do momento o tiro da melhor infanteria não pode ajustar-se, emquanto que o tiro d'uma metralhadora que não encrave, produzirá terriveis destroços no adversario. Septans lastima que os francezes a não tenham usado no Tonkin e que no Soudan e em Madagascar não se tenham servido de metralhadoras atirando com a balla da Lebel; acha-a superior á Hotchkiss, por ser muito mais leve e pela natureza das munições.

A metralhadora presta bons serviços n'um posto fortificado de pequena guarnição. A questão é que o pessoal que trabalha com ella seja bem adestrado e que se escolha um typo bom. Entre nós não deve mesmo repugnar a distribuição de metralhadoras a uma infanteria colonial, visto que os nossos caçadores a possuem pela ultima organisação do Exercito.

Não é necessario que uma columna expedicionaria transporte uma bateria d'estas armas; segundo boas opiniões, 1 ou 2 por companhia, com um pessoal proprio, bastam. No projecto da expedição ao Cuanhama, destinavam-se 2 metralhadoras ao corpo de infanteria montada e 2 a cada batalhão europeo com um municiamento de 7:200 cartuchos cada uma em 1.ª linha. O transporte das metralhadoras e das munições devia fazer-se a dorso de muares.

Infanteria montada. — A infanteria montada não é mais do que uma simples infanteria constituida por homens atrevidos, vigorosos, desembaraçados, bons atiradores, adestrados na tactica d'infanteria a quem se distribue uma montada, cavallo ou muar que lhes servirá unicamente como meio de rapido transporte, devendo apear para combaterem, pura e simplesmente como infantes que são. Deverão estar

organisados em unidades permanentemente, occupando posições escolhidas e saudaveis d'onde cahirão rapidamente sobre a região insubmissa, castigando-a e dominando-a antes que uma revolta alastre, ou d'onde marcharão a aggregar-se a uma forte columna para cooperarem com ella e effectuarem os serviços que adiante vão indicados. Cooperando com a cavallaria serve para apoial-a quando opera a distancia. As campanhas coloniaes inglezas dos ultimos vinte annos attestam bem a importancia da infanteria montada nas guerras d'além mar. A campanha do Transwaal foi de infanteria montada; na campanha dos Herreros os allemães empregaram-a em grande escala. As fadigas poupadas aos homens permittem tel-os sempre promptos para entrarem em acção, não lhes deixando cercear tanto os effectivos; a rapidez de locomoção assegura-lhe uma grande mobilidade, podendo-se assim soccorrer promptamente um posto atacado, effectuar um golpe de mão, policiar as linhas de communicação, tornear um flanco do adversario, operar uma diversão, fazer um reconhecimento, etc. Estas qualidades valem bem as despezas relativamente grandes feitas com a organisação d'um corpo d'infanteria montada. E', finalmente, uma organisação preciosa destinada a prestar notaveis serviços e cuja adopção, de resto, Mousinho d'Albuquerque preconisava para a nossa Africa Oriental. Ouçamos Lumby que commandou um corpo d'infanteria montada na campanha ingleza da Zululandia (1879) — «A infanteria montada, convenientemente preparada, pode assegurar, tão bem ou melhor que a cavallaria, o serviço de reconhecimentos, de patrulhas, de postos avançados. Dever-se-ha empregal-a de preferencia na escolta e protecção de comboyos, utilisando-a no serviço de ordenanças em logar da cavallaria, ficando assim mais barata do que esta. As operações militares inglezas têm logar geralmente sob os tropicos em regiões cujas condições prejudicam as marchas de infanteria e tornam a cavallaria um tanto pesada» = Comprehende-se bem qual é a importancia d'uma tropa que, percorrendo rapidamente uma região insurreccionada e cahindo como uma avalanche sobre as tribus revoltadas, as subjugue successivamente, não lhes

dando tempo para se reunirem e arrastarem comsigo outras ainda indecisas.

O Snr. Major Eduardo Costa no seu projecto d'uma expedição ao Cuanhama, diz que nos plainos mattosos onde o inimigo se acoita para fazer fogo e de que se serve para fugir e abrigar-se, nenhuma victoria tem resultados felizes sem uma rapida e immediata perseguição a qual não poderá ser effectuada pela infanteria por treinada que esteja.

Alguns pretendem que esta infanteria deve ter montados todos os seus homens, afim de tornar o mais rapida e audaz possivel a sua acção. Outros, Casteron por ex., receiando assim que esta tropa perca o seu caracter de infanteria, não apeando para combater, e por razões economicas, querem que se dê uma montada por cada 2 homens que se revezem. Diremos ainda que Wolseley admitte que em terrenos planos possa uma fracção d'infanteria ser transportada em viaturas, com o fim de desempenhar o papel d'infanteria montada. Isto não é muito pratico e exige material apropriado, não permittindo áquella arma toda a liberdade e rapidez de acção. Parece-nos que este processo antes será preconisavel, quando n'uma marcha forçada se queira poupar os homens, fazendo-os descançar nos carros, em turnos que se revezem. Finalmente, a boa doutrina é fazer montar todos os homens, nunca se esquecendo os seus chefes de que, para combater, os deverão fazer apear. O recrutamento deverá ser escrupuloso. Preferem-se os bons atiradores, aquelles que já tenham algum adestramento na equitação. Esses homens serão resistentes, desembaraçados, audazes.

Os cavallos ou muares (preferiveis por mais baratos, resistentes, e doceis) deverão ser baixos, $1^{m},35$ a $1^{m},45$; permittindo montar e apear d'um salto.

Segundo Lumby, bastam tres semanas para adestrar o gado. Os arreios serão apropriados, simples e leves, de modo que cada animal, além do cavalleiro, transporte dois ou tres dias de viveres, devendo por outro lado a carga ser a menor possivel. Os artigos que sobrecarreguem muito os animaes poderão ser transportados em muares desmontadas as quaes conduzirão alguns viveres de reserva, a can-

tina dos officiaes, algumas poucas bagagens e outros artigos indispensaveis. Um muar carrega cerca de 80 kilog.

Cavallaria.—E' grande a importancia da cavallaria nas guerras coloniaes não só para effectuar e completar os serviços de segurança, de exploração, para proteger os postos de etapes, para mascarar os movimentos d'uma columna, mas tambem para effectuar a perseguição, quando o terreno é favoravel, e para fazer os *raids* que ás vezes bastam para castigar e submetter uma tribu insubmissa. A presença da cavallaria n'uma columna é util tambem pela influencia que produz sobre o moral do adversario que soffre um terror panico sob a sua acção. A falta d'esta arma não permitte muitas vezes completar com um desbaratamento completo do adversario um combate em que este fugio deante do nosso fogo. Além d'isso, diz-nos a historia das nossas campanhas e das estrangeiras que esta arma presta relevantes serviços quando se quer alliviar um quadrado cerrado de perto por uma onda de inimigos. A utilidade da cavallaria é pois, sem contestação, tão grande ou talvez maior ainda nas guerras coloniaes do que nas europeas. Mousinho é um apostolo fanatico do seu emprego em Africa, mas concorda que é dispendiosa, diz que, segundo um official da *Chartered Company*, ao fim d'um anno só se pode contar com 3 a 5 % dos cavallos e por isso prefere a muar.

As armas por excellencia da cavallaria n'estas luctas devem ser a lança e a carabina. A azagaia grande enristada por uma cavallaria que carregue, faz augmentar o terror e a confusão no adversario. Em Kambula (1879) os *Mounted Rifles* armaram-se com azagaias Zulus.

A carabina é tambem necessaria, porque muitas vezes será preciso a cavallaria enfileirar ao lado da infanteria para a defeza d'um quadrado.

Convem haver uma forte reserva de gado ($^1/_4$ ou $^1/_5$ do effectivo), para a cavallaria não ficar apeada em pouco tempo.

Artilharia.—E' grande o effeito moral da artilharia sobre os povos inferiores, concorrendo esta arma em grande par-

te para compensar a desproporção dos effectivos e para impôr a nossa vontade ao adversario. A composição da artilharia d'uma columna é variavel, dependendo do effectivo d'esta, da importancia das operações, das qualidados do adversario e até da natureza do terreno em que se combate. Em certas regiões é muito difficil apoderarmo-nos d'uma posição fortificada sem o concurso de artilharia. O material empregado não pode deixar de ser leve, transportavel a dorso, em vista das difficuldades da viação. Nós temos empregado as nossas peças de 7^{c} de montanha á falta de melhor, mas são preferiveis as de tiro rapido; os francezes têm empregado as de 8^{c} de montanha cujo transporte é feito por tracção ou a dorso. Estes no seu regulamento calculam que o indigena não pode puxar mais de 40 k. de carga sobre rodas e ás costas 25 k. e por isso empregam 8 carregadores para puxarem o reparo com a peça e 4 para o transporte de cada caixa com munições e ferramenta, preferindo reduzir estas caixas de modo a formarem cargas individuaes até 25 k. Os carregadores serão homens firmes, robustos e bem exercitados em montar e desmontar as peças. Sendo o transporte a dorso de animaes, escolher-se-hão os mais doceis e pouco espantadiços para não succeder que, espantados pelo ruido da lucta, defficultem a rapida montagem das peças. Quanto ás Hotchkiss, pelos pequenos projecteis que lançam e pelo seu grande peso, são pouco preconisadas, preferindo-lhes Septans boas metralhadoras que, seja dito de passagem, não podem de modo algum substituir as peças de montanha as quaes são preciosas n'uma columna.

Quanto ás munições empregadas, depende isso da guerra que se tem de fazer, do modo de combater do indigena, etc. Se este usa de posições fortificadas em que se defende, far-se-ha provisão de granadas torpedos, o shrapnel e granadas incendiarias; se ataca em formações envolventes mais ou menos cerradas, emprega-se a granada ás grandes distancias e a menos de 400 metros a lanterneta. Na projectada expedição aos Cuanhamas propunham-se o shrapnel para municiar as peças de tiro rapido e algumas granadas torpe-

dos. Na expedição de Lourenço Marques em 1895 o consumo de munições nos differentes combates foi sempre muito maior em granadas do que em lanternetas. O effeito moral da granada rebentando no seio d'uma massa de indigenas é muito poderoso. Em Coolela gastaram-se 28 granadas ordinarias, 6 com balas e 1 lanterneta em 40′ de fogo. Em Marraquene 4 peças durante quasi hora e meia consumiram 16 granadas ordinarias, 16 com balas e 4 lanternetas. Não esquecer as reservas de sobrecelentes do material para fazer face a qualquer estrago ou perca que se torna muito sensivel quando se disponha de pouco armamento. E' tambem conveniente a acquisição de foguetes de signaes que em muitas circumstancias no matto prestam importantes serviços, taes como signaes de alarme... utilisaveis nos postos, nas columnas de reconhecimento, etc.

Engenharia. — A carencia quasi absoluta das linhas de communicação, a necessidade de construir importantes linhas telegraphicas, obras de fortificação, o serviço topographico, etc., demandam o auxilio d'uma fracção d'engenharia, ou, pelo menos, o conhecimento e pratica por parte do pessoal da columna dos differentes trabalhos proprios d'aquella arma. Não ha duvida que junto d'uma forte expedição é imprescindivel a formação d'um bom destacamento de engenharia bem aprovisionado em material e ferramentas apropriadas aos trabalhos que terá de effectuar. O Snr. Major Eduardo Costa affirma que ainda não viu guerra de Africa em que esta arma fosse dispensavel, isto embora os sapadores de infanteria ou cavallaria estejam aptos para abrir caminhos, lançar pequenas pontes, etc., pois ás vezes estes serviços exigem conhecimentos technicos que só a engenharia possue, sendo, aliás, indispensavel para outros serviços especiaes como a telegraphia, por ex.. Os graduados serão os directores e as praças brancas os guias e capatazes dos trabalhos menos delicados os quaes devem ser desempenhados por um troço de indigenas que será especialmente affecto á engenharia. Na expedição de Madagascar, em virtude das difficuldades de acquisição de trabalhadores indige-

nas, em virtude das deserções, etc., viu-se Duchesne obrigado a empregar primeiramente a engenharia e depois a infanteria europea na abertura de caminhos, lançamento de pontes, etc., o que concorreu para a proporção assombrosa de baixas que houve durante as operações e ainda depois, quando a expedição se retirou para França.

Os carregadores ao serviço da engenharia dever-se-hão dividir em varios grupos aos quaes serão commettidos differentes serviços=abertura de caminhos, arrancamento de raizes e plantas, derruba d'arvores, etc.; construcção de pontes, fortificações e abarracamentos; trabalhos de destruição ou outros quaesquer effectuados pelas fracções encarregadas de reconhecimentos.

Tratando da engenharia não deixaremos de nos referir a um assumpto a que no ultramar se deve dedicar toda a attenção, tanto durante as operações como apoz a pacificação. Entre os inglezes a montagem de linhas telegraphicas acompanha a penetração no territorio e muitas vezes precede-a, pois é certo que n'um paiz, como diz Gallièni, coberto com uma boa rêde telegraphica estão conquistadas tres quartas partes, «sendo muito mais a golpes de estradas e de telegraphos que se faz a conquista d'uma colonia do que a golpes de tropas e não havendo dinheiro mais rapidamente embolsado do que o que se gasta ás mãos cheias nas despezas d'uma primeira e boa installação». Os francezes em Madagascar fizeram-se acompanhar d'um material abundante de telegraphia que afinal poucos serviços prestou. Os postes eram de bambu e os isoladores de ébonite. Aquelles, frageis e leves, eram derrubados pelo gado e pelos carregadores que os arrancavam para se servirem d'elles no transporte das cargas. O fio era muitas vezes roubado ou quebrado por estes. Os isoladores deterioram-se sob a acção do sol. A telegraphia optica funccionou melhor, estabelecendo-se postos em pontos elevados sob a direcção de graduados. A's vezes porém, debalde se esperava uma noticia ou uma resposta: o nevoeiro cerrado não deixava transmittir e outras vezes todo o pessoal d'um posto adoecia com as febres, não ficando alguem que vigiasse. A montagem da telegraphia

muito convém, pois, que se faça de modo definitivo em postes de madeira, em tronco d'arvores a que se tira a ramagem, etc., afim de que possa inspirar mais confiança o seu funccionamento. Quanto aos postos de telegraphia optica são recommendaveis e d'elles se têm utilisado os inglezes e francezes em muitas campanhas com bom resultado, mormente na correspondencia entre os differentes postos ao longo da linha de operações, nos reconhecimentos, etc. Péroz no seu livro *La tactique dans le Soudan* reproduz estas indicações do coronel italiano Luciani — «o meio mais rapido e seguro de communicação é o inventado e applicado pelo coronel Ponza di S. Martino o qual consiste em signaes opticos por meio de helioscopios e de espelhos durante o dia e de lanternas projectando raios luminosos a 4, 5 ou 10 kilometros durante a noite, servindo as interrupções da luz produzidas por um diaphragma movido á mão para darem os signaes do alphabeto Morse. Um aperfeiçoamento d'este systema facilita a transmissão a 25 e 30 k.» Na campanha do Dahomey os francezes não podiam geralmente fazer uso da telegraphia electrica por causa da espessura do matto que exigia enorme trabalho para assegurar o isolamento da linha. Elevaram miradores de 15^{m} de altura no cimo dos quaes montaram os helioscopios. N'alguns trechos de terreno muito plano e em que os miradores não eram visiveis, utilisavam a telegraphia electrica.

O material e a ferramenta empregados nos differentes trabalhos devem ser em abundancia e adequados ao fim a que se destinam: machetes para o corte de matto, arame farpado e liso, folhas de zinco canelladas, explosivos para destruições, instrumentos de topographia para levantamentos expeditos, heliographos, projectores luminosos para illuminar o campo exterior dos estacionamentos, foguetes de signaes, ferramentas sortidas de boa qualidade, officinas portateis, etc.

Não esquecerá a acquisição de material de sondagem para abertura de poços que em muitas regiões é d'uma necessidade instante. Na campanha do Dahomey os francezes

[illegible] tiveram armas, graças á abertura d'algumas [illegible] que a engenharia se desempenhou.

[illegible] — [illegible] Major Sr. Eduardo Costa, verberando [illegible] medicos na campanha de 1895 em Lourenço Marques, lembra que a sua proporção nas guerras coloniaes [illegible] homens e propunha 1 para 2[illegible] na sua proposta de expedição ao Guamhama, e bem assim material de hospital, [illegible] tendas, barracas, cantinas, apparelhos cirurgicos, viveres para dietas, roupas, filtros, transportes, etc., para 4[illegible] do pessoal europeu e para 2[illegible] do indigena. Na fixação do numero de medicos e de enfermeiros não esquecera a necessidade de os fazer repartir pelas columnas, pelas enfermarias, postos ao longo da linha de operações e pelo hospital da base de operações, e, além d'isso, mais um 1/3 para prevenir os casos de doença e de impedimentos. De resto, como diz o Dr. House no seu relatorio da 1.ª campanha dos Ashantis, é facto averiguado que, se o transporte de doentes e feridos não for assegurado perfeitamente, não se poderá garantir a efficaz assistencia e remoção d'elles, visto que nas exigencias das operações as necessidades que mais se farão sentir serão as de munições de bocca e de guerra.

Mesmo n'uma retirada, como os feridos não podem ficar á rectaguarda, sob pena de serem trucidados, o seu transporte será um grave embaraço, se o serviço sanitario tanto em homens como em material não estiver bem organisado. Para remoção dos feridos poderão aproveitar-se os meios de transporte em uso no paiz, a machila levada ao hombro ou á cabeça por dois homens. Os carregadores convém que sejam adestrados n'esse serviço, afim dos seus movimentos incommodarem o menos possivel os enfermos que transportem. A acquisição de carros apropriados será preferivel ás vezes, mormente quando os indigenas pelos seus movimentos muito sacudidos não sejam aptos para o transporte das machilas ou macas. O material de saude necessario comprehende um numero de macas egual a 1/10 do

effectivo proximamente. Nos postos haverá enfermarias providas de leitos com mosquiteiros ou, na sua falta, macas com mosquiteiros.

As enfermarias serão installadas em barracas hospitaes do systema Tollet ou outro preconisado, para 50 ou mais leitos. Com a columna devem seguir barracas mais portateis para ambulancias durante o estacionamento. Convirá distribuir, como ás vezes se faz lá fóra, pensos individuaes a cada homem ou, pelo menos, aos graduados. Os inglezes na primeira campanha dos Achantis arbitraram 18 macas por cada 100 homens divididas em duas secções: a que marchava com a columna e a dos postos e baze d'operações. Um serviço de vae-vem de carregadores com macas se organisou de modo que os feridos e doentes eram evacuados para as enfermarias mais proximas e d'ahi, conforme a sua gravidade, iam seguindo de posto em posto para a retaguarda. A cada maca eram affectos 6 carregadores. Julgamos util reproduzir a organisação sanitaria e as instrucções hygienicas adoptadas na campanha do Dahomey (1892-94). = Em estacionamento — limpeza completa dos logares, arejamento semanal e desinfecção mensal dos leitos, construcção de latrinas com fossas moveis desinfectadas todos os dias; leitos elevados 0,^{m}50 acima do solo; prohibição expressa de se deitar n'este, de andar descalço e revista regular dos pés pelos medicos; douche duas vezes por semana. Cobertura de cabeça e fato leve desde o amanhecer ao pôr do sol e depois kepi e fato de flanella. Uso unico de agua filtrada ou fervida ou, pelo menos, depurada com alumen e corrigida com chá ou tafia. Ao accordar distribuição de vinho quinado ou sulfato de quinina.

Cada europeo caregava 15,^{k}645, isto é, só o fato no corpo, a espingarda, o cinturão, os cartuchos, um dia de viveres e um cartucho de penso. O resto, comprehendendo um panno e accessorios para tenda, uma muda de roupa interior e 2 dias de viveres eram transportados por carregadores. Entre parenthesis diremos que o Snr. Major E. Costa apenas permitte que o soldado transporte a sua mochileta quando não possa deixar de ser, devendo fornecer-se trans-

[illegible]

[illegible] Chamber- [illegible] os medicamentos [illegible] para os feridos de guerra e para tratar as affe- [illegible] uma porção de pensos para os indigenas e [illegible] quantidade de lenha para a distribuição diaria. A ambulancia que acompanhava a columna com os elementos que lhe aggregaram estava provida de modo a completar o apparelhamento dos postos de soccorro, alem de possuir grande quantidade de [illegible] e outros artigos. Com a columna [illegible] e enfermeiros europeus e 4 indigenas, os quaes eram encarregados do transporte d'uma porção de pensos [illegible] para os indigenas. Os carregadores foram divididos em tres grupos: carregadores de macas, de viveres e [illegible] e de abrigos para os doentes. Cada dois d'elles eram munidos de machetes, afim de surribarem o matto para o acampamento da ambulancia e para confeccionarem coberturas para os abrigos. Os carregadores usavam como distinctivo uma placa ao pescoço tendo d'um lado a cruz vermelha e do outro o numero de matricula e a indicação do serviço a que pertenciam.

O 2.º escalão do serviço sanitario era constituido pelo

hospital fixo de Porto Novo e o 3.° na baze era representado pelo navio *Mytho*. Os feridos eram evacuados para o 2.° escalão e os doentes do clima eram o para o 3.° As evacuações faziam-se principalmente em canhoneiras e, na falta d'ellas, em pirogas. No 3.° escalão os doentes, para o embarque, collocavam-se em cestos cadeiras d'onde passavam para as camas. —

Sempre que a baze de operações esteja proxima do mar, convém passar os doentes para navios hospitaes, ou, pelo menos, para embarcações com disposição e arranjo proprios para installação de doentes, os quaes se farão ao largo, mantendo a correspondencia com a terra. Assim se fará respirar aos enfermos uma atmosphera mais pura, mais saudavel, privada dos miasmas da costa, collocando-os fóra das influencias perniciosas do clima, o que bastante concorrerá para o restabelecimento e salvação de muitos. Os inglezes, praticos como são em todas as suas coisas, não esqueceram isto na sua expedição aos Ashantis (1895-96), organisando o transporte-hospital Coromandel que nada deixava a desejar sob todos os pontos de vista. As enfermarias dispunham de 90 camas de ferro suspensas, havendo espaço bastante para elevar esse numero a 100. As salas eram espaçosas e ventiladas, dispondo ainda de apparelhos de ventilação a braços *(punkah)* collocados entre cada duas camas.

Não faltavam gabinetes d'operações, casas de banhos, apparelhos para destillação e beneficiação d'agua, enfermarias de doenças contagiosas. A missão d'este barco era receber os doentes mais graves e transportaveis e leval-os ao largo, affastando-os da influencia deleteria do clima terrestre. Muitos homens se salvaram assim, passando depois para Inglaterra. A existencia d'um navio-hospital não dispensa o estabelecimento do hospital da baze de operações e assim é que na mesma campanha se organisou um hospital em terra, em logar mais saudavel, destinado a receber os doentes que não coubessem no navio-hospital e cujo tratamento não exigisse tanto cuidado.

Serviço administrativo.—Incumbe-lhe o abastecimento das

tropas em operações e dos postos á rectaguarda. Nas guerras coloniaes em que é necessario muitas vezes transpôr grandes percursos atravez de territorios em que tudo falta, muitas vezes até a agua, as pastagens para o gado e a lenha, a questão das subsistencias é capital, podendo a má organisação d'este serviço produzir enormes difficuldades, retardamentos na marcha das columnas e até desastres. Póde mesmo succeder que uma parte dos aprovisionamentos, pela acção do clima, por um desastre, etc., fique inutilisada e por isso seria necessario não esquecer a formação á rectaguarda de depositos com reservas de aprovisionamentos. Quasi nunca se póde contar com os recursos das regiões atravessadas, porque, além das populações serem geralmente pouco densas e de os indigenas cultivarem quasi exclusivamente o necessario para o seu consumo e não bastarem recursos tão reduzidos para a alimentação de effectivos numerosos, acontece geralmente que o gentio, á approximação das tropas, põe os rebanhos e celeiros (quando os tem) em segurança. Convirá por isso que os homens levem sobre si o maior numero possivel de viveres e um bom aprovisionamento no comboio. E', geralmente, necessario levar tudo.

Mas, por outro lado, as difficuldades augmentam á medida que a columna se vae afastando da baze, á medida que as vias de communicação são mais difficeis. Por isso dizia Peroz no seu livro *La tactique dans le Soudan* que, para tornar as columnas mais manejaveis, a acção mais rapida, convinha reduzir quanto possivel os aprovisionamentos, e notava o contraste entre os inglezes que transportavam 100 k. de aprovisionamentos geraes por homem a 4 ou 5 dias de marcha do Nilo, emquanto os francezes, operando no Niger a 600 kil. da baze — o Senegal —, levavam apenas apoz si 20 k. Na projectada expedição aos Cuanhamas a *columna de combate* devia levar 5 dias de viveres para o pessoal e 3 dias de grão para o gado, transportando o pessoal e o gado em si como reserva 2 dias e seguindo os restantes no comboio e bem assim 2 dias d'agua por homem e um por animal. Os fornecedores de viveres deviam apresental-os acon-

dicionados devidamente conforme determinadas condições, e de forma que os volumes não excedessem o peso de 25 k. As latas de conservas deviam ter as arestas boleadas para não deteriorarem as mochiletas das praças quando por ellas transportadas. Todos os volumes, com excepção dos barris de vinho tinto deviam ter soldada ou pregada uma etiqueta de folha, e n'ella marcado *a punccão* o seu contheudo. A madeira dos caixotes não excederia a espessura de $0^{m},014$ e a lata não devia amolgar-se muito á cabeça dos pretos.

Subsistencias.—Na hygiene da alimentação que desenvolvemos na primeira parte d'este *Manual* ficou dito tudo quanto se referia á qualidade e quantidade de alimentação a fornecer ao europeo nos paizes quentes. Em paginas 112 a 116 fixaram-se as rações ordinarias e de resistencia; a consulta d'estas tabellas muito facilitará o calculo para o abastecimento d'uma tropa em operações. O emprego de rações condensadas na zona de operações é vantajoso para poupar os transportes e não alongar as columnas. Embora mais caras tornam-se economicas por serem mais leves. E' sabido que ás tropas deve ser fornecida uma alimentação fresca, em quanto fôr possivel, e que o biscoito, as carnes de conserva só serão consumidos no caso extremo. Para isso convem na *zona de operações* dispôr de fornos metallicos desmontaveis. A' retaguarda deve-se confeccionar pão fresco nos postos d'etapes, quanto possivel. Não esquecer a acquisição de moinhos. Os inglezes na ultima guerra dos Ashantis (1895-96) fizeram provisão das seguintes conservas = *Moconachie ration* (340 g. de carneiro e 422 g. de legumes e molho por cada ração), *emergency ration*—ração de urgencia (113 g. de chocolate e 113 de caldo de carne solidificado). Distribuiam 556 g. de bolacha por homem. Transportavam alumen para purificar a agua, dietas para os doentes e tabaco. Não levavam café pela difficuldade de o moerem em marcha e pela facilidade de se deteriorar, se fosse distribuido moido, mas abundava o chá, o cacau e o rhum. Abasteciam-se, quanto possivel, nos paizes atravessados, de farinhas, carnes frescas, etc., reservando os viveres de conserva para o ultimo extremo. Recommendava-se que se pa-

gassem os viveres, não se recorrendo á apprehensão ou á requisição a credito.—

O arroz é um genero que presta grandes serviços não só para alimentação do branco como do negro e, por isso, não deve faltar. Abastecimento em gado para abater e de bacalhau de boa qualidade. O pão fresco é insubstituivel e por isso a acquisição de farinha triga é recommendada, assim como fornos metallicos desmontaveis, não esquecendo arranjar bons padeiros para a confecção d'um pão bom e saudavel. Nos rios, em cujas proximidades se passe, pode obter-se peixe, fazendo detonar na agua um cartucho de dynamite. Este meio deve ser empregado cautelosamente e consultar-se-hão os indigenas sobre a qualidade das especies obtidas.

A'cerca da ração dos indigenas, na expedição de Lourenço Marques em 1895 distribuiram-se ás praças africanas 800 g. de arroz sómente ou 400 g. de arroz e 400 de carne, além dos temperos. Os francezes no Dahomey forneciam diariamente 0^{k},625 de arroz ou 0^{k},550 de bolacha, 0^{k},375 de carne, café e assucar ás praças indigenas e 0^{k},550 de arroz e 0^{k},022 de sal aos carregadores.

Os francezes em Madagascar para reduzirem quanto possivel o comboio, aligeirando a columna que devia manobrar com rapidez, estabeleceram as seguintes rações: para as forças brancas 0,^{k}400 de pão abiscoitado, 0,^{k}500 de carne fresca (que conseguiam distribuir quasi sempre aos homens por haverem obtido rezes vivas — 50 por batalhão) ou $^{1}/_{3}$ da ração em conservas. Aos negros distribuiram 0,^{k}750 de arroz e 0,250 de carne ou $^{1}/_{6}$ de conserva. Os outros elementos da ração, legumes, chá, assucar, etc., eram um pouco augmentados. A ração do gado foi reduzida ao seguinte: 4 k. de grão, ou 2 de arroz ou milhão e 2 de cevada para os cavallos e muares.

Muitas vezes em territorio inimigo fazem-se razzias nas povoações proximas, para obter mantimentos. Um assumpto que deve prender a attenção do serviço administrativo é o abastecimento d'agua. Nas regiões em que ella escasseia é necessario transportal-a, o que constitue uma grande diffi-

culdade. N'esses logares a posse dos poços torna-se d'uma importancia perfeitamente estrategica pelas difficuldades enormes, pela desmoralisação e até pelo desastre que a columna pode soffrer, se lhe fôr cortado o accesso a estes. Forçoso é abrir poços e receber as aguas das chuvas em largos reservatorios. Diz o coronel Luciano do exercito italiano que bastam 10 l. d'agua ao soldado para beber e para cosinhar. Na Abyssinia em 1888 a ração variava entre 3 a 8 l.; os inglezes no Suakim distribuiram 4,5. Estes nos logares desprovidos d'agua distribuem a cada companhia europea 4 odres da capacidade de 30 a 80 l. e a cada companhia indigena 2, transportados por bois ou muares que não abandonam nunca as companhias a que pertencem. Ocioso será dizer que os viveres, etc., serão distribuidos em cargas com as dimensões e pesos apropriados ao meio de transporte de que se dispõe, não podendo o negro carregar mais de 25 k.

Material. — Não trataremos aqui do material já indicado de que cada arma ou serviço deve prover-se. E' imprescindivel, como dissemos, a acquisição de fornos metallicos desmontaveis nas operações de longa duração. Para abrigo dos homens adquirir-se-hão tendas-abrigos ligeiras. Adquirir-se-hão reservas de fardamento. O Snr. Major E. Costa propunha 3 pares de botas (de atacadores com polaina de tela ou cabedal) para cada praça e calcula que não seriam de mais n'um percurso de 1:200 a 1:500 k.

Lanternas de furta-fogo com vidros desmontaveis e de côres differentes para serviço das rondas e patrulhas nocturnas são verdadeiramente preciosas, servindo tambem para signaes de reconhecimento. Além das cantinas de campanha e seus accessorios que os regulamentos estabelecem para as unidades, o serviço administrativo prover-se-ha de cantinas de reserva, machetes, serras, accendalhas, jogos de medidas para seccos e liquidos, sacarrolhas, taras de sobrecelente, impermeaveis para cobrir os generos avariaveis pela chuva, uma forja para reparações metallicas, moinhos de café, jogos de poços tubulares de campanha para as regiões desprovidas de agua á superficie, etc.

Quanto a munições a projectada columna aos Cuanhamas

devia transportar comsigo 250 tiros por espingarda, 7:200 por metralhadora, 252 schrapnels e 6 granadas torpedos por peça, devendo, porem, haver á retaguarda o abastecimento preciso para completar 1:000 tiros por espingarda, 40:000 por metralhadora e 600 tiros por peça, isto além de 6 mezes de subsistencias e das precisas reservas de outro material, o que tudo devia estar em Mossamedes quando chegasse a expedição.

Transportes.— E' este um grave problema, não só pelas difficuldades da acquisição, mas tambem pela sua influencia sobre a tactica e sobre a duração das operações. Como diz Callwel, quando o theatro da guerra não offerece recursos, é necessario levar tudo, mas, por outro lado, os comboios não podem attingir proporções taes que tornem difficeis a sua vigilancia e defeza a ponto de a columna ser simplesmente a escolta do comboio e, por isso, o melhor meio é, quando fôr possivel, crear na região inimiga postos fortificados onde os aprovisionamentos sejam accumulados, afim de serem distribuidos á columna invasora. Para isso propõe aquelle author, bazeado na lição tirada das campanhas dos Russos em 1879-80 contra os turkomanos e da campanha ingleza do Egypto em 1882, que se lancem para a frente um ou mais destacamentos que, com as armas na mão, abram caminho ao comboio que irá depor os aprovisionamentos em postos fortificados que se irão construindo ao longo da projectada linha de operações. Muitas vezes mesmo o theatro de operações será escolhido, tendo em vista os recursos de que a região disponha. Para reduzir as exigencias do serviço de transporte d'uma expedição a distancia é necessario dispôr de postos d'etapes frequentes, bem fortificados e guarnecidos, e construir caminhos carreteiros que deverão ter pelo menos 3 metros de largo.

O comboio deverá ser dividido em fracções distinctas; cada unidade terá o seu trem regimental; o comboio administrativo, os parques, o serviço de saude, a conducção de munições, etc., terão os seus meios de transporte, homens ou animaes, especialmente detalhados. Em cada fracção aconselha-se que, tanto os carregadores como os animaes

mais fracos marchem na frente. Não se misturarão os homens com o gado.

O *trem de combate* que deve acompanhar sempre a columna deve ter uma velocidade egual á d'esta e ser composta d'elementos que não estorvem ou compromettam a sua acção. Assim, preferem-se os muares carregando a dorso e alguns carregadores destinados ao transporte de feridos. O boi e o burro são vagarosos e medrosos e as viaturas são pouco manejaveis em terrenos sem estradas.

Sendo difficil e ingratissimo o serviço de transportes, deve pôr-se á sua frente um official pratico em guerras coloniaes, conhecedor do paiz, fazendo-o coadjuvar por graduados activos, dedicados, energicos e que tenham o dom de saber aproveitar bem os menores recursos, pois muito é necessario improvisar n'esta ordem de serviço, por bem montado que esteja.

CARREGADORES.—Tanto nós como os estrangeiros temos recorrido bastas vezes a este meio de transporte. Mas são conhecidos os embaraços e difficuldades que têm acarretado para as columnas, dezertando, adoecendo, negando-se a marchar nas situações difficeis, debandando em massa n'um momento de perigo, etc.

O Snr. Major E. Costa cita o succedido com a columna de Inhambane, na expedição de Lourenço Marques, em que o indigena, aliás docil e obediente, dezertava com facilidade, nunca garantindo um serviço regular e constituindo um perigo, quando empregado nos trens de combate e comboios, entendendo este Snr. ser uma *grossa imprudencia* utilisar os carregadores no serviço de transportes. O mesmo tem succedido n'outras guerras estrangeiras, taes como na 1.ª campanha dos Ashantis, no Dahomey, em Madagascar, etc. N'aquella guerra os inglezes, perante a dezerção dos carregadores, viram-se obrigados a fazel-os substituir por contingentes de tropas coloniaes (West-India) e até por soldados brancos. E', pois, este meio de transporte irregular e de pouca confiança, sem caracter de permanencia, porque é difficil recrutal-os, quando são destinados a servir muito no interior, longe das suas terras, e não se deve então recorrer

a este systema, a não ser no ultimo caso, preferindo-se-lhe o transporte por cavallos, burros, bois em carros, etc.

Nas expedições proximas do littoral, aproveitando os interesses dos chefes indigenas nossos auxiliares, com um pouco de geito e pagando bem, encontrar-se-hão carregadores e estes podem bem desempenhar o serviço de transportes nas primeiras etapes das marchas, abastecer os primeiros postos, etc. Quando se comece a manifestar a repugnancia dos carregadores por medo ou por má vontade, forçoso será prescindir d'elles quanto possivel. Os carregadores recrutados no littoral são menos rusticos e boçaes que os do interior, é certo, mas são tambem menos honestos e resistentes que estes, dando grande contingente para as dezerções e hospitaes.

Como dizia o saudoso Antonio Ennes, «consegue-se tudo dos negros, a questão é saber leval-os; requer umas dosagens de geito e força cuja formula exacta custa a determinar». Refere o Snr. Major Eduardo Costa que, para punir as dezerções frequentes na columna norte da expedição de Lourenço Marques, Caldas Xavier começou por fazer sentir aos chefes indigenas que a dezerção dos seus seria castigada fazendo aboletar nas povoações dos fugitivos, cypaes ou auxiliares que, como é sabido, destroem e roubam tudo o que podem. Pagava-lhes adeantado por saber que elles não fugiriam sem terem executado o serviço já pago. Evitava quanto possivel que as cargas excedessem 25 k. e fixava o periodo da prestação do serviço em 15 dias, fazendo-os render pontualmente.—

Obtidos os carregadores, distribuem-se pelos differentes serviços, aggrupando-os por povoações sob a direcção dos seus chefes respectivos. Podem-se formar grupos de cerca de 25 homens dirigidos por um graduado indigena, reunindo 4 d'estes grupos sob as ordens d'um sargento branco e o todo commandado por um official habituado a tratar com os indigenas. Cada grupo terá um distinctivo que pode consistir n'uma chapa visivel ao pescoço, n'uma tira de tecido a tiracolo ou no braço, etc. Em cada grupo, distribuir-se-hão as cargas mais pesadas aos individuos mais

robustos. Deverá haver carregadores de reserva para substituirem os doentes e os dezertores. Convirá evitar por todos os modos que essa gente seja maltratada. As cargas devem dividir-se quanto possivel. O pezo medio a transportar é de 20 kilog. nos paizes accidentados e de 25 kilog. nas regiões planas. Attender-se-ha, comtudo, á compleição dos indigenas, que varia de região para região, assim como aos seus habitos de carregar, etc. Algumas cargas mais pezadas, que se não possam dividir, serão suspensas d'um pau levado aos hombros de 2 homens ou em padiola por 4, 6 ou 8. Mas attender-se-ha a que, por causa do incommodo produzido pelo balanço da carga, será forçoso reduzir progressivamente a carga assim: para 2 homens 45 k., para 4, 80 k. etc. E' necessario ter estes cuidados com o carregador:—Mostrar-lhe a carga, marcar-lhe um logar no comboio, não o maltratar nem ameaçar sem necessidade; occupar-se d'elle á chegada ao estacionamento, providenciar para que lhe não faltem os viveres, dar-lhe altos horarios ou, melhor ainda, altos de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas, em logares providos d'agua, onde se dessedente e encha a sua cabaça ou borracha; quando se chega a um logar, prevenil-o da hora da partida para que então esteja á disposição; finalmente, pagar-lhe pontualmente o salario promettido. Convém sempre attribuir ás macas e aos volumes pezados uma reserva d'homens, de modo que os carregadores se rendam de quando em quando.

A sua etape ordinaria será de 20 a 25 kilometros, mas podem effectuar marchas de 40 até 50 k. diarios durante 2 ou 3 dias, muito principalmente se houver homens de reserva que alternem com os carregadores no transporte das cargas.

A carga volumosa é difficil de transportar, principalmente nos logares cerrados. As dimensões regulares dos volumes podem ser $0^{m},70 \times 0^{m},35 \times 0^{m},25$. Cada homem levará comsigo a sua ração diaria que se lhe distribuirá de manhã ao levantar o estacionamento, devendo-se vigiar attentamente a distribuição que pode ser feita pelos chefes de grupos.

Achamos util reproduzir alguns detalhes da distribui-

ção de carregadores na campanha de Dahomey.—Cada individuo era inscripto pela authoridade administrativa n'um registo de folhas avulsas onde constava tambem o nome da sua povoação e o do chefe indigena. A cada homem dizia respeito uma folha d'esse registo que era destacada d'elle e remettida ao chefe do serviço ou unidade onde devia servir, o qual mencionava a data em que o individuo se apresentava e aquella em que acabava o serviço. Se dezertasse, mencionava-se isso na folha a qual era enviada á authoridade civil para o fazer procurar e punir. Alistado o individuo, punha-se-lhe ao pescoço uma taboleta de madeira d'onde constava o seu numero correspondente ao da folha de registo (numeradas de 1 a 2:000) e, além d'isso, recebia um cofió ou gorro de côr, differente conforme o serviço a que se destinava. Esta gente devia levar comsigo os objectos necessarios para a preparação da sua comida, uma capa ou casaco largo para bivacar e um machete ordinario por cada dois homens. Cada 25 tinham um sub-chefe; cada 100 um chefe com os seus distinctivos especiaes. A carga maxima de cada homem era 30 k., sendo prohibido excedel-a, assim como tratal-os mal, devendo se-lhes pagar pontualmente.

Esta gente era assim distribuida permanentemente= Estado maior da columna—1 a 19 e 967 a 981; idem do 1.º grupo 20 a 30; da 3.ª companhia de senegalezes 35 a 113; da 1.ª de houssas 114 a 192 e assim successivamente, detalhando-se para as secções d'artilharia e d'infanteria europeas, para as ambulancias dos grupos, para a engenharia, ambulancia principal, serviço veterinario, comboio, etc.

Cada official superior tinha 2 homens para o transporte de viveres, 2 para bagagens e um para a tenda transportavel; cada subalterno respectivamente 1, 1, 1; cada 3 europeos um carregador para a tenda-abrigo; cada 2 um para as suas bagagens.

Ordens detalhadas fixavam esta distribuição com todas as minudencias, de modo a não haver duvidas nem reclamações.—

Os inglezes na ultima campanha dos Ashantis organisaram os seus 10:000 carregadores de modo tal que o ser-

viço funccionava o melhor possivel. Cada grupo de 20 homens tinha um chefe e 40 grupos formavam uma companhia, unidade administrativa. Os homens de cada companhia tinham um braçal distincto e uma etiqueta com o seu numero e a lettra da companhia. D'este modo os serviços estavam bem distribuidos, todos sabiam o que deviam fazer e para onde deviam ir.

Para evitar as deserções e os conflictos, etc. entre os carregadores, torna-se necessaria uma escolta especial e recommenda-se para esse fim a infanteria montada, como os inglezes fizeram na Zululandia.

ANIMAES. — Vimos que o transporte por animaes é preferivel. E' necessario que os conductores sejam individuos habituados a este serviço, vigiados constantemente por graduados europeos que possuirão algumas noções de medicina veterinaria, convindo na columna a assistencia d'um profissional. Diz Ned-Noll — quanto valem os conductores tanto valerá o gado —. Aconselha fraccionar os comboios em secções formadas por animaes da mesma especie, por causa da regularidade da marcha. Evitar-se-ha pôr o gado em contacto com as viaturas. Cada animal terá um distinctivo ao pescoço correspondendo á sua secção, assim como um numero bem visivel. Deverão marchar na frente os animaes de andar mais demorado.

Eis como os inglezes tinham organisado o seu comboio na campanha do Afghanistan. — Para os bois havia um conductor por cada junta, um inspector com 4 ou 6 vigias por cada 100 conductores e 2 veterinarios por cada 500 animaes. Por cada 3 muares havia um conductor, e um vigia por 50. Por cada 5 burros um conductor e por cada 50 um vigia. O comboio funccionava bem assim.—

Como diz o coronel Luciano do exercito italiano (*Tactique dans le Soudan de E. Peroz):* «Um comboio de animaes produz um grande alongamento que cumpre reduzir quanto possivel. Nas grandes inclinações, para o gado ter mais liberdade e evitar collisões, dar-se-lhe-ha um intervallo de 15 passos de animal a animal. Nos terrenos muito cobertos

torna-se necessaria uma grande vigilancia na frente e flancos do comboio. »

Cavallo.—Dá-se mal nos paizes quentes. Os cavallos do Cabo, Natal, o garrano basuto e a raça indiana de Cambodge, chamada Binh-Tuan resistem melhor aos climas intertropicaes; o da Republica Argentina é pequeno, robusto e rustico. Alimentação diaria = 4,^{k}5 de milho ou aveia, ou 10 k. de feno secco ou 2 k. de milho e 4,^{k}5 de feno secco ou 30 a 40 k. de verde; agua 27 a 36 l., segundo o clima e a intensidade do trabalho.

Quando a agua escasseiar, dá-se-lhe por pequenas porções. Ao cavallo, como aos outros animaes, convém dar-lhe algum sal com a ração. Quando empregado em trabalhos mais fatigantes, reforçar-se-ha a alimentação, fazendo predominar o grão. Come folhas de certas arvores, banana, milho miudo, etc. O cavallo *salgado* ou que já teve a *horse-sickness* é difficil de conhecer, mas corre pouco, não *arrancando* e mal servindo para cavallaria.

Muar.—Presta bom serviço e adapta-se melhor aos paizes quentes que o cavallo. Escolhel-o de 5 annos, peito largo, membros grossos, pescoço curto e ventre largo e redondo. Preferem-se os muares pequenos aos medianos, os pretos, cinzentos ou côr de rato, etc., aos brancos e aos pardos. A melhor alimentação é o milho ou outras gramineas, addicionando um pouco de sal. As rações serão duas: uma depois do primeiro trabalho do dia, na occasião do descanço e outra á tarde ao fim da etape. E' signal de adaptação mudar de cabello. Carrega 80, 100 k. e até mais conforme a compleição. Dizem que é difficil de contentar a respeito d'agua. Segundo o Snr. Major E. Costa, o muar que melhor resiste ao clima africano é o da Republica Argentina.

Burro.—E' adaptavel mesmo nos climas humidos. E' sobrio, robusto, resistente á fadiga, e poucos cuidados exige mas um tanto medroso.

Alimenta-se em liberdade, podendo-se deixal-o pastar no matto. A ração regular diaria é 1 k. de milho e 4 de forragens seccas ou 3,^{k}5 de milho; agua 20 l. Carrega 50 a

100 k. conforme a robustez e os percursos que se lhe exigem.

Boi. — Como diz Ned-Noll, seria para desejar que se generalizasse o emprego do boi como meio de transporte, tendo-se assim á disposição carne fresca e uma reserva para os casos criticos; mas os cascos são muito sensiveis aos terrenos rochosos e precisa d'um grande repouso para digerir o pasto. Ha em certos pontos manadas de bois que vivem bem e essas podem aproveitar-se, mas, transportando-as para outros climas, soffrem e chegam a succumbir, quando se lhes não dispensam os cuidados requeridos pela mudança repentina. O boi deve empregar-se mais para tiro de que para carga. A ração diaria será 2 a 3 k. de milho e 5 k. a 6 de forragens seccas. Agua 25 a 35 l. conforme as circunstancias. Leva cerca de trez horas a pastar.

Zebu. — Wissmann elogia a marcha segura, a resistencia e a sobriedade do zebu que é um bovidio com uma ou duas bossas sobre as espaduas. E' muito resistente ao trabalho, ás privações e á doença e muito docil; é muito vulgar nas colonias allemãs da Africa Oriental, em Madagascar e no Soudan. E' muito preferivel ao boi, carregando 80 a 100 k. e podendo puxar algumas centenas de k. E' necessario ensinal-o a puxar e a carregar.

Os inglezes têm na India logares onde se reproduz o zebu para o serviço dos parques da artilharia.

Camello. — Presta valioso serviço nas regiões arenosas e seccas; é muito sobrio, resistente e pode accommodar no estomago grandes reservas d'agua que lhe permittem estar muitos dias sem beber. Diz-se que elle pode passar assim 4 dias sem inconveniente e 3 dias sem comer. Alimenta-se de hervas e matto que outro qualquer animal não comeria, com a condição, porem, de se lhes juntar algum sal. Sendo a forragem verde não precisa beber, e sendo secca, convem dar-lhe agua todos os dias. Precisa de 30 k. de forragem por dia ou que o deixem no pasto 6 horas diariamente. Está completamente desenvolvido aos 5 annos, pode transportar 200 a 600 k. conforme a raça, a região e a sua força. Tem-se empregado por toda a Africa. Convem para expedições

em regiões aridas e pela sua velocidade para constituir columnas ligeiras.

VIATURAS.—Para evitar quanto possivel os inconvenientes já citados do emprego dos carregadores e d'um comboio interminavel de animaes de carga, que é, de resto, dispendiosissimo e quando é necessario transportar materiaes muito pesados e volumosos que se não podem distribuir pelos carregadores ou pelos animaes, recorre-se ao emprego de carros. Como typo leve e desmontavel citamos a viatura Lefebvre que consiste n'uma caixa de aluminio ou folha de ferro de 1,m5 de comprimento montada sobre um systema de duas rodas de ferro reunidas por um eixo em cotovello. A' caixa estão ligados dois varaes de ferro a que se prende o animal, boi, burro ou muar. Permitte transportar uma carga 6 vezes superior á que um muar conduziria. Carrega em media 300 k., quando puxado por um muar. Em Madagascar recorreu-se para transporte ás viaturas Lefebvre já antes empregadas com vantagem no Soudan, Tonkin e Dahomey. O nosso carro alemtejano é considerado muito pesado e, a empregal-o, deve ser de pequeno modelo. Como typo de viaturas pesadas podendo transportar algumas toneladas de carga cita-se o carro boer puxado por muitas juntas de bois e que, não sendo conduzidos por individuos adestrados, além do muito espaço que occupa, pouco transporta e, ainda assim, difficilmente, como muito bem o fez sentir o Snr. Major E. Costa no seu palpitante *Chicomo,* accentuando que os carros pequenos devem ter os estrados leves, e, quando em terrenos arenosos, chapa de largo trilho (0,m3) nos rodados. Em virtude da inutilidade dos carros boers que a columna Norte, na campanha de Lourenço Marques, tinha adquirido, forçoso foi o saudoso Major Caldas Xavier improvisar carretas, cujas caixas eram constituidas por solidos caixilhos de madeira com o fundo revestido de *laca-laca* (varas delgadas de arvores ou arbustos) aproveitando-se para rodas as dos carros inuteis. A carroça, quando pela natureza do terreno possa empregar-se e pela necessidade de transportar grandes cargas seja imprescindivel, será comprida, leve, carregando 2 ou 3 toneladas, facilmente des-

montavel, convindo mesmo que a caixa seja susceptivel de transformar-se em embarcação para atravessar correntes d'agua; os animaes attrelam-se a uma comprida corrente, ás juntas ou parelhas até 3 ou 4 e guiados por individuos adestrados. Mas, repetimos, os carros pesados devem pôr-se de parte, quando não seja necessario transportar cargas grandes infraccionaveis, preferindo-se-lhes as carretas leves desmontaveis ou a carga a dorso, e, a usal-os, deve ser apenas fóra da zona de operações. Emfim de todos os typos o preferivel é a viatura Lefebvre.

Transportes por agua.—Sempre que seja possivel dispôr d'uma linha d'agua accessivel, será preferivel fazer os transportes por ella, pois se evitam as enormes despezas e fadigas da conducção por animaes ou carregadores, a demora nas marchas, a necessidade de abrir estradas e caminhos no percurso das columnas, poupam-se os combatentes, deixando-lhes toda a energia para disporem d'ella nos momentos da lucta, evita-se o tresmalhamento das cargas, etc., etc. Mesmo que os rapidos, pontos innavegaveis, etc., difficultem o transito pelos rios, ainda assim estes são preferiveis.

N'este caso a questão está toda nas dimensões e feitios dos barcos adoptados os quaes, como se comprehende, devem ser em tanto maior numero quanto mais leves, e de menos calado, quanto menor fôr a profundidade do rio, pelo menos n'um trecho bastante longo do seu curso. Succede frequentemente que um rio apenas é aproveitado n'uma pequena parte, ou porque a expedição precise vir a afastar-se d'elle ou porque a sua pequena profundidade ou quaesquer obstaculos impeçam o trajecto de certo ponto para cima. N'este caso o problema poder-se-ha ainda resolver, fazendo em barcos o trajecto na parte navegavel e seguindo por terra de ahi para cima.

Para a utilisação dos rios como via de communicação é necessario attender á força da corrente, intensidade das marés, sua epocha, natureza do fundo nos ancoradouros, logares em que a passagem é impossivel na estação secca e na baixa mar.

Se o rio fôr largo, os barcos poderão marchar em 2, 3 ou 4 filas, proximas umas das outras.

Aconselha-se que a embarcação da vanguarda transporte utensilios e materiaes de destruição para remover qualquer obstaculo que se depare.

Cada barco leva um ou dois guardas para vigilancia dos tripulantes. Além d'isso, a escolta divide-se em 3 fracções que seguirão em embarcações leves, ligeiras; a 1.ª fracção marcha na frente, a 2.ª no centro e a 3.ª na retaguarda, afim de fazerem face a qualquer ataque imprevisto e protegerem a marcha do comboio. Quando se termine o percurso diario, reunem-se as embarcações n'um local apropriado, ancoram-se ou amarram-se á terra e dispõe-se a maior vigilancia e protecção por terra e por agua.

Os inglezes na sua guerra do Soudan (1884-85), para transporem os rapidos do Nilo o qual aproveitaram n'um grande percurso, empregaram barcos n'estas condições=9 a 10^{m} de comprimento, 1^{m},98 de largura, 373 k. de pezo, e 0^{m},8 de calado. Transportava cada um 12 homens, fóra a tripulação (5 ou 6 homens), com os equipamentos respectivos, munições, e 100 rações diarias por cabeça.—Eram leves e fortes, em condições de poderem ser transportados por terra nos pontos innavegaveis (o que succedia muitas vezes) e podiam seguir á véla, a remos, á sirga (puchados de terra) ou á vara. Em muitos rios, não sendo forte a corrente, sem rapidos e não havendo a recear o cavallo marinho ou o crocodillo, podem empregar-se barcos de lona.

No Congo francez empregam-se na navegação fluvial embarcações de aluminio de 12^{m} de comprimento, 3^{m} de bocca e 0^{m},5 de calado, divididas em 13 fragmentos transversaes, cada um dos quaes é fraccionado em tres partes transportaveis pesando 20 k.

A casa Lefebvre construiu para Tombuctu lanchas de aluminio, constituidas por 12 compartimentos estanques e desmontaveis como os de que já fallámos. Comprimento 17^{m},08, bocca 3^{m},30 e calado 1^{m},50.

Nos rios africanos são vulgares os rapidos e, por isso,

nas descidas d'elles deve attender-se a um certo numero de precauções: os timoneiros terão o maior cuidado em não deixarem tocar os barcos em nenhuma pedra ou banco, pois, em virtude da velocidade com que seguem, facilmente se arrombarão as embarcações, devendo seguir bastante afastadas umas das outras; ahi sómente trabalharão os remos e de onde em onde seguirão alguns barcos vasios para tomarem a carga d'aquelle que por ventura se volte ou arrombe. Na frente vão os barcos pilotados por indigenas que conheçam bem a hydrographia do rio e a disposição dos rapidos e na esteira seguirão as outras embarcações; transposto um rapido, o barco deve esperar a approximação dos seguintes para retomarem a marcha concentrada.

Irregulares.—Grande auxilio poderão prestar os irregulares, especialmente se a sua dedicação e espirito bellicoso forem de molde a podermos confiar no seu valor e lealdade. Nos serviços de exploração, informações, espionagem, interpretes, é o seu emprego de alto valor. «Os auxiliares, diz Mousinho d'Albuquerque, só são uteis em pequeno numero, pois só assim é facil a sua direcção e emprego no combate».

O serviço de espionagem commettido a indigenas astuciosos das tribus adversas do inimigo pode prestar valioso auxilio. Os inglezes nas suas campanhas recorrem frequentemente a este meio que muitas vezes os tem livrado de desastres.

No combate, porém, a missão dos auxiliares será muito secundaria, podendo-se limitar as mais das vezes á perseguição depois de estabelecida a retirada do adversario, perseguição que as tropas brancas, na falta de cavallaria, não poderão effectuar, attento o estado depressivo de fraqueza em que se encontram por causa do clima e das privações.

Nas marchas, tendo-se plena confiança na sua fidelidade, devem ser enviados em pequenos grupos na frente e flancos da columna, effectuando um serviço de exploração proximo ou a distancia, apoiados e vigiados por europeos, afim de explorarem e baterem o terreno e repellirem uma primeira investida do inimigo. E' esta a sua missão principal

em que muitas vezes (de noite ou em terreno muito coberto) são insubstituiveis. Pronunciado, porém, um ataque decisivo, retirar-se-hão immediatamente sobre a columna e deitar-se-hão interiormente no lado menos exposto ou exteriormente, junto das faces do quadrado (quando ella o forme) prohibindo-se-lhes absolutamente o levantarem-se e fazerem fogo, ou ainda (se a columna tomar outra posição) irão reunir-se á rectaguarda ou n'um flanco, promptos a lançarem-se sobre o adversario, a modo de cavallaria em perseguição, logo que se produza o momento opportuno. Os auxiliares poderão ainda, na falta de carregadores, desempenhar o serviço de transportes a dorso ou a de aberturas de caminhos. Devem ser reconhecidos por meio de signaes bem visiveis que o inimigo não possa adoptar, variaveis de tempos a tempos. Devem estar submettidos á direcção superior d'um official que conheça bem os seus costumes e qualidades e que tenha prestigio entre elles.

Convém separal-os o mais possivel do convivio das praças brancas, installando-os separadamente no bivaque. Mesmo se o seu numero for grande, deverá formar-se-lhes um acampamento independente bastante afastado, disposto em condições taes que não possam, em caso de ataque, embaraçar o fogo e a acção das tropas regulares, nem provocar a confusão.

Se por ventura os auxiliares a quem se tenham distribuido funcções combatentes vierem a dar mostras de timidez ou hesitação ou symptomas da sua má vontade e reluctancia em marchar, cumprirá desarmal-os, vigial-os, obrigal-os em caso de ataque a conservarem-se deitados, pois, de outro modo, facilmente se espalhará o panico entre elles, dezertando, embaraçando as formações de combate e pondo a columna em situação perigosa.

E' de prudente conselho manter espiões entre os auxiliares para melhor ajuizar da lealdade das suas intenções e para prevenir qualquer tentativa hostil de sua parte. Satisfazer plenamente todos os compromissos contrahidos com elles.

Devem-se reprimir quanto possa ser as violencias inu-

teis praticadas por esta gente, sendo necessario vigial-os, tel-os na mão quanto possivel para impedir as atrocidades que usam commetter, sendo este um dos inconvenientes do seu emprego. Não convém fornecer-lhes armas de algum valor, não só porque seria difficil obtel-as depois de terminadas as operações e isso seria perigoso, mas tambem porque pouca vantagem se tiraria d'esse fornecimento, sendo preferivel por isso, deixar-lhes levar apenas as armas do seu uso.

CAPITULO III

Instrucção

Para a instrucção do soldado negro tomaremos dos regulamentos da metropole (quando os não haja especiaes na provincia) tudo o que se possa aproveitar, adaptando-os quanto possivel á natureza da instrucção que se pretenda ministrar. Adeante indicaremos qual o methódo que se pode seguir no ensino dos quadros e dos soldados. Como regras geraes notaremos que a principal instrucção a ministrar aos indigenas consistirá no tiro, nos exercicios de tactica applicada e nos trabalhos de campanha.

Quanto ao tiro é certo que o negro é, em geral, mau atirador, não apontando com serenidade e a preceito, voltando até ás vezes o rosto no momento de disparar, mas isso é devido em grande parte á falta de instrucção pratica; muito convirá, por isso, adestral-o na carreira no tiro ao alvo nas tres posições.

Com uns 40 soldados da 7.ª companhia de guerra em Zavalla (Inhambane) tivemos occasião de observar que, perdido o medo ao tiro, o qual se revellava n'alguns por estremecimento e caretas na occasião de apontar e desfechar, em pouco tempo se obtinham a 100^{m} por centos muito regulares, alguns dos quaes fariam inveja aos nossos soldados

brancos. O que dá mais trabalho a ensinar-lhes é a alça, mas com paciencia e tempo obtem-se que elles a saibam graduar até 500m, o que basta. Prestar-se-ha toda a attenção á limpeza do armamento, e aos processos que elles empreguem para isso, não permittindo senão os regulamentares, não esquecendo a facilidade que os metaes têm em se oxydarem nos paizes quentes. Não convém fazer movimentos fingidos. Distribuir-se-hão ás praças cartuchos simulados ou vazios para o ensino do manejo nos primeiros mezes, pelo menos. A esgrima de bayoneta limitar-se-ha ás estocadas, coronhadas e paradas simples. Quanto á gymnastica, coisa bem dispensavel no negro, bastará exercital-os nas corridas e saltos applicados, unicamente para regularisar os movimentos, as posições das armas, etc., e fazer com que estes exercicios se effectuem sem alterarem notavelmente as formações. Exercicios de fogo repetidos para habituar os homens ao tiro, á disciplina de fogo e a estarem attentos ás vozes ou signaes.

O uso d'estes é muito judicioso, principalmente tratando-se de homens para quem a nossa lingua é pouco familiar. As theorias serão de curta duração feitas em linguagem clara quanto possivel, com os objectos deante dos olhos. Uma vez ou outra, para prender a attenção dos indigenas e elevar-lhes o nivel moral, narrar-se-hão feitos d'armas notaveis, actos de abnegação, etc.

Nos primeiros tempos cada especie de instrucção demorará pouco, o maximo uma hora, tratando-se de fatigar o menos possivel os recrutas, para que se lhes possa exigir firmeza, attenção e silencio. As vozes de commando serão claras, pronunciadas distinctamente. Para certas evoluções empregadas na tactica colonial e que a nossa ordenança não indique, convém adoptar vozes adequadas, simples, de modo a obter-se a formação desejada com rapidez e sem confusão nem hesitação. Von Wissmann prescreve para a instrucção do soldado negro o seguinte: —

Instrucção individual.— Posição a pé firme, passo ordinario, gymnastico e de carga; direita, esquerda, meia volta volver; hombro arma, braço arma, apresentar arma, em

bandoleira arma, armar e desarmar bayoneta, carregar, conhecer a alça até 400m ou mesmo 500m; tiro ao alvo até 400m. Esgrima de bayoneta, conducta do explorador e do atirador isolado.

Instrucção collectiva.—Marcha por 1, 2 e 4; dobramentos, marcha em linha, mudanças de frente e de direcção; levantar, ajoelhar, deitar, fogos por descargas; formar quadrado, circulo, triangulo, etc.

Escola de companhia. — Movimentos mais simples e necessarios; dobramentos e desdobramentos, marchar para o flanco, fogo em massa por 4 fileiras; quadrado e um pouco de ordem dispersa.—

A instrucção terá logar: a mais violenta de manhã até ás 9 ou 10 horas, conforme a estação. De tarde, depois das 3, a menos violenta, theorias, instrucção pratica na cazerna, etc. O periodo que vae desde as 10 da manhã ás 3 da tarde deve ser destinado, quanto possivel, ao almoço e sesta, não se prolongando demasiadamente.

Finalmente, como vimos, o essencial é que o soldado conheça bem a sua arma, que atire o melhor possivel e disciplinadamente até 500 ou 600m de distancia, que se saiba conduzir como vedeta ou explorador e que qualquer fracção esteja bem treinada em marchar, combater e estacionar em quadrado com comboio ou sem elle, com os serviços de exploração e segurança intelligentemente effectuados.

Quanto ao europeo é absolutamente preciso, não só para bem se instruir, mas por razões hygienicas, dar-lhe todos os dias uma sessão, pelo menos, de tactica ou de gymnastica, combatendo assim quanto possivel a inacção e a indolencia que, como ficou dito na 1.ª parte, predispõe o colonial sobre maneira para a doença. Nas colonias inglezas, por ex., procura-se quanto possivel pôr em actividade as tropas europeas, não só com exercicios militares, mas ainda com jogos sportivos, marchas, corridas, etc., tendo isto a vantagem de lhes manter o moral e distrahil-os, o que é da maior importancia.

Eis um esboço do programma d'instrucção que, á falta de melhor, poderá ser adoptado para a infanteria. Para as

Termos mais empregados relativos ás necessidades quotidianas da vida. Sessões semanaes — seis de uma hora.

Instrucção theorico-pratica — Graduações militares, continencias. Deveres militares. Recompensas. Conselhos moraes. Hygiene. Sessões semanaes — cinco de uma hora.

2.º MEZ

Tactica — Exercicios com arma, recapitulação dos exercicios do 1.º mez. Marcha de costado por 4. Passagem á linha. Mudanças de frente e de direcção.

Todos os exercicios terminarão com algumas corridas (sem arma) em accelerado e passo gymnastico, cuja intensidade augmentará, lenta mas progressivamente. Sessões semanaes — seis de hora e meia, com intervallo de um quarto depois de uma hora.

Lingua portugueza — Continuação e desenvolvimento da instrucção dada no 1.º mez. Numeros. Sessões semanaes — cinco de uma hora.

Instrucção theorico-pratica — Recapitulação. Regulamento disciplinar. Vencimentos e descontos. Nomenclatura e limpeza do armamento e equipamento. Sessões semanaes — seis de uma hora e meia, com intervallo de um quarto de hora.

3.º MEZ

Tactica — Continuação do manejo d'arma. Manejo de fogo. Escola de esquadra em ordem unida e ordem extensa.

Todas as sessões terminadas com corridas (com arma) como no 2.º mez e com esgrima de bayoneta (simplificada e com applicação á lucta com um adversario armado de azagaia ou móca). Sessões semanaes — seis de uma hora e meia com intervallos de um quarto de hora.

Lingua portugueza — Ligação de substantivos com adjectivos. Emprego de pronomes e verbos. Desenvolvimento da instrucção dos mezes anteriores. Sessões semanaes — cinco de uma hora.

Instrucção theorico-pratica — Noções elementares de tiro. Ensino das alças até 600 metros. Pontarias em cavalete e a braços. Regulação e verificação de pontarias. Sessões semanaes — seis de uma hora e meia.

4.º MEZ

Tactica — Exercicios de secção, de pelotão; dobramentos,

mudanças de frente e de direcção, marchas para o flanco em columnas de costado. Formar quadrado, circulo, colchete offensivo e defensivo. Fogos em massa. Ordem extensa. Signaes e toques.

Todas as sessões terminadas com corridas em passo gymnastico, em marche-marche; corridas de velocidade. Esgrima de bayoneta, precedendo a outra instrucção de gymnastica. Sessões semanaes — seis de duas horas, com intervallo de um quarto d'hora.

Lingua portugueza — Continuação da instrucção anterior. Construcção de pequenas phrases mais communs. Sessões semanaes — cinco de uma hora.

Instrucção theorico-pratica — Instrucção pratica de tiro; pontarias de pé, de joelhos e deitado. Noções mais importantes do codigo de justiça militar. Serviço de guarnição. Sessões semanaes — seis de uma hora e meia.

5.° MEZ

Tactica — Continuação da ordem extensa e dos signaes e toques; flexibilidade. Conducta do atirador isolado. Exercicios de pelotão; fogos, reunião, assalto. Os homens concorrem á instrucção com equipamento e carga de campanha. Todas as sessões terminarão com exercicios gymnasticos como no 4.° mez. Saltos, transposições de obstaculos — seis de duas horas com intervallo d'um quarto de hora.

Lingua portugueza — Continuação da instrucção do 4.° mez. Trechos curtos e faceis da conversação trivial do soldado — cinco de uma hora.

Instrucção no campo e na parada — Instrucção pratica de tiro. Serviços de guarnição e de campanha, vedetas e exploradores. Fortificação, trincheiras e defezas accessorias — seis de uma e meia hora.

6.° MEZ

Tactica — Exercicios de companhia. Exercicios de applicação com inimigo figurado e representado. Ataque e defeza de posições fortificadas ou não. Marchas de guerra em terrenos variados. Retiradas, perseguição. Os homens concorrem a todos os trabalhos com carga completa de campanha — seis de duas horas.

Lingua portugueza — Desenvolvimento da instrucção ministrada até ahi. — Se o aproveitamento dos homens o permittir, prohibe-se-lhes o uso da lingua nativa na conversação entre si — cinco de uma hora.

Instrucção no campo e na parada — Serviços de guarnição e

de campanha. Fortificação; construcção de trincheiras, defezas accessorias. Trabalhos de campanha — abrigos, cosinhas, nós e ligações mais empregados nos trabalhos de campanha. Construcção rapida de cavaletes para pontes, etc.,— seis de uma e meia hora.

NOTA — Cada um dos tres ramos de instrucção do recruta deve ser commettido aos mesmos graduados que mais competencia mostrarem para essa especialidade, devendo tambem cada um d'elles ser presidido por um official que assistirá e dirigirá os trabalhos, assumindo a responsabilidade dos progressos de instrucção das praças n'esse ramo de ensino. Esta creação de especialidades no ensino é vantajosa, pois define responsabilidades e aguilhôa o amor proprio do instructor, creando o incentivo e a emulação. — Não fatigar muito a attenção do soldado no primeiro e ainda no segundo mez. Dar-lhe descanços frequentes, mas exigir-lhe desde o principio toda a firmeza, não prolongando as posições fatigantes. Convém não exgottar desde logo a attenção e alguma boa vontade que o negro porventura tenha, caminhando progressivamente em todos os ramos de ensino. D'uma creatura sahida da selva ou dos antros dos centros civilisados não se faz de repente um automato, uma entidade com o ouvido sempre attento ás vozes, aos conselhos d'um chefe e immovel nas posições prescriptas pela ordenança. — Destinar-se-hão um ou dois dias por semana á repetição da materia ensinada. Aos sabbados por ser dia de limpeza de armamento, etc., haverá apenas duas instrucções. — O ensino de portuguez pode fazer-se mostrando á escola de recrutas um objecto qualquer e pronunciando o seu nome lenta e nitidamente. O interprete explica isso aos soldados e toda a escola em côro e muitas vezes repete o termo em questão, emendando-se os defeitos da pronuncia, etc., depois pergunta-se a alguns o nome do objecto e passa-se a outro. Tendo-se feito isto para varios objectos, misturam-se estes e pergunta-se a differentes recrutas como elles se chamam, recapitulando assim muitas vezes. Facil será mais tarde fazer-lhes fixar alguns adjectivos, pronomes, verbos... (1)

(1) Ensaiámos este processo, a titulo de experiencia, em Inhambane, na

Instrucção das praças promptas

1.º Periodo — Estação chuvosa — Sessões semanaes

Instrucção theorico-pratica—duas de uma hora.

Instrucção pratica de tiro—uma de uma hora.

Tactica (escola de esquadra) terminando com esgrima de bayoneta e corridas na ultima meia hora—duas de duas horas com intervallo de um quarto de hora.

Fortificação e trabalhos de campanha (nós e ligações, defezas accessorias)—uma de uma hora e meia.

2.º Periodo—Transição da estação chuvosa para a fresca

Instrucção theorico-pratica—duas de uma hora.

Escola de pelotão: tactica applicada, ou serviço de campanha—uma de duas horas.

Escola de pelotão: tactica abstracta; a ultima meia hora destinar-se-ha á esgrima de bayoneta—uma de duas horas com intervallo.

Instrucção pratica de tiro na parada—uma de uma hora e meia.

Fortificação e trabalhos de campanha (trincheiras, defezas accessorias, abrigos, etc.)—uma de duas horas.

3.º Periodo—Quadra fresca

Instrucção theorico-pratica—uma de uma hora.

Tiro na carreira e, depois de completa esta instrucção, serviço de campanha—tres de duas horas.

Escola de pelotão ou de companhia (tactica abstracta ou applicada); corridas, saltos, esgrima de bayoneta,... na ultima meia hora, quando o exercicio fôr de tactica abstracta—uma de duas horas com intervallo.

Fortificação e trabalhos de campanha, trincheiras, defezas accessorias, abrigos, cosinhas...; construcção, aproveitamento

---

7.ª companhia de guerra. No fim de uma hora os negros da Zambezia e de Moçambique, que constituiam a escola de recrutas, conheciam e pronunciavam regularmente o nome d'uns 12 objectos. De resto, é este o processo de ensino de linguas, actualmente muito vulgarisado = *Berlitz langage* = Muito conveniente seria que o ensino do portuguez fosse feito na escola propria, mas estamos convencidos de que por esse meio nada se conseguiria. De resto, na escola não ensinarão ao indigena os termos de uso mais vulgar na vida do soldado.

e melhoramento de vias de communicação, pontes, jangadas — uma de duas horas.

4.º Periodo—Transição para a estação quente

Applicação de todos os trabalhos ensinados durante o anno, effectuando-se um ou dois exercicios de combate e de fogo por semana com inimigo primeiramente figurado e depois representado, precedidos ou seguidos de marchas de guerra e de estacionamentos variados, ensaiando-se assim todas as situações em que as tropas podem encontrar-se n'uma guerra colonial.

NOTA — Os graduados acompanharão as praças n'alguns exercicios gymnasticos, como corridas, transposição de obstaculos, esgrima, etc., e isto mormente na quadra fresca; convém não deixar amollecer os europeos os quaes, não effectuando nenhum exercicio physico, melhor presa serão da doença e menos aptos se tornarão para desempenharem qualquer serviço violento que lhes seja incumbido.

CAPITULO IV

Postos militares

Conquistada e submettida uma região, é necessario guardal-a, garantir n'ella a ordem e a segurança, policiando-a com postos installados de onde em onde em logares dominantes, nos pontos estrategicos ou centros commerciaes quanto possivel, abastecidos d'agua potavel, proximo dos grandes nucleos de população e não longe das vias de communicação que ligam os centros europeos do littoral com as residencias ou postos do interior, ou nos pontos de passagem forçada das caravanas que se dirijam para alli.

Segundo Ned Noll, consideram-se duas especies de postos: *defensivos* e *offensivos*. «Os primeiros, simples blo-

ckhaus ou torres, occupam com a guarnição d'alguns homens um ponto estrategico, ligação de estradas, um vau, etc. O seu papel é absolutamente passivo. Os postos *offensivos* devem possuir uma forte guarnição que lhes permitta effectuar frequentes reconhecimentos no sector sob a sua vigilancia.»

Muitas vezes a distribuição dos postos corresponde á divisão administrativa do territorio e então o posto militar é tambem a séde do chefe ou commandante territorial com poderes e attribuições mais amplas conforme as leis em vigor na provincia. N'este caso deve attender-se, além das condições já citadas, á necessidade do posto ficar em logar central a respeito das povoações das authoridades indigenas, segundo a divisão gentilica do territorio ou, ao menos, proximo dos potentados mais importantes ou que cumpra vigiar mais de perto.

A distancia entre os postos é uma funcção dos effectivos e do valor da guarnição, das populações, da facilidade das communicações, etc. Segundo diz Ned Noll, os inglezes no Soldão tinham estabelecido quatro postos intercalados de 30 a 40 k. No Tonkin a distancia era de 25 k. em media.

Gallièni para a occupação de Madagascar recommendava=1.º Occupar na costa os terminus das linhas de communicação, com o fim de assegurar o serviço alfandegario, ter na mão os desaguadouros commerciaes, proteger os negociantes europeos que ahi se estabelecessem, vigiar os chefes indigenas residentes nas proximidades e, accrescentamos nós, impedir o contrabando de guerra e o trafico de escravos.

2.º Balisar as linhas de communicação naturaes com postos fortes e bastante proximos uns dos outros de modo a garantir efficazmente a liberdade do commercio e a segurança dos viajantes. Os postos, numerosos ao principio, poderiam, á medida que a paz e a ordem fossem asseguradas, ir-se reduzindo.

3.º Occupar os centros d'influencia por meio de agentes europeos de confiança que vigiassem o procedimento dos potentados indigenas e a attitude das populações, tendo os

chefes do territorio sempre informados a tal respeito e não intervindo de modo algum nos assumptos da administração indigena=.

O official a quem se incumba estabelecer um posto, deverá pedir instrucções ácerca do fim que o chefe tem em vista, da região e condições em que o deverá estabelecer, se a construcção terá um caracter provisorio ou definitivo, etc.

Depois procederá a um reconhecimento cuidadoso da zona a occupar para fixar a sua constituição geologica e topographica. Conforme as circunstancias e as instrucções recebidas, deverá attender em primeiro logar ás condições hygienicas ou ás tacticas ou ás politicas. Comprehende-se que, se o posto é destinado a uma occupação permanente, se deverá attender quanto possivel primeiramente á hygiene, depois ás condições militares. Quanto á hygiene consultar se-ha a 1.ª parte d'este *Manual—Hygiene da habitação.*

O local escolhido deverá ter vistas extensas, facilidade de communicações com os postos visinhos, accesso prompto para os aprovisionamentos.

Quanto ás condições tacticas, recommenda-se a escolha d'um local elevado que tenha commandamento sobre a região, afim de facilitar quanto possivel a sua vigilancia, e assegurar a defeza; além d'isso ficará afastado um tanto das povoações indigenas, para estar ao abrigo das surprezas e ataques que alli se possam preparar, podendo-se pelo menos distar d'ellas o alcance das armas de que se disponha, afim de contel-as em respeito. Não esquecerá que o campo de tiro em torno da posição deve ser amplo e desassombrado, evitando os espaços mortos, a coberto dos quaes um bando insurrecto tentasse atacar o posto.

Attender-se-ha a que nas proximidades do posto, ou, melhor ainda, dentro d'elle haja cisternas d'agua, afim de que não lhes possa ser cortado o accesso; existindo um rio, o posto será estabelecido na sua proximidade, não só para o aproveitar como via de communicação, e garantir n'elle o livre tranzito, mas tambem para utilisar a agua, ou colhendo-a directamente ou fazendo poços nas margens. A lenha não deverá faltar nas proximidades.

Escolhido o local para a installação do posto, proceder-se-ha á sua construcção. A este respeito vide o Cap. *Fortificação*. Diremos apenas que o traçado do posto deve ser minimo, de modo a poder ser defendido com poucos homens, aproveitando-se quanto possivel as disposições do local, e tirando o maior effeito possivel das armas de que se disponha. O traçado completará as condições defensivas da posição, adaptando-se-lhe quanto possa ser.

Para reduzir quanto possivel a superficie do posto, determinar-se-ha que as habitações das familias (quando as haja) dos soldados indigenas, fiquem no exterior, assim como outras installações que não seja da maior necessidade proteger contra uma investida, podendo-se cercal-as com uma rêde de defezas accessorias que demorem os assaltantes, emquanto os habitantes se refugiam no interior.

Dentro do posto ficarão os alojamentos dos graduados, a enfermaria, as cazernas das praças, a secretaria, a arrecadação, o payol. Havendo espaço interior, poderão ainda installar-se ahi a cozinha, o calabouço, o curral, a casa de banho, etc., aliás ficarão no exterior, envolvidos de todos os lados, excepto na communicação com a entrada do posto, por uma ou duas zonas de abatizes, rêde de fio de ferro ou outras defezas accessorias. Quanto ás construcções a effectuar, isso depende dos recursos e dos conhecimentos de que se dispõe. Convém que sejam feitos pela ordem seguinte, á medida que o tempo fôr decorrendo e conforme o posto seja provisorio ou permanente: primeiramente o recinto exterior com as obras e defezas accessorias e depois, quando este precise ser amplo e em paiz hostil ou insubmettido, um reducto interior onde os defensores se recolham e possam aguentar-se durante muito tempo, no caso d'algum bando insurrecto se apoderar d'aquelle. Em seguida fazem-se os miradores das sentinellas, as habitações do commandante e dos europeos, a arrecadação, a cozinha, a cazerna dos indigenas, a enfermaria, as sentinas, o calabouço, o poço. Mais tarde, e por sua ordem, tratar-se-ha do curral, da capoeira, da horta, da secretaria. Não esquecer que o armazem das munições e a cozinha deverão ser afastados quanto

possivel entre si e das outras installações para prevenir as consequencias d'um incendio.

Se no posto houver grande quantidade de munições, convirá distribuil-as por differentes arrecadações bem separadas entre si e das restantes dependencias, para evitar quanto possivel que um incendio, uma explosão tome grandes proporções e inutilise o aprivisionamento inteiro. Os payoes terão então uma guarda especial e todas as precauções serão tomadas para prevenir um desastre.

A horta é um recurso que presta importantes serviços ao pessoal d'um posto. Por isso não se estranhe o conselho de todo o chefe de posto ter juntamente com a sua pharmacia um sortimento de sementes horticolas. Um official francez diz com muita razão que partindo para o interior, no Tonkin, havia tres coisas de que se não esquecia nunca: d'um sacco de piastras, da sua pharmacia portatil e d'uma provisão de sementes d'horta.

Primeiramente faz-se a sementeira em caixotes, ao abrigo do sol e das chuvas fortes. A transplantação effectuar-se-ha no momento opportuno para a horta situada em logar apropriado. Vide a parte—*Agricultura Colonial*. Para os assumptos relativos a construcção, etc., consultem-se as differentes partes do *Manual*, nos capitulos correspondentes.

Installado no posto, o commandante procurará pôr-se ao facto da situação politica da região, orientando-se ácerca da attitude da população, tratando de destrinçar quaes os elementos affeiçoados e quaes os adversos, procurando pôr-se em contacto com os habitantes e *fazer politica*, em harmonia com as instrucções recebidas e com os interesses da soberania, como se disse no Capitulo I d'este volume.

Não esquecer que a installação e o sommando d'um posto novo são talvez os serviços mais espinhosos e difficeis que podem caber a um subalterno no ultramar, visto os conhecimentos, o tino, o senso pratico, a energia, a intelligencia que precisará pôr em acção para bem se desempenhar d'essa missão. Tudo é necessario inventar, vêr e prevêr. Muitas vezes não terá alimentos para a sua gente, ferramentas para fazer um reducto, para abrir um poço, medi-

camentos para tratar uma febre, um interprete para se entender com os naturaes, etc. Tudo tem succedido por lá.

E não vá o official participar isto aos chefes porque o classificarão de imbecil, de indolente e medroso. Estes apenas querem ouvir dizer que tudo vae bem, que não falta um cartucho, uma folha de papel, que o adversario tem sido sempre repellido com grandes perdas, ou que a região está pacificada. Prescindir do necessario, improvisar o impossivel eis o que deve fazer todo o official em taes circunstancias, quando seja cioso do seu bom nome e do brilho dos seus galões. Dil-o a pratica d'Africa.

O serviço da guarnição será montado com regularidade, conforme a missão de que se está incumbido.

Se a região não está submettida, recommenda Peroz que, tomando-se posse da posição e para prevenir uma investida, se proceda assim: =

A guarnição divide-se em duas fracções: uma para a defeza do recinto e outra de reserva, na proporção respectivamente de 3/1. A reserva procurará abastecer-se de viveres existentes nas immediações, principalmente carnes frescas, cabritos, gallinhas, etc., effectuando ao mesmo tempo um reconhecimento, isto no caso de não se recear um ataque immediato á posição, ou quando a abundancia de aprovisionamentos no posto não torne perfeitamente prescindivel aquella operação. A outra fracção porá o posto em estado de defeza e guarnecerá os sectores em que o recinto seja dividido, distribuindo-se por elles. Havendo irregulares, não será prudente incumbil-os da defeza d'um sector, mas antes repartil-os por todos como auxiliares que são, visto que a defeza deve pertencer aos homens de confiança. Miradores serão erguidos para vigiar as immediações do posto. Vêde *Fortificação — Defeza de posições.*

Em terreno hostil aconselha-se que o serviço de vigilancia durante o dia seja feito por europeos para permittirem aos indigenas entregarem-se aos trabalhos de construcção, fachinas, etc. Estabelecer-se-hão intervallos em pontos de onde dominem completamente os arredores da posição. De noite guarnecer-se-ha o recinto com uma ou mais frac-

ções sempre em armas e constituidas por europeos e indigenas, rendendo-se de quando em quando, de modo a repellir qualquer assalto ou surpreza que o adversario intente. A entrada do posto permanecerá cerrada toda a noite, só se abrindo na presença do commandante e guardando-se todas as precauções para evitar uma surpreza ou uma traição.

Convém que o commandante escolha um ponto dominante, d'onde, em caso de ataque, possa dirigir a defeza sem lhe passar despercebido nada do que se passa em volta.

Para prevenir um incendio convém ter sempre á mão o material disponivel proprio para estes casos: pás, baldes, picaretas, machados, escadas, etc. Ilavendo agua em abundancia, mas a distancia do posto, ter-se-ha sempre cheio um reservatorio d'ella. Não a havendo, utilisar-se-ha a terra ou a areia e, n'este caso, perto de cada installação, se o terreno fôr consistente, deixar-se-ha um monte de terra que se removerá de quando em quando. Em caso de incendio, emquanto um piquete é encarregado de evitar que elle se propague ás construcções proximas, apagando com terra, etc., as scentelhas que caiam sobre os tectos ou demolindo-os e cobrindo-as de terra para evitar que o incendio se communique ás restantes e pondo a seguro os artigos n'ellas contidos, principalmente as armas e munições, outro piquete de pás e picaretas em punho, depois de retirados os objectos existentes na habitação incendiada, procurará fazer abater o tecto, cortando as traves, ligações, etc., e cobrindo tudo de terra, á falta d'agua. Em territorio hostil, um terceiro piquete armado tomará posição em logares convenientes, prompto a repellir qualquer investida que o adversario tente effectuar durante a confusão produzida pelo incendio. Estes piquetes estarão organisados permanentemente, exercitando-se n'este serviço, pois qualquer demora ou confusão devida á falta de preparação do pessoal poderá produzir a destruição total do posto e até a perda da guarnição.

CAPITULO V

Tactica

I

Generalidades. — No inicio d'uma expedição dever-se-ha tratar de conhecer as qualidades militares do adversario, a sua tactica, usos e costumes, e deduzir d'estes elementos o melhor processo de combater, tomando-se em conta a natureza do terreno, a attitude dos povos visinhos, etc. Como diz Callwel *(Petites guerres* — Traducção de Septans, trabalho que frequentemente consultaremos), o desastre inglez de Isandlwhana na Campanha dos zulus (1879) foi devido em grande parte ao mau conhecimento da tactica do adversario. Uns povos, habitando em regiões descobertas, planas, para combaterem, formam grandes massas que procuram envolver e asphixiar o inimigo em circulo, em crescente, retalhando-o á azagaiada no corpo a corpo final. Outros, aproveitando o coberto do terreno, a densidade da vegetação, combatem dispersos no matto, incommodando as columnas com um tiroteio continuo, dia e noite, sem se descobrirem, furtando-se ao contacto, aproveitando-se ás vezes d'uma imprudencia ou da fadiga dos invasores para se atirarem sobre elles e esmagal-os. Outros ainda limitam-se á defeza das suas povoações fortificadas dispersas por todo o territorio sublevado, exigindo a conquista e a destruição de todas ellas para se castigar e suffocar a insurreição.

Diz o Snr. Capitão Ayres d'Ornellas no relatorio da campanha de Gaza: «A lucta com a bellicosa raça landim, constitue na Africa a *grande guerra*. Nos Namarraes era a verdadeira guerra de guerrilhas: inimigo invisivel no matto, combates prolongados por fuzilaria incessante um dia inteiro

ro, tres combates n'uma semana, sem se vêr um preto, impossibilidade de alcançar um resultado decisivo. E' uma lucta de desgaste. Aqui no sul é o contrario. As planicies immensas, o aberto do matto facilitam os movimentos, o inimigo ataca a descoberto, procurando a decisão na lucta corpo a corpo. Uma batalha decide a questão.»

Ha mesmo povos que adoptam uma tactica de emboscadas a qual destruirá a columna que, desconhecendo-a, avance confiadamente. Assim os Maraves, ao Norte do alto Zambeze, no combate dividem as suas forças em trez grupos: o 1.º, caminhando a coberto do matto e dos accidentados do terreno, provoca o ataque, fazendo grande grita, brandindo as suas armas rudimentares, e batendo n'um dado momento em retirada, e, se os contrarios, animados por esta fugida, lhes vão no encalço, perecerão inevitavelmente na emboscada que os outros dois grupos lhes teem preparada.

O negro sabe bem tirar partido do matto e da natureza do terreno para se defender ou atacar, para nos armar emboscadas, etc.

Assim, portanto, como a tactica do adversario o exija, assim as nossas tropas devem adoptar differentes processos de combater.

Wolseley aconselha que o europeo empregue uma tactica semelhante á do adversario. Mas a rapidez dos movimentos d'este e a superioridade das suas forças nos ataques e nas surprezas deve ser contrabalançada por um emprego sereno e bem ajustado do nosso fogo e por um aproveitamento judicioso do momento opportuno para o atacar. Isto é «A nossa acção deve adoptar uma forma defensiva e um conceito offensivo», como diz Peroz.

Ha um assumpto para que os authores chamam toda a attenção.

As operações devem ser decisivas, afim de evitar que a campanha se prolongue, o que produzirá grandes difficuldades não só pela acção do clima sobre os homens e pelas enormes despezas e obstaculos a vencer na acquisição de aprovisionamentos, mas tambem pelo enervamento, pela depressão moral que isso produz nas tropas e por que facilita

ao adversario a reunião de forças, a adhesão de novos contingentes, etc. Para isso, respeitado o principio estrategico de que, como diz Callwel, toda a empreza, uma vez começada, deve ser levada a fundo, a menos que sobrevenha um obstaculo insuperavel, procurar-se-ha vir ás mãos com o adversario, obrigando-o a bater-se e a pôr-nos em presença o grosso das suas forças. As armas aperfeiçoadas pouca vantagem nos dão perante um adversario que apenas se mostra fraccionado, fazendo a guerra de guerrilhas, fuzilando-nos constantemente no coberto do matto. Callwel aconselha occultarmos os nossos effectivos, de modo que o adversario, imaginando-se a contas com uma pequena expedição, procure lançar-se em massa sobre nós. Então, apresentando-se o adversario em força, a acção deverá ser levada a fundo quanto possivel, batendo-o, perseguindo-o e retalhando-o até o aniquilar completamente. E' aqui que a cavallaria e os auxiliares, havendo-os, terão o seu papel preponderante. Diz o saudoso Antonio Ennes: «a guerra na Africa selvagem tem a dolorosa necessidade de ser inexoravel na destruição, para não parecer frouxa e medrosa. Negros não comprehendem clemencia e generosidade. Fazer o maior damno possivel no inimigo é o unico dever do combatente.»

O quadrado.=Este termo, na technologia militar, não indica absolutamente a forma que a geometria lhe attribue. Assim pode-se tambem dar este nome a uma formação triangular, trapezoidal, rectangular alongada, etc. O que significa simplesmente é=uma disposição que permitte apresentar uma frente em qualquer direcção, visto a tendencia dos povos inferiores em envolverem a columna ou atacarem o seu flanco e a retaguarda.

E' então uma formação que se adoptará geralmente em marcha, estacionamento ou combate, para prevenir um ataque subito e para proteger o comboio, a ambulancia etc., que seguem no seu interior. Em geral, é uma disposição defensiva, mas casos ha em que se emprega para atacar, como em Abu-Klea para obrigar os Madhistas a desalojarem-se d'uma posição e combaterem, e no Dahomey no combate de Achupa.

Têm-se apresentado varias objecções ao emprego do quadrado: as grandes perdas devidas ao alvo consideravel que elle offerece, a lentidão dos movimentos, a falta de liberdade de acção, visto a protecção a dar aos transportes e aos enfermos, o seu caracter pronunciadamente defensivo que prejudica o moral das tropas, a sua má adaptação a certos terrenos, etc.

Callwel divide os quadrados em *rigidos* e *elasticos*.

Nos primeiros, ou quadrados propriamente ditos, os homens são collocados cotovello a cotovello, as fracções unidas umas ás outras, sem intervallos entre si. Emprega-se para oppôr a grandes massas de assaltantes para quem a azagaia é a arma preferida, pouco uso fazendo das espingardas.

No *elastico* as forças dispõem-se n'um quadrado irregular, por fracções mais ou menos intervalladas, commandadas pelos seus chefes, e pode empregar-se contra um adversario que não ataca em grandes massas, embora possa investir por todos os lados, fazendo mesmo um maior uso da espingarda.

Resumamos o que diz Callwel=.

Grandes são as difficuldades que offerecem a organisação e a manobra do quadrado *rigido*. N'um terreno cerrado produzem-se brechas, oscillações etc., que lhe alteram a forma e provocam a confusão, augmentando este inconvenièntes proporcionalmente aos effectivos. Além d'isso, com a estreita frente de que dispõe, difficil será aperceber-se dos inimigos existentes nas proximidades e, n'este caso, forçoso será dispôr d'exploradores os quaes, n'um caso de ataque subito, collocarão n'uma situação melindrosa o quadrado, por na sua retirada sobre este lhe paralysarem os fogos. As brechas que se produzem durante a marcha em terreno cortado, têm o perigo de, em caso de ataque subito, facilitarem a entrada ao inimigo no quadrado. Este inconveniente previne-se, formando no interior d'elle uma ou mais fracções de reserva incumbidas de, em caso de ataque, taparem os *rasgões* abertos nas faces. A cavallaria, segundo Callwel, deve ficar fóra do quadrado, para não augmentar a confusão no seu interior. Em differentes combates tem esta arma, confor-

me as circunstancias, ficado dentro ou fóra. Se o ataque é envolvente, ficará dentro para não paralysar os fogos. Poderá ainda collocar-se a distancia do quadrado em logar d'onde, não prejudicando os fogos e fóra da direcção d'estes, cruze o seu tiro ou ameace de flanco o assaltante, carregando-o em dado momento.

A artilharia deve dispôr-se nos salientes ou nas faces expostas.

Callwel propõe collocar a artilharia quando fôr possivel, n'uma posição a distancia do quadrado, em logar d'onde flanqueie o adversario ou distraia a sua investida. Na columna do deserto, em 1885, Campanha do Egypto, os canhões foram collocados n'uma posição fortificada d'onde o seu fogo bateu os Madhistas que se preparavam para carregar o quadrado inglez.

Empregando-se dois ou mais quadrados, ha o inconveniente de reduzir o espaço disponivel para os comboios, ambulancia, etc., e de elles se fuzilarem mutuamente, mas podem auxiliar-se e, se um fôr roto, será apoiado pelo outro ou, pelo menos, não se produzirá a perda da columna inteira.

Concluindo ácerca do quadrado *rigido*, Callwel diz que uma tal formação em terreno descoberto, com uma tropa na mão, com um amplo campo de tiro, terá vantagem sobre os assaltantes, repellindo-os e que mesmo nos logares cobertos a experiencia prova que ella se tem aguentado, resistindo ao atacante, a não ser em caso de surpreza ou de desmoralisação das tropas.

Tratando do quadrado *elastico*, resumamos ainda as indicações de Callwel.

N'este dispositivo ha intervallos nas faces, estando as tropas dispostas de modo que envolvam e protejam os serviços auxiliares. E' mais flexivel e manejavel do que o quadrado *rigido* e preconisavel quando o adversario ataca em massas pouco densas, cujo choque não é muito para temer, e quando o terreno é muito coberto e accidentado, não permittindo uma exploração efficaz e se presta a um ataque subito em qualquer direcção=.

No Dahomey, ao principio, as tropas marchavam em co-

lumnas parallelas dispostas de maneira que, desenvolvendo, formavam as faces d'um quadrado mais ou menos elastico. Assim não se produzia confusão, mas apenas augmento d'intervallo, quando algumas fracções d'uma face se lançavam por lanços sobre o inimigo. Este limitava-se a fuzilar as forças francezas, occulto no matto, produzindo n'elle muitas baixas, mas raras vezes se lançava sobre o quadrado, e nunca em grandes massas. Por fim a formação ordinaria era o quadrado.

Eis o que diz Poirier no livro *Campagne au Dahomey* «Formavamos assim uma serie de pequenas columnas marchando parallelamente com uma duzia de metros de intervallo. Na frente de cada uma alguns atiradores indigenas armados de sabres d'abatizes e machetes cortavam os ramos e o capim facilitando a marcha, pois o matto era espesso a ponto das columnas não se verem umas ás outras. A's 8 ½ as testas das columnas recebem alguns tiros. As secções desenvolvem, soldam-se a formar uma linha continua... Depois das primeiras operações, o coronel Dodds adoptou o quadrado que permittia responder a todos os ataques, manobrar e tornear as posições inimigas, assegurando mais cohesão entre as tropas, uma facil transmissão d'ordens e uma protecção efficaz aos comboios e ambulancias.»

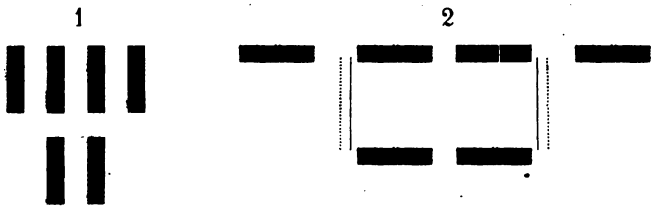
De resto ouçamos algumas opiniões ácerca do combate de Isandlwhana (Zululandia—1879) em que os inglezes perderam quasi 2:000 homens, poucos ficando da guarnição do campo para irem levar a fatal noticia á retaguarda— .

«Em Isandlana as nossas tropas, em logar de tomarem uma formação cerrada no campo, desenvolveram-se em atiradores e, atrahidas pelo ataque de frente, occuparam uma parte do campo, não se vendo n'este momento a direita dos Zulus, que, deslizando furtivamente por detraz da montanha de Isandlana, irrompeu de repente pela retaguarda, massacrando os inglezes de revez e conjugando este movimento com ataques nos flancos—um envolvimento completo, afinal. Se os inglezes se dispozessem em quadrado, formando laager bem aprovisionando de munições, poderiam ter vencido.» (Mayne).

«Se as tropas se limitassem a tomar disposição defensiva no campo, constituissem rapidamente um entrincheiramento com os materiaes á mão e formassem o *wagon-laager*, tenho absoluta confiança de que todo o exercito Zulu não seria capaz de as desalojar. Parece que as tropas foram enganadas por uma retirada simulada e no ardor da perseguição se deixaram arrastar fóra da linha de defeza» (Lord Chelmsford).

Diz ainda o capitão Mayne *(The late battles in Soudan and modern tactics)*. «O combate de Ulundi fez salientar as vantagens do dispositivo em quadrado como systema de avançar n'uma grande extensão de terreno descoberto n'uma formação que tem propriedades muito apreciaveis: a de fazer face immediatamente a um ataque envolvente e a de proteger a cavallaria recolhida, a reserva de munições, ambulancia, etc., collocando-as no centro do quadrado».

Lord Kitchner ordenou no Egypto que os batalhões de 6 companhias se dispozessem assim:



1—Formação de marcha—2—Dispositivo de combate contra um inimigo que não carrega em massa, podendo-se passar rapidamente ao quadrado, quando isso se receie.

Esta disposição é flexivel e utilisa uma grande frente de fogos.

Os francezes em Madagascar abandonavam geralmente as formações em quadrado e combatiam á europea, isto é, desenvolviam as fracções com apoios á retaguarda, visto que os adversarios raras vezes atacavam em numero e limi-

tavam-se a guarnecer uma posição, fazer uns tiros e retirar perante a investida dos brancos. Assim é que não consta que um corpo hova cahisse em massa sobre um acampamento ou formação de marcha. Outro systema muito empregado por elles, em desaccordo com a opinião de muitas authoridades,—a carga de bayoneta. O que prova que a guerra faz-se segundo o inimigo e as circunstancias.

Quando o adversario se recusa a bater-se e foge systematicamente deante d'uma columna é conveniente ás vezes dividir esta em duas ou mais para tentar envolver o adversario, surprehendel-o de flanco ou cortar-lhe a retirada. Isto tem-se feito algumas vezes, nomeadamente nas campanhas da Zululandia, Ashantis, Dahomey e Madagascar. Emquanto uma columna effectua um ataque demonstrativo, procurando obrigar o inimigo a empenhar-se na lucta, a outra ou as outras, lançadas rapidamente, vão surprehender-lhe o flanco ou a retaguarda, esmagando-o com fogos convergentes de artilharia e infanteria. Muitas vezes o fraccionamento da columna faz-se a alguns dias de marcha do inimigo. Assim, sabendo-se por reconhecimentos que este occupa tal logar, divide-se a força em duas ou mais columnas pequenas constituidas com todos os seus serviços, comboio, ambulancia, artilharia, etc., traça-se-lhes o itinerario e a missão especial de cada uma e todas ellas actuam rapida e simultaneamente, envolvendo a posição do adversario. A's vezes, quando o comboio é muito pezado, aligeiram-se o mais possivel, distribuindo-lhes apenas alguns dias de viveres, fazendo-se os transportes a dorso ou por carregadores e deixando aquelle á retaguarda em boa posição fortificada onde se póde installar o ultimo escalão—a reserva—constituida por uma fracção valida e por tropas já pouco manejaveis pelo seu estado de doença ou de fadiga. Para fazer o envolvimento por este processo, é por isso necessario calcular cuidadosamente o tempo, conhecer o terreno, contar com o espirito de iniciativa dos chefes, ser claro e preciso nas instrucções e ordens, etc., pois não são raros os desastres succedidos em virtude do fraccionamento de columnas em que aquelles requisitos não foram tomados em conta.

Por erro de calculo póde uma fracção vèr-se a braços com todo o peso do adversario o qual, batendo-a com relativa facilidade, se lançará depois sobre o resto da expedição. Além da vantagem já citada de levar o inimigo a bater-se e de lhe inflingir uma derrota mais salutar, é certo que, pelo effeito moral que produz e pela circunstancia de, mesmo batida uma fracção, poder a outra obter um successo, é este systema muitas vezes preconisavel, não se esquecendo nunca que elle constituirá uma imprudencia desde que o terreno não seja bem conhecido, as differentes columnas fortes e manejaveis e não haja confiança no calculo do tempo empregado nos movimentos, etc.

II

Tactica de marcha

Formações de marcha — Elementos normaes das columnas.— Diversos são os alvitres apresentados pelos authores militares coloniaes e diversas as formações adoptadas nas differentes campanhas d'além-mar. Attendendo, porém, á rapidez com que o negro effectua as marchas e produz os movimentos envolventes, é necessario que uma *columna* marche em condições favoraveis á rapida formação do quadrado, sendo então a melhor formação e mais elementar a *columna dupla* adoptada nas nossas expedições, com as bagagens e a artilharia ao meio e com um serviço de segurança constituido por uma rede circular de patrulhas de cavallaria ou de auxiliares, lançada a 100, 200 ou mais metros no exterior da columna e envolvendo-a de todos os lados, de modo que não se passe a minima parcella de terreno sem ser observada. Esta formação, que permitte a rapida passagem ao quadrado, tinha já sido adoptada por varios chefes de valor, nomeadamente os generaes Gallièni, Frey e Wilson no Soudan.

Sendo o terreno muito cortado, pertencerão á cavallaria o serviço de apoiar e vigiar os auxiliares, podendo mesmo avançar mais do que estes na sua missão de exploração, e o de estabelecer a continua ligação d'elles com a columna.

EXPLORAÇÃO A DISTANCIA. — Apezar da sua incontestavel utilidade, nem sempre é possivel formal-a, em virtude da natureza do terreno, da difficuldade da orientação, da falta de cavallaria ou de forças aptas para esse serviço ou por outra qualquer razão. Seja como fôr, eis o que Von Wissmann recommenda, podendo-se adoptar qualquer dos dois *dispositivos por elle propostos:*

1.° Serviço de segurança na frente constituido por auxiliares armados ligeiramente e fraccionados em grupos de 10 ou 20, marchando a uma hora ou mais adiante da columna e formando como que uma especie de cavallaria em exploração. Ministrar-se-lhes-hão instrucções sobre o itinerario, horas e logares approximados destinados aos grandes altos e recommendar-se-lhes-ha que, em caso de ataque por inimigo superior em numero, retirem pouco e pouco, unindo-se os differentes grupos, resistindo sempre, dando tempo á columna de tomar posição e formar para combate.

2.° Entregar este serviço ás tribus alliadas, dando-se-lhes toda a latitude e retirando tambem nas condições apontadas.

Qualquer d'estes processos será util em muitos casos e principalmente tendo-se como alliados povos aguerridos e relativamente disciplinados. Têm porém o inconveniente de os auxiliares na retirada impedirem os fogos da columna, tomando-lhe o campo de tiro. Na campanha do Barué dispunha a columna d'uma grande massa de auxiliares aguerridos que envolviam a columna completamente na frente e flancos. Mas no combate de Missongue, os auxiliares na face direita, surprehendidos pelo fogo do adversario, desordenaram-se cahindo sobre o quadrado e impedindo o fogo d'aquella face durante algum tempo. Este serviço deverá estar sempre em ligação com a columna por meio de cavalleiros ou outros auxiliares.

Os belgas na sua *Art Militaire au Congo* recommendam

que, dispondo-se de auxiliares de confiança, se formem *grupos francos* que se enviam a grande distancia, juntando-lhes dois ou tres homens seguros para a transmissão de informações.

Estes grupos baterão o terreno a seguir, revistarão as povoações proximas, apoderar-se-hão dos meios de passagem nos cursos d'agua, procurando farejar as emboscadas ou surprezas, fazer aprovisionamentos, effectuar prisioneiros, notar a natureza do terreno, etc. Cada grupo, cuja força depende da resistencia que poderá encontrar, será constituida por alguns auxiliares com distinctivos visiveis a distancia. Em caso de resistencia séria ou de encontro com o inimigo, retirarão sobre a columna, prevenindo-a a tempo, e desembaraçando-lhe o lado do ataque para não lhe paralysar os fogos.

Emquanto está a distancia tal do inimigo que o contacto immediato não é para temer, a cavallaria, havendo-a, effectua o serviço de exploração na frente e flancos a uma distancia variavel com a natureza do terreno e espessura do matto; logo, porém, que a proximidade do inimigo é muito grande, faz-se recolher a cavallaria e o grosso dos serviços de exploração, mantendo-se, todavia, no exterior as tropas de reconhecimento e observação necessarias para determinar a posição, forças, formação do inimigo... Isto tem por fim evitar que, n'uma subita investida d'este, os fogos da columna fiquem paralysados perante a retirada desordenada dos exploradores sobre ella, o que tem succedido muitas vezes, chegando a comprometter a sorte do combate, citando-se o caso de n'uma das expedições coloniaes inglezas (Soudan) o inimigo chegar a 25 m. d'um quadrado que não podia abrir fogo para não ferir os seus proprios exploradores, que vinham retirando.

Este serviço de exploração precederá e pode proteger mesmo o partido de trabalhadores destinado á abertura de caminhos, pois nas marchas em paiz coberto é necessario, quando se não receia um ataque immediato, fazer preceder a columna de um troço de trabalhadores negros escoltados que vão preparando o caminho a trilhar por ella, afim de

que a marcha não seja demorada. Assim, se a columna quer levantar o campo ás 6 ou 7 da manhã, o troço de trabalhadores começa a desbastar o caminho á frente, cerca das 5 horas ou antes, se fôr possivel. Depois d'um grande alto proceder-se-ha do mesmo modo. E isto assim, quando o effectivo das columnas e a proximidade do inimigo não permittirem que o desbastaménto dos caminhos se vá operando a muitas horas e até a muitos dias do corpo principal, como succede nas grandes expedições e nos terrenos não calcados por adversarios.

Eis o modo como deve marchar a escolta dos trabalhadores em terreno muito coberto: na frente parte d'ella em serviço de segurança, o commandante e um pequeno troço de trabalhadores que abrirá rapidamente uma vereda que facilite um pouco a marcha da escolta, a qual deve seguir a 100 ou 200 metros, precedendo o grosso dos trabalhadores que alargarão a vereda vigiados por graduados e por alguns soldados, e mantendo-se o conveniente serviço de segurança nos flancos e retaguarda.

Nas operações dirigidas pelo saudoso major Mousinho d'Albuquerque a protecção aos trabalhadores era feita por auxiliares, cavallaria ou infanteria regular estabelecida em atiradores 20 ou 30 metros á frente dos gastadores. Quando o matto era mais cerrado e que o trabalho dos gastadores havia de ser demorado, faziam-se sahir estes do bivaque com 2 ou 3 horas de avanço, conservando-se este piquete sempre em communicação com a columna por meio de cavallaria.

Na campanha do Dahomey em que a marcha se fazia geralmente em terreno cerrado, eis como se procedia:

A estrada era traçada á bussola; na frente um official d'engenharia e dois sapadores balisavam o percurso segundo aquella direcção; um troço d'homens ia depois abrindo uma pequena vereda que o grosso dos trabalhadores, precedido pela escolta, rasgava até 3^m de largura. Faziam-se assim diariamente 3 a 5 k.

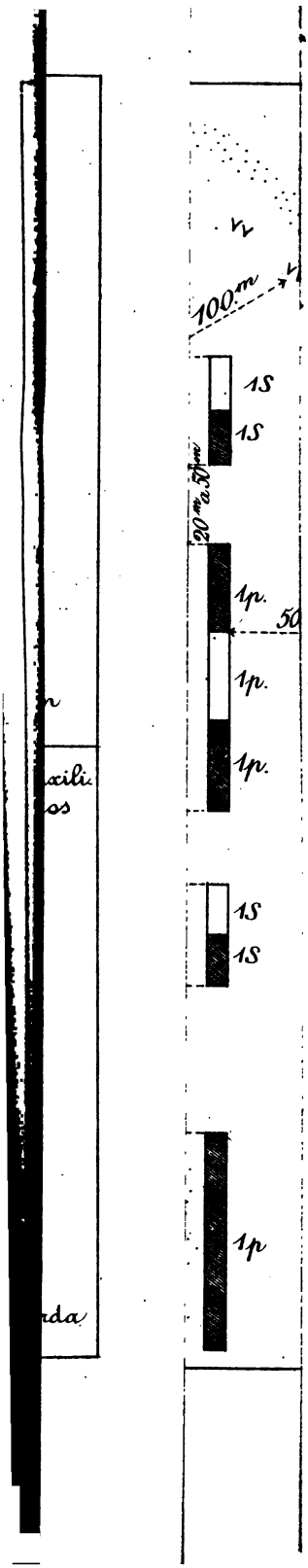
Não confiar demasiado na exploração pelo negro; este tem realmente mais facilidade em atravessar rapidamente

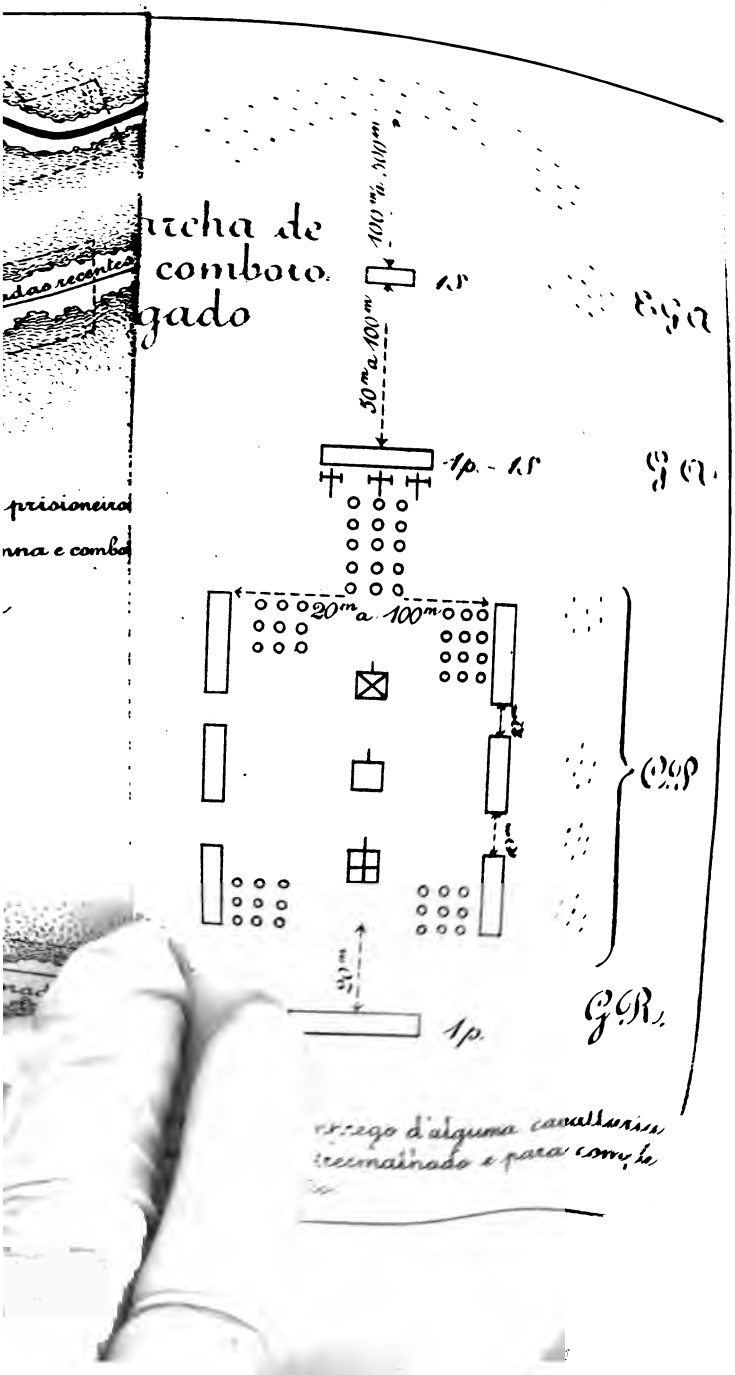
grandes extensões de terreno coberto, em observar efficazmente, principalmente de noite, e em *farejar* a emboscada. E', porém, ás vezes, descuidado, medroso e pode comprometter a segurança da columna, se não se lhe juntarem alguns graduados e praças brancas, principalmente de cavallaria, que fiscalisem e completem o seu serviço. De resto povos ha que se não podem aproveitar n'esta missão, ou por se não confiar na sua lealdade ou por falta de aptidão ou por indisciplina. Seja como fôr, *confiar pouco no negro*.

As communicações com a retaguarda serão constantes e asseguradas o mais possivel, devendo a columna ser informada immediatamente de qualquer movimento suspeito do adversario effectuado nas regiões já transpostas. Succedeu na primeira guerra dos Ashantis que estes atacaram um posto inglez collocado 32 kilom. á retaguarda da columna; de resto é vulgar nas guerras coloniaes o inimigo praticar movimentos envolventes tão rapidos e tão subtilmente feitos, que uma tropa que não disponha de serviço de segurança a distancia, só dá por elles, quando o contacto está já estabelecido e quando já se vê tambem a contas com um ataque envolvente.

Serviço de segurança proximo. — Este serviço completa ou, na sua falta, substitue a exploração a distancia.

E' desempenhado por grupos de exploradores, geralmente auxiliares que convém apoiar e vigiar por meio de cavallaria ou de praças europeas escolhidas, que criem em torno do corpo principal *uma atmosphera de segurança* que não deixe passar despercebido nenhum movimento de terreno e dê noticia do facto mais insignificante, de qualquer arruido estranho na espessura no matto, fumo, etc. Marchará a uma distancia tal que, não perdendo o contacto com o corpo principal, o possa tambem prevenir a tempo de retomar a posição conveniente no local mais apropriado para receber ou bater o adversario. A distancia d'este serviço póde ser de 50 a 500 e mais metros conforme a natureza do terreno, a tactica do adversario e as qualidades dos auxiliares. Na falta de exploração a distancia convirá organisar uma guarda avançada que, precedendo de perto a columna, possa


100.m
1S
1S
20 m. 50 m
1p.
50
1p.
1p.
1S
1S
1p
xili
os
da



...rego d'alguma cavallaria
...recmalhado e para comple...

columna dupla, artilharia e bagagens ao meio, as guardas avançada e da retaguarda seguindo de costado ou em formação propria para dispôr rapidamente o quadrado. Vêde as figuras atraz apresentadas que darão uma ideia precisa das formações a adoptar.

Os francezes e inglezes n'algumas expedições coloniaes têm muitas vezes adoptado formações de marcha á europea com uma guarda avançada, flanqueadores e guarda da retaguarda, seguindo em condições identicas ás da Europa. Lembramos, porém, ao leitor que n'isso fizer reparo que a tactica em taes expedições precisava cingir-se ao modo de combater dos seus adversarios os quaes n'esses casos usavam de uma tactica mais aperfeiçoada que, em geral, a dos povos das nossas possessões.

De resto, habitantes ha no nosso ultramar, cujo modo de combater se limita a um tiroteio de atiradores dispersos na espessura do matto, incommodando constantemente as columnas e não se apresentando nunca em massa, nem recorrendo ao choque para as esmagar. Ahi as formações de marcha a empregar differem pouco do typo normal a que nos vimos referindo.

O trem de combate e a ambulancia devem geralmente marchar com o corpo principal. A artilharia segue entre as duas columnas, o mais possivel proximo das suas posições de combate que são as faces e os salientes mais ameaçados do quadrado.

A engenharia adopta a columna de secções proximo da frente das columnas, prompta a ir remover qualquer obstaculo, isto quando não seguir com a exploração a distancia, o que, geralmente, será necessario. A cavallaria effectua o serviço de segurança na frente e flancos e transmitte ordens e informações; a cavallaria não utilisavel segue do lado opposto ao do vento ou na retaguarda a 100 metros.

Os auxiliares não empregados no serviço d'exploração poderão marchar a distancia, no lado menos exposto a um ataque ou na retaguarda. O Snr. General Galhardo n'um reconhecimento á *langua* de Chahita com parte da columna Norte da Expedição de 1895 ordenou que os auxiliares se-

guissem na retaguarda da columna a 300 metros, sendo o serviço d'exploração desempenhado por cypaes (policias indigenas) do commando de Inharrime.

Não havendo animaes de carga, serão a artilheria e as munições transportadas por carregadores organisados e instruidos convenientemente e marchando no logar da columna mais adequado para o seu prompto emprego. Cada carregador deve saber o logar que lhe cabe em caso de ataque subito, marchando primeiro o canhão, depois o reparo, em seguida as munições necessarias para os primeiros tiros. A reserva de munições marchará á retaguarda em logar apropriado. Quanto mais coberto fôr o terreno menor numero de peças precisa ser transportado na vanguarda.

Comboio.—Vimos já nos figurados anteriores qual é a formação dos comboios e a disposição das escoltas. Quando o comboio é muito grande, o que se succede nos paizes de poucos recursos ou em que se não pode appellar para o fornecimento pelos indigenas ou em que não ha postos d'etapes approximados, torna-se necessario vigiar e proteger os animaes de carga, para evitar que se tresmalhem, pereçam ou sejam roubados, isto tanto em marcha como nas pastagens. Se os animaes são muitos, dividem-se em grupos de 30 ou 40, confiados a conductores e separados entre si 40 a 50^{m}, distribuindo-se as cargas de natureza identica a um mesmo grupo ou a grupos contiguos. Se o terreno é coberto, toda a marcha em uma columna ou em muitas será protegida na frente e flancos por infanteria. Se o terreno é descoberto, os grupos marcham em massa, cobrindo-se pelo modo indicado na figura 10.ª.

Se o coberto do terreno impede uma formação com grande frente, passar-se-ha á columna e então os differentes elementos do comboio guardarão approximadamente por esta ordem o seguinte dispositivo=Reservas de munições, cofres, viveres, gado para abater.

E' necessario dividir o comboio em secções bem definidas. Como exemplo citaremos o n.º 5 da ordem de marcha n.º 10 sobre Manjacaze (columna norte da expedição de Lourenço Marques, 1895).

=«O comboio segue a 150 ou 200^{m} da cauda da columna, habitualmente formado a 2 carros de frente, com quatro metros de distancia entre cada 2 carros e dividido em secções na seguinte disposição:

1.ª secção: 4 carros de ambulancia e transportes de doentes.

2.ª secção: columna de munições; 5 carros e 1 carro de bagagens da artilharia.

3.ª secção: parque de engenharia, bagagens e cantinas do commando da columna e do batalhão; 4 carros.

4.ª secção: bagagens e cantinas de infanteria e cavallaria e capotes de infanteria; 8 carros.

5.ª secção: viveres; 9 carros.

6.ª secção: forragens; 8 carros.

a) O comboio não leva escolta especial; todos os carreiros e macambuzes (sota-carreiros negros) vão armados.

b) Nas languas o comboio formará a 4, e em terreno difficil a 1».=

Caso se fraccione a columna em diversos grupos, actuando separadamente, a cada um d'estes se affectará um comboio completo. Evitar os alongamentos, marchando com a maior frente possivel. Não consentir que os homens montem os animaes ou os sobrecarreguem com os seus artigos.

Quando o comboio marche afastado, é necessario dispôr de alguns cavalleiros para auxiliar a escolta, assim como d'um troço de trabalhadores com ferramentas para destruir os obstaculos insuperaveis para o gado ou para as viaturas. A guarda do comboio deve ser uma unidade constituida e bem enquadrada: um pelotão, uma companhia. Adopta-se um dispositivo de marcha que facilite a formação do *laager*, em caso de ataque.

Os carregadores, conductores de gado, etc., devem ser distribuidos em esquadras de 25 a 30, conservando as suas armas d'uso, á excepção de alguns homens escolhidos, de confiança, a quem se distribuirão armas modernas, rewolveres ou carabinas.

Na proximidade do inimigo convém que o comboio marche o mais concentrado que possa e, em caso de ataque,

poupar-se-hão o mais possivel os conductores, o gado, os carregadores. Succede, porém, algumas vezes (Kambula-Zululandia—1879, por ex.) o inimigo praticar um movimento envolvente tão completo que cahe sobre o *laager* do gado, tomando-o, massacrando os animaes e os defensores. Este dispositivo, portanto, embora tenha grande vantagem, deve ser adoptado muito prudentemente e somente quando se possa dispôr de posições favoraveis na retaguarda e nos flancos, emfim com as maiores garantias de segurança para o *laager*.

Se os animaes se detiverem para apanhar algum pedacito de alimento que encontrem, convirá não os impedir, contanto que se não retarde a columna. Para isso e para reunir os retardados por outros motivos convém dar altos convenientemente espaçados. Deve attender-se a que, em caso de combate subito, as reservas de munições estejam á mão promptas a serem distribuidas n'um momento. O transporte d'ellas por meio de animaes espantadiços tem posto por vezes algumas columnas em difficuldades graves por não ser facil descarregar o gado que as transportava e que com o ruido da lucta se espantava e tresmalhava.

As munições não devem escassear nunca e serão conduzidas em caixas que se abram rapidamente e acondicionadas de modo que a sua distribuição (feita por não combatentes) se effectue n'um momento.

Marcha de grandes columnas e comboios.—Formação de columnas ligeiras.—As columnas pódem mesmo fraccionar-se em outras secundarias que marcharão com os seus serviços independentes e isto faz-se para tornar a marcha menos pesada e vagarosa ou para atravessar um terreno muito montanhoso e cortado ou quando convenha explorar os recursos locaes n'uma maior zona. Entre estas columnas, que pódem marchar parallelamente ou atraz umas das outras com um, dois ou mais dias de intervallo e que se prestarão mutuo auxilio, estabelecer-se-hão communicações por meio de patrulhas de cavallaria ou por signaes ou por outro qualquer modo.

Atravessando-se uma região coberta de vegetação e pouco praticavel, é judiciosa a divisão d'um grande corpo expedicionario seguido de numerosa *impedimenta* em dois ou mais escalões, o primeiro dos quaes se deverá aligeirar o mais possivel, para lhe permittir fazer grandes marchas e assegurar a posse de boas posições que garantam a segurança da marcha dos comboios, a abertura dos caminhos, etc. Eis o que dizia Duchesne na expedição de Madagascar:

— «No estado actual do paiz (coberto, pouco praticavel, de trilho penoso) a marcha da frente só póde effectuar-se com rapidez e segurança, fazendo seguir na vanguarda um primeiro escalão aligeirado, com comboio reduzido, constituido por animaes de carga para não poder ser detido por nenhum obstaculo natural. Este escalão actuará rapida e ousadamente, evitando, quanto possivel, prender-se com grandes obstaculos ou demorar-se deante d'elles, antes preferindo torneal-os. Logo que o movimento offensivo se torne impossivel, escolher-se-ha posição defensiva com agua proxima, onde se estacionará em segurança, esperando novos reforços fornecidos pelo escalão immediato para poder proseguir a marcha de frente. Um só dever se terá presente: *não recuar nunca*, «pois que o maior perigo com adversarios como os Malgaches começa apenas no momento da retirada.»—

Attendendo a estes principios, Duchesne formou dous escalões (brigadas), um dos quaes constituia a vanguarda aligeirada, como se disse, e o outro escoltava o comboio, alternando ambos n'esta missão, ora formando vanguarda, ora guarnecendo o comboio.

Mais tarde a vanguarda aligeirada, com um comboio só de animaes de carga e carregadores (1:500) formada com todos os elementos validos da columna, precipitou-se sobre a capital em marchas prolongadas sem abrir estradas, escaramuçando e combatendo a cada momento e dividindo-se, pela sua parte, em varios escalões o que lhe era imposto pela enorme cauda do comboio que, marchando unido, não permittia uma guarda efficáz e impediria que as tropas da

cauda podessem repousar o sufficiente, por chegarem tarde ao acampamento.

Estes escalões eram assim constituidos:

1.°—*vanguarda* (escalão principal de combate aligeirado, transportando apenas 5 ou 6 dias de viveres): 2 batalhões, 1 pelotão de cavallaria, 8 canhões, 2 companhias de engenharia, uma secção de ambulancia.

2.°—*grosso da columna*, a um dia de marcha do precedente e destinado a proteger o comboio principal (15 dias de viveres e munições): 3 batalhões, 1 pelotão de cavallaria, 4 canhões, 1 secção d'ambulancia.

3.°—*reserva ou guarda da retaguarda* a 2 dias de marcha do grosso: 2 batalhões e o seu comboio particular.

As companhias de engenharia iam na frente, alternadamente, protegidas por exploradores e patrulhas, afim de roçarem o terreno o sufficientemente para o tornar accessivel aos animaes de carga, e de desbastar ligeiramente e melhorar as passagens mais difficeis.

Mas não precisamos de ir buscar o exemplo de estranhos.

A ordem de marcha sobre Manjacaze (operações de Lourenço Marques 1895 — columna Norte) dada na vespera do combate de Coollela dizia assim: = « Sendo contradictorias as noticias ácerca da disposição das forças do Gungunhana e podendo suppor-se que elle tentará a mais energica defeza do seu Kraal de Manjacaze e talvez tomar o passo á columna no vau do Manguanhana, cuja passagem nos será tanto mais facil de realisar quanto menor fôr o impedimento e, portanto a nossa mobilidade, determino:

1.°—O comboio formado em *parque*, reunidos ao centro, cubo a cubo os carros, ficará no sitio em que se acha, onde a columna passará a noite.

7.°—A sebe de fio de arame só será levantada quando o comboio partir».

Na campanha dos Namarraes na marcha para Naguêma, o major Mousinho d'Albuquerque, para a tornar menos morosa, resolveu aligeirar a columna, seguindo sem carros

e com um dia de viveres a dorso. O comboio formava *laager* no sitio occupado por ella. Parte da marinha e da infanteria 4 seguia, ficando outra parte no *laager*. A cavallaria marchava com as praças montadas, ficando as outras no *laager*. A artilharia seguia toda com as munições a dorso, excepto uma Gruzon. Um facultativo ficava no *laager* com o carro da ambulancia, seguindo todas as macas e mochilas de viveres. A 1.ª companhia de guerra marchavà toda. A's 6 da manhã sahiam a desbastar ligeiramente o matto os trabalhadores e auxiliares, alguma marinha e cypaes; 2 horas depois seguia a columna com os viveres e munições em 8 muares.

Portanto, *nas marchas na proximidade do inimigo, em que um ataque é considerado imminente, deixar-se-ha toda a impedimenta sob uma das escoltas, com os doentes, estropiados, prisioneiros, serviço de saude, etc., e forma-se uma columna de combate aligeirada quanto possivel, que seguirá com os dispositivos de segurança já indicados a tomar o contacto com o adversario.*

Além d'isso, sempre que se trate de augmentar a rapidez da acção militar, de effectuar uma perseguição, de praticar um golpe de mão, será ainda forçoso recorrer a uma columna ligeira que transporte comsigo os viveres e bagagens indispensaveis para a duração das operações que se pretendem realisar. O comboio ficará á retaguarda em posição favoravel, formando reducto com as bagagens sob a protecção d'uma força de confiança a que se juntarão os doentes e estropiados; os homens transportarão sobre si apenas a espingarda, munições, viveres de conserva (rações de poupança ou de resistencia) uma manta ou capote e o impermeavel. As columnas ligeiras convém que disponham do maximo de cavallaria ou, melhor, de infanteria montada, quando não possam ser exclusivamente constituidas por esta.

Tem-se lançado muitas vezes mão da infanteria montada, improvisando-a até com animaes de carga aproveitaveis, muares... Póde mesmo appellar-se para a formação d'um corpo cujo effectivo em solipedes seja $^1/_2$, $^1/_3$, $^1/_4$ do de hc-

mens, afim de descançar estes, pois as tropas manter-se-hão alternadamente montadas e a pé, permittindo-se-lhes assim descançar das fadigas do p>rcurso. Se a proporção de muares fôr grande, maior será a velocidade das marchas e maiores as etapes realisaveis. (*Vide infanteria montada*).

Marchas de noite. — A marcha de noite é de emprego absolutamente excepcional.

E' na opinião de muitas authoridades uma operação difficil, perigosa e anti-hygienica. Em caso de grandes calores, tolera-se apenas quando tenha o caracter de marcha itineraria em terreno pouco suspeito, pois na proximidade do inimigo é absolutamente preferivel marchar de manhã, desde a madrugada ás 10 ou 11 horas. Como diz Peroz, os homens não se encontram dispostos para resistirem aos ardores do sol tropical, a não ser com a condição de terem gozado d'uma noite inteira de repouso e, de resto, toda a marcha nocturna produz um recrudescimento de accessos febris.

Os panicos de noite são muito frequentes e pode acontecer até que as praças se fuzilem mutuamente.

Os inglezes no Sudan (1884-85) marchavam de noite de preferencia, attendendo-se, comtudo, a que assim podiam proceder por não serem pantanosas as regiões atravessadas e marcharem em terreno descoberto (areaes e culturas).

As marchas de noite são, de resto, muito fatigantes. Se ellas são feitas para evitar o calôr de dia, será um erro, pois que o repouso diurno interrompido a cada momento e incompleto não refará as tropas da vigilia e da fadiga da noite. Quando, porém, ellas se imponham para surprehender o inimigo ou para atravessar grandes regiões descobertas e aridas, observar-se-hão os seguintes principios:

Marchar em quadrado bem unido sem vanguarda, nem flanqueadores, nem patrulhas de exploração e de communicação. Os quadrados seguirão no flanco das suas fracções, vigiando-as continuamente e impedindo as soluções de continuidade. A cavallaria, havendo-a, marchará d'um e outro lado da columna, junto d'ella, para ligar os elementos que,

por ventura, tendam a dispersar-se. Como n'estas marchas se trata geralmente d'uma operação de surpreza ou d'um golpe de mão a effectuar, prescrever-se-ha o silencio, prohibindo accender luzes, fumar, fallar em voz alta, adoptando-se, de resto, todas as precauções para que este seja completamente mantido. Fazer altos amiudados e curtos, verificando-se a cada momento a cohesão dos elementos da columna. Os chefes terão o cuidado de manter o ouvido attento ao menor ruido ou movimento suspeito que se produza em volta da columna.

Os homens seguirão com as armas descarregadas, prohibindo-se-lhes absolutamente que as carreguem, a não ser por ordem superior, ainda mesmo em caso de ataque subito.

Em caso de aggressão, voltar a frente para o exterior, fazer alto e ajoelhar, guardando o maior silencio, prestando toda a attenção ás vozes ou signaes dos chefes.

Dispondo-se de auxiliares, um dispositivo de marcha nocturno que se póde adoptar é o *quadrado duplo*, cujo quadrado interno é formado nas condições normaes, marchando em ordem unida, e o externo é constituido pelos auxiliares em pequeno numero marchando junto d'este e parallelamente a elle, effectuando assim o serviço de segurança. Em caso de alarme, o quadrado interno volve a frente para o exterior e ajoelha, cerrando o mais possivel e os auxiliares deitam-se na frente, fazendo-os conservar immoveis. Este dispositivo de marcha com os auxiliares no exterior tem o inconveniente de produzir a desordem entre elles nos primeiros momentos e de suspender mesmo durante um certo tempo o emprego dos fogos do quadrado interior; tem, porém, a vantagem de aproveitar as qualidades de vista penetrante e de habito á observação do matto durante as trevas de que o negro dispõe em grau muito superior ao branco. Com auxiliares aguerridos, educados na sua missão, e em pequeno numero o primeiro inconveniente não será muito para temer. De resto, conduzir os auxiliares no interior do quadrado tinha tambem os seus inconvenientes; todavia, casos haverá em que os auxiliares não sejam de confiança e

em que melhor será conduzir o grosso d'elles no lado menos exposto em condições que não possam estorvar a liberdade de acção das tropas regulares, mantendo-se apenas alguns poucos nas outras faces para exercerem a vigilancia. Não esquecerá que nas marchas nocturnas tem uma judiciosa applicação o aphorismo de Mousinho d'Albuquerque: «Os auxiliares só são uteis em pequeno numero, pois só assim é facil a sua direcção e emprego no combate.»

Para completar diremos que as marchas de noite devem ser mais curtas que de dia, convindo dar um dia de repouso apoz a marcha nocturna. De resto deverá ser banido tudo o que sobrecarregar os homens, o que tornar pesado e embaraçante o movimento das columnas, fazendo-as constituir por pouca gente, mas boa, e pelo comboio minimo, se este se não poder dispensar absolutamente. Em caso de ataque os carregadores, os auxiliares medrosos, os animaes, etc., serão impecilhos e elementos de confusão e de desordem que muito convirá reduzir ou supprimir.

Duração das marchas. Altos.—Dizem os Snrs. General Galhardo, Major Eduardo Costa, etc. que a marcha deve ser feita d'uma só vez, começando ao romper do sol (5 ou 6 horas) e continuando até ás 11 ou 12, hora a que se deve acampar, fortificar a posição e dispor as coisas para passar a noite; combatem a pratica dos grandes altos durante as horas do maior calor, porque o aquecimento do solo, o trabalho da digestão, a inclinação dos raios solares augmentam a fadiga e, de resto, chega-se tarde ao logar de estacionamento, não chegando o resto do dia para os trabalhos de fortificação e de acampamento indispensaveis.

Diz Peroz no seu livro—*La tactique au Soudan.*=

«Está provado que um homem que repousou completamente durante a noite pode supportar impunemente uma marcha prolongada ao sol até ao meio dia, com a condição de se ter posto a caminho depois de romper o dia e de ter tomado previamente algum alimento quente.

O individuo como que se vae acostumando ao ardor do sol, e das 11 horas ao meio dia a temperatura é-lhe menos

penosa que ás 3 ou 4 da tarde, quando o solo está sobre-aquecido e os raios do sol, obliquos batem sobre o rosto, e em que se deixa o abrigo mais ou menos assombrado no qual se bivacou durante as horas do calor. Não se esquecerá que o soldado não repousa realmente senão nas ultimas horas da manhã. Até ás 11 horas não dorme com o calor, com os mosquitos e com o ruido do campo, mormente quando ha n'elle indigenas». O mesmo auctor aconselha, portanto, a seguinte distribuição do tempo em marcha: alvorada ás 5; marcha das 5 $^1/_2$ ou 6 horas até ás 10 ou 11 conforme os casos. Isto mesmo tivemos occasião de verificar por varias vezes ser o mais judicioso. A's tres horas da tarde o terreno apresenta o maior grau de sobre-aquecimento. A marcha é penosissima a pé, a cavallo ou de machila.

Depois das 3 horas pouco tempo se poderá aproveitar, com grande sacrificio dos homens, pois é de regra chegar ao logar do bivaque 2 horas antes de anoitecer para preparar o campo, tomar disposições defensivas, procurar agua, lenha, etc.

Antes de partir tomar café quente com pão ou biscoito addicionado ou não do sal de quinina, conforme as prescripções da hygiene ordenarem, providenciando-se de modo que cada um leve a sua ração fria e o cantil cheio de agua beneficiada com café ou chá, não fazendo esperar os homens antes de começar a marcha. A duração da etape de infanteria não deverá, em regra, exceder 15 a 20 kilometros, á razão de 3 a 5 k. por hora, não convindo que nos primeiros dias exceda 15 kilomentros, havendo mesmo casos, quando o matto é denso, quando o terreno é muito accidentado, etc. em que aquella media nem será attingida, sob perigo de fatigar demasiado os homens, inutilisando-os para as marchas seguintes ou para resistirem a um ataque subito.

Sendo a columna constituida por tropas indigenas e seguindo os europeos montados, em terreno facil pode-se considerar uma boa media a etape de 25 a 30 k. Com 40 soldados da 7.ª companhia de guerra (Inhambane) em ordem de marcha e 50 carregadores fizemos uma marcha forçada sobre o commando de Zavalla em que se tinha declarado

uma revolta, sendo o percurso effectivo no 2.º dia 45 kilometros e no 3.º 40, mas chegando algumas praças estropiadas por falta de treinagem e pelo seu pessimo recrutamento, pois a maior parte tinham sido apanhadas a cordel nas povoações europeas da Zambezia e de Moçambique. Comtudo no fim de um ou dois mezes de treinagem poderão obter-se marchas forçadas de 50 e mais kilometros em 24 horas durante dois ou tres dias seguidos, mas ter-se-ha sempre em vista não exhaurir as forças dos homens a ponto de elles no momento da lucta não disporem da energia physica e da serenidade indispensaveis.

Far-se-ha um primeiro alto a 500^{m} do bivaque para permittir aos homens satisfazerem necessidades que sobrevêm á ultima hora. Os altos horarios poderão ser supprimidos, se os homens marcharem convenientemente unidos.

Nos logares accidentados ou difficeis os altos serão frequentes, e então todos ficam no seu logar; de resto serão preferiveis altos de 15′ de 2 em 2 horas, ou mesmo espaçados irregularmente, aproveitando-se um logar arborisado com agua, etc. Parte da cavallaria n'essa occasião apeiará e reforçará, podendo ser, com as forragens aproveitaveis a ração dos animaes, encherá os cantis, etc. Não esquecer de aproveitar o momento do grande alto para dar ao gado um pouco de grão.

Perto do inimigo, a frequencia dos altos obedece á necessidade de conservar a columna sempre cerrada não deixando sahir senão um por um dos seus logares. Aproveitar essas occasiões para examinar se os arreios do gado estão devidamente collocados, de modo a não fazerem *assentaduras*, etc., mesmo alargando-se um tanto as correias durante alguns minutos para dar mais desafogo aos animaes.

Caso a marcha por qualquer circunstancia seja feita em dois lanços, um de manhã e outro de tarde, forçoso será passar as horas mais quentes do dia em logar assombrado, provido d'agua e em boas condições tacticas. N'esse caso o grande alto durará das 10 ou 11 da manhã ás 3 da tarde, adoptando-se o serviço de segurança em estação, como adiante vae indicado para o bivaque. Então os homens to-

marão o rancho frio que levarem comsigo ou uma refeição rapidamente manipulada, e descançarão a sesta, conforme se indicou na *Hygiene em marcha* (Volume 1.º d'este *Manual*). O gado será descarregado e distribuir-se-ha a este uma ração, aproveitando-se as forragens que haja no campo.

Quando a etape se faça toda antes do meio-dia, effectuar-se-ha um grande alto de 1 hora a meia marcha feita, tomando então a columna o dispositivo de combate, todas as fracções nos seus logares marcados pela formação de marcha. Não deixar logo os homens ir beber da agua que por ventura corra proximo, fazendo-a analysar primeiramente, beneficiando-a, sendo necessario, e distribuindo-a depois. Se a agua fôr boa, permitte-se aos homens que por fracções vão encher os cantis, não lhes consentindo que a bebam sem descansarem e arrefecerem um pouco.

Precauções geraes a adoptar nas marchas.—Não se começará nunca uma marcha em jejum, fazendo distribuir café quente, pão ou biscoito e a quinina (quando a insalubridade do paiz o exija). Não convem demorar as tropas debaixo de fórma antes de partir.

As primeiras marchas deverão ser curtas para ir treinando os homens e não os fatigar logo desde o principio. Fixar as horas de marcha de modo que o começo de cada etape seja ao romper do dia e o final 2 horas antes de escurecer. Antes da partida dar tempo aos homens para comporem o equipamento e arranjarem o vestuario e o calçado. Estender a frente de marcha o mais possivel, as fileiras bem espaçadas (se o afastamento do inimigo o permittir). Alternar os homens da retaguarda com os da frente para fazer experimentar a todos o melhor desafogo da marcha na vanguarda. Um official deverá seguir na cauda de cada unidade para reanimar os retardados por meio de palavras ou com o liquido reconfortante do seu frasco. Vigiar que os homens conservem as rações de reserva, que encham o frasco sempre que possa ser, filtrando ou beneficiando a agua que beberem.

Dizem os inglezes que o melhor meio de tirar partido

d'um animal exhausto é fazel-o trabalhar e que, portanto, quando n'uma marcha ha pressa e os homens estão fatigados, o que melhor ha a fazer é dar-lhes descansos curtissimos e pouco frequentes, para os não deixar arrefecer. Por outro lado, quando se vae estar a contas com o inimigo, será bom attender a que valerá talvez mais a demora d'um dia e ter os homens refeitos pelo descanso prolongado de muitas horas e aptos para se baterem com um adversario numeroso e agil, de que não os deixar descansar para obter uma vantagem, ás vezes problematica, sobre o adversario e vel-os depois exhaustos, cansados, não poderem fixar as pontarias, nem manter a serenidade, n'um estado de nervosismo provocado pela vigilia prolongada e pela fadiga, e não poderem aguentar com firmeza uma lucta demorada e que pode chegar ao corpo a corpo e, portanto, á destruição da columna.

E' conveniente (quando não haja estreita necessidade de conservar silencio) permittir e incitar mesmo os homens a cantar, sendo até util os chefes comporem canticos de guerra para ensaiar e que se cantarão nas marchas em côro altisonante, alegre e enthusiasta. Isto faz esquecer aos homens o soffrimento e a monotonia da marcha, exacerbalhes o espirito guerreiro e arrasta mais facilmente os auxiliares.

Acostumar os soldados a beber pouco durante a marcha. Antes de beber, descansar, lavar a bocca e beber pouco a pouco. Preferir o café sem assucar e bastante cortado d'agua.

Henrique de Carvalho e outros recommendam para illudir a sêde, metter na bocca um seixo, folhas d'hervas inoffensivas, um caroço de fructo, etc. Fazer alto proximo das correntes d'agua boa; se os infantes extenuados não poderem ir até lá, manda-se a cavallaria buscar provisão d'ella, devendo ser inspeccionada e beneficiada antes de distribuida. Vide o 1.º volume d'este *Manual*, pag. 37.

Os homens devem contentar-se com a agua contida no seu cantil, bebendo pouca e por pequenas goladas de cada vez. Não esquecer que quanta mais agua se beber, mais sêde se sentirá.

O regulamento francez para o *serviço da artilharia de campanha nas colonias* recommenda fazer por unidade infusões leves de chá ou café, ou na sua falta, de folhas de laranja, limoeiro, etc., para serem postas á disposição das praças durante o estacionamento ou no grande alto, enchendo-se os cantis antes da marcha.

Repousar antes de beber; se a agua é pantanosa ou suspeita, bochechar apenas com ella e deital-a fóra. Fazendo-se o transporte dos aprovisionamentos, munições, etc., a dorso, convirá nas descidas muito inclinadas, ligar uma corda á parte posterior do albardão, cangalhas ou outro systema de transporte, corda que o conductor, seguindo atraz do animal, segurará nas mãos para aguentar o peso da carga, amortecendo a violencia das quedas ou evitando que o animal role pela encosta.

Emquanto o sol se não mostrar ardente, marchar sem cobre-nucas e pol-o logo que comece a aquecer.

Examinar uma vez ou outra os bornaes e cantis, a fim de ver se os homens conservam as suas rações.

Nas marchas pelos bosques os homens de communicação da vanguarda darão golpes nas arvores afim de indicarem o percurso aos que se lhe seguem.

As patrulhas de exploração adoptarão um systema de signaes pelos quaes o chefe da columna seja promptamente instruido de qualquer acontecimento na frente ou nos flancos: inimigo á vista, muito ou pouco numeroso, avança, retira ou estaciona, á direita, á esquerda, em massa, etc., sendo os pormenores fornecidos pelas patrulhas de communicação.

Os signaes com os indigenas são simples e precisarão a direcção em que elles descobrem inimigos, numero d'elles, distancia a que se encontram e formação em que vêm.

Com relação aos prisioneiros, deve-se tomar com elles todo o cuidado, pois é notavel a tenacidade, manha e paciencia de que dispõem para escaparem aos guardas. Aconselha-se dividil-os em pequenos grupos de compleições differentes, ligados uns aos outros e com um ou dois guardas especiaes que responderão por elles.

N'uma columna convém que haja um ou mais officiaes encarregados do esboço topographico da região atravessada ou pelo menos do itinerario seguido. Segundo Massy, este official deve marchar com a ultima fracção da columna, porque, não podendo quasi nunca ver a continuação do caminho que o matto occultará, poderá seguir com a vista a direcção em que a columna marche.

Para transpor um desfiladeiro, manda-se adiante o serviço de exploração verificar se a marcha se pode fazer sem perigo e depois, occupadas as eminencias a cavalleiro sobre o caminho, faz-se proseguir a marcha da columna.

Se o desfiladeiro é extenso e as cristas das eminencias são transitaveis, as forças exploradoras (auxiliares e fracções regulares) que as occupam, marcham parallelamente á columna.

No caso contrario a vanguarda d'esta vae enviando successivas fracções que occupam os pontos eminentes durante a passagem da columna, unindo-se a ella logo que tenha desfilado.

Na passagem d'uma ribeira não vadeavel, quando se disponha de barcos, faz-se primeiramente passar uma fracção armada que vá tomar posição na margem opposta a fim de cobrir e proteger a travessia.

A montante, a jusante e á retaguarda dispor-se-hão fracções com o mesmo fim; o gado passa a nado, sem os arreios, guiado apenas pelas redeas, deixando-se-lhe toda a liberdade de movimentos. Não se dispondo de embarcações e não se podendo ou não querendo construir uma ponte, podem-se improvisar jangadas ou mesmo passar uma corda d'um lado ao outro. O grau de fluctuação das jangadas pode ser augmentado por meio de barris vazios estanques ou de odres. Para a passagem do gado, quando é muito, usa-se na Australia o seguinte processo: faz-se seguir ao longo e no interior de duas barreiras extensas de madeira; as primeiras filas, assim empurradas, saltam para a agua e começam a nadar, sendo seguidas pelas restantes.

Fazendo-se a passagem dos homens por meio d'uma corda estendida d'uma margem a outra, devem-se adoptar

as seguintes precauções.—Liga-se o homem que vae fixar a outra extremidade da corda, por debaixo dos braços com um cordel, de modo que se possa puxar para terra se a corrente o levar; este homem será de preferencia um indigena e, chegado á outra margem, ata-se á extremidade do cordel a corda de passagem, que elle, puxando para si, fixará solidamente no terreno, a uma pedra, a uma arvore, etc., de modo a ficar bem esticada. O pessoal passará depois suspenso d'ella pelas mãos collocadas successivamente uma adiante da outra.

Na passagem dos vaus, fazer estudar estes e a força da corrente por bons nadadores, seguindo depois a columna, a muitos homens de frente, convindo manter a cavallaria a jusante para deter aquelles que a corrente possa arrastar. Sendo esta forte ou sendo o vau demasiadamente profundo, estender cordas d'uma margem a outra para os homens se segurarem e não serem arrastados.

Não esquecerá escolher alguns individuos robustos e bons nadadores que estejam promptos para se lançarem em soccorro dos homens ou animaes que corram o risco de se afogarem.

A passagem de desfiladeiros, pontes, vaus, etc., será feita por fracções que, sahindo do obstaculo, pararão a tal distancia d'elle que permittam a reformação de toda a columna, e tomando-se as disposições para um ataque subito, como se disse para a passagem d'um ribeiro não vadeavel.

Formação para attravessar matto cerrado.—Na frente da guarda avançada marcha um grupo de trabalhadores a abrir caminho para dar passagem a um carro de frente; do mesmo modo na frente das columnas lateraes de costado seguem outros trabalhadores, formando-se assim tres veredas parallelas, das quaes a do meio se destina aos transportes e ás fracções da testa e da retaguarda e as duas lateraes ás fracções que formam as faces flancos do quadrado. Foi esta a disposição ordenada na columna Norte da Expedição de L. Marques de 1895.

Marchas em retirada.—A retirada d'uma columna, pela critica situação que a si cria, é inadmissivel, a não ser por falta de agua, de munições, de viveres ou por se reputar impossivel ou desfavoravel a marcha na direcção tomada. E' consideravel o effeito moral que produz sobre o adversario, animando-o na lucta, creando-lhe novos alliados, tornando-o mais audaz no ataque e desmoralisando as tropas e os nossos alliados. Quando seja urgico effectual-a, é necessario dar-lhe quanto possivel o caracter d'uma marcha n'outra direcção, de modo que nem os nossos nem o adversario percebam a critica situação em que a columna se encontra, sendo por isso indispensavel o maior tacto da parte do chefe. Lembra-se que, sempre que possa ser, a retirada se faça por caminho differente do seguido até então, para occultar quanto possivel o caracter de *fugida* que o movimento toma. O momento critico, como diz Callwel, é em geral a occasião em que se inicia o movimento em retirada, porque o adversario, n'um primeiro enthusiasmo é mais ardente na perseguição, indo depois pouco e pouco perdendo do primeiro impulso pela falta de cohesão, de disciplina, etc., dos seus combatentes e por não comprehender bem a importancia d'uma perseguição tenaz.

A regra é retirar lentamente em dois *escalões*, o primeiro dos quaes, ou grosso da columna, segue bem unido em quadrado ou columna dupla com o comboio, a ambulante, etc., no interior, e os serviços de exploração e segurança em sentido diverso do indicado para a marcha de frente, e o outro, uma forte fracção constituida pelos melhores soldados commandados por chefes serenos e resolutos, forma uma *guarda da retaguarda*.

Este *escalão* seguirá do lado do inimigo, a 100, 200 ou mais metros do grosso da columna, conforme o terreno, o seu effectivo, etc., de modo que permitta uma marcha desafogada á columna, *dar-lhe ar*, e ao mesmo tempo não deixe facilmente metter o adversario de permeio entre esta e aquelle. Havendo cavallaria, convirá aproveital-a para effectuar frequentes retornos offensivos que afugentem ou pelo

menos demorem o adversario. A infanteria que constitue este escalão fará alto, meia volta e algumas descargas, sempre que o adversario a aperte de mais proximo.

A *guarda da retaguarda*, quando seja numerosa e o inimigo a hostilise de perto, poderá ainda dividir-se em dois escalões que se protegerão mutuamente n'uma retirada por lanços, dispondo-se os dois escalões a 100 ou 200^{m} um do outro, tomando um uma posição em quanto o outro retira sob a protecção dos seus fogos, etc.

Pode-se mesmo empregar o estratagema para dissimular a partida dos escalões. Assim, emquanto uma parte retira ostensivamente, a outra permanece occulta de traz do abrigo, fazendo uma descarga sobre o adversario, quando este, suppondo a posição abandonada, se lança sobre ella.

E' necessario evitar a todo o transe a confusão, a desordem nos escalões e no grosso, pois só á custa de toda a serenidade, cohesão e disciplina se poderá sahir da critica situação. O transporte dos feridos e enfermos é uma grande difficuldade n'estes transes em que muitas vezes é necessario deixar ao adversario ou incendiar uma parte do comboio, o qual para a columna se tornará um impecilho muito embaraçante e o que terá talvez a utilidade de demorar o adversario na pilhagem dos objectos abandonados.

III

Tactica de estacionamento

A escolha do logar para estacionamento é a questão que primeiro se impõe. Attender-se-ha a que haja agua nas proximidades, preferindo-se os logares elevados, ventilados e ao mesmo tempo protegidos dos ventos insalubres, evitando a visinhança dos pantanos, dos terrenos humidos, en-

charcados, etc., e attendendo a que haja facilidade em effectuar a vigilancia em volta do campo e que a posição occupada tenha vantagem tactica sobre o terreno exterior.

Aconselha-se, quando não haja probabilidades de encontrar agua ou lenha no logar do estacionamento, prevenir as tropas na vespera, na occasião da partida do campo anterior, afim de que ellas se aprovisionem ou procurem fornecer-se pelo caminho, fazendo-se com que as praças, os carregadores, os auxiliares transportem a maior porção de lenha e agua que possam, mormente se o itinerario é longo e se não ha a certeza de encontrar tão cedo uma região em que se possam obter aprovisionamentos.

Os belgas, aproveitando os seus *grupos francos*, como já dissemos anteriormente (*Tactica de marcha. Exploração a distancia*), incumbem esses grupos de fazer reunir na frente os viveres e a lenha que se possam obter e aconselham que em paiz inimigo se estacione proximo de terrenos cultivados e providos de caça e pesca.

Na escolha do local do bivaque evitar-se-ha uma posição dominada do exterior ou em que a retirada não seja assegurada, fazendo por conciliar o mais possivel os principios de tactica com os da hygiene. Preferir sempre estacionar na margem de lá d'um rio para evitar a demora e o inconveniente de o transpôr no dia immediato, salvo em caso de ataque imminente em que convenha utilisal-o como barreira.

Preferir o acampamento ao bivaque sempre que fôr possivel; aquelle será de preparação mais demorada, mas é mais confortavel e hygienico. Respeitar o mais possivel os principios hygienicos applicaveis e expostos nos capitulos — *Hygiene da habitação*, *H. do individuo* — da 1.ª parte d'este *Manual*.

Ter sempre como principios essenciaes:

Manter desimpedida a maior zona possivel do campo de tiro, limpando o matto em volta do campo, mesmo até para prevenir o incendio accidental ou posto pelo inimigo.

Como diz Bujac, o general Dodds no Dahomey não dispensava nunca a surriba do matto em volta do campo até

300m, não repousando emquanto esse serviço não estava effectuado.

As tropas de mais confiança guarnecerão os logares mais expostos ou mais fracos.

Evitar os espaços mortos que poderão facilitar a approximação do inimigo ou promover o seu flanqueamento por meio de trincheiras e de forças convenientemente dispostas. Empregar as lampadas de projecção para illuminar durante a noite o campo exterior. Não *desprezar nunca o emprego de trincheiras e de defezas accessorias, como redes de fio de ferro farpado, abatizes*, etc. *Acampar de preferencia na formação typo em quadrado, fixando permanentemente a cada unidade um logar no campo, a infanteria e as tropas de confiança guarnecendo as faces, ou sós ou encorporando-selhes tropas indigenas regulares e enquadradas com ellas (Mousinho) ou estas collocadas nos pontos menos expostos;* tirar o maior partido possivel dos obstaculos naturaes que poderão favorecer poderosamente a defeza.

Passagem da formação de marcha á de estacionamento; preparação do campo, installação.—Se o terreno é descoberto e se se está a distancia do inimigo, vae adiante um official (o proprio commandante ou, no caso d'uma forte columna, o chefe do estado maior) com uma escolta montada para escolher o logar do bivaque, balisal-o, fazer o reconhecimento das immediações, procurar lenha, forragens, agua, etc. Emquanto uma parte da escolta auxilia o official na balisagem e reconhecimento do campo, a outra parte apeia e toma posição defensiva, com o seu serviço de segurança. A columna, approximando se, envia os guias das unidades a tomarem posição em harmonia com a balisagem feita, isto a fim de evitar as marchas e contra marchas que fatigariam inutilmente o soldado.

Se o terreno é coberto na proximidade do inimigo, quando se chegue a uma posição em que se resolva estacionar, a columna faz alto, mantendo sempre as immediações exploradas em larga zona e os respectivos serviços de segurança a maior distancia do que a ordinaria, passa á formação em qua-

drado em que se ha-de estacionar, faz ensarilhar as espingardas e desequipar, á excepção d'uma forte reserva (1/3 ou 1/4 da columna) que ficará em armas e formada para acudir a qualquer signal de alarme.

Vedetas de cavallaria ou de auxiliares e europeos serão lançadas a 500, 800 ou mais metros, apoiadas por fracções collocadas em boas posições e que possam cobrir o campo e demorar a investida do adversario, dando tempo á columna para tomar armas e passar á formação defensiva. Em casos extremos pode ainda a columna tomar uma singela formação em quadrado, os homens nos seus logares ou podendo mesmo ensarilhar as espingardas e sentar-se ou deitar-se nos seus postos, nomeando-se uma parte d'elles para guiarem os negros nos trabalhos de installação e fortificação. Não esquecer de indicar o logar das bagagens, dos viveres, das munições, das ferramentas; onde se devem effectuar as distribuições; o logar da guarda de policia, da ambulancia, dos prisioneiros, das cosinhas, das latrinas, etc.

Se o numero de auxiliares e carregadores disponiveis não basta para effectuar os trabalhos mais violentos da installação, cerca-se quanto antes a posição d'uma zona de defezas accessorias, abrem-se trincheiras e corta-se, desbasta-se, limpa-se bem o matto, e depois levantam as tropas as tendas ou abrigos em uma ou duas linhas á retaguarda dos sarilhos, dispondo-os no modo mais conforme com a commodidade, a hygiene e a segurança, de modo que os homens possam occupar o mais promptamente possivel os seus postos na fileira.

Levantadas as tendas e quando chova muito, cava-se em volta de cada uma um rego que conduza as aguas da chuva a canaes que as levarão ao exterior.

Aconselha-se dividir o ribeiro, etc., d'onde a columna se abasteça, em tres zonas, e caso a agua escasseie, construir barragens que detenham a corrente, regulando-se a distribuição.

A zona a montanha será para abastecimento dos homens, a de jusante para lavagem da roupa e a do meio para o gado.

A infanteria, como já se disse, forma as faces, deixando uma farta reserva para occupar pontos fracos, podendo-se enquadrar-lhe regulares de confiança, quando seja necessario.

A artilharia deixa as suas peças nos logares de combate (angulos e faces expostas) guarnecidas por turnos de homens.

A cavallaria bivaca no interior; os carros (quando se não faça *laager*) formam em filas apertadas parallelamente ás faces, desatrelados, o gado convenientemente disposto e prezo ás cordas de piquete ou formando *laager (vide adiante)*. Os officiaes bivacam á retaguarda das suas unidades nos logares mais convenientes e proximos das posições de combate. O commando em chefe ao centro, bem visivel e d'onde possa dominar todo o campo. O gado de sella e tiro deverá ficar disposto em *curral* sempre que fôr possivel, nos logares mais fortes, opposto ao vento dominante ou em que as probabilidades de ataque sejam menores e onde não impeçam o fogo; os cavallos ligados e, sendo necessario, com as pernas travadas.

Lord Wolseley recommenda que, havendo muitos animaes de carga, gado para abater etc., se formem em columna compacta, peiados pelos pés, com a cabeça voltada para o exterior e que, havendo arvores, se forme um curral com uma forte paliçada no qual o gado fique abrigado e facilmente defendido d'um ataque subito.

Os auxiliares, quando em pequeno numero, deitar-se-hão no interior ou junto das faces, vigiados por europeos, fazendo-se conservar alérta um turno d'elles por face para vigiar o exterior, missão em que elles valerão mais do que as tropas, mercê da sua facilidade em ver nas trevas e farejar as surprezas e as ciladas. Conservar-se-hão immoveis e em caso de alarme serão obrigados a deitar-se sob pena de morte. Sendo em grande numero, formarão campo á parte, disposto de modo que não prejudique a acção defensiva dos europeos, dando-se-lhes uma guarda de confiança para os vigiar e manter em ordem, para evitar as deserções, conflictos, etc., e os ruidos que perturbam a vigilancia e incom-

modam as praças. Sobre uma arvore grande que domine o campo e immediações, construir-se-ha um observatorio. Em planicie núa, convirá montal-o sobre tres ou quatro troncos.

Os negros estão geralmente habituados, quando pernoitam ao ar livre, a conservarem accesas fogueiras em volta das quaes se deitam embrulhados nas suas coberturas. Impedir isso é até certo ponto contrariar-lhes um habito e portanto provocar o descontentamento. Na proximidade do inimigo, porém, forçoso será prohibir-lhes isso que permittirá ao adversario ver bem o campo, tomar pontos de referencia para um ataque e impedir que as sentinellas, habituada a vista á luz das fogueiras, possam observar a zona exterior mergulhada na obscuridade.

Em caso de ataque é necessario evitar por todos os meios que os auxiliares se lancem sobre o quadrado e paralysem os seus fogos. E com receio d'isso e d'outros inconvenientes é que Mousinho d'Albuquerque dizia que os auxiliares só são uteis em pequeno numero. Poucos e bons é o preferivel, aliás são um impecilho, ás vezes perigosissimo.

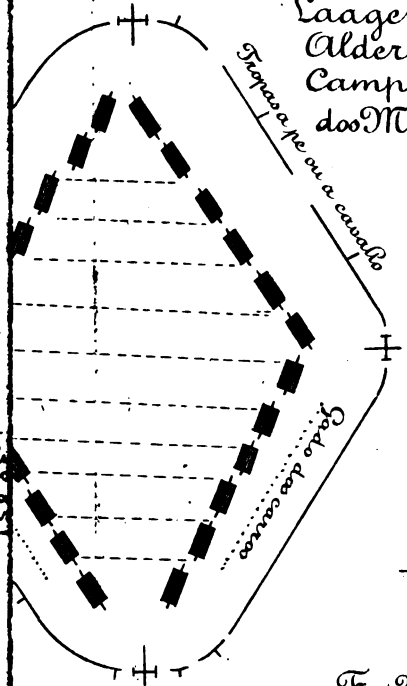
Convem que antes da noite os officiaes de cada face explorem e estudem o terreno na frente, marcando referencias, a posição relativa das outras unidades, etc., afim de, em caso de ataque nocturno, estarem perfeitamente orientados e conhecerem bem o terreno que terão de varrer com os seus fogos. Para melhor e mais rapida ideia dos dispositivos de estacionamento *vide* fig. 11 a 16.

Os carros do comboio podem dispor-se de modo a constituir uma especie de reducto interior para onde a guarnição se retira, sendo repellida da 1.ª posição. N'esse caso ficarão o gado, ambulancia, etc., dentro d'esse reducto.

Na Africa do Sul os boers adoptavam um dispositivo de estacionamento bastante seguro e preconisavel, quando a expedição seja pequena, o comboio muito grande, e se não possa recorrer á construcção de trincheiras, etc., para fortificar o campo. *Laager* chamam elles, em geral, a toda a obra defensiva, mas especialmente a este dispositivo, que os inglezes aproveitaram muitas vezes em 1879 na Zululandia, na campanha dos Matabeles e se usou na guerra entre os

Fig. 21

Laager de Alderson Campanha dos Matabeles



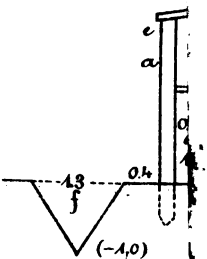
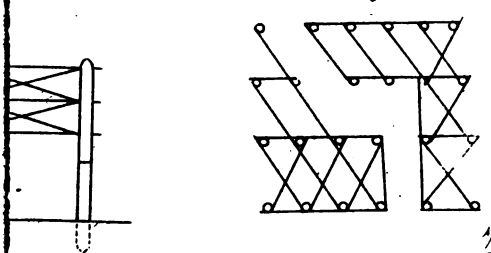


Fig. 24



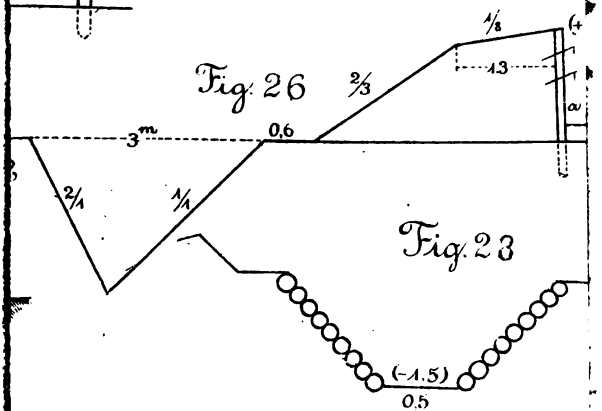


Fig. 26

Fig. 23

Americanos do Norte e os Pelles-Vermelhas, etc. A' chegada ao campo desatrela-se o gado e dispõem-se as viaturas em circulo ou quadrado... no sentido do comprimento umas atraz das outras, o timão d'uma viatura passando sob a seguinte de modo que fiquem quasi unidas as rodas dianteiras d'um e as trazeiras do outro; podem mesmo collocar-se com o timão para o exterior, as rodas dispostas cubo a cubo e ligadas entre si ou ainda como se indica nas figuras 17 a 21. Exteriormente a este reducto forma-se ás vezes um outro pelo mesmo processo, que servirá como 1.ª linha da defeza. O gado e a ambulancia ficarão dentro do reducto interior. A cavallaria, a artilharia entre os dois reductos promptas a serem recolhidas no interior em caso desesperado. Pode-se augmentar o valor d'esta disposição construindo em volta uma trincheira abrigo, defezas accessorias, etc., formando-se então n'este caso duas linhas de defensa e um reducto interior, o que tornará a posição quasi inexpugnavel. As peças collocar-se-hão nos intervallos abertos no *laager*, intervallos que serão defendidos por uma trincheira e defezas accessorias; havendo uma trincheira em volta do *laager*, as forças ficarão exteriormente á 2.ª linha defensiva, recolhendo-se, porém, logo que a primeira esteja prestes a ser invadida. Obtêm-se mesmo duas linhas de fogos, uma sobre os carros e outra por debaixo d'elles.

E', finalmente, um dispositivo muito recommendavel, sempre que se disponha d'um grande comboio e de pouco pessoal para a defeza em qualquer circumstancia, mesmo quando se caminha em terreno pizado pelo inimigo. E' um dispositivo de confiança.

Dispondo-se d'uma pequena columna de poucos carros, podem dispor-se estes com algumas praças a constituirem uma ou duas faces menos expostas, sendo as outras formadas pela força, ao modo ordinario.

Como exemplo achamos util reproduzir a ordem de estacionamento n.º 11, em Chicomo, da columna do Snr. General Galhardo na Expedição de Lourenço Marques de 1895. =

«1.º Chegando ao local do estacionamento, a columna

pára e fórma quadrado, parando o comboio á sua altura. A cavallaria e os auxiliares fazem a exposição do terreno circumvisinho.

2.° Logo que se veja estar o terreno limpo, as faces alargam-se até que as grandes tenham 70 metros e as pequenas 30 metros. Em seguida abre a face da retaguarda e os carros entram em duas columnas, dividindo-se para a direita e esquerda e ficando 6 á retaguarda de cada face pequena e 14 de cada face grande. Os carros voltam os jogos para o interior do quadrado e desengatam.

3.° A infanteria e a guarnição das boccas de fogo bivacam nos seus logares de combate.

A cavallaria estende a sua corda de piquete parallelamente á face grande que lhe for indicada, deixando entre os carros e as caudas dos cavallos uma distancia de 3 metros. Os soldados bivacam do lado da outra face.

A artilharia procede a respeito do seu gado de maneira identica, mas do lado contrario e em relação á outra face grande. A corda de piquete terá 13 metros.

O commando estabelece-se ao centro do bivaque.

A ambulancia á frente da cavallaria. O serviço administrativo á frente da artilharia.

A engenharia e os carreiros á retaguarda do commando.

4.° As cosinhas são construidas do lado de fóra do bivaque em sitio designado pelo commando.

5.° Logo depois da chegada ao bivaque, procede-se com a ajuda dos auxiliares disponiveis á construcção de uma trincheira-abrigo para infanteria e abrigos para peças.

Havendo tempo, rodeiam-se os abrigos das peças com um abatiz.

Construir-se-ha tambem uma sebe de fio de arame a 40 metros das faces.

6.° Ao centro das faces grandes, e ao lado exterior, constroem-se dois curraes para o gado bovino.»=

A titulo de exemplo tambem, segue a ordem de estacionamento n.° 6 em Natule na campanha dos Namarraes, dirigida por Mousinho de Albuquerque:—

1.° Chegando ao local de estacionamento a columna

pára e forma quadrado, a cavallaria e auxiliares conservam as suas posições.

2.° Logo que se reconheça não haver ataque imminente as praças alargam, deixando 1 metro de intervallo entre cada homem, a face da retaguarda abre uma secção para cada lado, prolongando-se com os flancos, e o comboio entra em duas columnas, dirigindo-se para a direita e esquerda, e ficando com 8 carros atrás de cada face grande e 4 atrás de cada face pequena.

Entrado todo o comboio, a face da retaguarda fecha o quadrado. Os carros alinham-se a tres metros das faces, voltam os jogos para o interior do quadrado e desengatam.

3.° A artilharia colloca uma peça a cada angulo do quadrado, na mesma disposição da marcha.

4.° A infanteria e as guarnições das peças bivacam no seu local de combate.

5.° A cavallaria estende a sua corda de piquete parallelamente á face da direita, por forma que haja 3 metros de intervallo entre as caudas dos cavallos e as pontas das lanças dos carros. Os homens bivacam com 3 metros de intervallo dos cavallos para o interior do quadrado. Com a cavallaria bivacam os cavallos do commando e as montadas dos officiaes.

6.° O gado da artilharia e dos carros, os conductores da artilharia, os do comboio e dos serviços administrativos estabelecem o seu bivaque parallelamente á face da esquerda e na mesma disposição.

7.° O commando estabelece-se ao centro do bivaque.

8.° O serviço de saude á retagurda do commando.

9.° As cosinhas serão estabelecidas fóra do bivaque, no local determinado pelo commando.

10.° Os serviços de segurança e vigilancia nocturnos são regulados depois da entrada no bivaque.»

Depositivos de segurança durante o dia.—Occupar por meio de postos á cossaca de 4 ou 6 homens intervallados convenientemente de 20 a 100 metros e afastados da columna 50, 100 a 200 ou mais metros conforme o terreno, a

linha de alturas que rodeia o campo. Os homens conservar-se-hão escondidos, de modo que vejam tudo, sem serem vistos. O systema regular do cordão de vedetas desempenha bem essa missão, podendo ser utilisado. Empregar-se-hão praças brancas e negras, ou auxiliares. O ligamento com o campo poder se-ha fazer por signaes ou por cavallaria. A esta arma caberá a missão importantissima de destacar frequentes patrulhas que explorem todo o campo exterior até certa distancia. Na sua falta será este serviço feito por auxiliares. A respeito d'este dispositivo, convem que a linha de vigilancia seja lançada o mais longe possivel, para que, em caso de ataque, o contacto da columna com o adversario não seja quasi immediato, havendo tempo para se armar, correr aos logares, etc., com a maxima serenidade e boa ordem. Como diz um escriptor, «com os postos avançados muito proximos o inimigo estará d'um salto sobre as faces do quadrado, podendo-se dizer que este é atacado ao mesmo tempo que as vedetas=».

Mas, por outro lado, cumpre attender a que estas não estejam tão afastadas do campo que não possam recolher rapidamente perante uma subita investida, convindo regular a retirada d'ellas de modo que deixem livre a frente da face ameaçada, para lhe não paralysar os fogos.

De dia será conveniente o uso do Santo sempre que os postos avançados fiquem afastados do campo. Para os negros, auxiliares, etc., limitar-se-ha á apresentação d'um signal que variará todos os dias ou d'um momento para o outro, quando o commando o entender conveniente. A rendição de vedetas far-se-ha de 2 em 2 horas; a ronda, exploração do campo exterior por patrulhas, etc., far-se-hão perfeitamente á européa.

Manter sempre uma unidade de reserva para um caso de alarme.

Quando o inimigo esteja muito proximo, mesmo durante o dia, a vigilancia limitar-se-ha a algumas sentinellas em observação e a um forte troço em armas, prompto a entrar em acção, as pèças carregadas, e dando-se aos trabalhos de fortificação o maximo desenvolvimento possivel.

Em Chicomo (columna Norte da expedição de L. Marques) o serviço de segurança durante o dia era constituido com vedetas de cavallaria. Havia uma guarda por face, dando uma sentinella ao centro d'ella; e mais tarde determinou-se que durante a marcha para o Manjacaze (proximidade do inimigo) se observasse o seguinte:

«Os cypaes collocam pequenos postos a 200 ou 300 metros das faces, collocando sentinellas á frente. A cavallaria, colloca algumas sentinellas simples entre os postos dos cypaes para rapida transmissão de avisos.

As faces pequenas collocam 1 sentinella ao centro; as grandes 2, uma de cada lado do curral.

Fica sempre de piquete um terço da força de infanteria; as peças estarão carregadas e parte das guarnições de piquete.

Os cypaes patrulham a miudo.»

No acampamento de Natule (campanha dos Namarraes) durante o dia estabeleciam-se pequenos postos de auxiliares em volta do quadrado a 200 ou 300^{m} uns dos outros, conforme o terreno, e ligados por vedetas de cavallaria.

Durante a noite. — E' muito raro o selvagem atacar em força, de noite. Callwel explica este facto pelo medo, pela superstição talvez que aquelle tem em atacar nas trevas. A's vezes approximam-se em pequenos grupos do bivaque, promptos a lançarem-se sobre elle, se encontram os adversarios adormecidos, sem vigilancia, e chegam mesmo muitas vezes a incommodar estes com tiroteios vivissimos, obrigando-os a uma constante alérta. A hora favorita do ataque é a madrugada, nos momentos que precedem o romper do dia: São vulgares os ataques a esta hora nas campanhas da Zululandia, Dahomey, Matabeles, Lourenço Marques, etc.

Ha tres systemas de assegurar a vigilancia em torno do bivaque durante a noite.=

1.° Collocar em volta do campo uma serie de postos á cossaca, constituidos por negros vigiados por brancos com 150 ou 100,^{m} entre si e de 20 a 100 ou mais metros da

columna, ligando-se aquella entre si e com o campo por meio de patrulhas de cavallaria ou de auxiliares e brancos.

Em terreno pouco coberto dispõem-se na frente da columna postos avançados de observação e segurança em boas posições que se fortificam melhor ou peor conforme a demora do estacionamento. Em caso de ataque poderá formar-se ahi, conforme o valor das posições utilisadas, o primeiro escalão de resistencia. Os inglezes na sua guerra da Zululandia de 1879 procediam assim frequentemente, atirando os seus postos avançados e bem guarnecidos para 1000 ou 2000 metros á frente da columna. Na campanha dos Matabeles os inglezes collocavam dez ou mais postos em torno dos *laageres*. Cada posto dava uma sentinella dobrada.

Comprehende-se que isto não se póde fazer n'uma região de florestas em que os horisontes são limitadissimos e a marcha muito penosa e demorada para europeos e em que, portanto, muito facilmente poderia ser cortada a retirada dos postos sobre a columna ou mesmo inutilisada a acção protectora d'aquelles, tendo ainda o inconveniente de paralysar os fogos do quadrado durante a recolhida das vedetas.

Esta disposição é applicavel de dia e de noite.

Mas, repetimos, durante a noite é pouco preconisavel em terreno descoberto, preferindo-se o emprego de patrulhas montadas que explorem o exterior, e em terreno coberto é mais prejudicial que util. Quando, porém, se empregue este systema, quer de dia ou de noite, não se esquecerá que o papel dos pequenos postos é de vigilancia e não de resistencia, mormente se o inimigo ataca em força, pois a formação cerrada em quadrado é a unica que convem, excepto se se apresentarem alguns poucos atiradores inimigos, os quaes poderão bem ser repellidos pelas vedetas.

Peroz apenas admitte como dispositivo de segurança nocturna uma rede de sentinellas em torno do quadrado, recolhendo ao primeiro alérta serio, além d'algumas patrulhas ligeiras lançadas a algumas centenas de metros no exterior, porque, diz elle, o systema de postos avançados só se admit-

te, quando a tropa precisa tomar posição para combater, coisa que não succede aqui por a columna estar sempre em formação prompta a receber um ataque.

2.° Manter em armas $^1/_3$ ou $^1/_4$ da força e dispôr em volta do campo uma rede de sentinellas a alguns metros adiante das faces, completando-se este serviço de vigilancia com frequentes patrulhas de brancos e negros lançados algumas centenas de metros pelo matto dentro em exploração cuidadosa. Este systema será poderosamente auxiliado por cães de guarda, podendo-se obtel-os, e conseguindo-se que resistam á acção do clima e em região não infestada de epizootias.

3.° No Dahomey os francezes muitas vezes, occupando postos na proximidade do inimigo, tomavam estas disposições: nada de sentinellas nem de postos avançados; dividia-se a força em 3 turnos, um dos quaes, armado e alérta vigiava do escurecer até ás 11 h., outro das 11 á 1, outro da 1 ás 4, hora esta em que todos os homens tomavam os seus postos de combate, promptos a fazerem fogo, pois era a madrugada o momento favorito das investidas. Esta pratica, tambem seguida na campanha de L. Marques depois de Marraquene, é muito aproveitavel nas nossas guerras de Africa em que o negro prefira nos ataques o momento que precede o romper do dia. Durante o dia mesmo, o serviço de vigilancia era rigoroso; trabalhos de fortificação dos postos, etc. eram praticados das 5 ás 9 da m. e das 2 ás 5 da tarde, uma fracção ficando, porem, sempre em alérta prompta a fazer fogo, com vedetas no exterior a distancia conveniente.

Empregam-se estes dois ultimos dispositivos, quando ha muito matto que torna a vigilancia por vedetas mais difficil, pela confusão a que pode dar logar. Qualquer dos systemas que se empregue, dispor-se-hão sentinellas exteriormente ás faces a 10 ou 20 passos d'ellas ao meio e flancos, afim de prestarem attenção aos signaes feitos dos postos exteriores, quando os haja, e vigiarem cuidadosamente o que se passa em torno do acampamento.

Na campanha de Lourenço Marques de 1895 a columna sul ao principio adoptava o seguinte: a 200 ou 250^{m} de distancia em torno do bivaque eram collocados 8 pequenos postos, com duas sentinellas cada um, rondadas frequentemente; além d'isso dispunha-se uma sentinella a cada angulo do quadrado e outra ao meio de cada face; ás quatro da manhã todo o quadrado pegava em armas prompto a repellir um ataque. Foi assim que se aguentou o impulso dos landins em Marraquenè, evitando-se, sabe Deus á custa de que esforço dos officiaes, uma derrota completa e a perda talvez d'aquelle florão do nosso imperio colonial. Desde a noite seguinte a este glorioso combate, substituiram-se os postos avançados (que se reconheceu serem inúteis e perigosos) pela alérta constante de uma fileira em armas que era rendida de duas em duas horas e accendendo fogueiras a 50 passos dos angulos do quadrado. Mais tarde a columna sul procedia assim:

«Que durante a noite, das seis horas da tarde ás seis horas da manhã, o serviço de segurança seja constituido em cada quarto de quatro horas por um terço da guarnição. Toda a força de serviço em cada quarto estará no parapeito e de armas na mão; a restante dormindo de cartucheira posta e arma ao lado». (Ordem de 1 de maio no posto de Incanine).

A columna Norte da mesma expedição em Chicomo recolhia de noite as suas vedetas, ficando em cada face $^{1}/_{4}$ da força em armas que se rendia de duas em duas horas. As espingardas e boccas de fogo carregadas, os depositos d'aquellas cheios.

Na marcha para Manjacaze ordenava-se que de noite os auxiliares e as vedetas retirassem, aquelles deitando-se junto e do lado exterior das faces do quadrado; collocavam-se sentinellas junto á rede de fio de ferro. Em cada face devia ficar em armas $^{1}/_{3}$ da força e uma sentinella a cada peça.

Na campanha dos Namarraes a ordem de estacionamento n.º 2 determinava que de noite recolhessem as vedetas e os pequenos postos, ficando em cada face $^{1}/_{4}$ da força em ar-

mas, além d'uma sentinella a cada face pequena e 2 a cada face grande.

A artilharia tinha um piquete sempre vigilante, ficando as peças carregadas com lanternetas e cheios os depositos das armas.

Depois do combate da Mojenga, ordenou-se que os auxiliares formassem pequenos postos em volta do bivaque (reconhecera-se que o adversario não atacava em massa, limitando-se a hostilisar a columna com tiroteios seguidos, principalmente de dia, e dava-se assim mais repouso aos homens). Mais tarde (ordem n.º 34) mandava-se ter em cada face 1/6 da força em armas, além dos postos avançados que continuavam a subsistir.

Lampadas de projecção prestam magnificos serviços. E' um principio essencial nunca fazer estacionar qualquer força branca ou negra sem a proteger com uma ou mais linhas de defezas accessorias a algumas dezenas de metros em torno do campo: abatizes, redes de fio de ferro, trincheiras... Vêde *Fortificação*.

Reservar uma guarda para os carregadores e auxiliares afim de evitar roubos, dezerções, conflictos, etc. O campo será patrulhado e rondado exteriormente n'uma area em volta d'algumas centenas de metros por turnos de 3, 4... homens, brancos e de côr, cuja rendição será feita de modo que ande sempre fóra uma patrulha; estas patrulhas usarão uma lanterna com vidro de côres convencionaes, para se fazerem reconhecer. Todos os serviços de vigilancia e exploração serão feitos por grupos mixtos de brancos e negros de confiança e escolhidos quanto possivel. De noite as sentinellas e vedetas serão rendidas de 2 em 2 horas ou em menos espaço ainda, quando o frio e a humidade sejam muito intensos, convindo ainda n'este caso dar aos homens uma ração extraordinaria de café com aguardente.

Quanto mais solidamente fortificado estiver um acampamento menor precisará ser a fracção em alérta. E' muito util empregar a alguma distancia no exterior cordas ou fio de ferro estendidos de uma arvore a outra e collocados a altura tal que alguem que queira entrar no acampamento vá

de encontro a elles fazendo agitar a folhagem, ou tocar uma campainha que se lhes ligue; tem-se empregado este systema com bom exito.

Para evitar as confusões e alarmes injustificados com o movimento das patrulhas e rondas é conveniente adoptar senhas variaveis todas as noites, constituidas por signaes feitos com lanternas de furta-fogo com vidros de côres varias.

Tratando-se de uma pequena columna ou proximo do inimigo, convirá não formar sarilhos de noite; cada homem descançará com a espingarda á mão prompto a tomar logo o seu logar na linha.

Proximo do adversario, no ultimo quarto da madrugada, 2 horas antes do nascer do sol, reforçar o serviço de segurança ou fazer levantar toda a columna, pois é essa a hora favorita dos ataques dos negros que querem aproveitar o quebrantamento dos homens e o momento em que elles estão mais mergulhados no somno. De resto mandar logo que os primeiros alvores do dia o permittam, explorar os arredores por patrulhas montadas ou auxiliares de confiança, os quaes se manterão em posição n'uma distancia da columna que variará com a natureza do terreno (500 metros a 1000 ou 2000), e que se reunirão a ella ou continuarão a marcha na direcção indicada pelo commandante, logo que aquella se ponha em movimento.

Serviço interior. — Reduzir o serviço ao estrictamente indispensavel, banindo tudo o que não fôr absolutamente necessario á segurança, ordem e conforto do bivaque e do pessoal. Não abusar dos signaes de alarme, fazendo por evitar o sobresalto no campo, sobre tudo durante a noite. O repouso dos homens deve ser uma coisa sagrada que se deverá respeitar absolutamente. No serviço de fachina sobrecarregar pouco os homens com trabalho, convindo distribuir aos negros, auxiliares, carregadores ou cypaes os trabalhos mais violentos e pezados que effectuarão sob a direcção dos brancos. A distribuição do pessoal pelos differentes serviços do bivaque far-se-ha de modo que em cada face do quadrado

haja sempre, pelo menos, 1/2 ou 1/3 da força sempre prompta a pegar em armas. Esses serviços são: de segurança, guarda de policia, guarda do acampamento ou do grupo dos auxiliares e carregadores, reconhecimentos, escoltas das fachinas da agua, da lenha, etc., vigias dos trabalhadores, etc. Se a columna é fraca, a guarda de policia fornece as sentinellas das faces, e o serviço de segurança exterior, as escoltas, etc. Se é grande, haverá um piquete encarregado de fornecer os postos e patrulhas; a guarda de policia dará todas as sentinellas interiores e escoltas; e cada face dará as sentinellas exteriores que lhe corresponderem. Todo o pessoal deve conhecer o logar das sentinellas e dos postos avançados.

Os piquetes encarregados de acarretar agua, lenha, víveres, etc., do exterior dos postos avançados deverão ser fortemente escoltados. Nas horas de maior calor rondar e render frequentemente (de hora a hora, por ex.) as sentinellas.

Prohibir absolutamente a sahida dos homens para fóra do campo, o convivio muito intimo com as populações, etc.; collocar sentinellas ás origens ou locaes d'abastecimento d'agua para evitar que a turvem, emporcalhem, etc., e prohibir mesmo o seu consumo, quando ella não esteja em condições de ser distribuida. Habituar os homens a satisfazerem as suas necessidades antes da noite.

Depois de installados os serviços no bivaque é necessario proceder á limpeza do armamento, á inspecção do material, etc., o que deverá ser feito antes de cahir a noite.

Este serviço será effectuado por turnos e será objecto de maior cuidado, attenta a facilidade dos metaes em se oxidarem com a humidade dos paizes quentes.

Fixar as horas de todos os serviços e executal-os pontualmente, tendendo sempre a que sejam effectuados quanto possivel sem interrupção e a seguir uns aos outros, afim de evitar o continuo movimento e perturbação de repouso dos homens; tornar o expediente de todos os serviços o mais expedito e facil que possa ser. Convirá fazer uma primeira distribuição por pequenas fracções, encarregando-se depois estas da distribuição individual, isto para evitar delongas,

demoras a pé firme, etc., que concorrem para fatigar o soldado e desmoralisal-o.

Rancho—Respeitar os principios da hygiene da alimentação prescriptos opportunamente (Vid. *Hygiene da alimentação*). Alimentação muito variada e substancial.

Regular as horas da refeição de modo que os homens nunca se ponham em marcha sem terem ingerido alguma refeição, leve que seja, por exemplo, pão e café (com quinina, sendo necessario); vigiar quanto possivel a pezagem, cosedura, preparação e consumo dos alimentos, *adquirindo a certeza de que os homens ingeriram* as refeições regulamentadas. Mousinho d'Albuquerque dava estas instrucções na campanha dos Namarraes:

O rancho dirigido pelo chefe dos serviços administrativos era geral para todos os europeos, havendo outro para os indigenas. Tres refeições diarias, café antes da marcha, rancho frio no grande alto (10 da m.) rancho quente á tarde, no logar do bivaque, cosinhando-se tambem então o rancho frio do dia immediato; no grande alto era abatido o gado para dois ranchos. As refeições começavam logo depois de installado o bivaque, assistindo a ellas o official de inspecção (que fiscalisava tambem o serviço de bivaque e o serviço de ronda durante a noite) e o chefe dos serviços administrativos.—

Dumont preconisa umas certas precauções muito praticas e dignas de attenção, sendo entre ellas: não consentir que os homens se deitem sem comer, como pode succeder chegando elles fatigados ao bivaque; precisando-se marchar com a carne abatida, fazel-a primeiramente assar ou cozer um pouco, depois de a lavar em agua e vinagre, e, se tiver cheiro, deitar na sopa uma braza. Dar ás refeições o tempo de preparo necessario para a boa cozedura, recordando que um bom caldo de carne precisa mais de 3 horas de fervura (formula do caldo=2 l. d'agua, 0,^{k}5 de carne, 30 g. de legumes e 8 g. de sal). Esforçar-se por dar pão fresco ao soldado, constituindo o biscoito apenas um recurso extremo. Dumont prefere, na falta de forno de campanha, cosinhar

papas com a farinha distribuida; aconselha ainda, quando se imponha o consumo do biscoito, partir-lhe as arestas, regal-o com agua, polvilhal-o com sal e envolvel-o n'um guardanapo humido, obtendo-se assim pão molle uma hora depois. A' falta de boa depuração da agua, fazer montar no campo um barril com filtro de areia ou carvão (Vid. *Hygiene da alimentação — Agua).*

Sendo rara a agua, distribuil-a em rações, indo as fracções aprivisionar-se d'ella successivamente, a começar pela infanteria e a terminar no gado. De resto n'uma corrente d'agua os homens bebem a montante, o gado a jusante e as lavagens fazem-se ainda mais a jusante. Recommendar que não agitem o fundo da ribeira para não turvar a agua. Fazer barragem, quando esta correr em filete delgado.

Quanto ás distribuições de viveres a fazer aos carregadores e auxiliares, Massy indica o seguinte processo:

Cada homem deve ter um sacco ou, melhor, uma salchicha comprida de algodão que se põe a tiracolo e se liga nas extremidades, como se fosse um capote enrolado. Mandada reunir e sentar em uma ou mais fileiras toda essa gente, e por meio d'uma medida, que contenha exactamente um dia de viveres, seja arroz, farinha de mandioca, milho, etc., lançam-se no improvisado bornal de cada homem os dias de viveres a distribuir, conforme o systema seguido. Evita-se assim fornecer os viveres em globo o que dá logar a reclamações interminaveis. Geralmente a distribuição é dia a dia. Se os carregadores estão organisados em unidades constituidas, poder-se-ha fornecer os viveres e mandar preparar a comida por cada unidade, visto o costume do negro em comer de companhia da mesma panella.

Seja como fôr, é preciso evitar absolutamente que os indigenas sejam esquecidos, devendo-se distribuir as rações, etc., a tempo, cumprindo-se rigorosamente os contractos feitos.

Com respeito ao gado, attender-se-ha ao seguinte:=Dar-lhes de beber: antes de partir, depois da ração da tarde e no grande alto, quando haja agua abundante. Quanto á ração, a maior parte deve ser ministrada no terminus da jorna-

da, não se esquecendo de dar um pouco de grão durante o grande alto, principalmente se a marcha for muito fatigante. O gado deve, quanto possivel, acabar a refeição matinal uma hora antes da partida.

Prescripções varias. — Não conservar os homens ociosos no campo fora dos periodos de repouso; a inacção enfraquece-os, desmoralisa-os e predispõe-os para a doença. Entreter o pessoal com exercicios militares e gymnasticos, trabalhos de bivaque, fortificação, jogos, musica, etc. Os descansos serão absolutamente respeitados, tanto o da noite como o da sesta (12 ás 3 da tarde no periodo de mais calor.)

Caso o terreno seja humido, não esquecerá de collocar as caixas de munições, etc. que a humidade prejudique, sobre supportes, como caixotes, travessas, troncos, etc.

Não havendo tendas abrigos, poder-se-ha constituil-as (como se fez na campanha de L. Marques) por um duplo lençol impermeabilisado com uma solução de alumen e acetato de chumbo, tendo além d'isso cada praça um encerado de $2 \times 0,^{m}5$ para deitar no solo.

— Os castigos aos homens serão de acção moral ou physicos. Estes consistem em fachinas pesadas e repetidas, perdas das regalias usofruidas pelos outros, etc. As faltas graves serão reprimidas energicamente, com trabalhos forçados, reducção da alimentação ao minimo durante dias alternados, etc.

— Manter os sarilhos sempre livres, não permittindo que se dependurem d'elles o equipamento, artigos de uniforme, etc. De resto dissemos já que de noite e proximo do inimigo os homens deverão dormir com as espingardas á mão, o sabre e as cartucheiras á cinta, promptos a tomarem as armas e accorrer aos postos de combate.

Respeitar absolutamente os principios de hygiene exarados n'outro livro.

Não collocar a columna ou o serviço de segurança proximo dos movimentos de terreno que possam encobrir os movimentos do atacante. Evitar os espaços mortos e todos

os logares em que a vigilancia se não possa effectuar n'uma zona exterior bastante grande. Havendo logo á frente uma espessura de matto, bosque, etc., occupal-o ou conduzir o serviço de vigilancia para além d'elle.

Aproveitar os ribeiros, os thalwegs pronunciados, etc., pondo-os de permeio entre as vedetas e o inimigo.

Ao cahir da noite, patrulhas que batam o campo até longe. Os graduados terão o cuidado de estudar o terreno na frente das suas faces para o caso de um ataque nocturno; marcar para isso referencias, tomar nota da configuração dos relevos do terreno, dos recortes de arvoredo, etc., para que as vedetas e sentinellas não os confundam com figuras suspeitas, e não deem falsos alarmes. Notar as zonas em que poderão effectuar-se contra-ataques de bayoneta; estudar os postos provaveis de ataque; finalmente, adoptar todas as precauções para o caso de um ataque nocturno.

Em caso de estacionamento prolongado, poder-se-hão durante o dia estabelecer postos afastados collocados em posições vantajosas que dominem o terreno exterior e possam garantir uma boa defeza em caso de ataque. Estes postos podem ficar 500 a 1000 ou mais metros em volta do acampamento; serão fortificados em caso de necessidade. A sua força será sufficientemente grande para permittir uma defeza prolongada que garanta aos homens do acampamento um descanso completo. Estes postos recolherão á noite, estabelecendo-se então o serviço de segurança, seguindo qualquer dos tres processos indicados no principio d'este assumpto.

Este serviço é assegurado por repetidos reconhecimentos em todas as direcções.

N'um estacionamento prolongado convem effectuar reconhecimentos frequentes, razzias em gados do inimigo, caçadas. Acautelar dos incendios que ás vezes entram na tactica do indigena para desmoralisar o inimigo e provocar a confusão e, portanto, uma victoria facil, ou para obrigar a retirar. Para isso haverá o cuidado de acampar em clareira ou em terreno já incendiado ou com um rio de permeio com o inimigo; quando isto não possa ser, convirá debastar uma zona de terreno de superficie tal que o incendio do matto

não prejudique a columna. Não possuindo esta lanternas de projecção, convem na proximidade do inimigo não deixar accender luzes nem fogos que o attrahirão e lhe permittirão observar e atacar o acampamento, e que, offuscando a vista dos defensores, lhes não deixarão ver nas trevas do campo exterior. Mousinho d'Albuquerque prohibio as fogueiras nocturnas na campanha dos Namarraes.

IV

Tactica de combate

Generalidades. — Das differentes especies de combate os mais vulgares são os *defensivos* e os *de recontro*, isto é, aquelles em que a columna é surprehendida no estacionamento ou em marcha, e em ambos, como diz Peroz, «a nossa acção deve adoptar uma fórma defensiva e um conceito offensivo» (pag. 89).

Como se disse já, a formação geralmente adoptada é o quadrado, que pode ser *rigido* ou *elastico* (pag. 30 e seguintes). Por vezes, quando o inimigo se limite a fuzilar nos de traz do coberto do matto ou dos accidentes do terreno sem se approximar de nós, convirá fazer sahir fracções de infanteria que em ordem unida ou extensa batam com algumas descargas os logares em que o adversario esteja encoberto. (*Campanha dos Namarraes*, *Dahomey*, etc.).

Von Wismann usa ás vezes o fogo de artilharia e de infanteria para limpar o matto. Isto mesmo se tem praticado entre nós, quando o adversario nos hostilisa escondido na espessura dos bosques.

As forças em exploração, os postos avançados etc., pronunciado o ataque, recolherão *immediatamente* ao quadrado, procurando desembaraçar quanto possivel a frente ameaçada

para não paralysar os fogos. Não esquecerá o succedido no combate de Abou-Klea em que, pela retirada dos exploradores sobre o quadrado inglez, sómente a 200^{m} pôde este romper o fogo sobre os *Madhistas* que se lançaram sobre a 3.ª e 4.ª faces com risco de as esmagarem, se não fosse a serenidade da 1.ª e 2.ª que os repelliram.

Dois dias depois Wilson, escarmentado com o succedido em Abou-Klea, ordenava que o quadrado marchasse lentamente, cerrado, com reserva interior nos quatro angulos, sem exploradores e evitando os cobertos do terreno. Os Madhistas surgiram em massa, de repente, a 500^{m}. O quadrado abriu fogo que por pouco efficaz foi mandado cessar, para ser retomado a 300^{m}. Em cinco minutos decidiu-se da acção, sem que um unico Madhista chegasse a mais de 50^{m}. Um dos combates dados no Barué poderia ter-se transformado n'uma derrota, se o adversario atacasse com impulso. Assim, conta uma testemunha presencial que os auxiliares que faziam o serviço de exploração, ao contacto com o adversario, romperam um fogo desordenado, não procurando retirar sobre o quadrado que se tinha formado e que não pôde fazer um tiro por ter a frente impedida por aquelles.

O fogo por descargas é o principal meio de acção.

Evitar a lucta corpo a corpo com o adversario, tendo-se sempre em vista que a confusão dos expedicionarios com um inimigo mais numeroso, mais agil e robusto será a sua perda. O fogo, o fogo e sempre o fogo é a melhor acção, sendo bem conduzido, por descargas serenamente commandadas, *tendo-se sempre os homens na mão.*

Só farão fogo as faces atacadas e este não começará para a infanteria a mais de 400^{m}, pois de outro modo será consumir munições com pequeno effeito util e dar força moral ao adversario em vista da apparente inutilidade d'esse consumo. Até 500^{m} só a artilharia atirará e á granada com balas, fazendo rebentar o projectil alguns metros áquem do alvo para aproveitar o cone de dispersão. O tiro d'artilharia áquem de 400^{m} será á lanterneta. A infanteria fará descargas e só descargas por face ou por grandes fracções de face. O fogo de ambas as armas deve ser o mais rapido

possivel sem prejuizo da disciplina e da serenidade na execução. A 200m a infanteria fará o fogo por descargas de repetição. *Garantir a disciplina de fogos e ter os homens na mão e suspensos das vozes dos chefes é condição imprescindivel n'um combate, qualquer que elle seja; manter o campo de tiro perfeitamente desembaraçado;* para isso não convirá, geralmente, empregar atiradores ou massas de auxiliares na frente do quadrado, os quaes, na retirada sobre este, impedirão o fogo d'elle, podendo provocar até a confusão. Excepção poderá ser feita n'um terreno muito coberto, com inimigos que ataquem dispersos em pequeno numero, não formando as grandes avalanches de negros que se observam nas guerras dos vatuas, dos zulus, dos sudanezes e d'outros povos, ou ainda quando as fracções enviadas para a frente sejam de confiança e estejam bem commandadas, havendo a certeza de que ellas, retirando em presença d'um ataque do adversario a fundo, terão a serenidade e o cuidado de desembaraçarem a frente, retirando pelos lados sobre os flancos e retaguarda do quadrado.

Nas formações unidas da tactica a cohesão é tudo. Prevenir os homens constantemente de que a sua união é a sua salvação e a separação a derrota.

Havendo cavallaria no quadrado, e approximando-se tanto o inimigo que esteja já perdida a esperança de resistir, convirá fazel-a sahir n'um impeto energico, que poderá talvez mudar a face das coisas. Um contra-ataque á bayoneta é tambem n'este caso muito preconisavel. Convém sempre conservar uma reserva para empregar nos pontos mais expostos, n'aquelles em que seja necessario utilisar grande massa de fogos ou para reconstituir qualquer face desmantelada pelas baixas ou para oppor á investida do inimigo. Essa força de reserva será constituida por tropas boas e destinar-se-ha, portanto, a reforçar a face mais exposta, empregando-se o fogo por 4 fileiras ou a refazer qualquer face desmantelada pela investida, ou a empregar na carga final ou n'um contra-ataque ou ainda a garantir a retirada da columna em caso de necessidade. Os inglezes empregam muito as reservas nos quatro angulos do quadrado por serem

os pontos fracos sobre que ás vezes o adversario mais se precipita.

As unidades fornecerão uma guarda para as munições e homens que assegurem a distribuição d'ellas, quando esse serviço se não possa commetter a carregadores ou auxiliares. Os canhões serão apoiados e defendidos pelas unidades mais proximas. Os auxiliares e carregadores deitar-se-hão no exterior junto das faces, ou no interior no lado menos ameaçado.

A cavallaria, havendo-a, forma no interior do quadrado ou na retaguarda, podendo, todavia, fazer-se-lhe occupar uma posição exterior, vantajosa, d'onde, apeada, fuzile de flanco o adversario, obrigando-o a dividir-se ou levando a confusão ás suas fileiras.

Quando o inimigo comece a fraquejar ou a hesitar na avançada, effectuar-se-ha um contra-ataque sobre um dos flancos por meio de cavallaria ou d'infanteria. Esta operação adoptada com prudencia e feita com vigor e decisão poderá decidir o combate.

Na campanha de Gaza (1897) o combate de Macontene, importantissimo porque preparou a ruina e a morte do Maguiguana, foi decidido por uma carga de 50 cavalleiros contra 5000 negros que «*estavam ainda avançando e fazendo fogo*».

Muito vantajoso é, pois, o contra-ataque, quando opportuno. Haverá o cuidado de com elle não encobrir a face atacada, afim de deixar livre o campo de tiro. A perseguição será effectuada ainda pela cavallaria e auxiliares que n'essa occasião se largarão da columna e pelos fogos de artilharia e de infanteria d'esta. Havendo retorno offensivo do adversario, será a retirada da perseguição garantida pelo quadrado e far-se-ha de modo que *deixe livre o campo de tiro em frente da face exposta*. A perseguição, embora levada quanto possivel a fundo, não se embrenhará muito no matto, não se compremetterá em combates individuaes e evitará as embuscadas contra as quaes estará sempre em guarda.

Peroz, dizendo que se pode considerar seguro o effeito do contra-ataque, se fôr combinado com um ataque sobre

um ou os dois flancos do adversario, acção esta completada pelo fogo da artilharia, pois é grande a surpreza e a desordem que isto produz sobre as raças inferiores, a ponto de provocar uma derrota immediata, accrescenta que esse contra-ataque pode ser effectuado por 1/3 da columna, permanecendo o resto em quadrado para recolher aquelles em caso de retorno offensivo ou de insuccesso. Peroz aconselha ainda a maior serenidade e sangue frio, a «*jovialidade*» até da parte dos chefes, isto principalmente nas situações criticas, para combater a emoção que se apodera das tropas.

A titulo de exemplo transcrevemos as *regras* para o combate dadas no inicio da Expedição de Lourenço Marques.

= «A artilharia procurará não abrir o fogo a mais de 700 metros, e quanto possivel não passará de 600 metros. Só circumstancias excepcionaes, como na perseguição, ou quando grandes massas inimigas se apresentem distinctamente, poderão fazer derogar esta regra.

E' expressamente prohibido o fogo á vontade pela infanteria. As faces só empregam o tiro por descargas e fileiras, fazendo ajoelhar, sempre que seja possivel, a fileira da frente.

O fogo de infanteria não deverá abrir a mais de 400 metros. Podem, porém, circumstancias excepcionaes apreciadas pelo commandante da face ou pelo da columna, elevar a distancia a 600 metros.

O fogo de repetição só deverá começar a 160 metros, e será feito por descargas.

Ao toque de formar quadrado, os snrs. commandantes de pelotão mandarão armar bayonetas.»

Combate de recontro.—E' a forma mais vulgar do combate em Africa.

A columna procura dirigir-se á posição favoravel mais proxima, forma o quadrado e arma bayoneta, a artilharia dispõe-se dentro ou fóra do quadrado, nos salientes e faces mais expostas. Os auxiliares deitam-se no exterior junto das quatro faces ou no interior proximo da face menos exposta.

As munições, a ambulancia, a engenharia e todos os serviços que marcham com o corpo principal formam muito cerrados parallelamente ás faces ou constituindo *laager* interior ou n'outra disposição conveniente.

Peroz insiste em que a presença do gado do comboio dentro do quadrado é perigosa, pela difficuldade de conter os animaes espantadiços os quaes se procurará segurar e immobilisar com cordas, anneis, etc., travando-lhes os membros. Diz o mesmo author que os inglezes empregam nos acampamentos cadeias de travamento que se ligam ás quatro patas do animal e se fixam ao solo.

Não convém tão pouco esquecer o exemplo dado antes do combate de Magul (L. Marques—1895) em que a columna, aproveitando a demora dos vatuas em atacar, ia lançando em torno de si a 5^{m} uma zona de abatizes obtidas das arvores proximas, enlaçando-as com fio de ferro para obstaculo menos removivel.

E' boa pratica n'uma guerra em que o inimigo surge de repente, recommendar aos homens que, conservando-se unidos, ajoelhem rapidamente, esperando a voz de fogo.

Se o inimigo evita atacar e, protegido pelo matto, se limita a incommodar a columna com fogos continuados, destacar-se-hão para a frente fracções em atiradores que, por meio de descargas e apoiados pela artilharia da columna, batam o mattó d'onde partem os tiros (campanha dos Namarraes).

Qualquer tropa que seja surprehendida pelo inimigo, não em grande força, formará o quadrado e continuará a marcha, não parando senão para fazer algumas descargas ou se o adversario se fôr apresentando em maior numero. Como dizem os inglezes: *Os movimentos de frente inquietam o adversario e dão força moral aos homens.*

No caso rarissimo de recontro nocturno, como o quadrado cerrado é a formação adoptada sempre que o terreno o permitte, bastará fazer alto, ajoelhar e esperar no silencio mais completo a voz de fogo dos chefes, os quaes procurarão manter desembaraçada a frente e impor a ordem e a cohesão a todo o transe. Se o terreno não permitte a forma-

ção do quadrado, adoptar-se-ha o dispositivo mais cerrado e concentrado possivel, sendo o fogo effectuado apenas pelas fracções mais de mais perto ameaçadas, e para quem o adversario apresente um alvo, havendo todo o cuidado em não ferir as tropas contiguas.

Combate defensivo.—Produz-se geralmente em estacionamento. Sendo de dia ou durante o grande alto, procede-se como no combate de recontro. Pela madrugada, o adversario, ás vezes, aproveitando a fadiga das sentinellas e o profundo somno dos homens, cahe de improviso sobre o campo e difficil é resistir-lhe. Para isso recommendar-se-ha o alérta geral, pelas 3 ou 4 da manhã ou conservar sempre em armas $^1/_3$ ou $^1/_4$ da columna, os canhões em bateria e carregados, os homens no seu posto de combate.

Havendo uma alérta, cada um occupa rapidamente o seu posto e recommenda-se o maximo silencio, serenidade e attenção ás vozes do commando, as bayonetas armadas, espingardas e artilharia carregadas; esperar o adversario até 200^m ou menos, atirando sómente quando haja grandes probabilidades de lhe fazer baixas. Os contra-ataques serão usados com muita prudencia e apenas até 50^m, tendo todo o cuidado em evitar uma emboscada ou em se tresmalhar no matto. Convirá fazer apagar as luzes do bivaque e illuminar o terreno exterior com luzes de projecção de que se disponha ou até com fogueiras dispostas algumas dezenas de metros fóra do campo. A artilharia lançará em differentes sentidos bombas de esclarecer, fazendo mesmo alguns tiros de granada ou lanterneta sobre as massas de negros cuja posição possa ser precisada. As tropas irregulares deitar-se-hão no interior do quadrado em silencio e immoveis, sob pena de morte immediata. Obras expeditas de fortificação, defezas accessorias, etc., feitas em torno do campo serão de valiosissimo recurso, poupando talvez á columna uma derrota e devendo-se empregar sempre que possa ser. O comboio defende-se, quando estacionado fora do campo, com o dispositivo em *laager*, como já se disse no—*Estacionamento*.

A formação geralmente adoptada para a columna será

o quadrado, mas outras se poderão empregar em conformidade com o terreno e a tactica do adversario. Manter a ordem e a serenidade na fileira a todo o transe.

A defeza passiva durante o dia é um erro, pela depressão moral que produz sobre as tropas, deixando esmorecer o seu ardor, e pelo encorajamento dado ao adversario que se torna mais audaz e persistente na lucta perante um inimigo que lhe parece que com o medo se immobilisa e não procura esmagal-o, usando d'uma iniciativa energica. Recommenda-se por isso aproveitar o momento em que o inimigo começa a vergar sob o peso do nosso fogo, para produzir subitamente um vigoroso contra-ataque que disperse e bata o adversario. Mesmo de noite, recommenda-se ás vezes effectuar um contra-ataque que vá até 50^{m}, fazendo n'essa occasião tocar *á carga* por todos os corneteiros para melhor effeito moral sobre o inimigo.

Para o contra-ataque bastará dispor d'um punhado d'homens, uma secção, um pelotão, bem nas mãos do official. O contra-ataque pela cavallaria é precioso, podendo ir a alguns kilometros. Não esquecer que o contra-ataque inopportuno é perigoso e muitas vezes inefficaz, devendo o chefe escolher bem a occasião que é quasi sempre quando o inimigo dá mostras de hesitação, quando se começa a desaggregar, etc. Dispondo-se de boas reservas, pode-se effectuar o contra-ataque por duas fracções, sahindo cada uma por um lado do quadrado. Muitas vezes appella-se para a defensiva passiva com o fim de attrahir o grosso das forças d'um adversario que se furta á lucta. Quando se occupa uma posição com noite fechada e não se pode fortificar, as tropas ficarão nos seus logares de combate, promptas para a defeza ao primeiro signal d'alarme, sem se fazer um movimento o qual poderia comprometter a columna.

Combate offensivo. — Von Wissmann diz que a lucta na Africa deve ter sempre intenção decisiva e que de outro modo é preferivel não combater. Callwell pretende que uma simples victoria não basta e que é necessario que o adversario seja completamente batido, para o que será ás vezes

preciso effectuar ataques envolventes e operações dirigidas contra a sua linha de retirada. Segundo este author, duas razões ha que difficultam a obtenção da acção decisiva: a fuga dos adversarios perante um ataque audaz á posição occupada e a rapidez d'essa fuga com dispersão dos fugitivos. D'onde a necessidade de coordenar um ataque de frente com o ataque de flanco, podendo-se mesmo dirigir a acção contra um flanco e a retaguarda do adversario, deixando a frente occupada por uma parte da columna que, em caso de necessidade, participe do combate, podendo até effectuar o ataque demonstrativo. Callwel aconselha que, se a posição do inimigo é muito forte e um ataque de frente tem a probabilidade de ser muito vivo, será preferivel atacal-a de flanco e depois pela frente quando o primeiro ataque tiver começado a produzir o seu effeito. Eis dous exemplos extrahidos de Callwell. — Em Kirbekan, em que o ataque foi dirigido contra o flanco e retaguarda do adversario deixou-se apenas uma pequena força d'artilharia para entreter e conter o inimigo na frente. — O general Négrier no Tonkin, para atacar as posições chinezas, fazia marchar o grosso da columna sobre a frente do objectivo, e entretanto fortes cadeias de atiradores envolviam a posição, fuzilando o adversario na retirada.

Taes adversarios, diz Callwell, atacados de flanco, tendem a juntar as suas forças sobre esse lado, facilitando assim o ataque de frente, e podendo-se obter um successo facil e decisivo.

Quanto mais sobre a retaguarda do adversario se effectuar o ataque, menos probabilidades tem de escapar. Attender ás prescripções apontadas a pag. 90. Não se esquecerá o principio citado por Callwel de que o assalto deve ser dado simultaneamente pela frente, flancos e retaguarda.

Não esquecer que todo o ataque deve, em geral, ser precedido por uma demorada e energica acção do fogo que esmague e desmoralise o adversario, levando a confusão e o panico ás suas fileiras; atiradores classificados poderão ser incumbidos de alvejar os chefes e os guerreiros mais auda-

zes. Mas esta preparação pelo fogo deve fazer-se depois de cortada a retirada ao adversario, afim de evitar que elle fuja á acção das tropas d'assalto, pois nunca se esquecerá que a lucta deve ter caracter decisivo. O ataque demonstrativo deve ser vivo e um pouco demorado para obrigar o inimigo a desenvolver-se e pronunciar os seus movimentos n'uma certa direcção. O verdadeiro ataque deve ser rapido e vigoroso.

A marcha para o objectivo far-se-ha resolutamente «em ordinario», afim de poupar os homens para o ultimo momento em que fôr preciso dispor de toda a sua energia physica.

A cavallaria procurará effectuar um movimento torneante á posição a fim de cahir sobre os defensores, quando estes retirarem; a artilharia bem collocada pode auxiliar a perseguição, atirando sobre os grupos dos fugitivos. Emfim perseguil-os com todas as tropas disponiveis, aproveitando o mais possivel a acção do fogo, do sabre e da lança, eis o que é necessario.

Se é para receiar que o inimigo opponha uma grande resistencia que provocará a perda de muitos dos nossos e se se attender aos principios d'humanidade, convirá deixar-lhe o que Wissmann chama uma *escapatoria*.

Eis a razão porque: esta especie de adversarios, fazendo em geral a guerra sem quartel, receia que procedamos do mesmo modo e, por isso, quando encurralados, vendem cara a vida, tornam-se terriveis e só á custa de muito sangue dos nossos se poderão dominar.

Callwell cita a proposito um exemplo da guerra da Nova-Zelandia:—... preparou-se o ataque de forma que a linha de retirada do adversario não fosse completamente cortada, mas batida perfeitamente pela artilharia dos assaltantes, de modo a desbaratal-o completamente, perseguindo-o ainda com tropas montadas até longe.—

Quando, porém, se trata de um bando insurrecto pertinaz na lucta, cuja captura ou destruição é necessaria a todo o transe, então não se hesitará em sacrificar as tropas para o haver ás mãos, por muito accesa que a acção se torne.

Os valetudinarios, os velhos, as mulheres e as crianças serão poupados e protegidos até da furia dos auxiliares.

Em geral, sempre que se trate d'uma acção offensiva a effectuar, mantem-se uma forte reserva em boa posição á retaguarda afim de apoiar o ataque e proteger a retirada das fracções avançadas em caso de insuccesso ou de contra-ataque do adversario. Esta reserva formará um quadrado com alguma artilharia protegendo o comboio, a ambulancia etc., ou formando laager. Um desenvolvimento muito grande de forças avançadas pode produzir a confusão, empregando-se, por isso, apenas as tropas indispensaveis no primeiro escalão de ataque.

Essas tropas estarão bem nas mãos dos chefes os quaes se compenetrarão bem do plano geral, caminhando d'accordo e desenvolvendo, por outro lado, toda a iniciativa.

Quanto aos combates offensivos nocturnos, os authores insistem no segredo dos preparativos e dos movimentos. Evitar-se-hão os dispositivos complicados; o fogo empregar-se-ha a pequena distancia e com o alvo bem visivel, de modo a não ferir as outras fracções que cooperem d'accordo. Preconisa-se muito o ataque energico e subito á bayoneta, precedido por algumas descargas rapidas e efficazes, sendo a bayoneta a arma por excellencia dos ataques de noite. Caso a operação seja muito cedo presentida pelo adversario, o melhor será retirar a tempo em boa ordem depois de algumas descargas que contenham em respeito o inimigo. Os combates offensivos de noite são pouco preconisaveis pelas razões já citadas nas marchas de noite, gerando facilmente a confusão, o panico e poucas vantagens offerecendo, geralmente. A columna empregada na acção será pequena, mas constituida por boas tropas bem na mão dos chefes. Para evitar enganos que podem ser funestos, recommenda-se dar aos homens um distinctivo facilmente reconhecivel a distancia pelos camaradas. O segredo da operação será guardado, e os preparativos far-se-hão com todo o cuidado.

Para mais detalhes ácerca do *combate offensivo*, vêde

=*Ataque e defeza de posições*=e alguns exemplos da guerra no Soldão francez no capitulo=*Estudo de algumas campanhas coloniaes*=.

Perseguição. — «Em toda a guerra a victoria para ser completa deve ser seguida de perseguição.

Quando os guerreiros irregulares se encontram a contas com um adversario que, não se limitando a repousar sobre os louros d'uma victoria, os persegue sem treguas nem repouso, a coragem falta-lhes e desmoralisam-se. Nas pequenas guerras o vigor na perseguição é tão importante como a intrepidez no ataque. Este processo faz parte do systema de atemorisar o inimigo que é o grande objectivo que na guerra com selvagens se não deve perder de vista.» Callwell).

A perseguição é difficil pela rapida fuga do inimigo depois d'uma derrota e pela sua facil dispersão favorecida muitas vezes por um terreno coberto e cerrado. E' muito necessario possuir uma boa força montada que effectue a perseguição, porque a infanteria não pode desempenhar efficazmente esse papel. Citam-se numerosos casos em que se não pôde tornar a victoria decisiva com um desbaratamento completo do adversario por falta de tropas mais rapidas que este, como são a cavallaria e a infanteria montada.

Diz Von Wissmann: «No territorio africano o inimigo derrotado desapparece como se o solo o tragasse. Ha raros casos em que pode ser alcançado, em terreno plano, por ex. O adversario não tem laços tacticos, é ligeiro como a caça, conhece os caminhos, as arvores, as pedras, procurando assim esconder-se aos olhos do perseguidor. Como é que uma tropa illaqueada pelos laços tacticos, não conhecendo o paiz, carregada com o uniforme e com as provisões poderá alcançar um tal adversario? Dispondo-se de tropas irregulares (auxiliares) pode-se mais facilmente tentar a perseguição».

Os auxiliares podem, com effeito, na falta da cavalla-

ria, e guiados por europeos montados e conhecedores da região, desempenhar esse papel.

Alguns authores aconselham mesmo que, depois de um combate serio que tenha provocado grande dèpressão moral sobre o adversario e quando este nas suas luctas não usa de retornos offensivos nem de embuscadas, se envie uma forte fracção aligeirada quanto possivel perseguil-o sem treguas, devastando-lhe as povoações, os campos, aprisionando-lhe as mulheres, os rebanhos, procurando agarrar os chefes. O resto da columna, seguirá no encalço d'essa fracção, n'uma disposição cerrada para a apoiar e recolher em caso d'um provavel retorno offensivo. O bom aproveitamento d'essa occasião, um movimento rapido, decidido e bem orientado podem fazer concluir a campanha pelo aprisionamento do chefe inimigo, pela desmoralisação da sua gente, pela occupação de logares que a superstição indigena olhe como sagrados, etc.

O feito de Chaimite, a morte do Maguiguana (Gaza 1897), etc., explicam-se d'esse modo, e as razões que levaram o grande Mousinho d'Albuquerque a resolver taes golpes de mão baseam-se muito logicamente n'estes principios.

Alguns authores prescrevem que a perseguição deve terminar com a noite e por isso aconselham que os combates offensivos se effectuem de manhã. Conforme as circumstancias, porém, o chefe decidirá, tendo-se em vista o estado de energia physica das tropas perseguidoras, a indole, o modo de combater do adversario, a natureza do terreno, a especie do objectivo que se tem em vista, etc.

Não se dispondo de cavallaria, de auxiliares ou de tropas pouco fatigadas para effectuar a perseguição, como se disse, batem-se pelo fogo, á granada e com descargas os grupos de fugitivos. Confirmada a retirada definitiva do inimigo, fazer effectuar á columna o avanço em formação de combate, para animar os soldados, impor força moral aos perseguidores e dar mais relevo á perseguição. A carga de bayoneta pela infanteria é muitas vezes preconisavel, mas não irá além de algumas centenas de metros, não se dei-

xando afastar a ponto de ella chegar a não ser apoiada pelo quadrado, pois se deve sempre estar prevenido para um brusco retorno offensivo ou cilada, ainda que pouco provaveis com a tactica de muitos povos. Da carga de bayoneta empregada algumas vezes pelos francezes no Dahomey, dizia o coronel Dodds uma vez: a carga de bayoneta feita por lances de 200^{m}, intervallada por descargas, inspirou tal terror no inimigo que não voltou n'aquella tarde a approximar-se a menos de 200^{m} do quadrado.

Embora Wissmann e outros preconisem a carga de bayoneta, como ultima phaze do combate, para completar a desmoralisação e a desordem produzidas nas forças inimigas pelo fogo bem sustentado e dirigido das nossas tropas, e embora nós já algumas vezes a tenhamos empregado com exito, nomeadamente na guerra da Guiné em 1894, operações contra os Namarraes, Campanha do Bailundo, etc., notaremos que nem com todos os adversarios se deverá recorrer a este processo de perseguição, pois tropa que effectuar uma carga de bayoneta perderá da sua unidade e cohesão, estabelecendo-se sempre uma certa confusão e não se podendo passar com a rapidez necessaria a uma formação defensiva que lhe permitta oppor-se a um retorno offensivo ou a uma embuscada do adversario.

A cavallaria não perseguirá em forrageadores, mas unida.

Um exemplo de quanto é perigosa uma perseguição mal preparada ou effectuada prematuramente é o seguinte:

No combate de Hasheen (Soldão-1884-85), quando a retirada dos arabes se começou a pronunciar, os esquadrões de cavallaria ingleza arrojaram-se em perseguição d'elles e em certa altura apearam e abriram fogo. Os arabes, porém, effectuando um subito retorno offensivo, precipitaram-se sobre os cavalleiros inglezes que, ou desmontados pereciam á mão d'aquelles, ou a cavallo eram em breve aprisionados pelos adversarios que, cobrindo-se com o matto, cortavam os jarretes aos cavallos e se approximavam a 15 metros do quadrado da Guards Brigada.

Mais tarde uma nova perseguição effectuada pelos Lan-

ceiros surtiu effeito e, de resto, no flanco direito alguns esquadrões de lanceiros e de cavallaria indiana conseguiram deter por meio das suas cargas um grande corpo inimigo que tentava tornear esse flanco. N'este combate censurou-se muito o facto de os inglezes se terem postado em frente d'uma vasta extensão muito coberta de matto e accidentada que permittia o avanço do adversario e prejudicava e inutilisava os fogos da artilharia e da infanteria inglezas.

Retirada. — Ter sempre presente este principio de Wolseley: «*Toda a marcha em retirada é olhada pelos povos não civilisados como indicio de medo e fraqueza*».

Como diz Callwell, o momento critico é o começo da retirada, por ser então maior o enthusiasmo e o ardor do inimigo os quaes vão affrouxando pouco e pouco, pois taes adversarios não comprehendem a importancia de garantir e completar o successo d'uma acção.

Aquelle author, com a historia na mão, accrescenta que, se as tropas conseguem aguentar-se com vantagem na retirada durante uma ou duas horas, poderão em geral ter a esperança de continuar o movimento sem serem tenazmente perseguidas.

E' raro appellar-se para a retirada, quando imposta pela victoria do adversario. Ou este esmaga a columna, o que será mais natural, ou esta, no caso de não poder repellir o inimigo, toma posição, fortifica-se e espera melhor momento ou o auxilio de forças á retaguarda; mas a retirada pode tambem ser imposta pela falta de viveres, d'agua (Namarraes), de munições, etc. E, portanto, quando ella fôr a unica solução imposta pela força das circumstancias, adoptar-se-hão os dispositivos adoptados a paginas 112 e, dito aquillo que alli fica, accrescentaremos que os auxiliares negros e os carregadores não abrirão fogo e se deverão conservar deitados e confiados a uma escolta especial.

N'uma retirada o negro é mais um embaraço do que um auxilio, pois, não comprehendendo as necessidades tacticas que ha em fazer uma retirada e attribuindo-a sempre a uma derrota, desmoralisar-se-ha, quererá fugir e difficilmente se-

rá contido nos seus postos. O negro é, geralmente, tão ousado na perseguição, como timido e cobarde na retirada.

Estratagemas, embuscadas e surprezas. — Afim de obrigar o adversario a bater-se, expondo-nos em terreno favoravel as suas forças ás quaes, como se tem dito, é preciso infligir uma licção severa para concluir rapidamente a lucta, é por vezes necessario appellar para a astucia, porque, como diz um proverbio arabe, a guerra é o ardil e a força de mãos dadas. Taes adversarios são, geralmente, astuciosos, mas, ainda assim, pela falta de cohesão, de disciplina entre elles e pelo arrebatamento com que muitas vezes se deixam ir atraz d'uma força inimiga que retira ou d'um comboio mal escoltado, etc., são susceptiveis de illudir-se.

A historia das campanhas coloniaes é fertil em exemplos d'estes. No excellente trabalho *Petites Guerres* de Callwell, que consultamos frequentemente, extrahimos o seguinte exemplo que encerra util licção em tal assumpto.—

Em 1860 3:000 Waziris (India) desceram das suas montanhas para saquearem uma povoação ingleza. O commandante das forças montadas da região reuniu uns 300 cavalleiros e foi-lhes ao caminho. Encontrando-os n'um terreno montanhoso, difficil, foi-se retirando lentamente, attrahindo-os para uma planicie onde, fazendo de repente meia volta, os carregou com a sua gente, desbaratando-os e fazendo-lhes 300 mortos, entre elles o chefe. Vêde tambem o combate de *Kambula* (Zululandia-1879).

Simulando, portanto, uma retirada ou patenteando ao adversario um movimento de hesitação, de confusão bem calculado, pode-se arrastal-o para uma posição favoravel ao seu desbaratamento. Como vimos no exemplo precedente, a cavallaria presta-se muito para tal papel pela sua mobilidade e independencia de acção.

Como diz Callwell, guerreiros irregulares podem tambem ser arrastados a uma embuscada, patenteando-se-lhes uma *isca* de facil preza, como gado, bagagens, etc., mal defendidos, e occultando a certa distancia o grosso da columna

que no momento preciso lhes cáia em cima, cortando lhes a retirada e desbaratando-os.

São d'aquelle author as seguintes indicações para a preparação de embuscadas:—

A destreza e o conhecimento do terreno são indispensaveis para organisar uma embuscada.

O inimigo não deverá presentir as tropas encobertas que deverão cooperar na surpreza. No momento de atacar as forças serão conduzidas com o maior arrojo e impetuosidade. A's vezes muitas embuscadas dispostas a certa distancia umas das outras, tendo-se tambem em vista não fraccionar muito a columna a ponto de a enfraquecer, produzirão bom resultado. Prevenir-se-hão todas as eventualidades, resolvendo-se previamente as soluções a tomar no caso de insuccesso. As tropas empregadas deverão estar bem na mão e o seu commando será entregue a chefes serenos, resolutos, dotados d'um mixto de prudencia e audacia.

Dispondo-se de tropas montadas, serão estas que constituirão a *isca* que procurará attrahir o adversario ao logar escolhido, fazendo-se occultar a infanteria e a artilharia ás quaes pertence vibrar o golpe de misericordia, mas no momento opportuno, deixando approximar bem o inimigo para o bater.—

Tratando-se de embuscadas preparadas pelo inimigo, diremos que o melhor meio de as evitar é: organisar e manter um bom serviço de segurança e marchar sempre na formação mais propria para receber um ataque em qualquer direcção; o uso por parte dos chefes da maior circumspécção e prudencia nas differentes operações de guerra que haja a effectuar; e o emprego de frequentes reconhecimentos. No terreno coberto é vulgar o emprego por parte do adversario de tiroteios intermittentes e bem mascarados que incommodam constantemente as columnas, como se via nos Namarraes, no Soldão, no Dahomey, etc.

O melhor processo a adoptar contra tal methodo é bater uma vez ou outra com descargas e granadas os pontos em que se presume refugiado o adversario.

Para surprehender um inimigo que, por informações, se sabe occupar certa posição, recommenda-se como melhor meio o ataque ao amanhecer, precedido d'uma marcha de noite; effectuam-se todos os preparativos no maior segredo, de modo que só os chefes estejam ao facto da operação.

Aconselham-se as seguintes medidas:

Fazer sahir do campo uma columna ligeira transportando cada homem os viveres necessarios em direcção opposta á do inimigo, regulando a hora de partida de modo a attingir a proximidade do adversario algum tempo antes do alvorecer. Se aquelle está proximo, convem desnorteal-o, illudindo-o quanto possivel ácerca das nossas intenções. Durante a marcha serão de rigor os principios apontados nas—*Marchas de noite.*

Chegando á proximidade do adversario, divide-se a columna em duas partes; uma encarregada de effectuar directamente a surpreza e outra de reserva que ficará encoberta e em formação cerrada, prompta a apoiar ou proteger a retirada da primeira.

A fracção do ataque continuará a approximar-se o mais possivel do inimigo, guardando o maior silencio e podendo conforme os casos, ou estender em atiradores em semicirculo envolvente ou melhor, se o adversario é numeroso e audaz, conservando-se em ordem unida e combinando um ataque de frente com um movimento envolvente sobre um dos flancos, podendo-se fazer postar uma pequena força na retaguarda da posição afim de cortar a retirada do adversario. Depois a curta distancia varrer-se-ha este de repente com descargas successivas que o surprehendam e desmoralisem, cahindo-lhe depois em cima á bayoneta, bem unidos os homens e na mão, procurando aprisionar ou matar os chefes.

Haverá todo o cuidado em não disparar um tiro nem fazer o menor ruido antes do momento proprio para o ataque. As armas carregar-se-hão apenas n'essa occasião.

Peroz conta assim no seu livro=*La tactique dans le Soudan* o processo de que se serviu para afastar a gente do Samory que cercava um posto de que elle era commandante:

—Depois da meia noite, com uma escuridão completa, sahiu do posto com 20 atiradores munidos apenas de espingarda e com os cartuchos envolvidos no cinto de lã, e, avisinhando-se do campo inimigo, cujos postos avançados se atravessaram rastejando, chegaram ao meio do acampamento onde fizeram uma descarga sobre um grupo de adversarios adormecidos, e em seguida cada atirador procurou fugir para o posto conforme pôde. A confusão produzida na gente do Samory foi tal, que, cegos pela luz das fogueiras, nada vendo no exterior, atirando ao acaso, matavam e feriam os seus companheiros. Este processo, adoptado algumas vezes, obrigou o Samory a mudar o campo para longe.—

V

Informações e reconhecimentos. — Diz Dodds no seu relatorio da campanha de Dahomey: «A falta completa de informações serias foi a maior difficuldade que se encontrou na conducta das operações». São de varia natureza essas difficuldades, avultando em primeiro plano o desconhecimento do terreno em que se opera, visto entre nós não estar bem organisado o serviço de cartographia das colonias, pois muitas regiões ha de que ainda se não confeccionaram cartas sufficientemente detalhadas, fazendo-se obra apenas por roteiros e indicações de viajantes, e outras organisadas apenas com simples esboços e informações dos residentes, como a ultima carta de Inhambane, cujo esqueleto geodesico foi feito, é certo, pelo Snr. 1.° tenente d'Armada Soveral Martins, mas cujos detalhes topographicos foram fornecidos pelos commandantes militares, mediante umas visitas ás terras, ás vezes sem uma simples bussola que o governo não fornecia «por as não haver no mercado.»

A par do desconhecimento do terreno vem a ignorancia ou a incerteza ácerca dos effectivos, da organisação, dos processos de combater, dos recursos, etc. do adversario. Esta

incerteza ou ignorancia é aggravada pela grande facilidade e rapidez de movimentos do adversario n'uma região que este conhece palmo a palmo, sem comboios, sem preconceitos estrategicos ou tacticos que o prendam ás posições, facilmente e de prompto informado ácerca dos nossos effectivos, instrucções, manobras, recursos, etc. Embora de maravilha, é certo que as noticias no matto entre os povos inferiores transmittem-se com a rapidez do telegrapho, ás vezes completamente pormenorisadas, e do que se passa nos acampamentos tudo transpira para o exterior não só por intermedio dos auxiliares e carregadores, mas pelos naturaes pacificos que veem vender artigos do seu commercio ás praças, pelos espiões occultos nas proximidades, etc.

Ora, como diz Callwell, «nada difficulta mais a concepção d'um plano de campanha seguro e decisivo e retarda a sua execução do que a incerteza e o receio de ver surgir qualquer acontecimento imprevisto que prejudique ou destrua os calculos d'uma combinação.» Assim os hollandezes em Atchin não esperavam vêr os naturaes manifestarem tantas qualidades guerreiras e habilidade na construcção de trabalhos defensivos, resultando d'essa illusão effectuar em uma campanha com forças insufficientes e soffreram perdas sensiveis no ataque das posições fortificadas.—Os francezes, não esperando que os Dahomeanos estivessem munidos d'artilharia, soffreram algumas perdas n'alguns dos primeiros reconstros em que se apresentavam em formações densas.

Na mesma campanha (1893) os francezes bastante soffreram por não encontrarem agua onde esperavam que existisse. Muitos outros exemplos fornece a historia do inconveniente de fazer seguir uma columna sem um bom serviço de informações.

Obter-se-hão, pois, todas as cartas e informações topographicas ácerca da região em que se vae operar, extrahindo douta licção das expedições anteriores n'essas paragens e analysando bem todas as informações obtidas ácerca do numero, qualidades moraes e intellectuaes dos povos inimigos, alliados e habitantes das regiões atravessadas, sua indole, tactica usada por elles, producção e grau de fertilida-

de das terras, etc. Este serviço de informação deveria ser completado na proximidade do inimigo por meio de reconhecimentos frequentes e, sendo necessario, offensivos. Convem durante a marcha destacar patrulhas de homens de confiança brancos ou negros em differentes direcções os quaes no regresso serão interrogados separadamente para do confronto das declarações apurar noticias mais dignas de credito. Os grupos francos de que fallámos na—*Exploração a distancia*—desempenharão bem esse papel.

Empregando-se tropas brancas, escolher-se-hão homens atrevidos, intelligentes, desembaraçados e com pratica das guerras coloniaes; estas patrulhas deverão ser fortemente constituidas para fazerem face a um ataque subito. Como recommendam as *Instrucções* da expedição de 1895 a Lourenço Marques, as patrulhas de auxiliares serão pequenas, de homens escolhidos, com plena liberdade de acção e cuja direcção superior deve ser confiada a um official habituado ás guerras coloniaes, conhecedor da região e das qualidades d'esses negros.

Peroz prefere o emprego de alguns soldados indigenas fallando a lingua do paiz, disfarçados, enviados muitos dias na frente, os quaes poderão penetrar nas povoações, no campo inimigo, etc., e poderão assim informar a columna.

Os espiões prestam valiosos serviços; pode-se commetter esta missão a indigenas das tribus adversas do inimigo.

Podem mesmo aproveitar-se individuos que por differenças de raças, por espirito de vingança pessoal, etc., acceitem essa missão.

Os inglezes nas campanhas coloniaes recorrem muito a este serviço que por varias vezes os tem livrado de desastres. Acolher com prudencia as noticias trazidas por elles, as quaes, geralmente, peccam por exageradas e por falsas até, embora transmittidas com sinceridade; de resto, vigiar-se-hão quanto possivel estes homens que muitas vezes podem até atraiçoar-nos; nos interrogatorios usar-se-ha d'um grande tacto e de manha para os questionar, não os assustando, nem irritando e confrontando as suas informações com as d'outra origem. Os prisioneiros prestam tambem ás vezes bons ser-

viços, sendo então conveniente não perder occasião de os fazer, para colher noticias e deter refens.

Toda essa gente póde, quando interrogada com geito e paciencia, prestar esclarecimentos os quaes ainda que vagos, mas confrontados com informações d'outra origem, alguma coisa illucidarão o chefe da columna. O interrogatorio versará principalmente sobre os effectivos e intenções do adversario, logar onde se encontra, armas de que dispõe, alliados com que conta, estado do animo das populações, logares onde guarda os gados, os bens, as mulheres, opiniões emittidas pelos feiticeiros, situação dos logares sagrados, superstições relativas á guerra com os brancos, logares d'abastecimentos d'aguas, etc. Dispondo-se d'um bom interprete, intelligente e de confiança, incumbir-se-ha esse individuo de obter esclarecimentos ácerca d'estes assumptos, deixando-lhe conduzir o interrogatorio á vontade, mas na presença do chefe da columna que procurará tornar completas quanto possivel estas informações, quer interrogando separadamente os informadores, quer acareando-os entre si, etc.

De resto, quanto aos reconhecimentos offensivos effectuados na proximidade do inimigo diremos que por meio d'elles, feitos frequentemente e até ás vezes commandados pelos proprios chefes das columnas, é que os francezes em Madagascar conseguiam ás vezes determinar as posições dos hovas.

Os inglezes nas suas guerras coloniaes têm usado muito dos reconhecimentos offensivos sobre o inimigo feitos a alguns kilometros das columnas e em forte força, principalmente cavallaria e infanteria montada. Estes reconhecimentos bastavam-lhes muitas vezes para repellir um inimigo numeroso e, mesmo que assim não fosse, conseguiam attrahil-o para o fogo da columna, arrastando-o para más posições, destruindo até ás vezes os projectos tacticos dos chefes negros, dividindo-lhes as forças, etc.

De resto, repetidos reconhecimentos eram feitos em diversos sentidos na frente e flancos das columnas, chegando a alcançar 10, 15, 20 e mais kilometros, conforme a rapidez das tropas empregadas, a natureza do terreno e a proximi-

dade do inimigo, etc. O proprio commandante da columna effectuava ás vezes esses reconhecimentos para formar uma ideia mais nitida das posições avançadas a escolher, dos caminhos a seguir, etc.

Peroz apenas admitte os reconhecimentos offensivos, quando constituidos por uma força de tropas bem montadas, actuando rapidamente, penetrando quanto possivel no interior do territorio inimigo, não perdendo occasião de fazer bons prisioneiros e refens ou então uma forte columna que, quando atacada a distancia de todo o auxilio, possa defender-se vantajosamente.

Os reconhecimentos offensivos muito frequentes em differentes direcções e lançados a distancia são realmente um recurso precioso para que se deverá appellar, quando haja duvida sobre a posição do inimigo, seu numero e intenções.

São do capitão Meynier muitas das indicações que seguem ácerca dos serviços de reconhecimentos nas colonias.

Todo o reconhecimento comprehende tres partes: *a preparação, a execução e o relatorio*:

Quando um subalterno recebe uma ordem para effectuar o reconhecimento, deverá por-se bem ao facto d'ella e, na previsão de todas as eventualidades, pedirá instrucções supplementares escriptas ou verbaes sobre o procedimento a adoptar n'estas circumstancias. As instrucções escriptas são sempre preferiveis por se prestarem a um estudo e a uma execução mais rigorosas e servirem de documento para definir as responsabilidades de quem as dá e de quem as recebe.

O official informar-se-ha quanto possivel ácerca dos recursos de que dispõe a região em que vae operar, como agua, gado, etc., afim de se aprovisionar em conformidade. O guia que o deverá acompanhar e que só em ultimo caso se dispensará, quando a região não seja conhecida, será interrogado cuidadosamente antes ácerca do caminho a seguir, obstaculos a vencer, povoações a atravessar, attitude dos habitantes, etc., sendo essas indicações confrontadas com as d'outra origem, e tomando-se nota d'ellas, para o caso

do guia vir a dezertar, a perecer, etc. Havendo carta da região, apontar-se-hão n'ella todos os detalhes obtidos assim, não esquecendo mais tarde de lançar ahi todos os pontos de referencia da marcha, posições importantes para estacionar ou offerecer combate, etc. E' sabido que essas cartas dão indicações geraes ácerca do terreno e, portanto, será necessario confeccionar uma ampliação que se pormenorisará quanto possivel.

Organisada, aprovisionada e passados em revista minuciosamente todos os artigos de que vae munida, por-se-ha em marcha a columna de reconhecimento, procurando-se guardar o maior segredo ácerca dos movimentos e das instrucções.

Durante o percurso estaciona-se, marcha-se e combate-se conforme os effectivos de que se dispõe, em harmonia com os principios que se têm citado, procurando sempre informar-se com a maior certeza possivel a fim de se responder conscienciosamente aos quesitos formulados nas instrucções recebidas e bem desempenhar o serviço de que se foi encarregado, não esquecendo de apontar todas as observações novas, fazendo por completar ou corrigir quanto possivel os dados que a columna possue ácerca da região atravessada, da posição, direcção e effectivo do adversario, dos recursos do paiz, etc., etc.

De tudo isto se fará um relatorio que, como é sabido, consta de duas partes: o relatorio propriamente dito e o esboço do terreno atravessado.

O primeiro, em cuja redacção se respeitarão os principios prescriptos pelo nosso *Regulamento de campanha*, poderá dividir-se assim: instrucções recebidas, modo como foram executadas, diario das marchas e operações, informações e resultados obtidos.

Quanto á organisação do esboço, para o que se tornam indispensaveis uma bussola (e sendo possivel, uma bussola alidade, a Peigné, por ex.) e um relogio, cumpre effectuar e registar as observações feitas com a maior regularidade e exactidão.

Não se dispondo de bussola, será necessario referir a orientação ao movimento do sol. Os indigenas sabem, geralmente, indicar com relativa precisão o logar onde este astro nasce e onde se põe.

Os pormenores do terreno vão sendo recolhidos e apontados n'um caderno, registando-se em cada alto ou em cada logar importante os pontos de referencia do caminho percorrido e recolhendo-se todos os elementos necessarios para preencher o registo adiante descripto. Ao mesmo tempo vae-se confeccionando o esboço, onde se indicam por algarismos ou lettras as observações correspondentes que constam do registo. Para o nivelamento poder-se-ha recorrer ao *barometro altimetrico* o qual fornece indicações soffriveis para a apreciação do relevo do terreno. Quando se queira obter um trabalho mais completo que sirva de subsidio para uma carta da região, convirá annotar as particularidades da hydrographia, da geologia, da mineralogia, da flora, da fauna, etc. Regressando ao campo, passar-se-ha a limpo o trabalho, respeitando quanto possivel a sua exactidão, embora o trabalho artistico deixe a desejar, ao contrario do que geralmente succede, pois muita gente preoccupa-se mais com a belleza do dezenho de que com a verdade da informação topographica.

O coronel Caudrelier propoz o seguinte typo de registo para uso dos officiaes no Soldão francez.

Origem das miradas	Ponto visado	Hora da observação	Distancia percorrida	Azimuths observados	Indicações barometricas	Differenças de cota	Descripção dos pormenores e natureza do logar
Povoação.....	Arvore grande no caminho.....	6h,20	0	195º	765mm	0	Terreno descoberto, pouco fertil, pantanoso á direita.
Arvore grande no caminho..	Monte de muchem...	6h,50	1,m500	180º	760	—8	Terreno de langua, argilloso e descoberto. Capim de 1m,50 de altura.
Monte de muchem.....	Thalweg d'um ribeiro	7h,10	2,m000	190º	763	+4	Mafurreiras e arvores de fructo comestivel, terreno pouco coberto, ondulado.
etc.	..	..	..	..	..	..	..

O diario do reconhecimento preencher-se-ha no grande alto ou no fim da marcha quotidiana.

CAPITULO VI

Fortificação e trabalhos de campanha. Ataque e defeza de posições

I

Generalidades. — Discutem alguns authores a conveniencia de proteger as columnas em estacionamento com trabalhos defensivos taes como: trincheiras, abatizes, etc. Peroz no seu bello livro=*La tactique dans le Soudan*=condemna frequentemente tal systema:—

«Tantas precauções defensivas têm geralmente um effeito desastroso sobre o moral das tropas, e mesmo sobre os officiaes. Além da extrema fadiga que provocam, lançam no espirito do soldado uma duvida nefasta ácerca da sua potencia offensiva ou defensiva perante o inimigo. Sem lhe darem uma protecção bem efficaz, aquellas prendem-o de algum modo detraz das suas posições d'onde difficilmente se poderá fazer sahir na occasião do combate. Além d'isso, reduzem as qualidades de iniciativa e o espirito d'offensiva dos officiaes. Será preferivel appellar para um bom serviço de segurança e para a constante vigilancia por parte dos postos e das sentinellas do que para obstaculos que raras vezes, pelos reduzidos meios de que se dispõe, offerecem solidas garantias contra uma surpreza vigorosamente effectuada. As columnas francezas no Soudan em caso algum têm feito uso de entrincheiramentos de qualquer natureza. Muitas vezes têm sido atacadas no bivaque e de subito, de noite ou de dia, por um inimigo muito superior em numero; nunca têm sido surprehendidas, devido a um bom serviço

de segurança, e nunca foram batidas no acampamento, graças aos dispositivos racionaes que se têm adoptado.»

Von der Goltz affirma que o abuso da fortificação é um signal de fraqueza. Callwell, pelo seu lado, diz: «A confiança nas fortificações é prova de inferioridade em presença do adversario. O soldado que todos os dias se serve de obstaculos e d'abatizes para conservar o inimigo a distancia chega a crêr que, privado d'esse abrigo, não se pode medir com o adversario.» Mas este author concorda que casos ha em que se torna necessario adoptar aquellas precauções: quando a columna é seguida d'uma pesada *impedimenta;* quando se combate n'um paiz de bosques cerrados, em que o adversario pode approximar-se d'um bivaque a coberto do matto e lançar-se de subito sobre elle; para resistir ao impulso de adversarios que ataquem em grandes massas com uma audacia que despreze os effeitos terriveis das nossas armas aperfeiçoadas.

Os factos provam bem a necessidade de proteger a columna nos estacionamentos com disposições defensivas. Assim os inglezes, que são mestres nas guerras gentilicas, declaram que o desastre de Isandlana se teria evitado, se desde o inicio do combate as tropas se tivessem disposto defensivamente n'uma posição favoravel, com um profundo campo de tiro, e se não tivessem desprezado a ordem de Lord Chelmsford o qual determinou que os inglezes formassem *laager* e se defendessem n'elle. Nas nossas campanhas coloniaes tem-se sempre adoptado esse systema. Os boers inventaram o *laager* que empregaram sempre nas suas luctas com os naturaes.

Foi em 1836 nas margens do Wilge que Potgieter e Sorel Cilliers com a sua gente, transformados de pastores em guerreiros pela força das circunstancias, organisaram o primeiro *laager* o qual foi atacado por grande massa de Matabeles. Os carros formavam quadrado, o temão de um ficava sob o immediato, as rodas immobilisadas, dispondo-se abatizes espinhosas a defenderem os intervallos. Os boers abriram o fogo apenas a algumas dezenas de metros, repellindo o adversario que retirou com grande perda apoz lucta vi-

vissima em que chegou a tentar arrastar os wagons e remover os abatizes.

Os americanos adoptavam o mesmo processo. Os francezes no Dahomey faziam-se sempre cercar de trincheiras-abrigos e abatizes. Os belgas no Congo mandam crear a pequena distancia do campo um obstaculo que, embora não seja continuo e impenetravel, baste, pelo menos, para quebrar o impulso d'um ataque em massa. Finalmente o notavel chefe allemão Von Wissmann aconselha muito peremptoriamente: «façam-se sempre cercar d'uma disposição defensiva».

A fortificação em Africa pode ser *permanente*, isto é, comprehender os trabalhos feitos para garantir das investidas dos indigenas uma certa posição por um espaço illimitado de tempo, por exemplo—um posto militar; *improvisada* ou *expedita*, abrangendo os trabalhos feitos para oppor um obstaculo mais ou menos importante a uma assaltada dos naturaes, durante o curto espaço d'um estacionamento, algumas horas ou mesmo alguns dias, exemplo: protecção d'um bivaque; e *provisoria* comprehendendo todos os trabalhos feitos para assegurar e augmentar o valor defensivo d'uma posição em que se estabeleceu a baze d'operação, um posto da linha de communicações, etc., durante o periodo d'uma campanha.

Ao primeiro grupo pertencem os blockaus, as aringas, os reductos, as trincheiras reforçadas, etc., trabalhos, emfim, de resistencia, duradouros e quanto possivel confortaveis.

O 2.º comprehende as trincheiras-abrigos, as defezas accessorias empregadas simplesmente ou reforçando-as, trabalhos organisados rapidamente com os recursos de que se possa lançar mão no momento.

O 3.º abrange as trincheiras reforçadas, os reductos, etc., trabalhos de resistencia que se possam organisar em breves dias para augmentar o valor defensivo da posição apenas durante o decorrer das operações.

Seja qual fôr o typo de fortificação empregado, ha uns principios geraes que se terão sempre em vista:

Preferir um ponto elevado com commandamento sobre o exterior e agua nas proximidades.

O campo de tiro deve ser desembaraçado na maior profundidade possivel para permittir o aproveitamento do alcance efficaz das nossas armas e facilitar a vigilancia. A fortificação tem primeira e principalmente por fim oppôr um obstaculo mais ou menos poderoso, conforme o tempo e os materiaes de que se dispõe, ás investidas do adversario. O tiro d'este não é geralmente para temer e, portanto, quando se fortifica uma posição, não será a questão da *massa cobridora* a que mais nos preoccupará, mas simplesmente a excellencia do obstaculo empregado, e tanto que no caso d'um curto estacionamento bastarão úmas simples, mas resistentes defezas accessorias, abatizes, redes de fio de ferro, etc., e, quando muito, reforçadas com uma trincheira-abrigo de pequeno perfil.

Diz Callwell=«Um simples parapeito vale mais do que nada, mas o que é preciso é um bom obstaculo que detenha o assalto do inimigo. O forte Battye, atacado de noite durante a guerra do Afghanistan, consistia apenas, em parte, n'um simples parapeito; o adversario approximou-se rastejando e atirava sobre o campo interior por detraz d'esse parapeito, de modo que este aproveitou aos assaltantes e não aos defensores. Um muro elevado, uma palissada, uma barreira, espessa de plantas espinhosas offerecerão geralmente mais segurança do que um forte parapeito de terra o qual poderá resistir a um bombardeamento, mas que não offerece um obstaculo serio ao inimigo».

Os trabalhos a effectuar devem ser de simples e rapida execução, de modo a obter-se uma immediata protecção, cingir-se quanto possivel aos recursos do paiz e utilisar a mão d'obra indigena a qual apenas se poderá industriar ligeiramente ácerca de taes trabalhos. As regras do traçado relativas á sua adaptação ao terreno, a necessidade de evitar os espaços mortos ou a conveniencia de obter o seu flanqueamento são de rigor. Cita Callwell alguns exemplos para demonstrar a tendencia instinctiva dos povos inferiores em

se lançarem sobre os angulos e espaços mortos, pondo em risco a segurança das tropas.

Attender-se-ha tambem não só á qualidade das armas de que o inimigo está munido, mas tambem ao modo como os seus ataques se produzem, á tactica por elle adoptada, etc.

Nos trabalhos de fortificação *permanente* e *provisoria* (1.º e 2.º grupos) ter-se-ha em vista reforçar quanto possivel o seu valor defensivo, constituindo não só um obstaculo poderoso ás assaltadas e surprezas do inimigo, mas tambem dando ás *massas cobridoras* um relevo e uma resistencia capazes de garantirem a invulnerabilidade dos defensores.

II

Trabalhos de fortificação

Fortificação improvisada ou expedita.—Como vimos, a pratica geralmente seguida é formar um obstaculo, cercar um bivaque de abatizes, redes de fio de ferro, etc., ou organisar o *laager* (paginas 129) sempre que se está a curta distancia do inimigo. Tem-se mesmo muitas vezes em occasião critica, á falta de material ou de tempo para o dispôr, organisado um parapeito com caixotes de viveres, sellas, cavallos e bois mortos.

Em Magul, formado o quadrado em presença do adversario que surprehendeu a columna em marcha, aproveitou-se a demora d'este em atacar, dispondo-se abatizes a 5 metros das faces com os ramos de arvores proximas e ligando-os com fio de ferro.

Eis a ordem dos trabalhos a effectuar:—

Traçadas as faces do quadrado, formação em que se bivacará, limpo o terreno exterior n'uma grande profundidade

de modo a garantir um bom campo de tiro e prevenir o incendio no matto, procede-se á construcção do obstaculo.

Em paiz de bosques recorrer-se-ha aos ramos das arvores formando abatizes com que se organisarão uma ou mais linhas distanciadas entre si algumas dezenas de metros. A linha interior será collocada a distancia tal do campo que facilite todos os movimentos das tropas e adaptar-se-ha ao terreno, de modo a evitar os espaços mortos ou permittir o seu flanqueamento.

A altura das abatizes deve ser tal que o adversario as não possa transpor facilmente e ao mesmo tempo não prejudiquem as vistas e os fogos dos defensores.

Preferir-se-hão os ramos de plantas espinhosas, como accacias, cactos, etc. As abatizes ligar-se-hão entre si e ao terreno com fio de ferro.

Para as formar escolher-se-hão ramos muito erriçados de ramusculos com as pontas dirigidas no mesmo sentido e cuja madeira seja resistente. Não esquecerá de transportar o material necessario para abater os ramos, como seja: machados, cordas para puxar aquelles, etc.

Bujac apresenta no seu livro *Precis de quelques campagnes contemporaines* um typo de bivaque fortificado, adoptado por um official francez contra os tuaregs que, como se sabe, são notaveis pela rapidez dos ataques em massa: o campo de Farasch, um rectangulo de 18×7^m, era cercado d'um recinto duplo: um interior formado de abatizes espinhosas com $1^m,5$ de espessura e outro exterior com 3^m. Uma abertura, obstruida de noite com ramos de «mimosas», dava accesso para o bivaque. O terreno era surribado n'uma faicha de 50^m em torno das faces; 43 atiradores indigenas e os officiaes brancos aguentaram victoriosamente durante uma hora uma taque vivissimo de centenares de tuaregs (fig. 22).

Podem-se empregar ao mesmo tempo uma ou mais redes de fio de ferro farpado. Nas regiões descobertas, núas, de areia e capim ou de matto rasteiro, appellar-se-ha exclusivamente para estas, dispostas tambem em uma ou mais faichas distanciadas entre si e do campo algumas dezenas de metros. Como indica o trabalho = *Fortificação de Campanha*

em Africa, para obter um rapido obstaculo podem dispor-se no terreno duas fileiras parallelas de estacas altas (1 a 2^{m}), em que se pregam horisontalmente tres ou quatro fios cruzados (fig. 23) e ligados entre si por outros; o fio pregar-se-ha ora d'um, ora d'outro lado das estacas para evitar que um golpe de machete corte mais d'um ao mesmo tempo. Na expedição de Lourenço Marques tambem se procedia assim: cravava-se no solo uma serie de estacas curtas dispostas em xadrez a que se ligavam os fios, tendo o cuidado de deixar uma vereda em zig-zag atravez da rede, disfarçando-se de onde em onde o piso dos homens que alli passavam (fig. 24).

Estabelecido o obstaculo por qualquer dos modos indicados, pode-se reforçar a posição com uma simples trincheira-abrigo de mais ou menos relevo, que ainda se poderá reforçar com uma rede de fio de ferro. Não esquecerá abrir aqui e alli, no macisso das defezas accessorias differentes veredas, como se disse para a rede de fio de ferro, ou aberturas convenientemente fechadas por obstaculos removiveis do interior, permittindo effectuar contra-ataques, para o serviço das patrulhas, etc.

Fortificação provisoria.—Os typos, os processos, os materiaes empregados, etc., variam com o fim que se tem em vista.

Organisação defensiva da base d'operações. — Quando se seja forçado a estabelecer a *base d'operações* n'uma região que não esteja absolutamente ao abrigo d'um golpe de mão do adversario, prevendo-se mesmo o caso d'um insuccesso, será necessario reforçar as condições defensivas da posição de modo a tornal-a quanto possivel inexpugnavel. Diz Ned Noll *(Etude sur la tactique de ravitaillement des guerres coloniales):* «Os hollandezes deveram apenas á solida organisação defensiva da sua base d'operações o não serem atirados ao mar em seguida ao desastre da marcha sobre Kraton na primeira expedição do valle de Atchin.» O systema preferivel e tantas vezes adoptado para proteger a *base d'operações* é organizar um recinto continuo

de elementos variaveis de pequeno relevo reforçado com uma ou mais faxas de boas defezas accessorias e flanqueado por boas obras defensivas, blockaus, reductos, etc., dotados de artilharia.

O desenvolvimento d'estes trabalhos varia conforme a maior ou menor exposição da base aos ataques do adversario, valor d'este, maior ou menor facilidade em receber soccorros, importancia e duração das operações, etc.

Na expedição do Dahomey, Kotonou foi cercada por uma linha defensiva continua construida de palissadas e apoiada nas feitorias, effectuando-se o flanqueamento por meio de dois fortes e d'uma bateria de grosso calibre ; Porto Novo era defendido por uma linha continua de trincheiras-abrigos e de palissadas reforçada com defezas accessorias e flanqueada por tres fortes. No principio da expedição de Lourenço Marques, para garantir esta cidade dos ataques dos indigenas que tinham assumido uma attitude sobremaneira insolente e ameaçadora, estabeleceram-se em torno d'ella 12 blockaus de madeira forrados de zinco, cada um provido d'uma peça de artilharia, e ligados entre si por uma rede de fio de ferro.

Tratando-se da base d'operações d'uma pequena columna, como as installações se podem inscrever n'um pequeno perimetro, o systema preconisavel será o dos

Postos provisorios—que constituem tambem a especie de construcções defensivas adoptaveis ao longo da *linha de communicações.*

Para a construcção d'um posto é necessario primeiramente proceder ao reconhecimento do terreno, tendo em vista a sua constituição geologica e topographica, a proximidade de agua potavel, etc. Ha duas especies de condições a que é necessario attender=*hygienicas* e *tacticas*. Quanto ás primeiras ter-se ha em vista o que ficou dito no 1.º volume d'este *Manual=Hygiene da habitação.*

Quanto ás segundas, além dos principios já citados nas *Generalidades* d'este capitulo, attender-se-ha tambem ás instrucções recebidas do chefe da columna, as quaes devem versar sobre: facilidade de communicação com os postos

adjacentes, proximidade d'agua potavel e de alguns recursos naturaes, como lenha, etc.; facil accesso para a chegada de material, de abastecimentos e reforços de tropas; necessidade de garantir um ponto estrategico ou politico importante, etc. As condições tacticas preferirão ás hygienicas, conforme a importancia que se attribue ao ponto escolhido e o caracter mais ou menos permanente da installação, etc., não esquecendo que estas deverão ser respeitadas o mais possivel, mormente quando se pense em vir a tornar o posto de provisorio em permanente.

Escolhido o logar, proceder-se-ha ao traçado do recinto. Alem do que fica dito nas «Generalidades», attender-se-ha a que um bom traçado deve permittir abrigar todas as installações sob um pequeno perimetro facilmente defendido por uma reduzida guarnição, sem prejuizo da facilidade de movimentos no seu interior; geralmente prefere-se a fórma quadrada que para um minimo de linha de defeza dá um maximo de superficie util. Pelo traçado se supprirá quanto possivel á defficiencia das condições tacticas da posição, permittindo bater facilmente os espaços mortos e dominar pelo fogo o terreno em volta, na maior profundidade possivel. Tres especies principaes de construcções ha que se podem empregar:—reductos, aringas e blockaus.

Reductos.—Ousamos com a devida venia transcrever da excellente monographia dos Snrs. Capitães Sarmento da Fonseca e P. Borges, *Fortificação da Campanha em Africa*, o que se segue:

«*Perfis.*—O perfil de um posto fortificado compõe-se em geral de um parapeito de terra, um abrigo ao longo do parapeito, um fosso e uma explanada.

O parapeito é na maioria dos casos constituido como indica a fig. 25.ª; quando, porém, os materiaes escasseiam e se deseja um perfil mais reforçado, dispondo-se de tempo sufficiente, póde empregar-se um parapeito tal como o da fig. 26.ª

O perfil da fig. 25.ª comprehende um parapeito formado por duas filas de estacas *a* e *b* cravadas no terreno, mantidas parallelamente uma á outra por meio de travessas *c*, ou com ligações de corda de matto ou fio de arame, e revestidas pelas faces interiores com os materiaes de que se dispozer na occasião;

o intervallo comprehendido entre as paredes constituidas pelas duas filas de estacas com os respectivos revestimentos, enche-se até á altura de 1m,30 com areia ou terra extrahida do fosso aberto á frente do parapeito; o excesso da areia resultante da escavação deve ser espalhada pela explanada e á frente d'ella, a fim de augmentar o effeito de illuminação do campo exterior.

Os abrigos são constituidos pelas estacas *a* e *d*, que formam as paredes da frente e tardoz, sobre as quaes se dispõem dois frechaes *e* e *f* que recebem a cobertura superior; tarimbas construidas em regra a 1 metro acima do solo completam a disposição interior do abrigo.

Para maior rapidez de execução, o parapeito na primeira phase constroe-se apenas com a altura de 0m,70, o que permitte o fogo de joelhos; mais tarde completa-se a sua execução. Para isto, ao mesmo tempo que se cravam no terreno as estacas *d* parallelamente ás faces, vão-se pregando os frechaes *e* e *f*; havendo zinco canellado, prega-se este aos frechaes, completando assim rapidamente a cobertura *h* dos abrigos; no caso contrario emprega-se um ligeiro varedo, que se cobre com capim.

As tarimbas constroem-se cravando estacas *k* no terreno e ligando-as com as estacas *d* por meio de vigotas, que se cobrem com ramagem; havendo madeira, a cobertura das tarimbas faz-se pregando nas vigotas o tabuado, que se dispõe no sentido transversal. Esta disposição dos abrigos offerece grande vantagem para o serviço nocturno de vigilancia e para um caso de alarme, visto que os soldados logo que se levantam das tarimbas ficam nos seus logares de combate.

O perfil da fig. 26.ª é de 1m,50 e comprehende um parapeito de terra de 1m,30 de espessura, plano de fogo inclinado a $^1/_6$, banqueta e talude interior revestidos, talude exterior inclinando a $^2/_3$, berma de 0m,60 e fosso triangular de 3 metros de largura e 2 metros de profundidade com a escarpa a $^1/_1$ e a contra-escarpa a $^2/_1$. Este perfil foi empregado no posto do *Inharrime* pela columna norte das forças de operações.

Revestimentos. — Quando a inclinação a dar aos taludes é muito aspera, consolidam-se estes por meio de revestimentos, que geralmente se constroem ao mesmo tempo que se executam os aterros.

Os materiaes destinados a constituirem os revestimentos são muito variados; assim póde empregar-se o zinco canellado de que se fez um largo uso na ultima campanha da Africa oriental, por este material abundar muito no paiz; esteiras de caniço, laca-laca (ramagem muito flexivel similhante ao salgueiro), fachinas, taipaes de ramagem, estacas, pranchões, etc.

Na fig. 25.ª o afastamento das duas filas de estacas *a* e *b*, que constituem o esqueleto das paredes da caixa destinada a receber a massa da terra do parapeito, varia entre 0m,40 a 1 metro, segundo o grau de resistencia que se lhe pretende dar.

Quando se emprega o zinco, prega-se directamente contra as faces interiores das estacas *a* e *b*. Os caniços, a laca-laca, os taipaes de ramagem e as fachinas seguram-se por intermedio de ripas ligadas ás estacas *b* por cordas de matto (mutamba), como se vê na fig. 27.ª

O revestimento dos taludes faz-se, quer com fachinas (fig. 28.ª), que se consolidam por meio de estacas em forquilha cravadas a maço, quer com estacas, quasi unidas e bem enterradas tendo esteiras de caniço pela parte interior.

No primeiro caso as estacas são golpeadas a machado, ficando a bôca dos golpes voltada para a cabeça da estaca, com o fim de lhes dar maior resistencia ao arrancamento (fig. 29.ª).

Quando se torna necessario uma grande rapidez de execução, começa-se por cravar no terreno uma fila de estacas contra as quaes se pregam pranchões empilhados de cutello; prompto o parapeito, terminam-se os abrigos como se disse atrás.

Esta ultima disposição foi adoptada no posto de *Incanine*.

Abrigos.—São muito variados os typos de abrigos que por vezes se torna necessario construir sob a protecção dos postos fortificados, a fim de servirem de deposito de munições, arrecadação de generos e materiaes diversos para uso das columnas de operações.

De entre estes typos, em cuja construcção se deve sempre ter em vista o fim a que os abrigos são destinados e a natureza dos materiaes que se encontram no paiz, aquelle que mais frequentes vezes se empregou na ultima campanha da Africa oriental foi o seguinte:

Uma fila de estacas *a* distanciadas de 2m,50 umas das outras e de 4m,50 a 5 metros de altura, cravadas no terreno, sustenta sobre uma pequena forquilha *f*, formada na extremidade superior de cada estaca pela inserção de um ramo secundario ou pela bifurcação do ramo principal, um pau de fileira constituido por varas de 0m,10 de diametro na parte central e reunidas umas ás outras, até darem o comprimento desejado por ligaduras de corda de matto; o pau de fileira é ainda ligado ás estacas que a sustentam por ligaduras feitas com a mesma corda (fig. 30.ª e 31.ª).

Outras filas de estacas *b*, mais baixas e parallelas á primeira, sustentam as madres da armação (fig. 32.ª). A distancia comprehendida entre as duas filas extremas que constituem as paredes da frente e da retaguarda da construcção, não deve ex-

ceder geralmente 6 metros pela necessidade de conservar ao tecto o conveniente declive.

A armação da cobertura constroe-se do modo seguinte: Na cabeça de varas mais delgadas abrem-se com a enxó de calafate entalhes em bizel (fig. 33.ª); no fundo do entalhe ata-se uma ponta de corda de matto, deixando um chicote de 0m,70 a 0m,80; estas peças destinam-se a constituir o varedo do telhado, para o que se ligam no pau de fileira, assentando-as sobre elle pelo entalhe e atando as duas peças com o chicote e ás madres por outras cordas de matto.

A distancia das varas umas ás outras deve regular por 0m,40 de eixo a eixo. O ripado constroe-se por meio de varas delgadas de laca-laca, que se ligam parallelamente ao varedo e á distancia de cerca de 0m,22 umas das outras.

A cobertura é formada de capim previamente enlaçado em pequenos feixes; para isto prendem-se os feixes uns aos outros por cordas de matto a cerca de 0m,22 da sua base; em seguida enrola-se o capim assim preparado em molhos de 0m,25 a 0m,30 de diametro sempre no mesmo sentido; para formar a cobertura assentam-se os molhos horisontalmente sobre a parte inferior do ripado, desenrolam-se de baixo para cima e cosem-se ás ripas com cordas de matto, na altura da corda que enlaça os pequenos feixes e que fica assim servindo de apoio aos pontos da costura.

As paredes d'esta barraca são formadas por uma armação de varas e estacas bem atadas com cordas de matto, por fóra das quaes se estende uma ou duas esteiras de caniço, sobrepostas e ajustadas contra a armação, por meio de varas delgadas dispostas horisontalmente, que lhe são ligadas por cordas de matto. Algumas vezes, para maior resguardo, cobrem-se as paredes exteriormente com capim, ou revestem-se por dentro e por fóra com argilla amassada.

Em *Inharrime* construiu-se para servir de deposito de munições uma barraca de 6m×8m, com as paredes formadas por estacas juxtapostas em pallissada e a cobertura de folha de zinco.

As paredes foram barradas por dentro e por fóra com argilla amassada (maticado) com o fim de proteger as munições contra o fogo. Finalmente pintaram-se as estacas das palissadas com alcatrão na parte enterrada, para as preservar por algum tempo da destruição pela *terme* (muchem).

Do mesmo trabalho reproduzimos tambem alguns dos reductos construidos em 1895 pela columna d'operações.=

«A fig. 34.ª representa o traçado e a disposição interior do

reducto construido no *Chicomo* pela columna norte da brigada de operações da nossa ultima campanha da Africa oriental.

O reducto era um lozango, tendo cada uma das faces 66 metros de desenvolvimento; *a* e *a* eram dois tambores circulares com 8 metros de diametro, dispostos para receberem peças de tiro rapido que se destinavam ao flanqueamento das faces do reducto; *b* e *b* dois barbetes, occupando 4 metros de magistral em cada uma das faces contiguas.

Duas interrupções *c* e *c* de 3 metros de extensão no parapeito e fosso ao meio de duas faces oppostas, constituiam as entradas do reducto; *t* e *t* eram dois pequenos travezes de 5 metros de crista, que se destinavam a cobrir estas entradas.

O reducto era constituido em perfil por um parapeito, fosso e explanada. O parapeito tinha os taludes interior e exterior verticaes revestidos de fachinas (fig. 28.ª), com a espessura de 1 metro e altura de joelheira de $1^{m},5$, largura superior de $3^{m},5$ e no fundo de 0,5; as escarpas e contra-escarpas a $^{1}/_{1}$ eram revestidas com fachinas.

Os tambores tinham o perfil das faces com uma altura de joelheira apenas de $0^{m},30$ e uma pequena rampa de accesso para a installação da artilharia; os 2 barbetes tinham egualmente uma altura de crista de $0^{m},30$ e pequenas rampas de accesso.

I e *II*, etc. (fig. 34.ª), representam differentes abrigos.

I e *I* eram os quarteis para o commando da brigada e tropas de engenharia.

II e *II* eram barracas de campanha.

III e *III* eram duas barracas do systema Tollet.

IV e *V* eram as cavallariças.

VI era um paiol.

Construido o reducto, roçou-se em torno d'elle todo o capim e arvoredo n'uma faxa de 100 metros e estabeleceu-se á mesma distancia uma rede de fio de arame farpado.

A fig. 35.ª representa o reducto construido em Marracuene, quando a columna de operações na Africa oriental, depois da retirada d'esta posição por causa das chuvas torrenciaes, se viu obrigada a reoccupal-a mais tarde.

Era um reducto hexagonal com 6 metros de lado, disposto em torno de uma grande arvore, que o abrigava do sol.

Foi construido por uma força de sessenta praças, que depois de quatro horas de trabalho se achou por tal fórma fortificada, que os pretos se não atreveram a atacal-a.

O parapeito e fosso d'este reducto tinham o perfil seguinte (fig. 25.ª): taludes interior e exterior verticaes, com revestimento de varios typos; espessura de terras de $0^{m},40$, cota da crista in-

Fig 43

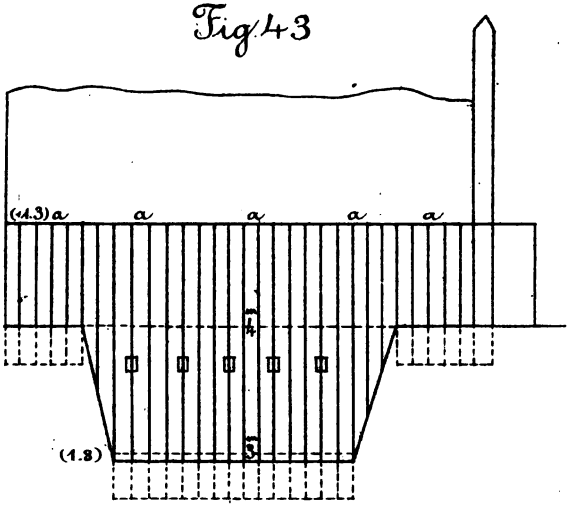
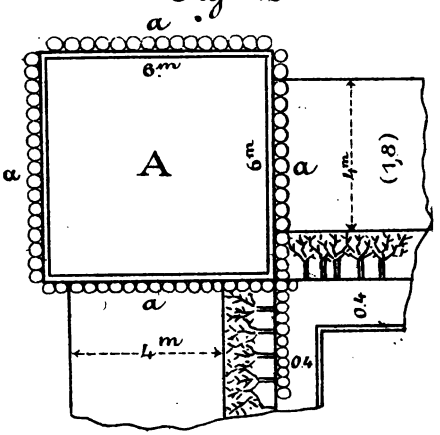


Fig. 42



terior de 1m,30, berma de 0m,40 e fosso triangular de 1m,30 de largura e 1 metro de profundidade.

Um abrigo coberto munido de tarimbas e correndo ao longo do parapeito completava este reducto.

A fig. 36.ª representa o posto fortificado que se construiu no *Incanine*.

Era um quadrado com o lado de 22m,5, tendo ao centro um blockaus. O flanqueamento realisava-se por intermedio de dois tambores *t* e *t* dispostos nos extremos da mesma diagonal.

O perfil era o do reducto de *Marracuene* (fig. 25.ª).

A fig. 37.ª mostra um systema de construcção rapida, que, como dissemos atrás, se empregou n'este posto onde, pelas informações recebidas, se esperava uma forte resistencia e apenas se dispunha de cem soldados.

A força, logo que desembarcou, formou em quadrado, sendo a fortificação traçada pelo lado exterior; em torno cravaram-se rapidamente estacas, contra as quaes se empilharam de cutello pranchões de pitch-pine. Mais tarde completou-se o parapeito, segundo o typo da fig. 25.ª

Aringas.—Assim se chamam as obras de fortificação em que o parapeito é substituido por uma palissada. Constituem ellas o typo vulgar das fortificações gentilicas. Podem servir não só para proteger uma pequena força em operação durante um estacionamento prolongado, como postos da linha d'operações, mas para encerrar os indigenas não combatentes que se venham collocar sob a nossa protecção.

Podem construir-se differentes typos de aringas, mais ou menos reforçadas.

A aringa ou palissada simples é constituida por troncos d'arvores de mais de 0m,1 de diametro com uma altura tal (2 a 3 metros) que ponha o recinto interior ao abrigo d'uma escalada, e dispostos de modo que não sejam facilmente arrancados pelo adversario.

Ousamos ainda recorrer ao utilissimo trabalho dos snrs. capitães Sarmento da Fonseca e P. Borges, a quem muito respeitosamente pedimos licença, visto o assumpto estar assim mais clara e concisamente apresentado do que nós o fariamos.

Na sua maior simplicidade uma aringa reduz-se a um espaço rectangular, fechado por uma palissada, dentro do qual se constroem barracas ou cubatas para homens e gado, e tendo as suas faces flanqueadas por uns pequenos tambores onde se abrigam tropas europêas.

Palissadas.—São construidas com estacas ou troncos de arvores *a* e *a* (fig. 38.ª) de 2 a 3 metros de comprimento. De distancia a distancia troncos mais altos *b* (4 a 6 metros) servem de supporte a duas ou mais linhas de fio de ferro ou de arame farpado, o que tem por fim augmentar o obstaculo, evitando que possa ser facilmente transposto. Quando as estacas são regulares, cravam-se no terreno ao modo ordinario. Para esse effeito abre-se previamente uma trincheira na direcção que tem de seguir a palissada com uma profundidade de cerca de 0m,50; em seguida enterram-se as estacas verticalmente na trincheira ao lado umas das outras, apertando-as com as terras provenientes da escavação.

Este trabalho é executado pelos pretos que escavam a trincheira, acarretam e cortam as estacas, sob a direcção do pessoal europeo; para cada frente de trabalho torna-se necessario um sargento ou cabo e quatro soldados que dispõem a estacaria.

Quando o arvoredo for tal que não permitta obterem-se facilmente estacas direitas, emprega-se a estacaria inclinada, como indica a fig. 39.ª As estacas n'este caso são inclinadas alternadamente para dentro e para fóra da linha do traçado e pregadas nos pontos de juncção com pregos de caibrar, ou amarradas com cordas de mato *(mutamba).*

Se as estacas não são muito tortas juntam-se verticalmente umas ao lado das outras, encostando em seguida pelo lado interior um massiço de terras *a* (fig. 40.ª), revestido de ramagem com a largura de 0m,40 e a altura de 1m,30, que servirá de massa cobridora. Os intervallos deixados pelas estacas servem de setteiras da palissada.

Fossos.—O obstaculo dado pela palissada é em regra reforçado por meio de um fosso que a contorna do lado da campanha. Este fosso póde ser quadrangular ou triangular.

Na aringa da *Toninga,* construida pela columna sul das nossas forças na ultima campanha de Lourenço Marques, o fosso tinha a largura de 4 metros na parte superior, 3 metros no fundo e profundidade de 1m,80; ao longo da berma, de 1m,20, comprehendida entre a aresta superior da escarpa e o pé da palissada, corria uma linha de abatizes formada por ramos de arvores esgalhadas; a palissada era construida como indica a fig. 40.ª Quatro linhas de fio de arame farpado *a, a,* presas a estacas de 4 metros de altura augmentavam o obstaculo.

Na aringa de *Manchacoane* construiu-se um simples fossete

triangular com 1m,20 de largura na parte superior e 1 metro de profundidade.

A concordancia da aresta superior da escarpa com a palissada era feita com terras batidas em talude de encontro ao pé das estacas. A palissada era constituida por estacas direitas de 2 metros de altura fóra da obra, tendo as setteiras rasgadas á altura de 1m,30.

No posto do *vau* do *Gungunhana* (fig. 41.ª) o fosso era triangular com 3 metros de largura na parte superior e profundidade de 1m,80, coberta por abatizes de arvores esgalhadas.

A palissada era de troncos irregulares (fig. 39.ª).

Flanqueamento. — O flanqueamento das palissadas realisa-se por meio de pequenas obras salientes dispostas nos extremos de uma das diagonaes do rectangulo, que comprehende a aringa; este flanqueamento, que é affecto ás tropas europêas, é feito em regra por dois andares de fogos.

Na aringa da *Toninga* (fig. 42.ª e 43.ª) os orgãos flanqueantes eram constituidos por casas de zinco *A* de 6×6 metros, revestidas por estacaria *a, a* até a altura de 1m,30 e dispostas nos extremos de uma mesma diagonal do rectangulo.

Estas casas, assentes parte no solo e a outra parte em estacaria cravada no fundo do fosso, constituiam o andar superior de fogos que batia a campanha; o andar inferior era formado pelo espaço comprehendido entre as quatro linhas de estacas cravadas no fosso e destinava-se a servir de deposito de viveres e a dar um flanqueamento baixo por meio de setteiras convenientemente rasgadas nas suas faces.

Estas casas abrigavam doze homens, quatro dos quaes se destinavam ao flanqueamento e oito á defeza exterior.

No posto da *Xefina pequena,* o flanqueamento fazia-se do mesmo modo por meio de duas casas de zinco de 6×6 metros revestidas com estacaria de mangal, disposta como a da aringa de Manchacoane.

Abrigos.—Nos abrigos para as tropas de vigilancia das aringas empregam-se tarimbas de encontro ás palissadas, que se utilisam para banquetas, sendo n'este caso as setteiras rasgadas a 1m,30 acima do seu pavimento.

Na aringa do *vau* do *Gungunhana* (fig. 41.ª) encontra-se uma disposição d'este typo; as tarimbas *a* eram feitas de ramagem e a cobertura superior *b* era constituida por um tecto de ramagem e palha.

O chamado reducto-typo adoptado nas possessões hollandezas da India é afinal uma aringa, consistindo n'um qua-

drado de 63^{m} de lado, tendo em dois vertices oppostos plataformas circulares para artilharia. O recinto é formado com palancas de madeira rija de 2^{m},85 de altura e 0^{m},10 de espessura. A obra é cercada por rede de fio de ferro e na frente uma faixa de outras defezas accessorias. Durante a noite, a illuminação do campo exterior é produzida por lanternas de reflexão, collocadas em postos elevados, e espalha-se areia branca n'uma faixa de 10 a 15 metros na frente das defezas accessorias. A guarnição é de 75 homens e estes postos teem caracter permanente.

No caso d'uma pequena força de tropas, pode ainda adoptar-se o systema do general Coronnat que consiste em formar uma palissada em torno d'uma arvore frondosa organisada defensivamente e que serve de reducto nucleo da defeza.

Ainda, tratando-se de palissadas, indicaremos o processo adoptado pelo commandante Frevez, belga, applicavel tanto nos estacionamentos curtos como nos prolongados, e citado por Bujac. Chegado ao local do estacionamento, aquelle official traçava com um páo o contorno rectangular do bivaque; um graduado marcava de metro a metro os logares em que se deviam abrir covas para fixar os troncos, os quaes eram consolidados com tres travessas. A' retaguarda d'essa primeira linha, a 1^{m},70, levantava-se nma outra mais baixa, formando-se assim um corredor que se cobria com um tecto e servia de alojamento. O terreno exterior limpava-se n'uma faixa de 50^{m}. Os homens dormiam por isso nos logares de combate e algumas sentinellas bastavam para a vigilancia nocturna.

Extrahimos do livro *Art Militaire au Congo* as gravuras 44.ª a 47.ª que representam typos varios de palissadas simples e mixtas, adoptaveis conforme o tempo e o material de que se disponha.

Quando a *aringa* tenha maior desenvolvimento e seja para receiar um ataque serio, convirá organisar um nucleo de defeza para o caso da linha de palissadas ser transposta. Um forte reducto, um blockaus, um cavalleiro-reducto, etc., desempenham aquelle papel.

53

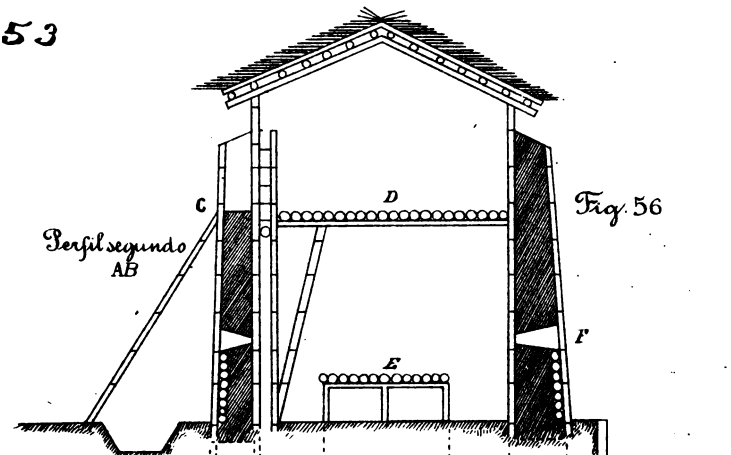
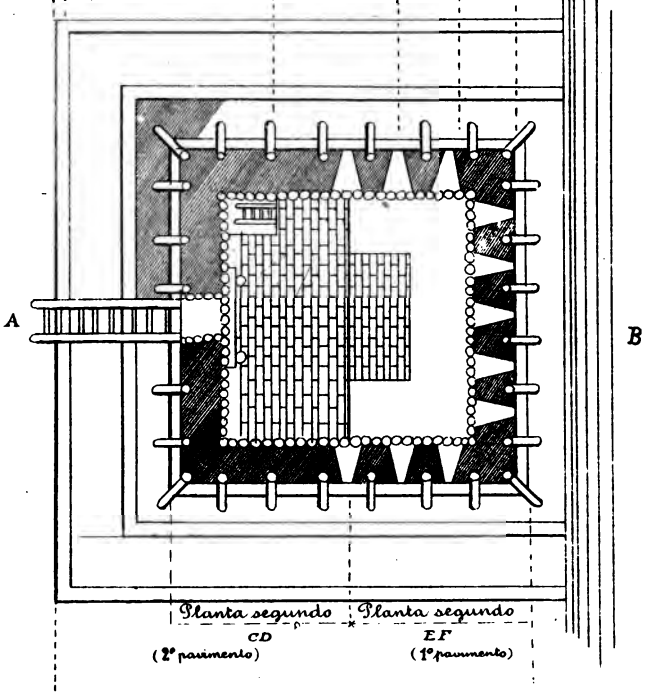


Fig. 56

54

55



Estas construcções devem, pela sua posição, commandamento ou construcção, permittir a direcção de fogos sobre os angulos e espaços mortos e partes fracas da linha anterior.

Os belgas preconisam o seguinte typo de cavalleiro-reducto (fig. 48.ª extrahida da *Art Militaire au Congo*).

A torre é construida de terra argillosa amassada com palha, tijollos, etc.

No 1.º pavimento, caso o terreno seja secco, cava-se um poço para munições.

Nas paredes praticam-se setteiras que se possam destruir facilmente, sendo necessario.

O 2.º pavimento mede $2^{m},20 \times 3^{m},50$.

O tecto é de palha ou zinco.

Blockaus.—Póde ser uma construcção quadrada, circular, etc., com um ou dois pavimentos, sendo o primeiro afastado do solo, com as paredes crivadas de setteiras abertas de modo que se possa bater o terreno em volta e dispondo-se no interior as tarimbas das praças, o deposito de munições, etc., de modo que uma força ahi possa permanecer alguns mezes com segurança e relativo conforto. Ha differentes typos de blockaus, mais ou menos resistentes e confortaveis.

Citaremos os trabalhos da expedição de 1895, e por isso mais uma vez pedimos authorisação aos illustrados authores da *Fortificação da Campanha em Africa* para transcrever o que se segue:

Blockaus.—As fig. 49.ª, 50,ª, 51.ª e 52.ª representam um blockaus improvisado que se construiu no posto de *Incanine.*

Era de fórma quadrada e comprehendia dois pavimentos.

O systema empregado na sua construcção foi o seguinte: começou-se por cravar verticalmente no terreno as doze vigotas de solho *a a* (fig. 49.ª), ligando-as em seguida duas a duas acima do terreno natural por meio de pranchões *b* pregados a ellas de cutello; sobre este pavimento formou-se depois um solho com tábuas *t* não pregadas. Na altura do segundo pavimento fez-se o mesmo, obrigando, porém, as cabeças das vigotas *a* (fig. 50.ª) a inclinarem-se de $0^{m},50$ para o centro do blockaus; como os

pranchões *l* de travamento das vigotas no pavimento superior tinham 6 metros de comprimento e formavam uma saliencia de 0m,50 sobre as paredes dos blockaus, aproveitou-se esta disposição para o estabelecimento de uma especie de *machicoulis*, destinados ao flanqueamento vertical.

Por cima do segundo pavimento correu-se um ligeiro madeiramento *c* em duas aguas, revestido de chapas de ferro zincado.

O primeiro pavimento foi destinado a hospital e o segundo serviu para residencia de officiaes.

As paredes foram revestidas pelas faces interior e exterior das vigotas *a* com pranchões dispostos de cutello; pela face interior os pranchões encostavam-se simplesmente ás vigotas, apenas seguros por sarrafos de madeira; pela face exterior foram pregados ás vigotas; o espaço comprehendido entre estas duas ordens de pranchões foi cheio de areia; *e* e *f* (fig. 52.ª) representam duas escadas, que se construiram para dar accesso aos dois pavimentos.

Setteiras rasgadas nas paredes do primeiro pavimento e janellas abertas nas paredes do andar superior completaram esta construcção.

Este blockaus devia em breve ser substituido por outro definitivo, e como as madeiras que se empregaram na sua construcção se destinavam a outras edificações que se contava mais tarde levar a effeito, aproveitaram-se tal como estavam; assim o tabuado que serviu para o revestimento das paredes era formado por pranchões de diversas dimensões, o que aliás de modo algum influiu na resistencia do blockaus.

O blockaus que mais tarde substituiu o que acabâmos de descrever foi construido em Lourenço Marques pelo pessoal da direcção das obras publicas e transportado em lanchas para o *Incanine*.

Compunha-se de oito caixilhos de madeira entalhada, a saber: quatro do typo da fig. 53.ª e quatro outros como representa a fig. 54.ª Os primeiros tinham 4 metros de altura, 6 metros de largura na base inferior e 5 metros na base superior; os outros eram de fórma rectangular com 5 metros de largura e 5m,5 de altura.

Chegados ao logar onde o blockaus devia construir-se, começou-se por armar os quatro caixilhos (fig. 53.ª) encostados uns aos outros pelas arestas *a* e com as pontas *b* espetadas na areia; em seguida armaram-se os quatro caixilhos pequenos por fórma a ficarem dispostos sobre a construcção já feita, como indica a fig. 55.ª, cobrindo tudo com um telhado *c* de 4 aguas revestido de zinco; finalmente correu-se tabuado sobre as peças *e* e *f* a fim de constituir o pavimento dos dois andares. As pa-

redes do blockaus foram revestidas pela face interior com tábuas de solho *d* e pela face exterior com chapas de ferro zincado; o intervallo entre o zinco e a madeira foi cheio de areia, o que deu ás paredes uma espessura de cerca de $0^m,20$ de protecção.

Nas paredes do andar inferior foram abertas setteiras e nas do andar superior rasgaram-se janellas.

Quer se trate d'um *reducto*, d'uma *aringa* ou d'um *blockaus*, é preciso dar sempre ás defezas accessorias o maior desenvolvimento.

Além do emprego das abatizes e redes de fio de ferro de que já fallamos, preconisa-se tambem o uso de estaquinhas de $0^m,2$ feitas de madeira resistente, com as pontas aguçadas e endurecidas ao fogo. Collocam-se ao longo do recinto n'uma profundidade de 3 ou 4^m, no fundo dos fossos, etc., e bastante proximas umas das outras para que o adversario as não possa evitar.

A organisação interior das obras proseguirá simultaneamente com os trabalhos de fortificação, respeitando-se as leis da hygiene quanto possivel, evitando accumular as installações n'um espaço acanhado.

Nos reductos e aringas é conveniente organisar um *reducto interior* ou um *cavalleiro-reducto*, um blockaus, etc., onde uma pequena guarnição se possa acolher depois de repellida do recinto exterior. O General Cathcart no Cabo da Bôa Esperança organisava assim os seus postos d'etapes: construia uma torre d'uma altura tal que dominasse as installações existentes, depositos, etc. Em torno d'esta torre, com um raio sufficiente para que no espaço intermediario se podesse recolher todo o pessoal e os aprovisionamentos em caso de ataque, levantava um parapeito com seu fosso, defezas accessorias e as convenientes obras de flanqueamento. Coisa identica têm feito Faidherbe no Senegal, Galliéni no Tonkin, etc., organisando assim alguns postos militares que se consideram quasi inexpugnaveis, quando defendidos por boas tropas, embora em pequeno numero.

Fortificação permanente.—Nas nossas possessões, em ge-

ral, os trabalhos de fortificação permanente reduzem-se aos typos que vimos de descrever. E' quasi sempre a aringa, o reducto de terra ou de terra e pedra que os vendavais, a salalé, etc. destroem em breve tempo. Raras vezes o blockaus. Ociosa parecerá, por isso, a distincção entre *fortificação provisoria* e *permanente* aqui estabelecida. Não se esquecerá, porém, não só o fim differente a que se destinam uns e outros trabalhos—aquelles para consolidarem os postos da linha de communicações, estes para assegurarem indefinidamente a occupação d'uma região—, mas tambem á necessidade de, tratando-se de postos permanentes, attender principalmente ás condições hygienicas da posição, ao conforto dos homens que deverão ahi passar muitos mezes e annos, á conveniencia de não ficarem situados longe de terras culturaveis onde a guarnição indigena encontre os aprovisionamentos de que careça para as necessidades da vida, etc.

Na escolha do local para o estabelecimento d'um posto militar impõe-se a necessidade de occupar um ponto estrategico, politico, ou commercial de importancia para o nosso dominio effectivo ou para os nossos interesses economicos, mas ter-se-ha em vista que pouca ou nenhuma conveniencia haverá em occupar uma bôa posição d'aquellas, quando, pelas suas más condições hygienicas, promova a inutilisação dos occupantes pela doença. Os principios hygienicos, tratando-se de postos permanentes, devem, portanto, respeitar-se, ainda que com prejuizo relativo das condições de natureza militar ou politica:

Quando o typo de fortificação escolhido para a organisação do posto fôr o *reducto*, a *aringa*, o *blockaus*, seguir-se-hão as indicações já dadas ao tratarmos d'estas especies de obras, procurando-se, porém, tornal-as quanto possivel solidas, duradouras e resistentes. Nas figuras apresentamos alguns trabalhos d'aquella natureza, mas nos quaes se attende a esta condição.

A figura 56.ª apresenta o perfil, a planta simultanea dos 1.º e 2.º pavimentos d'um blockaus construido pelo capitão Massy no Tonkin para a defeza d'uma mina de prata con-

tra os ataques dos piratas. Tem 16^{m} no interior. O 1.º pavimento é completamente cerrado, com 6 setteiras em cada face. A entrada para a obra faz-se pelo 2.º pavimento, por meio d'uma escada de mão. O fosso cerca a obra por tres faces; a 4.ª, mais exposta, tem um talude de $^{3}/_{4}$. Os muros, constituidos por duas ordens parallelas de troncos entre os quaes se lançou uma espessa camada de terra, resistem á bala.

Parapeitos de tijollos ou de pedras.—Nos logares em que abunde a argilla de boa qualidade, podem construir-se um parapeito ou um muro de tijollos os quaes se obtêm comprimindo á mão pedaços de argilla e fazendo-os seccar ao sol durante alguns dias ou, podendo ser, fabricando os tijollos em moldes e cozendo-os n'um forno.

Não se podendo obter tijollos cozidos, os pedaços de argilla moldados á mão serão de grandes dimensões, fazendo-os seccar á sombra antes de os expor ao sol. O fabrico de bons tijollos comprehende tres operações: moldagem, seccagem e cozedura. A argamassa empregada na construcção é constituida pela propria argilla addicionada d'agua e, podendo ser, misturando-lhe cal para tornar aquella mais plastica e tenaz. Vêde no 3.º volume d'este *Manual* os pormenores do fabrico dos tijollos, das argamassas, etc., no capitulo= *Construcções*. Na edificação do muro ou do parapeito segue-se o seguinte processo: escolhido o logar para a edificação, procede-se á balisagem do traçado e cava-se o solo para os alicerces que serão mais ou menos profundos, conforme a resistencia do terreno, bastando, em media 1^{m} de largura para 0,^{m}60 a 1^{m} de profundidade.

Para a construcção dos alicerces faz-se alternar uma camada de tijollos seccos ou de pedras com outra de argamassa. Cada tijollo, depois de molhado em agua, colloca-se sobre uma camada de argamassa, fixando-o, calcando-o bem, de modo que esta, seccando, fará presa e impedirá o seu deslocamento. E' necessario que a parte superior de cada camada de tijollos fique bem horisontal para o que se disporá um cordel horisontal que se vae elevando á medida

que a construcção prosegue. Vide fig. 57.ª a 60.ª Convem não elevar o muro a mais de 0,m40 de cada vez para que não desabe; para isso, obtida aquella altura, deixa-se seccar bem depois do que continua a construcção. Assegurar a verticalidade d'esta por meio do fio de prumo. Poder-se-hão deixar setteiras a 1,m30 de altura a respeito do terrapleno interior.

Dentro da obra estabelecer-se-hão as differentes instalações (pag. 83). No capitulo *Construcções* do 3.º volume d'este *Manual* trataremos dos alojamentos para europeos e para indigenas, dos curraes, cosinhas, armazens, etc. Não esquecerá, quando o recinto attinja certo desenvolvimento, e no seio d'uma tribu manifestamente hostil e bellicosa, de organisar um reducto interior ou um cavalleiro-reducto, como nucleo de defeza, para o caso d'um ataque pertinaz da parte dos naturaes em que estes invadam o recinto exterior. Concluindo, daremos uma ideia da organisação defensiva d'um posto situado na margem d'um rio, transcrevendo a figura 61.ª do livro belga—*Art Militaire au Congo*. As culturas E e as defezas accessorias S, devem ser pouco elevadas para não limitarem o campo de tiro. Os belgas aconselham que as defezas accessorias sejam constituidas por especies espinhosas resistentes que se plantam no terreno, formando macissos, desbastando-se as folhas e os ramusculos para não offerecerem coberto ao atacante. O recinto T pode ser constituido por uma palissada bastante elevada e resistente para não poder ser transposta ou destruida. A defeza d'este posto pode fazer-se com 36 homens, sendo 2 no reducto, 4 em M, 3 em cada um dos logares OD, OC, C, D, e os restantes de reserva. Caso o adversario transponha o recinto exterior, resta o segundo e ainda depois o cavalleiro-reducto.

Fig. 63

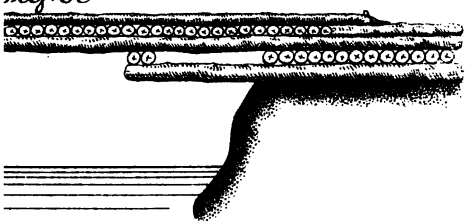


Fig. 64

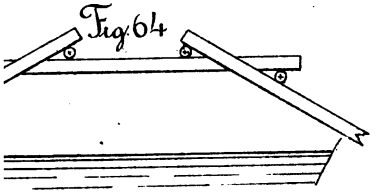
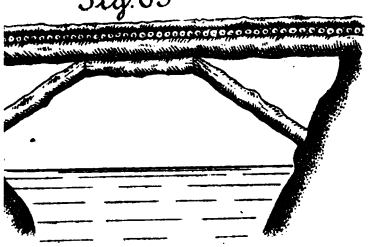


Fig. 65



III

Trabalhos de Campanha

Passagem de cursos d'agua. — Póde effectuar-se sobre corpos fluctuantes, como barcos, pirogas, jangadas, etc. ou em pontes.

Os barcos são de relativamente difficil construcção e exigem madeiras apparelhadas e uns certos conhecimentos technicos para se obter um meio de transporte, estavel, solido e leve. As pirogas poucas pessoas podem transportar e, ainda assim, com um certo perigo pela sua instabilidade. As jangadas permittem o transporte de grandes cargas, inclusivamente carros, gado, canhões, etc.; são estaveis e não carecem de madeiras apparelhadas, mas, como offerecem uma grande superficie á acção da corrente, resistem-lhe mais difficilmente e por isso apenas são preconisaveis nos cursos d'agua com pouca velocidade de corrente.

As madeiras empregadas devem ser leves, não se impregnando facilmente d'agua. Os troncos devem ser grossos e compridos para tornarem a construcção muito longa e estreita. Cortam-se os ramusculos aos grossos troncos e deitam-se estes á agua no logar onde se deve construir a jangada, no qual convem que a corrente seja fraca. A extremidade grossa d'um tronco corresponderá á extremidade delgada do outro. Ajustam-se assim uns contra os outros por meio de cordas de matto. Transversalmente pregam se ou atam-se solidamente grossas travessas de madeira, como indica a fig. 62.ª, para consolidar o systema. A fig. 62.ª indica o feitio a dar á prôa e á pôpa da jangada, de modo a cortar melhor a corrente e permittir um governo mais facil.

Se os troncos são delgados, pode-se sobrepor outra camada. Sobre esta plataforma assim construida dispõe-se um taboleiro para collocar a carga mais pesada; para isso de-

terminar-se-ha o centro de fluctuação da jangada, o qual se obtem collocando homens n'uma linha perpendicular ao eixo da jangada, e marcando-se o logar em que elles estão, quando a prôa começar a inclinar-se. Querendo-se fazer uso d'uma ancora, d'uma poita pesada, etc., para amarração, o ponto assim determinado ficará um pouco mais á pôpa.

Os processos empregados na propulsão dos barcos, pirogas, jangadas, etc. são de varia natureza: o remo, a vella, a vara, a sirga, etc. O vai-vem consiste no emprego de duas cordas maiores do que a largura do curso d'agua atadas a uma e outra extremidade do corpo fluctuante e por meio das quaes se póde puxar para uma ou outra margem.

Pódem-se tambem fixar solidamente a uma e outra margem as extremidades d'um cabo bem esticado. Os conductores do barco ou da jangada fazem-os seguir, puxando ao longo do cabo.

Pontes.—Os logares mais convenientes para a montagem d'uma ponte são aquelles em que o curso segue em linha recta, por ser ahi menos abundante o lodo, o fundo mais regular, a corrente mais egual e a largura da corrente mais constante. Havendo ilhotas, podem aproveitar-se para n'ellas apoiar o systema, directamente ou com cavallettes.

As pontes podem construir-se de *troncos*, *suspensas* ou *sobre apoios*.

De troncos. — Querendo-se transpôr um curso d'agua estreito, bastará lançar transversalmente dois ou mais troncos. Segundo a experiencia, para aguentarem um homem apeado devem ter os troncos: para 6^{m} uteis de comprimento $0^{m},17$ de diametro e respectivamente para 8^{m}—0,20; 10—0,23; 12— $0^{m},27$.

Uma corda de matto estendida a certa altura ao longo da ponte serve de corremão.

Querendo-se uma ponte mais extensa, cravam-se no solo acima do nivel das maiores marés e em cada margem dois troncos verticaes no alto dos quaes se prega um chapéo. Sobre os dois chapéos pregam-se ou ligam-se pranchões

que constituem o pavimento da ponte que se pode completar com camadas de ramos, laca-laca e terra, etc. O accesso só é feito por rampas de troncos inclinados.

Se os troncos de que se dispõe não chegam d'uma margem á outra, dá-se á ponte a disposição das fig. 63.ª e 64.ª Pode-se consolidar o systema dispondo-se inferiormente espeques, cujas extremidades inferiores se apoiam nas margens e as superiores aguentam a ponte, (fig. 65.ª)

Pontes suspensas.—Escolhe-se um logar em que haja nas margens duas grossas arvores uma defronte da outra. Estendem-se dous cabos de suspensão e ligam se fortemente a ramos fortes e altos de cada arvore, deixando áquelles uma certa curvatura. Os cabos podem ser constituidos por cordas de matto. Entre estes dois cabos dispõem-se outros que servem para ajudar a aguentar a pressão exercida sobre a ponte. Transvessalmente vão-se depois dispondo troncos delgados, que se ligam solidamente aos cabos lateraes. O pavimento assim esboçado completa-se e consolida-se depois com ramagem leve, laca-laca, palha, etc. Vê-se que a ponte fórma flexa e balouça, mas, sendo solidos os cabos, nada haverá a receiar.

De uma margem á outra estender-se-hão cordas aos lados da ponte, que servirão de guardas a esta e as quaes se ligarão de 1^m em 1^m aos cabos de suspensão para fazerem corpo com o systema.

Para evitar as oscillações muito vivas, pode-se espiar de ambos os lados com cordas amarradas a arvores proximas ou a troncos cravados no solo. Os cabos de suspensão não podem esticar-se muito, sob o perigo de quebrarem; uma certa curvatura será sempre precisa.

Querendo-se uma ponte suspensa perfeitamente horizontal, solida e extensa, podendo attingir 40 metros, adopta-se o seguinte typo constituido por estes elementos: dois cabos fortes, constituindo a baze do systema, ligados fortemente a grossas arvores existentes em ambas as margens; para que a tensão dos cabos não seja excessiva, convém que os supportes tenham uma altura egual pelo menos a $^1/_{10}$ do comprimento da ponte.

Os supportes deverão poder aguentar uma tracção egual a $^1/_2$ do peso da ponte e da carga. Ao longo dos cabos amarram-se *ordenadas* ou cordas verticaes que suspendem o taboleiro da ponte e cujos comprimentos se egualarão de modo que as suas extremidades livres fiquem á mesma altura.

As ordenadas atam-se solidamente aos cabos de modo a não escorregarem ao longo d'elles, e na parte inferior de cada duas ordenadas fronteiras, se amarram as travessas ou troncos de comprimento superior á largura da ponte sobre 4 ou 5 das quaes se apoiam as vigas em que se arma o pavimento ao modo ordinario.

O systema é consolidado e mantido firme por espias amarradas ás arvores proximas e que passam sob as travessas, aguentando-as fortemente e sustentando-as tambem em caso de ruptura d'um dos cabos; duas cordas lateraes, servindo de guardas, completam o systema.

Constroe-se primeiramente em terra no prolongamento da ponte o esqueleto completo d'esta, comprehendendo os cabos de suspensão, as ordenadas, as travessas e as vigas; da margem opposta puxa-se o conjuncto, e liga-se fortemente a arvores á altura conveniente.

O comprimento das ordenadas determina-se pela serie o, c, $3\,c$, $6\,c$, $10\,c$, $15\,c$, $21\,c$, $28\,c$, $36\,c$, $45\,c$, $55\,c$... especie de proporção arithmetica em que a razão vae sendo addicionada de 1; c é o comprimento da 1.ª ordenada. Para o calcular divide-se o comprimento total da ponte pelo intervallo entre duas ordenadas, formando o quociente de modo a dar um numero inteiro e impar, o que se obtem modificando os intervallos entre aquellas nas extremidades da ponte, onde não ha n'isso tanto inconveniente. O numero d'unidades do quociente assim obtido indica o termo da serie a que pertencem as ordenadas extremas e será $c=\frac{a}{n}$, sendo a a altura do pegão ou da arvore que serve de apoio da ponte, e n o coefficiente numerico das ordenadas extremas. Exemplo: O comprimento da ponte é 22^m. O intervallo entre duas ordenadas é 2^m; o quociente 11 será o numero de ordenadas da ponte, e os comprimentos das 5 d'uma metade da ponte

(pois a do meio é=*o* e as da outra metade são eguaes áquellas), contando do meio para os extremos serão: *3 c*, *6 c*, *10 c*, *15 c*. Se fôr $a=4^m$, como n é o coefficiente do 5.º termo d'esta serie (ordenadas extremas) será $c=\frac{a}{n}=\frac{4^m}{15}=0^m,37$. Conhecido c, calculam-se as outras ordenadas, multiplicando c pelos respectivos coefficientes da serie.

Para calcular a distancia entre os pontos de amarração das ordenadas aos cabos de suspensão, emprega-se a formula $=\Delta=\sqrt{i^2+d^2}$, sendo i o intervallo entre as ordenadas e d a differença entre a ordenada que se quer amarrar e a anterior (partindo-se do meio da ponte). Supponhamos que no exemplo de ha pouco queremos amarrar a 4.ª ordenada; será ella $10c=10\times0,37=3,7$; a anterior era $6c=6\times0,37=2,2$; logo será $\Delta=\sqrt{2^2+(3,7-2,2)^2}$.

Prevenindo o alongamento que os cabos tomam com a tracção, deduz-se $^1/_7$ aos comprimentos das ordenadas.

Finalmente, as pontes pensis, pelo complicado da construcção, pela pouca estabilidade, etc., só serão preconisaveis nos rios largos, muito fundos, de margens a prumo, de correntes fortes, em que se não possam empregar barcos, jangadas, ou as pontes de apoios de que vamos falar.

Pontes sobre apoios.—São solidas e faceis de construir, e, portanto, geralmente preferiveis.

Ha pontes de apoios fixos (cavalletes, estacas, etc.), e de apoios moveis (barcos, jangadas, etc.).

As pontes de *apoios fixos* podem estabelecer-se em todos os cursos d'agua cujo fundo não seja rochoso ou com lodo profundo, convindo, portanto, procurar um logar em que o fundo seja solido e firme, e a profundidade das aguas não superior á altura dos cavalletes que se possam construir com os materiaes á mão. Podem adoptar-se cavalletes-tripés, ou de 2 ou 4 pernas, assim como estacadas, etc.

Cada cavallete-tripé compõe-se de dois tripés e d'um chapéo. Cada tripé é formado por tres troncos, cujo diametro é, em media, $0^m,15$ e que se reunem por uma solida ligação cruzada proximo do topo e por trez travessas horizontaes junto da baze. Além d'estas, a certa altura tem uma travessa horisontal onde se apoia o chapéo.

Para que um tripé se conserve bem assente no terreno é preciso que os dois pés que têm a travessa superior fiquem quasi verticaes, para o que se tornará maior o terceiro.

O cavallete de quatro pés comprehende um chapéo assente em cada extremidade sobre dois pés unidos superiormente, afastados inferiormente e consolidados com travessas. Os cavalletes podem preparar-se em terra depois do que se collocam nos logares proprios, sendo certo que na expedição de Lourenço Marques se reconheceu por vezes ser mais pratico fazer separadamente o lançamento de cada dois pés que se cravam no terreno e pôr depois o chapéo.

Para se formar a ponte constroe-se primeiro o *encontro* do ponto de partida. Este *encontro* é constituido por um tronco de arvore de comprimento egual á largura da ponte e que se enterra de modo que a face superior fique á mesma altura dos chapéos dos cavalletes: além d'isso, dispõe-se por de traz d'elle um batente formado por outro tronco de arvore ou por grossas estacas ao alto e que sirva para impedir o escorregamento longitudinal das longrinas da primeira portada.

Depois para o lançamento dos cavalletes e construcção das portadas constroe-se um caixilho de manobra fluctuante, ou especie de jangada sobre que se trabalhe e que se immobilisará de qualquer fórma.

Trabalhando sobre esse caixilho, collocam-se os tripés ou cravam-se as estacas (quando a ponte seja de estacaria, para o que se empregará um bate-estacas=4.ª p., Construcções). Collocado o tripé com o seu chapéo, pregam-se sobre este e sobre o encontro da ponte tres ou quatro longrinas que excederão áquelle $0^m,2$. O numero e a espessura das longrinas é proporcional á resistencia da madeira, ao peso que terá de supportar, etc. Do mesmo modo se collocam outros cavalletes e longrinas que deverão sempre exceder os chapéos de $0^m,1$ a $0^m,2$. As novas longrinas vão-se apoiando directamente sobre os chapéos, á direita ou á esquerda das já collocadas. O taboleiro da ponte é constituido por troncos ou vigas de madeira que se dispõem transversal-

mente e se immobilisam contra as longrinas com cordas e por meio de duas fiadas de vigotas dispostas sobre o pavimento a um e outro lado da ponte. Para isto estabelecem-se os troncos ou as taboas do taboleiro, e de cada lado sobre ellas, parallelamente á longrina exterior, colloca-se uma vigota, passa-se uma corda entre duas taboas ou troncos, sob a longrina, e atam-se as suas extremidades por cima da vigota; para a mesma taboa e do outro lado da ponte faz-se o mesmo. Bastará fazer 3 ou 4 ligações d'estas por cada portada, sendo duas proximas d'um e outro cavallete e as outras no meio ou espaçadas aqui e alli.

Para terminar a ponte constroe-se o encontro de chegada, dispõe-se a ultima portada, o pavimento, armam-se guardas de corda ou madeira, espia-se a ponte n'uma e outra margem para garantir a estabilidade. Construindo-se a ponte proximo de rapidos, escolher-se-ha para isso um logar a montante, para evitar a maior violencia da corrente.

Na expedição de Lourenço Marques em 1895, na passagem do rio Chicomo (16^{m} de largura) construiu se uma ponte de cavalletes de 4 pernas. O leito do rio era de areia e algum lodo. Na margem esquerda o encontro da ponte era um rochedo; na direita formou-se para isso uma caixa com estacas cravadas a prumo que se encheu de pedra e areia; os cavalletes eram feitos de troncos e assentes sobre pranchões formando alicerce.

Para as pontes sobre estacas, que se podem empregar nos rios em que a corrente seja relativamente fraca, os cavalletes são substituidos por apoios de 2, 3 ou 4 estacas cravadas no terreno e em cujo topo se assenta o chapéo.

A construcção faz-se por modo identico ao das pontes de cavalletes. No caixilho de manobra fluctuante trabalha um bate-estacas que se póde improvisar dispondo n'uma borda um tronco ao alto, em cujo topo se fixa verticalmente uma roldana por onde passa uma corda que aguenta o batedor constituido por uma massa de ferro, por um tronco pesado, etc. A estaca suspende-se por uma corda amarrada a $^{1}/_{3}$ do comprimento e é mantida á mão, verticalmente emquanto o bate-estacas a percute.

Quanto ás pontes sobre *apoios fluctuantes* podem-se empregar jangadas, barcos de fundo chato e largo, como se procedeu na expedição de L. Marques, etc. Os apoios empregados deverão satisfazer a estas condicções: opporem pouca resistencia á corrente, serem estaveis e supportarem grande peso. Esses apoios devem ser immobilisados com ancoras, com espias, etc. A ponte constroe-se identicamente á de cavalletes.

Passagem de pantanos.—Quando o terreno é impraticavel, paludoso, etc., forma-se um piso de troncos e ramagem que se cobre com capim e terra. Sendo muito grande a profundidade, constroe-se uma ponte de apoios fixos ou fluctuantes, que são de mais facil e ligeira construcção, por não haver correntes nem grandes profundidades d'agua e o fundo ser geralmente pouco accidentado. Na expedição de L. Marques construiu-se assim a ponte de Machabomo:— Marcada a directriz, atulhou-se o pantano n'uma faixa de 5^m de largura com ramagem até obter uma baze resistente sobre que se assentou um taboleiro de troncos ligados entre si e fixo por estacas, dispondo novas camadas, quando a primeira mergulhava; sobre este taboleiro estabeleceu-se um pavimento de torrões de terra e depois outra de capim em abundancia a formar um piso commodo e facil ás tropas e ás viaturas; para que este capim não fosse levado pelo vento, deitou-se por cima uma espessa camada de areia. Umas guardas lateraes completavam o systema.

Se as aguas têm alguma corrente, pode-se de onde em onde deixar aberturas para o seu escoamento; n'este caso será necessario immobilisar a ponte com estacas cravadas a prumo fixando a ramagem ao fundo do pantano.

Estradas.—A sua construcção deverá ser facil e rapida, evitando quanto possivel os grandes accidentes do terreno, os logares pantanosos, alagados e as linhas d'agua, sendo conveniente que de etape em etape passem proximo d'alguma linha d'agua, onde se faça provisão d'esta. A largura deve ser tal que dê passagem aos carros e ás tropas em

columna de estrada, isto é, 2 ou 3m. Na expedição do Dahomey os caminhos, rasgados quasi sempre em terreno coberto, abriam-se assim: fazia-se o traçado á bussola, seguindo um official com o instrumento na mão, auxiliado por dois soldados marcando o caminho a abrir com golpes bem visiveis nas arvores; apoz elle marchava o troço de trabalhadores que em quatro grupos ia desbastando e alargando successivamente o caminho, de modo a permittir a marcha dos carros e do pessoal. Havendo linhas d'agua a transpor, na expedição de L. Marques fazia-se assim: lançavam-se troncos grossos na agua parallelamente á corrente, deixando entre elles um pequeno intervallo para o escoamento da agua; sobre esta camada e cruzada com ella dispunha-se outra de troncos mais delgados e depois outros cruzados com os da segunda e sobre este pavimento deitavam-se ramos, capim e terra. Chamava-se a isto *pontes-diques*.

Outros trabalhos ha empregados durante as operações, de que não tratamos agora, reservando-nos para o 3.° volume, capitulo *Construcções*.

IV

Ataque de posições fortificadas

Segundo Peroz *(La tactique dans le Soudan)*, tres são os processos a adoptar para a conquista e occupação d'um logar fortificado ao modo gentilico: á *viva força (por abertura da brecha ou por escalada)* e por *surpreza*.

O primeiro é mais frequentemente empregado, embora exponha os atacantes a maiores perdas; apenas se empregará, quando se não possa appellar para qualquer dos outros. O assalto por *surpreza* é de difficil execução e por isso muito raro, mas o mais preconisavel por poupar os assaltantes e proporcionar um exito mais seguro.

O ataque pela *brecha*, que se emprega contra obras de pedra e terra ou mesmo contra aringas solidamente construidas, consiste em derrubar pela artilharia ou com petardos um pedaço de face e fazer penetrar as tropas por ahi.

O assalto por *escalada* effectua-se distrahindo as forças inimigas para um lado da posição e fazendo transpor a sua linha de defeza pelas nossas tropas; justifica-se, quando pela solidez da fortificação ou pela falta de artilharia, se torne muito difficil a abertura da brecha.

Ha ainda quem, prevendo o caso da posição inimiga estar muito fortemente organisada, prefira o processo dos *cercos regulares;* tem-se por vezes procedido assim no Soldão francez e no Congo belga. Mas não se esquecerá que *investir* posições ou reduzir o adversario pela fome e pela sede não são, senão excepcionalmente, processos praticos nas possessões por exigirem sacrificios consideraveis em homens e dinheiro.

Qualquer que seja o methodo de ataque que se adopte e mesmo para se resolver qual o preferivel, é necessario effectuar previamente o *reconhecimento* da posição, o qual será mais ou menos rapido, podendo até ser feito pelo chefe da columna, afim de reconhecer os pontos fracos e fortes, a organisação da obra, sua solidez, disposição do terreno exterior, pontos de selecção para o ataque, etc. Para o reconhecimento muito convém dispôr d'uma força de cavallaria que se approxime da posição quanto possivel, procurando occupar as eminencias que commandem a obra e d'onde se possa vêr a disposição interior d'esta, o grau de solidez das massas cobridoras, os caminhos d'accesso e de retirada, posições relativas das habitações para onde se podem lançar granadas incendiarias, a natureza e disposição do reducto defensivo, etc. O general Frey empregou ás vezes com este fim escadas miradouros muito preconisaveis. Nos terrenos cobertos o reconhecimento é muito difficil e por isso appellou este tambem quanto possivel para a espionagem, interrogatorio dos habitantes, etc.

Não esquecerá de se informar ácerca da composição, armamento, recursos, etc., da guarnição, qualidade dos che-

fes, processos adoptados pelos naturaes na defeza, edade das construcções (pois obras apparentemente muito solidas e inexpugnaveis, poderão estar caducas pela acção do tempo, da salalé, etc.). Havendo defezas accessorias, fixar-se-ha a sua natureza, grau de resistencia, etc., para a columna adquirir ou improvisar os meios de as destruir ou transpor facilmente, como são saccos de terra, fachinas de capim, pelles de animaes, etc., para lançar sobre as abatizes espinhosas, abrolhos ou piques espetados no solo; machados, serras, cordas para cortar e arrancar os ramusculos dos abatizes arboreos; alavancas, picaretas, troncos-arietes para abater os troncos das palissadas ou os muros de terra e pedra, etc., etc.

Será em vista das informações colhidas no reconhecimento feito que se resolverá qual dos methodos de ataque a empregar.

São da magnifica obra *Tactique dans le Soudan* de Peroz, muitas das prescripções que se seguem:

Ataque á viva força=*Pela brecha.*—Escolhido o ponto de ataque, faz-se approximar a artilharia e o grosso das tropas a uma distancia de algumas centenas de metros ao abrigo dos fogos inimigos. A columna divide-se em duas partes: fracção d'assalto e reserva. Esta cercar-se-ha de trabalhos de fortificação improvisada os quaes se reforçarão conforme os effectivos do adversario, o seu grau de energia, espirito mais ou menos offensivo, etc. Ahi se disporão as bagagens, a ambulancia, o gado, os doentes, etc., ficando, portanto, a fracção ou columna d'assalto constituida pelas melhores tropas aligeiradas quanto possivel. A artilharia postada a curta distancia da posição, de modo que o seu tiro seja bem preciso e efficaz, empenhar-se-ha em abrir a brecha e em preparar o ataque. Emquanto um ou dois canhões effectuam aquella missão, os restantes batem as immediações do ponto d'ataque e as obras interiores, etc., para desorganisar a defeza e desmoralisar os defensores. Para a abertura da brecha visa-se a baze da palissada, de modo que a granada, produzindo mina por debaixo d'esta, revolva o terreno, abale e atire abaixo os troncos, ou, tratando-se de um muro de pe-

dra e terra, o vá desmoronando. Se os canhões disponiveis não lançam projecteis de forte poder explosivo, aconselha-se, no caso d'uma palissada, batel-a de escarpa, obliquamente, pois que os tiros normaes apenas produzem um furo e pouco abalam a parte batida. Estes tiros de escarpa, tratando-se d'um muro, devem dirigir-se com toda a precisão e regularidade segundo duas perpendiculares limitando a parte atacada, e no caso d'uma palissada solida determinar-se-ha uma horisontal que corte pela base o trecho da linha de defeza por onde deverão irromper os assaltantes.

A's vezes, como diz Callwell, a preparação pela artilharia indica ao adversario o ponto de ataque e provoca a sua fuga a qual, aliás, se deve prevenir, vigiando e occupando os flancos e a retaguarda da posição.

A preparação pela artilharia é indispensavel, sempre que o adversario esteja solidamente *fortificado*. Muitos são os exemplos de desastres experimentados por tropas coloniaes que não preparam os seus assaltos aos entrincheiramentos adversarios pelo bombardeamento.

A cavallaria, havendo-a, vigia os arredores da posição, especialmente a retaguarda, de modo a cortar a retirada ao adversario. A infanteria dispõe-se em boas posições d'onde domine com os seus fogos o interior da obra e os arredores, e apoiará a artilharia, fuzilando o inimigo que se mostre por de traz das massas cobridoras.

Os belgas aconselham que, no caso de a artilharia ser insufficiente para abrir a brecha ou quando a columna não disponha d'ella, se mandem collocar junto dos obstaculos petardos, cargas explosivas, devendo os homens encarregados d'esse serviço proteger-se com couraças portateis que resistam ás armas de que o adversario disponha. Von Wissmann recommenda que se façam avançar tres homens, um dos quaes trabalha emquanto o outro o protege com o escudo que póde ser constituido por uma fachina de capim de $0^m,7$ ou $0^m,8$ de espessura, por pelles de animaes sobrepostas, por espessas laminas de zinco, etc.; o terceiro homem abate a tiro os defensores mais atrevidos que se opponham á sua approximação. Está claro que esta operação deve ser

preparada por um bom fogo do assaltante que varra as immediações do logar onde se deseja collocar o petardo, muito convindo distrahir as attenções do defensor para outro lado.

Para desalojar o adversario effectuam-se descargas convergentes pelas fracções em posição, cruzando os fogos e fixando-os quanto possivel. As arvores proximas aproveitam-se dispondo n'ellas grupos de bons atiradores que visem bem os chefes, os defensores dos pontos escolhidos para o ataque, etc.

Evitar-se-ha atacar de frente a posição, mas combinando-se a demonstração com ataques de flanco ou com um ataque vigoroso á bayoneta em todas as faces da obra. Aberta a brecha, emquanto a artilharia continua batendo as immediações do ponto atacado e espalhando os seus fogos pelo interior, bombardeando a posição para desmoralisar o adversario, atirando tambem á granada incendiaria para communicar o fogo ás habitações, geralmente cobertas de capim, de folhas de palmeira, de ramagens de differentes vegetaes, etc., inicia-se o assalto.

Peroz aconselha que a testa da columna de assalto seja constituida por soldados brancos, sempre que seja possivel, em vista da tendencia que têm os soldados indigenas em se engajarem em pequenos combates individuaes, em que se perde a cohesão e porque, convindo fazer algumas descargas a poucos metros da posição, ellas serão, quando bem dirigidas, muito efficazes e, portanto, deverão ser effectuadas por bons atiradores.

Como um grande desenvolvimento de tropas póde produzir a confusão, não convirá empregar senão o numero d'homens necessarios. Marchar-se-ha em ordem unida, não expondo os homens isolados, tendo-os bem na mão, sobre tudo se o terreno é coberto. A marcha faz-se em ordinario ao principio, resolutamente, de bayoneta armada, não convindo fatigar as tropas com a corrida, pois mais tarde precisarão de toda a energia physica. A fracção d'assalto formará em columna com uma frente egual á largura da brecha; a algumas dezenas de metros d'esta fará alto e as primeiras

filas dirigem um fogo nutrido e certeiro sobre os adversarios que a defendam, repellidos os quaes, se atirará em passo gymnastico por ella dentro, as fileiras da frente com a bayoneta cruzada. Evitar-se-ha que os homens parem para se abrigarem. N'essa occasião torna-se necessario todo o impulso, penetrando na posição e levando diante de um assalto energico, irresistivel, os adversarios mais pertinazes na lucta. Entretanto a artilharia á retaguarda, atirando por sobre os assaltantes, continúa e completa a desorganisação das linhas de defeza. N'outros pontos da linha defensiva não abertos em brecha poderão collocar-se petardos, ou far-se-hão avançar alguns sapadores protegidos por atiradores, os quaes a golpes de picareta, a ariete, á alavanca, desmoronem a muralha ou a pallissada e preparem outras entradas ás forças assaltantes.

A cavallaria, os auxiliares dispor-se-hão nos logares mais proprios para cortar a retirada do adversario, não esquecendo nunca a conveniencia de dar uma escapatoria bem patente ao adversario, quando elle pelo seu effectivo e coragem offereça uma resistencia tenaz, mas batendo n'esse caso com fogos de artilharia e de infantaria a sua retirada, para o castigar severamente e acabar de desmoralisar. Não convirá lançar os auxiliares sobre a posição; porque, ou, vencedores, transformarão a victoria n'uma carnificina bestial, massacrando as mulheres, os velhos, as creanças, deshonrando assim as nossas armas, ou, batidos pelos defensores, retirarão sobre a columna, paralysando a sua acção e podendo compromettel-a. Os auxiliares dispor-se-hão em pontos convenientes d'onde, em caso de necessidade, se atirem sobre os guerreiros em retirada, mas evitando quanto possivel que elles maltratem as creaturas inermes, as quaes se limitarão a capturar.

Senhora da brecha, a testa da columna divide-se em duas fracções, cada uma das quaes se dirige ao longo do recinto, a um e outro lado, para desalojar os defensores, e procurando abrir as portas proximas para dar ingresso ao grosso da columna. A artilharia avança a curta posição d'onde, afim de desorganisar os restantes obstaculos, bata com tiro mergu-

lhante o reducto defensivo ou a segunda palissada de que algumas posições ás vezes estão providas. Entretanto, os assaltantes vão-se successivamente, sempre unidos e bem nas mãos dos chefes, apoderando das habitações, expulsando e levando diante de si os habitantes. Se as construcções são resistentes, alguns poucos auxiliares munidos de instrumentos de destruição, praticam aberturas, occupando os tectos, d'onde se fuzilarão os defensores das casas na frente da tropa assaltante. Von Wissmann nota o inconveniente de fazer fogo sobre as casas, pois os projecteis, atravessando as paredes, poderão attingir os assaltantes dispostos no seu lado opposto.

Tão pouco se deve permittir o incendio das construcções proximas, não só pela difficuldade de se combater no meio de nuvens de fumo, mas pelo perigo que isso constitue para os assaltantes. Von Wissmann diz que em Kilimandscharo uma parte das suas tropas esteve em grande risco, por se ter provocado o incendio muito cedo, o que produziu a explosão de grande porção de polvora existente na palhota do chefe indigena. Só, pois, por ordem do commando se poderá lançar fogo ás habitações, e antes d'isso aquelle informar-se-ha ácerca da existencia de polvora, armas, viveres, etc.

Deparando-se aos assaltantes um reducto defensivo ou um nucleo de defeza, procurarão apoderar-se d'elle por escalada ou praticando uma brecha pela explosão d'um petardo ou ainda fazendo-o atacar á picareta, a ariete, etc., pelo troço de trabalhadores. Para a escalada convem munir-se de porção de escadas que se dispõem ao longo do obstaculo e os assaltantes, subindo por ellas e alcançando a crista da muralha ou da palissada, fuzilarão de cima para baixo os defensores, repellindo-os pouco e pouco e, procurando descer e abrir as portas aos camaradas como se fez no ataque do recinto exterior. O assalto do nucleo defensivo é ás vezes uma operação difficil pelo estado de exaltação dos defensores que, sem esperança de clemencia da nossa parte, vendem caras as vidas e porque ahi se accumulam geralmente todos os meios de defeza disponiveis. A's vezes, sendo con-

sideravel a solidez das paredes do reducto interior, torna-se necessario fazer approximar um canhão que, a poucas dezenas de metros, pratique uma brecha.

A's vezes mesmo, dominado o recinto exterior, repellidos os defensores, torna-se necessario bloquear em regra estes, e abrir brecha em dois ou mais pontos oppostos do reducto.

Nos combates de ruas evitar-se-ha a todo o transe a dispersão dos homens, contendo-os na mão e impedindo que os regulares indigenas se entreguem ao saque das habitações. A fracção europêa servirá de nucleo de assalto e as tropas indigenas não se affastarão d'ella a perder de vista, salvo quando bem enquadradas, disciplinadas e nas mãos dos officiaes. Vêde um exemplo d'um ataque por abertura da brecha no ultimo capitulo d'este volume.

Por escalada.—*O reconhecimento* preliminar indicará qual o ponto da obra mais baixo e accessivel, peor flanqueado e que offereça no interior um espaço sufficientemente largo para reformar os assaltantes depois de transposto o obstaculo. O assalto deve ser dado de mais perto que o precedente; convem que o ponto escolhido seja proximo d'uma porta para permittir a sua abertura pelos primeiros assaltantes que penetrarem no recinto. E' necessario simular alguns ataques aos pontos oppostos ao escolhido, afim de se distrahirem as attenções e fraccionar os defensores. Os homens que marcham na vanguarda da columna d'assalto são portadores d'escadas e mais material para a escalada; nos flancos d'elles seguem atiradores escolhidos, que procurarão repellir os defensores do ponto d'ataque. As escadas improvisam-se com ramos d'arvores delgados, compridos e resistentes, privados das suas folhas e ramusculos, ligando-se os degraus com cordas de matto. Pode-se ainda transpôr o obstaculo trepando uns assaltantes para os hombros dos outros, repellindo a tiro os defensores proximos e saltando depois para o interior.

Occupada a crista da construcção defensiva por um troço da tropa d'assalto, dirigir-se-ha sobre o interior um

fogo nutrido que desaloje o adversario dos logares proximos, só depois do que, a um signal dado, se farão descer ou transpôr o obstaculo todos os homens simultaneamente e que, reformando-se rapidamente, continuarão repellindo o adversario e procurarão abrir as portas ao grosso da columna d'assalto. Se o obstaculo é alto, os assaltantes, depois de occupada a crista, disporão escadas no interior para descerem.

O combate prosegue depois como no caso do assalto por *abertura da brecha*.

Ataque por surpreza.—São precisos n'esta operação chefes atrevidos, com espirito de iniciativa, e soldados robustos, disciplinados e bem nas mãos dos graduados. A columna d'ataque approxima-se da obra apoz, geralmente, uma marcha nocturna.

Peroz aconselha que o caminho seguido ao principio seja n'uma direcção differente da que leva á posição, afim de desorientar o adversario, e que depois d'alguns kilometros de marcha, se corte obliquamente para a posição de modo a chegar diante d'ella antes do romper do dia. Aconselha tambem Peroz que a columna se faça preceder de alguns soldados indigenas, disfarçados em habitantes, fallando a lingua da terra, aos quaes se incumbirá de deter os transeuntes, para evitar que transmittam ao adversario a noticia da approximação da columna.

Chegando perto da obra, no maior silencio e occulta quanto possivel ás vistas do adversario, a columna d'ataque divide-se em duas partes: uma, a columna d'assalto, dispõe-se em logar d'onde n'um lanço se approxime da obra, e a outra, a de reserva, estabelece-se de modo a apoiar a primeira pelo fogo e proteger-lhe a retirada em caso de insuccesso. Ao alvorecer dá-se o assalto, rompendo-se o fogo apenas no momento em que se penetre na obra, salvo se o adversario tiver presentido o ataque, porque então rompe-se immediatamente o fogo e lançam-se os assaltantes sobre ella antes que o adversario guarneça o recinto, e, caso isto aconteça, forçoso será appellar para um ataque á viva força por

qualquer dos processos indicados, pois a surpreza terá abortado.

Peroz indica o seguinte estratagema=Quando a columna, apoz a marcha nocturna, chega proximo da posição, divide-se em duas partes uma das quaes forma reserva e a outra se fracciona em dois grupos, cada um dos quaes se dirige rastejando, occultando se bem, para uma porta da obra até chegar perto do obstaculo, proximo do qual se esconderá. Logo que o dia tiver rompido, aproveita-se o momento em que algum habitante saia do recinto, abrindo uma porta, para os assaltantes se lançarem sobre ella, impedindo que se feche; o grupo entra unido e corre a apoderar-se das portas proximas ou, havendo reducto interior, dirige-se a occupal-o por surpreza, deixando uma guarda á porta afim de facilitar a entrada aos reforços que vão chegando. Se o effectivo da columna d'assalto é grande, fracciona-se em tantos grupos quantas portas haja, fazendo irrupção pela primeira que se abra e pelas outras que os assaltantes vão patenteando, e a operação prosegue como se disse, debelando rapida e energicamente a resistencia que os grupos d'habitantes vão offerecendo.

Se o effectivo é pequeno e no assalto corre o risco de ser esmagado pelos defensores, os primeiros homens que entram no recinto atearão o fogo ás habitações em differentes pontos e dirigirão descargas rapidas e successivas para o centro da obra, deixando as portas abertas, a permittir a fuga dos defensores. Caso estes tentem resistir, dissolver-se-hão pelo fogo os grupos formados, não deixando nunca o adversario envolver a força, nem approximar-se d'ella por qualquer fórma. Se o adversario se organisa e consegue repellir o assaltante, este formar-se-ha deante d'uma porta, procurando tirar partido das construcções, abrigos, arvores, etc. proximas para se installar e defender, emquanto novos reforços não chegam.

N'este processo de ataque, como nos precedentes, os arredores da posição serão vigiados e occupados por auxiliares ou outras tropas que persigam o inimigo, ao abandonar a obra. Se esta não convem ao assaltante para ahi ins-

tallar um posto, um acampamento, etc., destroe-se, queimando as habitações e arrazando os trabalhos defensivos depois de se terem apprehendido todos os objectos de valor, armas, etc., que n'ellas existam, podendo-se, caso haja auxiliares, deixar-lhes a liberdade do saque.

V

Defeza de posições fortificadas

Um posto militar, um posto das linhas de communicação, uma aringa tomada ao inimigo e aproveitada por nós como posição defensiva onde se reunam em segurança o comboio, a ambulancia, os prisioneiros, etc., emquanto a columna aligeirada opera na frente, poderão bem precisar defender-se d'uma surpreza, d'um ataque de viva força ou até d'um bloqueio effectuado pelo adversario.

Em perspectiva d'um ataque, o commandante da posição providenciará ácerca do seguinte:

1.° Reparar e pôr em estado de defeza os entrincheiramentos, consolidando-os, reforçando-os, obstruindo as brechas com fortes palissadas ou outros solidos obstaculos, limpando e profundando o fosso, que se revestirá de defezas accessorias, estaquinhas, abatizes, rede de fio de ferro, frisas, etc.; alargar e completar a zona d'essas defezas em torno da obra; profundar o campo de tiro, para o que se arrazarão as construcções, arvores, etc., que o intersectem; aterrar as covas ou ondulações de terreno onde o adversario se possa occultar para bater de perto os defensores; organisar, completar as obras de flanqueamento do fosso, dos espaços mortos; apear ou até arrazar as construcções de canniço, de palha, etc., interiores e proximas da linha de defeza para prevenir o incendio posto pelos adversarios; organisar plataformas nos salientes onde se installará a artilharia, etc. etc.

2.º Fazer um grande aprovisionamento de agua, lenha, viveres gentilicos (milho, mandioca, etc.), troncos, ramos, (destinados a construir novos obstaculos interiores), etc.

3.º Organisar e consolidar o reducto interior n'um logar dominante d'onde as tropas de reserva possam cooperar pelo fogo na lucta, ainda antes do adversario transpor o 1.º recinto.

4.º Quando o terrapleno interior seja vasto, organisar uma 2.ª linha de defeza e dividir o recinto em sectores, sendo cada um d'estes isolado quanto possivel dos adjacentes por palissadas ou outros obstaculos, de modo que, ainda invadido um, não perigue a defeza dos restantes.

5.º Fraccionar a guarnição em dois grupos, um de reserva ($^1/_3$) e outro ($^2/_3$) para defeza do recinto, occupando aquelle o reducto cuja defeza lhe é confiada e dividindo-se ainda este em tantas fracções quantos os sectores de defeza organizados, distribuindo os auxiliares, caso os haja, por todos os sectores, não se entregando áquelles exclusivamente a defeza d'um ou mais d'estes.

Toda a guarnição se exercitará na rapida e conveniente occupação dos seus postos de combate, dando-se uma ou outra vez um falso-alarme para se verificar a presteza e boa ordem com que cada um corre aos seus postos. Não esquecerá nomear um piquete que, embora fazendo parte das guarnições dos sectores, seja exclusivamente destinado a dominar um sinistro.

6.º A vigilancia effectuar-se-ha durante o dia por meio de postos avançados, patrulhas e sentinellas, e durante a noite por sentinellas nas faces e salientes da obra, interiormente, não se abrindo as portas, senão com a assistencia do commandante, e na presença da guarda de policia ou d'outra fracção em armas, a fim de se prevenir um ataque de surpreza, uma traição, a entrada de espiões, etc. Durante a noite será conveniente dispor de lanternas de projecção que illuminem o campo exterior até longe, espalhando-se alli, pelo solo, areia ou terra branca para reforçar o effeito illuminante.

Os povos inferiores podem atacar uma posição por sur-

preza (mediante um estratagema, traição, etc.), ou á viva força, por escalada, ou forçando as palissadas, as trincheiras, etc., com troncos-arietes, com ramos de arvores, pelles, molhos de capim que lançam por cima das defezas accessorias, etc., para os transpôr. A's vezes, na impossibilidade de tomarem a posição, bloqueiam-a, esperando reduzir os defensores pela fome e pela sêde.

O ataque de surpreza evitar-se-ha com uma vigilancia constante, um cuidado e disciplina rigorosos no policiamento ás portas da obra, dia e noite. O bloqueio procura-se fazel-o levantar ou illudil-o, incommodando o adversario com sortidas frequentes ou appellando para o estratagema, como fazia Peroz (pag. 155), e em ultimo caso, procurando uma sahida á viva força pela alta noite com toda a sua gente, depois de se lançar fogo á mecha de uma mina que faça ir pelos ares os aprovisionamentos que se não possam transportar, ou ainda fazendo dispersar os defensores simultaneamente por differentes pontos, aproveitando o somno do adversario pela madrugada, e marcando áquelles um ou mais logares de reunião.

Em caso de ataque á viva força procede-se assim=

Logo que o inimigo se aviste, os postos exteriores, patrulhas, etc., retiram immediatamente para a obra, fecham-se solidamente todas as portas e, dado o signal de alarme, os defensores correrão aos seus postos, esperando as ordens do commandante.

O fogo abrir-se-ha á distancia já indicada (pag. 139), e será feito geralmente por descargas (ou á vontade, quando a fracção seja muito pequena) á voz dos commandantes de *sector*. Ao commandante da posição competirá fazer reforçar um *sector* mais exposto, ou ordenar a perseguição com tropas de reserva, quando o inimigo comece a retirar, ou fazer sahir um contra-ataque.

Este é muito preconisavel, mas feito judiciosamente, pois, quando mal succedido, ha o risco de na retirada facultar a entrada na obra ao adversario de envolta com elle ou, pelo menos, paralysar os fogos da defeza. Se um sector é invadido, a sua guarnição será reforçada, procurando re-

pellir o adversario, e não o conseguindo, retirará, deixando aos defensores dos sectores visinhos o terreno livre para baterem aquelles e impedirem os progressos do invasor.

A primeira linha defender-se-ha sector a sector e, tomada ella, proseguir-se-ha a defeza na 2.ª ou na 3.ª, se as houver, e finalmente no reducto interior onde se terão accumulado todos os meios de resistencia.

Esta far-se-ha passo a passo, não se esperando que um tal adversario use de clemencia e devendo-se, portanto, vender a vida pelo maior preço, prolongando a resistencia quanto possivel, porque ás vezes um successo feliz, um simples acaso pode com tal adversario mudar a face das coisas.

CAPITULO VII

Noções d'estrategia colonial

N'este capitulo limitamo-nos a umas simples generalidades ácerca de algumas questões que mais importancia podem ter para o chefe d'uma pequena columna, um subalterno, um capitão, visto que os chefes das grandes expedições, assistidos quasi sempre de officiaes de estado maior, terão de procurar em tratados mais desenvolvidos e completos noções que um livro modesto e elementar como este não pode nem deve ministrar. De resto, todos os profissionaes que compulsarem este volume terão os sufficientes conhecimentos da Arte militar para não precisarmos rememorar definições e fazer considerações que constam dos rudimentos de estrategia aprendidos nas Escolas.

Objectivo principal.=Segundo Callwell, o objectivo principal varia com certas circumstancias a que cumpre attender=Se o adversario tem uma organisação social aperfeiçoada, com um governo central e um exercito organisado,

como succedia com os Zulus, os Dahomeanos, os Vatuas, etc., a derrota do exercito adversario, a tomada da capital, ou melhor, do nucleo de resistencia onde os chefes se tenham refugiado, o aprisionamento d'estes, a conquista dos logares sagrados, porão geralmente fim á lucta. Mas, quando não ha uma organisação regular, quando os habitantes não obedecem a um chefe unico e fazem, portanto, a guerra por sua conta em bandos insurrectos, se não têm capital nem exercito organisado, considerar-se-ha (Wolseley) como *objectivo* tudo o que para elles fôr mais valioso (colheitas, gados, habitações, celleiros, mulheres, etc.). Como diz Callwell, ao reprimir uma insurreição não basta submetter o adversario, é preciso tambem castigar todos os revoltosos e o melhor meio, depois da acção pelas armas, é destruir-lhes ou tomar-lhes os bens. Pretendem muitos auctores (Wolseley, por exemplo), que o insuccesso de algumas operações militares contra indigenas provem de as tropas se terem limitado a destruir algumas povoações que o gentio depressa reconstroe, depois da passagem da columna. Segundo Wolseley, isto, em logar de lhes servir de exemplo, ainda mais os irrita e lhes augmenta a rebeldia. Será preferivel esperar o tempo das colheitas, tomar-lh'as, queimar-lh'as e retirar, depois de ter aprisionado ou morto os individuos mais rebeldes e valentes.

Sendo, como dissemos, um objectivo a destruição do exercito inimigo, não se esquecerá a necessidade, para evitar o prolongamento das operações, de obter acções decisivas, procurando vir ao contacto como o grosso do adversario e batel-o severamente, desorganisando-o, aniquilando-o de modo a evitar a sua reorganisação, e aproveitar o momento para cahir rapidamente sobre a capital, sobre a residencia do chefe e aprisional-o ou impor-lhe a nossa vontade.

Se o chefe inimigo pede para entrar em negociações de paz, a pratica seguida pelos inglezes (Wolseley, etc.) é não attender ás propostas dos enviados, mas tratar com o chefe em pessoa, invadindo-lhe a capital ou fazendo-o comparecer no nosso campo. E' este um acto de submissão in-

dispensavel, que, sempre que fôr possivel, se não deve desprezar. Aos enviados é conveniente fazer-lhes perceber e exaggerar mesmo a força e os meios potentes de acção de que a columna dispõe, sempre que estes sejam valiosos, ou occultar-lh'os no caso contrario.

Communicações.—A necessidade de abastecer constantemente em viveres e munições uma columna em operações, de evacuar para a retaguarda os doentes e os feridos, de se manter a correspondencia e a ligação constantes com a baze d'operações e de proteger a retirada em caso de desastre exige o estabelecimento de uma *linha de communicações* a que tambem se pode chamar *linha d'étapes* balisada por *postos d'étapes* que podem ser fixos ou temporarios. O *serviço d'étapes* desempenhado ao longo da linha d'étapes terá por fim: transportar da retaguarda os abastecimentos para a columna em operações; evacuar os feridos, os doentes, os prisioneiros, o material deteriorado ou apprehendido; construir ou conservar as vias de communicações, pontes, linhas telegraphicas, organisar e completar o serviço postal, de transportes, de saude; assegurar o abastecimento d'agua, abrindo em caso de necessidade em todos os postos poços e formando reservatorios para recolher as aguas correntes ou das chuvas, e foi esta a pratica seguida pelos allemães na campanha dos Herreros; occupar as linhas, policiando-as e garantindo a sua segurança e liberdade de transito, limpando o terreno adjacente de inimigos ou malfeitores, finalmente, organisar e administrar o territorio submettido ou conquistado.

A linha de étapes é dirigida por um pessoal proprio e escolhido que presidirá a todos os serviços da retaguarda, e cujo director será um official combatente, de confiança do commandante da columna, com rasgada iniciativa, actividade, energia e bom senso, conhecedor do paiz e das guerras coloniaes, para cooperar no bom exito das operações. Deve-se evitar por todos os meios a possibilidade de conflictos de poderes ou de auctoridades, tão nefastos para o serviço.

Os postos da *linha de communicações* carecem de guarnições especiaes e muitas vezes, alem d'estas, do auxilio de destacamentos e pequenas columnas que percorram a linha para a policiar, para garantir o livre e seguro transito, etc. Acontece ás vezes nas guerras coloniaes o adversario cortar a linha de communicações temporaria ou permanentemente, pondo em grave risco a columna em operações. O adversario faz isto com tanta mais facilidade, visto não possuir communicações, transitando livremente por todo o territorio sem comboios nem serviços da *retaguarda*. Callwell, notando a necessidade de dedicar forças consideraveis á occupação e policiamento da linha de communicações, cita o seguinte exemplo:—Na campanha do Afghanistan em 1880, emquanto o effectivo das tropas empregadas nas linhas era de 15:000 homens, a columna d'operações sobre Kabul apenas dispunha de 12:000.—

Mas muitas vezes é a segurança e a posse effectiva das communicações que garantem a retirada airosa e facil d'uma columna batida e permittem a sua reorganisação para proseguir a lucta ou, pelos menos, evitar o seu aniquilamento quando se opera a muitos dias da baze, se o inimigo é atrevido e pertinaz na perseguição, e começam a escassear os viveres e as munições. Como diz Callwell, pode-se em certos casos abandonar as communicações, principalmente tratando-se de pequenas columnas que transportam comsigo tudo de que careçam durante o periodo forçosamente curto das operações; estas pequenas columnas têem toda a liberdade de acção e podem actuar rapidamente, mas, quando excedam certos effectivos ou se tenham de prolongar as operações, precisarão fazer-se seguir de largos e pesados comboios que estorvarão e demorarão a marcha com todos os inconvenientes citados a paginas 52 e seguintes.

Ha mesmo casos de numerosas expedições se internarem no interior dos continentes durante semanas e mezes, como aconteceu na ultima guerra do Afghanistan em que Roberts, não dispondo de tropas sufficientes para guardar as suas linhas de communicações, marchou em columna volante sobre Kabul, conquistando-a. Callwell, que cita este exem-

plo, diz que um tal procedimento não é muito para imitar, excepto quando se não possa proceder d'outro modo, sendo certo que uma columna bem aprovisionada, organisada e preparada de modo a poder luctar vantajosamente contra qualquer resistencia que se depare, pode bem constituir-se em columna volante sem grande perigo.

O numero e a posição dos pontos da *linha de communicações* são, como diz Peroz, uma funcção do desenvolvimento da linha, da facilidade de movimentos e de communicações que o terreno offereça e d'outras circunstancias entre as quaes figura a maior ou menor necessidade dos postos se apoiarem e protegerem mutuamente. Conforme os transportes se façam por terra ou por agua, assim se poderão afastar os postos os quaes, como sabemos já, convem que sejam abastecidos por alguma nascente ou linha d'agua. A distancia entre os postos pode variar de meia até tres étapes. Quando são muito afastados entre si, convem ligal-os pela telegraphia electrica ou optica ou por correspondencia permanente por meio de patrulhas montadas ou de indigenas de confiança. Como não se pode attribuir a cada posto uma guarnição numerosa, compensar-se-ha a sua defficiencia pela solidez e inexpugnabilidade das disposições defensivas, de modo que o posto seja facilmente defendido com pouca gente.

Alguns acham condemnavel o systema de dispersar muito as guarnições em paiz rebelde e preferem empregar poucos postos, mas bem guarnecidos e em logares escolhidos. Para isso aconselham occupar as posições mais importantes ao longo da *linha de communicações* e estabelecer n'ellas os postos fortificados que sirvam de postos d'étapes, de postos de apoio, de postos de communicações. Isto far-se-ha de principio e sempre durante a marcha da columna até á proximidade do inimigo.

Reconhecimentos frequentes irradiados da columna poderão notar essas posições, guarnecel-as e fortifical-as. Seja como fôr, tratar-se-ha de fazer avançar o mais possivel os depositos de viveres, munições, etc., sem prejuizo da sua conservação, o que dependerá dos effectivos da columna

e do adversario, da indole e modo de combater d'este, do espirito dos habitantes na região atravessada pelas tropas. Os serviços administrativos ao longo da *linha de étapes* proverão dia a dia ás necessidades das tropas, tendo á mão depositos de aprovisionamentos, de modo a assegurar á columna a liberdade de acção durante alguns dias e providenciará para que aquelles sejam promptamente substituidos e reforçados com os recursos da retaguarda. O serviço de transportes será montado methodicamente, fazendo-se de posto em posto, sob a protecção das guarnições d'estes.

Fraccionamento das columnas.—O principio estrategico de oppor as massas do nosso exercito ás fracções do adversario, que na guerra entre paizes civilisados se deve, em regra, respeitar, não tem muitas vezes razão de ser nas luctas com povos inferiores. A necessidade de dar mais mobilidade, de aligeirar as columnas, fraccionando os seus comboios, de bater simultaneamente differentes fócos de rebeldia, quando o adversario, espalhado pelo theatro das operações, não se apresenta em massa, a conveniencia de obter um consideravel effeito moral, ameaçando o adversario por differentes lados, leva muitas vezes o chefe a fraccionar a sua columna em outras mais ou menos independentes, operando de accordo.

Diz Callwell: A apparição de numerosas columnas invasoras distinctas alarma mais as raças inferiores do que uma só; é um expediente que não só perturba um adversario que não tem a destreza e o poder de se lhe oppor efficazmente, mas que o inquieta muito, porque, querendo cobrir todos os pontos, não cobre nenhum. Assim na guerra zulu, as impis de Cettivayo tinham uma organisação solida, eram muito disciplinadas e possuiam uma extraordinaria mobilidade; entretanto, o facto de verem o territorio invadido por tres pontos differentes parece ter de tal modo desorientado o rei negro que nenhuma tentativa fez para levar a guerra ao Natal, embora as operações dos inglezes fossem inefficazes durante alguns mezes. Apezar do que fica dito, o Snr. Major E. Costa, condemna tal fraccionamento, pois elle

produzirá o enfraquecimento, salvo se o effectivo é tão grande que possa com elle constituir columnas independentes capazes cada uma de luctar com toda a força adversaria. Diz elle: «Um bom *coup-droit* sobre o nosso ousado inimigo equivale bem a duas platonicas ameaças sobre a sua frente e retaguarda executadas por forças insufficientes.»

As columnas não devem ser tão fracas que não possam aguentar o ataque em força de uma massa consideravel do adversario. Cada columna póde em certos casos ter uma baze d'operações e todos os seus serviços independentes e organisados em harmonia com as necessidades impostas pelas multiplas questões a attender, mas marcharão e operarão de concerto e o mais possivel sob a subordinação estrategica do commandante em chefe. Para isto é preciso que este estabeleça o seu quartel general a meia distancia, proximamente, das columnas extremas, marchando com uma d'ellas, ou se junte á columna principal dando mais ampla liberdade ás mais afastadas, ás quaes indicará o itinerario, o plano d'operações, as datas provaveis da concentração ou d'um movimento importante.

As relações entre as columnas e com o chefe podem manter-se ou pela telegraphia electrica ou optica ou por patrulhas montadas.

CAPITULO VIII

Noticia historica sobre algumas campanhas coloniaes

Campanhas portuguezas

Campanha de Moçambique (1894-95).—*Combate de Marracuene.*

Deixemos o snr. Capitão Ayres d'Ornellas fazer a suggestiva narração dos factos:

«A's duas horas da madrugada, os officiaes a quem competia o quarto, sairam para a ronda. Eram o tenente Ornellas e o alferes Raul Costa. O lugubre silencio da noite só era por vezes interrompido pelo coaxar das rãs na margem do Incomati. Cobertas pelas mantas negras escorrendo agua, as sentinellas angolas paravam os officiaes com um sacudido: *quem vem lá?* antes que estes percebessem sequer pela maior espessura da sombra, que ella occultava um vulto humano. Lenta e cuidadosamente iam percorrendo a linha das sentinellas; todas eram conformes: a pesada escuridão da noite não occultava inimigo algum; de vez em quando os officiaes paravam, procurando, com a luz da lanterna que os guiava, penetrar as trevas que os rodeiavam. Nada. Symptoma de vida só o rouco ralo das rãs quebrando o pesado silencio da natureza. Quando voltavam ao acampamento, as sentinellas das faces, debruçadas sobre as armas, tentavam tambem inutilmente devassar o segredo que aquelles mattos inhospitos occultavam. Eram quatro horas da manhã. Acordado o corneta, tocou a sentido e o quadrado formou se.

Pouco mais de meia hora decorreu no mais profundo silencio. De repente, no posto junto ao Incomati um tiro e logo tiroteio. Uma grande massa negra rapidamente se aproximava da face esquerda do quadrado; mais espessa, a escuridão parecia deslocar-se para cima de nós e ouvia-se distinctamente gritar: *escamarada angola*, *escamarada angola;* mas um angola que de rojo diante de uma peça sondava a escuridão, levantava-se de um salto exclamando: Estão nús! São landins! Ouviu-se a voz de: fogo! dada pelo capitão Machado da bateria de montanha; a peça disparou; a face respondeu logo com uma descarga e a massa dissipou-se, não sem que dois valentes viessem morrer á bayoneta aos pés dos soldados.

Mas já n'esse instante, quando a fuzilaria rompia simultanea em todas as faces, um alarido medonho se levantava no interior do quadrado.

Cedendo ao ataque impetuoso de um grupo de landins, que o seu fogo não podera aguentar, os angolas recuavam desordenadamente diante das agazaias, descobrindo as faces

lateraes do quadrado e a peça do angulo. Rijo e aspero se empenhou logo o combate, procurando por todos os meios os officiaes levar os angolas á lucta.

Aguentados no seu recuar, sahiram-lhes á frente, procurando arrastal-os, mas a poucos passos os angolas estacavam em presença de um novo grupo de landins que penetrara atraz dos primeiros no quadrado. A' luz intermittente das descargas, unica que então illuminava o campo, viam-se os landins ageis e atrevidos saltando como cabritos brandindo a terrivel azagaia; aos seus brados de *avança landin*, *avança landin*, que gritavam á manga, respondia a vozearia ensurdecedora dos angolas, amontoando-se, recuando, ameaçando levar a desordem ás faces brancas, ás guarnições das peças, onde a admiravel serenidade e o pasmoso sangue frio dos soldados permittia aos officiaes um tenue raio de esperança em tão duro momento. Mercê de Deus foi curto; Caldas Xavier e Costa com o capitão Aguiar á frente de uma esquadra da policia repellem esse grupo de landins, que retirava tendo ferido gravemente o alferes Antonio Manoel. Então Couceiro e Ornellas, Raul Costa e Pinto conseguem afinal ao impurrão e ao murro fazer avançar os angolas e reformar a face do quadrado, se bem que recuada da sua primitiva posição.

Não tendo sortido effeito o ataque ás faces brancas, estando reformada a dos angolas, e começando estes lentamente a avançar, os landins foram successivamente cedendo terreno e, quando a manhã clareou, pelas cinco e meia horas, começavam decididamente a retirar, perseguidos apenas pelo fogo que cessava completamente ás seis horas da manhã.

O combate, tão rapidamente descripto, durára quasi hora e meia. Os landins deixaram 18 mortos dentro do quadrado; mais de 50 jaziam a poucos metros das faces; grupos de 5 e 6, rebentados pela mesma granada, braços e pernas, rastos de sangue, coalhavam o trilho da manga, que, até 70 ou 80 metros dos postos avançados tinha 63 passos de largura; nós tinhamos 3 praças mortas, 1 official ferido, o alferes Antonio Manoel, e mais 7 soldados; mais de 40

angolas jaziam mortos e feridos, cortados pela azagaia dos cafres. O reparo de uma peça, a do tenente Taveira, crivado de balas, 7 cavallos e 5 muares crivados de zagalotes, attestavam tambem a intensidade do fogo dos landins».

Combate de Magul. — As tropas portuguezas em Magul (columna sul) eram 275 europeos e 33 angolas com 11 officiaes, 100 carregadores e 3 metralhadoras. Esta força estacionava em quadrado, uma fila sempre em armas (dispositivo de segurança muito adoptado n'esta campanha) e marchavam tambem em quadrado, metralhadoras aos cantos, carregadores ao centro, cavallaria e angolas em exploração. Foi a columna surprehendida n'uma d'estas marchas, recolhendo logo a exploração, protegendo-se por uma fiada de rede de fio de ferro farpado, dispondo-se os homens em 3 fileiras. Como as mangas de negros (13 a 500 ou 6:500 homens) se não resolvessem a avançar, mandou-se sahir os angolas e carregadores a provocal-os, pondo-se então em marcha para nós primeiramente grupos de atiradores e depois as mangas por um movimento de flanco até envolverem as nossas tropas em crescente, voltando em seguida a frente para nós, e sentando-se depois á espera que o quadrado se deslocasse para então lhe saltarem em cima e o esmagarem. A provocação da cavallaria que sahira e a actividade dos trabalhos de fortificação, pois já se estava formando uma linha de abatizes, resolveram os cafres a sahirem da sua inacção, avançando então lentamente, primeiro alguns atiradores, depois as mangas. A 200 metros rompeu o fogo do quadrado que precisou ser interrompido duas vezes tal era a intensidade do fumo, nada deixando ver no campo exterior. A 50 metros chegara o chefe Tope á frente das suas mangas que incitava e ahi cahira, sendo o signal da debandada dos vatuas, os quaes se fez perseguir á azagaia pelos carregadores da columna..

Combate de Coellela.—Eram 5 horas da manhã e estava a columna em disposição de iniciar a marcha sobre Manjacaze, onde era o Kraal do regulo, quando uma patrulha de auxiliares annunciou a approximação das mangas vatuas, que se effectuava a O do quadrado. Os vatuas mostraram-se

emfim a 250 metros, avançando em passo gymnastico, em formação linear em crescente, envolvendo 3 faces do quadrado e tendendo a tomar a quarta de escarpa. Atiradores dispersos no matto tratavam de dizimar as fileiras brancas, como que preparando a investida final effectuada por toda a linha cada vez mais quebrada e hesitante, mercê da acção destruidora dos projecteis. Alguns mais intrepidos tentaram ainda arrojar-se uma ultima vez sobre o quadrado, mas a breve trecho eram prostrados a 20 ou 30 metros d'ella. A debandada dos vatuas pronunciara-se de vez.

Campanha de Gaza (1897).—*Combate de Maconténe*—A columna d'operações, do commando do saudoso Mousinho d'Albuquerque, era constituida por 90 praças de marinha, 100 de infanteria 4, 40 de cavallaria, 115 soldados negros, 1:000 auxiliares e 2 boccas de fogo. O inimigo dispunha de 5:000 combatentes. A columna ia em marcha, precedida pelos auxiliares em tres grandes grupos (frente e flancos) fazendo o serviço de exploração a 300 ou 400 metros e ligados á columna pela cavallaria. A's 8 horas da manhã estabelecia-se o contacto com o adversario. A columna formou immediatamente quadrado, as duas peças nos flancos da face mais exposta, a cavallaria recolheu, formando montada uma linha dentro do quadrado parallelamente áquella face e os auxiliares deitaram-se no angulo opposto á direcção do ataque. O inimigo descia das collinas de Maconténe em 2 grandes grupos marchando em columna até 1500 metros em que passaram á linha, pronunciando cada vez mais o semi-circulo envolvente. Atiradores protegidos pelo matto apoiavam com os seus fogos este movimento envolvente. A 400 metros rompeu o fogo por descargas nas tres faces mais expostas. A lucta foi breve, uns 37'. Como alguns adversarios hesitassem e voltassem costas ao quadrado, fez-se sahir a cavallaria que, arrojando-se impetuosamente sobre o adversario, o poz em completa debandada, conseguindo ainda assim alguns atiradores negros fuzilar os cavallos quasi á queima roupa detraz das moitas de matto.

Os cypaes e irregulares haviam-se feito sahir tambem,

pois a ordem do commando determinava que na perseguição o quadrado ficasse constituido só por tropas brancas, sahindo os cypaes como apoio da cavallaria. A perseguição prolongou-se durante 45 minutos.

Achamos util reproduzir aqui alguns trechos do relatorio de Mousinho ácerca d'esta campanha.

«*Ordem de marcha n.º 1*—Acampamento em Chibuto, 20 de julho de 1897.

1.º A columna avança ámanhã contra o inimigo.

2.º Hora da partida, duas horas e trinta minutos da manhã.

3.º Acompanham a columna a gente de guerra do Spadanhana commandada pelo sr. governador de Inhambane auxiliado pelos srs. primeiros tenentes, Andrade Vellez e Tito Nogueira.

4.º Faz parte da columna a companhia de cypaes de Gaza sob o commando do sr. governador de Gaza auxiliado pelo sr. alferes Furtado.

5.º A disposição de marcha é a seguinte:

a) Os auxiliares apoiados pela cavallaria dispõem-se na frente e flancos da columna executando a exploração a uma distancia media de 300 a 400 metros; á cavallaria compete especialmente estabelecer a ligação entre os auxiliares e a columna. Tanto os auxiliares como a cavallaria ficam em volta da columna divididos em 3 grupos.

b) Guarda avançada, 1.º pelotão de marinha, em columna dupla.

c) Segue-se a 20 metros o corpo principal formado pela companhia de cipaes de Gaza em 2 columnas parallelas com 40 metros de intervallo enquadradas cada columna entre as 2 secções de um pelotão de infantaria n.º 4.

d) Segue-se a 20 metros a guarda da retaguarda, 2.º pelotão de marinha, na mesma disposição que a guarda avançada.

e) A artilharia leva uma peça á altura da testa do

corpo principal e outra á altura da cauda do mesmo corpo.

f) O serviço de saude com as 8 macas e maqueiros correspondentes segue ao meio do corpo principal.

6.º Sigo com o estado maior entre a guarda avançada e o corpo principal.

Disposição para o combate:

7.º Dado o signal da approximação do inimigo, os auxiliares desembaraçam immediatamente a frente ameaçada do quadrado, deitando-se em frente das faces oppostas, e a cavallaria entra no quadrado sem apeiar. O quadrado fórma immediatamente mettendo em linha a guarda avançada e cerrando sobre ella as faces lateraes que logo volvem á frente o flanco exterior, cerrando sobre ellas e fazendo frente á retaguarda a guarda da retaguarda.

8.º O fogo só rompe á minha ordem e é feito á voz e por descargas.

Disposição para a perseguição:

9.º No caso de haver perseguição, o quadrado fica unicamente formado pelas forças brancas, por sair a companhia de cipaes a apoiar os auxiliares. Toma o commando do quadrado o sr. capitão Passos e Sousa, tomando eu a direcção da perseguição.

Disposições geraes:

10.º Alvorada á uma hora da manhã sem toque; café e ração em seguida. Bota sellas uma hora e trinta minutos sem toque; enfrear e montar em seguida. Formar companhias, ás duas horas, sem toque.

11.º A disposição de marcha só se toma depois de passada a ponte sobre o Chengane.

12.º Cada peça leva 38 tiros; cada praça de infantaria e marinha, 160 cartuchos; as de artilharia e cavallaria, 40.

13.º Sobrando muares das destinadas á tracção da artilharia, serão distribuidas por sua ordem pelo sr. commandante e primeiro tenente da bateria, commandantes da marinha e d'infantaria n.º 4 e chefe do serviço de saude.

14.º As praças, alem das munições, levam apenas 1 rancho frio, excepto os de cavallaria, que levam 2.

15.º Depois do toque da retreta, hoje, o serviço fica montado apenas com as forças que não fazem parte da columna,

16.º A columna vem ámanhã comer o rancho da tarde ao acampamento».

.....

«Do que se passou no combate de hontem e das informações colhidas, concluo o seguinte:

2.º—Que a direcção do combate por parte dos vatuas foi muito melhor concebida do que em Coellela. Evitaram empregar massas muito densas e profundas, e, portanto, muito mais sujeitas aos effeitos do fogo de fuzilaria e artilharia. Tentaram sempre pronunciar o ataque pelo lado por onde estavam os auxiliares. Não desperdiçaram munições com um fogo muito vivo e desordenado, e muitas pontarias eram baixas. Finalmente, avançaram com uma firmeza espantosa e uma persistencia notavel, apesar da muita gente que o nosso fogo lhes deitava abaixo.

3.º—Que, se tenho esperado que elles voltassem costas para lhes atirar a cavallaria para cima, teriamos decerto tido muito mais perdas, porque os seus atiradores iam-se approximando muito de nós. Esperei sempre que o effeito da carga fosse *fulminante* como foi, não só na manga contra que se dirigiu, mas em toda a linha que nos envolveria, e por isso sahi com os cavallos logo que foi possivel.

Nunca carreguei a fundo, nem se deve tal fazer porque não ha choque a esperar, para não nos afastarmos de mais dos auxiliares que nos seguiam, e para não deixar ficar para traz muitos inimigos incolumes que depois fizessem frente aos auxiliares.

Se em logar de 50 cavallos, tivesse um esquadrão completo (120 a 150), não teria parado a perseguição senão á noite. Com o pequeno effectivo que tinha, era loucura fazel-o, porque os auxiliares nunca passariam alem do acampamento inimigo.

Haverá quem estranhe, de certo, que, sendo eu o com-

mandante da columna, tivesse sahido com a cavallaria, e se sirva d'este facto para me alcunhar de temerario e não sei que mais.

Sahi com a cavallaria porque, tendo esta carga por fim acabar o combate quando ainda se não tinha pronunciado a retirada do inimigo, era esta a operação mais importante da acção toda, e sendo a primeira carga que se dava em campo descoberto em Africa, é bem natural que quizesse dirigil-a em pessoa, já para moderar o impeto das praças que podia comprometter tudo, já porque do seu exito e direcção dependia o resultado final da acção».

. . . . . .

«Durante a marcha vieram juntar-se aos auxiliares, guerras de Languène, Lofegazi e Chai-Chai, o que elevou o numero d'estes a cerca de 2:500 ou 3:000. Não pude evitar similhante ajuntamento de gente, que só serviam para atrapalhar e demorar a marcha.

O que tenho visto de guerra de Africa, nos dois ultimos annos, tem-me ensinado que os auxiliares de nada servem em combate. Quando bem dirigidos, podem prestar serviço na exploração e mesmo no serviço de segurança em estação, mas é difficilimo, se não impossivel, ter mão e dar direcção a mais de 300 ou 400. Considero ser este o numero maximo de auxiliares que convem levar com uma columna europêa, mas, repito, era impossivel evitar que se lhe reunissem os outros.

A's quatro horas e vinte minutos, como estivessemos para passar o vau do rio Chengo, e os auxiliares fossem em grande confusão, não quiz sujeitar-me ás consequencias de um ataque na passagem do rio, feito ainda de noite, por isso mandei fazer alto e esperei até ás seis horas e um quarto, em que, sendo dia claro, continuei avançando».

Campanha dos Namarraes. — *Combate da Mojenga.* — A columna portugueza compunha-se de uma secção de artilharia (Gruzon) 2 pelotões de cavallaria=51 cavallos, caçadores 4=136 praças brancas, 1 companhia de guerra=216 negros, e 30 auxiliares. O inimigo era numeroso, não se po-

dendo computar o seu effectivo, em virtude do emmaranhado do matto e da tactica seguida por elle, que consistia em hostilisar a columna systematicamente com fogos continuos feitos por bandos de atiradores encobertos pelo matto. A ordem de marcha era a indicada na figura 3.ª

Como os gastadores (auxiliares e alguns soldados negros) hesitassem em avançar atemorisados pelo fogo dos atiradores namarraes, mandou-se *para lhes dar ar*, atirar para a sua frente a cavallaria avançada e repellir os inimigos mais proximos, sendo esta logo reforçada pela G. A. (1 pelotão de caçadores 4) que se collocou á sua esquerda, formando com ella colchete offensivo e protegendo com os fogos a marcha da columna, que finalmente fez alto, formando o quadrado que foi immediatamente envolvido pelo fogo do adversario, cuja efficacia era maior no angulo direito da frente onde ficaram logo fóra de combate uns 20 homens e que foi occupado por uma Cruzon que não conseguiu, todavia, repellir os namarraes encobertos no matto a menos de 100 metros do quadrado, para o que se fez sahir um pelotão de cavallaria, conseguindo-se só assim rechaçar o adversario ahi alojado. Na face direita, porém, como os namarraes emboscados continuassem a incommodar a columna, fez-se sahir 2 pelotões de landins que, avançando em linha em direcções oppostas para repellir o inimigo, se estenderam depois em atiradores a 60 ou 70 metros em volta do quadrado. Era esta disposição em ordem extensa mais preconisavel n'aquellas circunstancias em que o inimigo emboscado no matto e postado em volta do quadrado, o hostilisava continuamente com seus fogos, convindo repellil-o em formação pouco vulneravel, não havendo de mais a mais a receiar uma investida em massa como succede com a tactica dos vatuas e d'outros povos do sul. Effectivamente o adversario fôra rechaçado; como, porém, o comboio, bastante atrazado, houvesse sido atacado, mandou-se a cavallaria da guarda avançada reforçar a sua guarnição, conseguindo-se assim assegurar a sua protecção até elle attingir o quadrado, em volta do qual se construiu uma trincheira abrigo, tratando-se dos dispositivos de estacionamento que se limitavam a con-

servar-se avançados a 60 metros e no exterior das faces uma esquadra de europeos com alguns landins até que se passasse ao dispositivo de segurança que consistia em ter $^1/_3$ da força branca sempre em armas (1 pelotão com uma fileira na face e a outra estendida em volta do quadrado e auxiliada por cypaes). O tiroteio dos namarraes polongou-se por todo aquelle dia e noite. A absoluta falta d'agua, porém, impondo a deslocação da columna para a retaguarda, resolveu-se que ella retirasse para Natule, o comboio na vanguarda e com um pelotão de cavallaria na frente e flancos e o resto da columna a seguir, conservando-se um pelotão como guarda da retaguarda que de vez em quando fazia meia volta para repellir os namarraes que chegavam a hostilisar a columna a menos de 100 metros. A noticia d'esta lucta é lição proveitosa para os que combatem povos que, não atacando em massa, preferem hostilisar uma columna expedicionaria com tiroteios continuos, emboscando-se systematicamente no matto.

Campanha do Barué (1902).— *Combate de Missongue* — N'esta campanha o inimigo limitava-se a abrigar-se detraz das suas aringas ou em posições organisadas *ad hoc*, incommodando com alguns tiros os exploradores da columna e retirando systematicamente depois de incendiar o capim, attrahindo assim aquella a uma posição desvantajosa.

Com effeito, tendo a columna chegado perto de Inhangone onde dominava o Cambuemba, bivacou junto do *mucurro* ou ribeira d'aquelle nome, formando um *sanzoro* rectangular ou obra defensiva, cujo centro da face mais ameaçada foi occupada pelos regulares em quadrado e dispondo-se os auxiliares no resto da obra. No dia seguinte marchou a columna, seguindo só duas horas depois o comboio que entretanto ficou no bivaque protegido por um pelotão indigena, pelos doentes e por 600 irregulares. Já a marcha ia bastante avançada, quando o commandante da cavallaria que seguia com a exploração relatou que a aringa inimiga fôra queimada e abandonada pelo adversario, ficando assim gorada a tentativa de lhe cortar a retirada com o emprego de

diversas forças de irregulares. Bivacou-se proximo das ruinas da aringa onde se estabeleceu um posto, e no dia seguinte sahiram os auxiliares a razziar, tendo queimado duas aringas abandonadas pelo adversario, reconhecendo-se tambem o caminho para a frente; mandou-se no dia immediato, cedo, avançar metade dos irregulares para construirem um *sanzoro* no local em que se devia passar a noite e bem assim os gastadores para abrirem caminho e extrahirem agua por meio do poço artesiano de que a columna ia provida.

A columna tinha desde o inicio das operações sido dividida em tres escalões: columna de combate, comboio da columna de combate levando dois dias de viveres e seguindo 500^{m} á retaguarda d'aquella (fig. 6), e comboio d'abastecimentos acompanhando ou não sempre a columna.

N'esse dia, pois, o comboio da columna de combate completou-se do de abastecimento, deixando este os viveres restantes no posto de Inhangone, e retirando para a baze d'operações, mas seguindo caminho diverso afim de com os carregadores de que dispunha (3:000) e munido de uma peça H., de 2 pelotões indigenas e 500 cypaes, effectuar um reconhecimento, destruindo as aringas existentes, razziando o territorio e subjugar a região, assegurando assim a limpeza do territorio á retaguarda e ao mesmo tempo transportar para a frente mais viveres e munições. Pela tarde poz-se a columna em marcha transportando a agua que pôde, encontrando o caminho já limpo, mas não logrando obter agua com o poço artesiano.

No dia seguinte, destinado ao ataque de Missongue partiu a columna do bivaque. A columna de combate era formada por 4 pelotões europeos a 20 praças, 3 pelotões indigenas a 30 e tantas, 2 peças de campanha de 7^{c}, uma secção de H. de 42^{mm}, 2 morteiros K de 6^{c},5 e ambulancia, flanqueada á direita por 600 cypaes e á esquerda por 1:200; a 500^{m} para a frente da guarda avançada marchava a cavallaria, uns 20 homens, em exploração e cobrindo os gastadores; o comboio devia seguir mais tarde escoltado por 2 pelotões indigenas e uma metralhadora e flanqueado por 1:500 irregulares; chegada a columna ao planalto de Inha-

panga-panga devia fazer alto, dando tempo a que parte dos irregulares que a flanqueavam e ao comboio fossem em diversas direcções cortar a retirada ao adversario.

Seguindo a columna com certa difficuldade, em virtude do matto espinhoso e chegando ao planalto de Inhapanga-panga, notou-se que o capim estava queimado do lado esquerdo do caminho, conservando-se alto e denso á direita, percebendo-se bem que o adversario se queria defender d'aquelle lado, mas deixando a columna bem descoberta. Pouco depois, ao mesmo tempo que a cavallaria noticiava a fuga d'alguns pretos na direcção da aringa, rebentava vivo tiroteio na frente e esquerda da columna. Convirá dizer que o adversario tinha disposto o terreno de forma a metter a columna n'um becco sem sahida e batel-a ahi de frente e de flanco: assim na frente, normalmente ao caminho e em grande extensão, fôra construida uma linha de trincheiras-abrigos de pedras e apoiadas em arvores e montes de formigas ou termites; á esquerda aproveitaram uns montes pedregosos e escarpados; á direita, parallelamente á vereda, outra linha de trincheiras-abrigos occulta no capim; havia ainda pequenas posições fortificadas e escolhidas, defendidas com troncos d'arvores e finalmente n'um collo á retaguarda do monte á esquerda havia reservas abrigadas. Todas estas posições e trincheiras estavam occupadas.

Rompeu o fogo na frente sobre a flexa da cavallaria, formando a columna quadrado e respondendo logo este pelotão e carregando varias vezes, pondo ahi em fuga o adversario e matando-lhe o chefe; quasi simultaneamente rompeu o fogo dos montes escarpados da esquerda, atirando-se para lá algumas granadas e sendo a posição torneada e escalada por 1:200 irregulares que bateram os defensores e as reservas postadas á retaguarda. Entretanto á direita do quadrado rompeu tambem tiroteio do capim, produzindo-se confusão entre os irregulares que flanqueavam esse lado, cahindo sobre o quadrado que os repelliu como pôde, conseguindo afinal os chefes europeos que os dirigiam, incutir-lhes animo e fazel-os repellir o adversario d'esse lado.

Assim terminou este combate que poz termo á campa-

nha do Barué e onde o Macombe tinha reunido todas as forças e tentado toda a resistencia, procurando tomar o caminho aos nossos e derrotal-os em posições convenientes, em logar de se defender nas suas aringas que a artilharia destruiria e seriam facilmente assaltadas, e tão certo isto que, se a columna tivesse seguido o valle do Muira, proximo d'um monte, onde teria que passar n'um desfiladeiro, estava disposta outra emboscada de trincheiras, batendo e dominando este. O effectivo do adversario no combate de Missongue era calculado em 5:000 homens sob as ordens de Cabendera que morreu na lucta, apresentando-se mais tarde ou vindo presos outros chefes rebeldes.

Campanhas inglezas

Campanha da Zululandia (1879) — Afim de impôr a vontade da Inglaterra ao rei Zulu Cettivayo com quem desde tempo havia um litigio de terras, cuja gente tinha aggredido os missionarios e invadido a fronteira do Natal e cujo forte poder militar incommodava aquelle paiz, foi por este notificado ao rei Zulo um ultimatum cujas principaes condições eram: pagamento d'uma multa de 500 bois pela invasão da fronteira e d'outra de 100 pela affronta feita a um funccionario inglez; licenciamento do exercito Zulo (que podia mobilisar promptamente 10:000 bons e disciplinados guerreiros, e uma reserva de outros 10:000), ao qual de futuro não seria permittido reunir sem authorisação do governo inglez; installação d'um residente na capital da Zululandia (Ulundi) e protecção dos missionarios e dos seus proselytos. Como o rei não respondesse ao ultimatum, Lord Chelmsford assumiu o commando das tropas reforçadas com contingentes do Cabo e da metropole e cujo effectivo total era de 6 batalhões europeos — 4:300 homens, 7 batalhões indigenas (quadros brancos)—7:000, alguma infantaria montada, uma brigada naval—220 homens, alguma artilharia, duas companhias de engenharia, etc.; ao todo cerca de 5:000 europeos,

7:000 indigenas e 1:000 cavalleiros (infantaria e policia montadas, carabineiros, voluntarios, etc.)

Estas forças foram divididas em quatro columnas, tres das quaes deviam operar de concerto, occupando Durban (baze principal d'operações) e Pietersmaritzburg e lançando-se em tres linhas convergentes sobre a capital (Ulundi). A 4.ª columna devia entrar em acção mais tarde como auxiliar. O serviço d'étapes foi organisado com todo o cuidado para as tres columnas, cada uma das quaes, ao destacar-se das outras, dispunha da sua linha d'étapes propria, tendo-se mesmo projectado depositos avançados, como dissemos a pag. 56.

Desastre de Isandlana.—A guarnição do campo de Isandlana, quartel general e deposito de abastecimentos da columna do centro, era apenas de cem homens montados e algumas companhias de brancos e indigenas, pois as restantes forças andavam empenhadas em reconhecimentos offensivos a distancia.

A's 8 da manhã um posto de vedetas collocado a 2:000 metros deu noticia da approximação do adversario. A's 9 horas o inimigo era avistado em força a uma legua a N. E. do campo, cujo commandante (coronel Pulleine) tinha ordem escripta do commandante em chefe para, em vista das suas diminutas forças, guardar a defensiva no caso de ataque. Como ao primeiro signal da approximação, mandasse uma ordenança prevenir Chelmsford, enviou-lhe este o coronel Durnford com um batalhão de tropas indigenas (1:000 homens), 150 cavalleiros e algumas boccas de fogo, que chegaram ao campo ás 10 da manhã. Durnford, chegando ao campo, tomou conhecimento da situação, sahiu de novo a proteger o seu comboio que ficara á retaguarda, deixando alli quasi todas as suas tropas negras, fazendo occupar por duas companhias europeas uma posição a 1:500 metros ao norte do campo e pretendendo ainda que estas fossem reforçadas com mais duas ao que o coronel Pulleine se oppoz, em vista da ordem de Lord Chelmsford para se conservar na defensiva. Ao meio dia os zulus, continuando o seu mo-

vimento, passavam ao norte do campo, repelliam as companhias brancas avançadas e torneavam Isandlana, cortando-lhe as communicações com a retaguarda.

Durnford, querendo, mas já tarde, retirar para o campo, foi batido pelos zulus que lhe mataram toda a sua gente. Estes continuaram avançando sobre a posição, envolvendo-a, invadindo-a e passando á azagaia a guarnição branca (50 officiaes e 806 praças) e 200 ou 300 indigenas, dezertando os restantes d'estes no momento da invasão do campo.

Os atacantes de Isandlana eram 13:700 e tinham recebido ordem de Cettivayo para se dirigirem durante a noite da vespera do ataque por pequenos grupos para uma posição situada a 2:400^{m} de Isandlana e onde deviam permanecer silenciosos e occultos, não accendendo fogueiras, e dispostos a atacarem na noite seguinte. Porém o movimento de Durnford, denunciando a sua presença, precipitou os acontecimentos, fazendo-se o ataque n'aquelle mesmo dia. O capitão Mayer explica assim as causas do desastre: «Em Isandlana as tropas, em logar de tomarem uma posição cerrada, desenvolveram-se em atiradores e, repellidas pelo corpo principal zulu, retiraram sobre o campo não disposto para um ataque envolvente; n'este momento a ala direita zulu que tinha deslisado furtivamente por detraz da montanha de Isandlana, surgiu na retaguarda das tropas que succumbiram assim a um ataque simultaneo na frente, flancos e retaguarda.

Uma parte do 24 (tropas brancas) formado em quadrado aguentou-se emquanto teve munições, confessando os zulus que, não esperando já esmagar esse quadrado, iam retirar, quando o fogo cessou. Se as tropas se conservassem unidas n'um *laager* (que não se chegou a formar) com um bom aprovisionamento de munições teriam resistido victoriosamente como aconteceu em Rorkes Drift»=*Vêde pag. 230.*

Depois d'este desastre as tropas negras (recrutadas entre os indigenas do Natal e instruidas de proposito para esta campanha pouco antes do seu inicio) dezertaram quasi em massa, sendo preciso constituir o exercito de operações exclusivamente com tropas brancas.

Defeza de Rorkes Drift.—Rorkes Drift era um posto d'etapes á retaguarda de Isandlana, á margem do Buffalo. O posto limitava-se a duas construcções de pedra, constituindo a antiga casa da missão sueca, onde se tinham installado alguns doentes e uma porção de aprovisionamentos, e que era defendida por uma companhia europea e alguns soldados negros, a quem cabia tambem guardar a ponte sobre o Buffalo. Estas tropas acampavam no exterior. O posto proximo distava 16 kilometros e ahi havia 2 companhias europeas. A's 3 horas da tarde, o tenente Chard, commandante do posto de Rorkes Drift, recebeu por outro official a noticia do desastre de Isandlana, pondo-se logo os dois ao trabalho de se entrincheirarem com saccos de farinha. A's 3 $^1/_2$ apresentou-se uma força de cavallaria (resto da columna Durnford), sendo-lhe determinado que se fraccionasse em patrulhas que, lançadas na direcção do inimigo, observassem os vaus e as pontes sobre o Buffalo, oppondo-se quanto possivel ao avanço d'aquelle e retirando por fim para o posto em cuja defeza cooperariam. A's 4 $^1/_2$ da tarde appareceram 600 zulus ao sul do posto cuja guarnição era de 139 homens, dos quaes 35 doentes. A lucta começou logo e durou toda a noite, sendo muitos assaltos repellidos a tiro e á bayoneta. Diz Chard no seu relatorio: «A nossa linha defensiva pareceu-me muito extensa para tão pequena guarnição e comecei, pois, logo a fazer um entrincheiramento com caixas de biscoito. O inimigo apezar de fustigado com um fogo nutrido continuava a avançar, sendo então submettido a um fogo cruzado e nutrido partindo do entrincheiramento e do armazem (construcção de pedra), e tão efficaz que parou. Uma grande parte tomou o hospital e assaltou o muro dos saccos de farinha, sendo porém repellida com grandes perdas. Cobrindo-se com o matto que não tinha sido limpo, o inimigo avançou de novo occupando um muro emquanto nós occupavamos o outro, dando-se uma serie de assaltos sempre repellidos. Entretanto o inimigo conseguiu pôr fogo ao hospital, cuja guarnição se defendia compartimento a compartimento, fazendo sahir todos os doentes transportaveis.

Vendo o incendio do hospital e os esforços desespera-

dos do inimigo para incendiar o tecto dos armazens, formámos uma especie de reducto com o monte de saccos de farinha que dava assim uma segunda linha de fogos circulares, retirando para ella depois de se tornar insustentavel a nossa posição atraz das caixas de biscoito. O fogo durou até ás 4 da manhã, hora a que o inimigo retirou, voltando mais tarde, mas retirando logo em presença dos reforços que Lord Chelmsford trazia.» Citamos aqui a defeza de Rorkes Drift como exemplo de quanto póde uma pertinaz e bem sustentada defeza contra um inimigo audaz que acabára de esmagar consideraveis forças europeas, devido á imprudencia do seu chefe em não tomar uma attitude defensiva, entrincheirando-se e defendendo-se em ordem cerrada.

Combate de Kambula — A columna ingleza de Wood (a da esquerda á qual incumbia fazer o movimento estrategico mais amplo e torneante para ameaçar Ulundi, capital), na força de 2:000 homens, occupava Kambula onde construia um forte que serviria de posto de étapes. Frequentes reconhecimentos offensivos precisavam o effectivo do inimigo (25:000 homens) e as disposições em que este estava de atacar. A 29 de Março ás 11 da manhã avistava-se o inimigo a leste, marchando a cinco columnas que a certa distancia se separaram, seguindo uma pelo norte e outra por oeste para o sul. As tropas inglezas estacionavam em laager a oeste do forte e, como a columna zulu norte tivesse, emfim, parado fóra do alcance da artilharia, mandou-se sahir a infantaria montada para reconhecer e attrahir o inimigo, arrastando a primeira columna zulu para a bater antes da sua juncção com a segunda. Para isso a infantaria montada sahiu do laager, apeiou-se a curta distancia do inimigo, rompeu o fogo e, como o inimigo se precipitasse sobre ella, montou de novo e retirou para o *laager*, arrastando atraz de si a direita dos zulus que em breve era repellida pela artilharia e infantaria inglezas, voltando-se depois as attenções para o centro e esquerda zulus que começavam a esboçar o ataque, aproveitando um espaço morto ao sul do *laager* e envolvendo este de modo a assaltar o *laager* do gado, sendo repellidos pela guarnição d'este. N'esse momento um outro corpo zulu, investin-

do por oeste contra o *laager* do gado, a coberto do fogo do *laager* principal, fez sahir d'este uma força contra-atacante que o rechaçou. Outras tentativas de ataque houve ainda da parte do inimigo, mas os fogos cruzados das baterias e das faces do *laager* e d'uma força d'infantaria que sahiu a bater os espaços mortos e, finalmente, a acção da infantaria montada que foi lançada sobre os destroços dos corpos zulus, acabou de os derrotar, sendo perseguidos até 11 kilometros do campo da lucta.

Combate de Ulundi — Este combate que terminou com a tomada de Ulundi, capital dos zulus, decidiu da campanha ingleza de 1879. Lord Chelmsford, chegando á margem sul do Umbelusi, a um dia de Ulundi, sem que Cettivayo, chefe dos zulus, tivesse respondido ao seu ultimatum, e sendo constantemente incommodado pelo inimigo, mandou a infantaria montada fazer um reconhecimento na frente, a qual em breve regressou, cedendo a um ataque de 5:000 zulus e protegida pelos fogos de uma secção de artilharia e infantaria inglezas. No dia seguinte essa mesma infantaria montada transpoz o rio e foi occupar uma posição dominante na margem norte, cobrindo a passagem do grosso inglez (5:000 homens dos quaes 4:000 brancos, ficando na margem sul com o comboio, formando *laager*, uns 500 brancos e alguns negros. Formada a columna, fez uma marcha de frente até attingir uma região descoberta, em que passou á formação rectangular com as munições, ambulancia e tropas negras no interior, seguindo as faces da frente e da retaguarda em linha, os flancos em columna de costado por quatro e a cavallaria na frente em serviço de exploração e segurança. Chegando a uma posição favoravel reconhecida de vespera pela infantaria montada e parecendo que o inimigo queria atacar, o rectangulo voltou a frente para o exterior em tres fileiras, fez alto, esperando a investida dos zulus que ás 9 horas da manhã, depois d'uma primeira acção com a cavallaria avançada a qual retirara para o quadrado, se pronunciava em formação primeiro de linha de columnas, depois em linha compacta cada vez mais envolvente. Desembaraçado o campo de tiro do quadrado pela retirada da cavallaria, a artilharia

encetou o fogo, abrindo grandes claros na linha inimiga que avançava com pouca cohesão e mal apoiada pela reserva que se postara de modo a cortar a retirada dos inglezes. Como a metralha e a fuzilaria contivessem o assalto final dos zulus que chegaram a 25 metros do rectangulo e elles dessem signaes de hesitação, fez-se sahir os lanceiros por uma face, e a infantaria montada por outra, atirando-se á desfilada sobre a linha adversaria que rompeu e fugiu em debandada sob o fogo de artilharia. O rectangulo poz-se então de novo em marcha para a frente, parando junto de M' Bilane para almoçar e regressando depois ao *laager* para passar a noite. Ulundi e o Kraal vizinho foram incendiados, pondo-se assim termo ás hostilidades de Cettivayo.

Campanha dos Matabeles.—Em 1893 a gente do Lobengula, neto de Mosilikatse, que capitaneava o bando que se separou dos zulus em 1838 e foi occupar o norte do Transvaal, passando a denominar-se Matabeles, a gente do Lobengula, diziamos, seguindo em perseguição dos Mashonas, povos agricultores e pacificos do N O confinantes com o territorio da nossa companhia de Moçambique, chegaram até perto de Victoria, cujos arredores se recusaram a abandonar, negando aos inglezes o direito de protegerem os perseguidos. Em vista d'esta attitude insolente do Lobengula cuja amisade, aliás, Cecil Rhodes tinha captivado á custa de valiosas dadivas, resolveu a Chartred Company castigal-o á mão armada. Para isso tres pequenas columnas inglezas se dirigiram sobre a capital do rei—Buluwayo. Uma d'ellas, sahindo do Forte Salisbury, acampou nas margens do Chengane a pequena distancia de Buluwayo, em dois campos, um para europeos e outro a cerca de 500 metros para os indigenas. Este, assaltado de madrugada por 5:000 Matabeles, cahiu em seu poder, resistindo aquelle a tres assaltos successivos que estes em seguida effectuaram. Passados dias foram os inglezes de novo atacados pela gente do Lobengula, conseguindo-se deter o seu impulso mediante um opportuno e energico contra-ataque de cavallaria. O rei negro vencido fugiu, sendo inuteis todos os esforços para o capturar.

A formação de marcha adoptada pelos inglezes era:

Os carros do comboio em duas columnas parallelas intercaladas de 150m, a dois carros de frente. Nos intervallos os auxiliares, a artilharia e a infantaria. Serviço de segurança em volta a 1:600m, effectuado por fracções de 40 cavalleiros. Exploração a distancia a 6 ou 8 kilometros. O paiz era em geral descoberto e prestava-se, portanto, a este typo de marcha.

Mais tarde (1896) os matabeles, cujo rei tinha morrido, e que esperavam a opportunidade de se revoltarem de novo contra os seus dominadores que, no dizer de Bujac *(Precis de quelques campagnes contemporaines)*, d'onde extrahimos esta noticia, exploravam e violentavam grandemente os indigenas, ao mesmo tempo flagelados pela peste bovina (rinderpest) e pela praga dos gafanhotos, os matabeles, diziamos, aproveitando a occasião de o territorio estar desguarnecido de tropas que o governo da metropole estava reorganisando, insurreccionaram-se, assassinando alguns europeos e cercando Buluwayo. Tropas de soccorro correram de differentes pontos, e actuando energica e rapidamente, procuraram vir ao contacto com o adversario, batel-o rijamente e perseguil-o sem treguas. Bujac descreve assim o combate de Thabas—I—Mhamba=«Apoz uma longa marcha nocturna, o coronel Plumer com 750 homens e o major Kershow com 700 occuparam a orla Oeste do macisso accidentado de Thabas —I—Mhamba; depois pelo norte e pelo sul a infanteria penetrou na região dos kopges para atirar os matabeles sobre aquelles (em grande parte cavallaria). No Norte, Plumer repelliu os matabeles sobre a sua principal posição que foi tomada em pouco tempo, dispersando-se estes e sendo perseguidos pela numerosa cavallaria ingleza».

Restava bater algumas mangas rebeldes que se haviam refugiado em escarpamentos montanhosos cuja disposição defensiva estava reforçada com palissadas. Algumas operações se effectuaram com mais ou menos vantagem, mas sem pôr termo á guerra. A resistencia dos matabeles tornara-se passiva; divididos em grupos e encerrados nos seus kraals construidos no topo de macissos rochosos minados de cami-

nhos subterraneos, escapavam-se facilmente á perseguição dos inglezes e, quando atacados n'esses azilos, tornavam-se invenciveis. Era assim o kraal de Macone, o chefe Matabele a quem a *Company* mais queria aniquillar. O tenente coronel Alderson, a quem fôra incumbida esta missão, queria surprehender o Kraal ao alvorecer, apoz uma marcha nocturna. A preparação foi cuidadosamente feita; guardou-se o maximo segredo até á ultima hora. A marcha na proximidade do inimigo era em formação preparatoria para o combate, assim: na frente uma companhia em columna de secções, a seguir a engenharia, artilharia, os carregadores, na retaguarda outra companhia tambem em columna de secções e alguma cavallaria. O serviço de segurança era feito a cerca de 50 metros em torno da columna. O assalto foi effectuado simultaneamente por dois lados oppostos, mas não surtiu effeito por falta de dynamite para fazer voar as massas rochosas. As operações arrastaram-se ainda durante um anno, terminando por fim, e havendo os inglezes por bem proceder a algumas reformas, taes como: investir os indunas nas funcções de auxiliares estipendiados da administração ingleza, suppressão da policia indigena e indemnisação aos proprietarios de rebanhos de bois mandados abater pelos veterinarios para circumscrever a epizootia (uma das causas promotoras da insurreição) que na Mashona victimara 40:000 cabeças de gado.

Campanhas francezas

Soldão.—Segue a noticia d'algumas operações que respigamos no bello livro de Peroz—*La tactique dans le Soudan*—e que constituem uteis exemplos da guerra com povos inferiores, mas ouzados, valentes e com alguma organisação militar.

Marcha de Niagassola a Niafadié e retirada—Foi em 1885. O capitão Louvel encontrava-se ha já oito dias cercado por alguns milhares d'homens do Samory perto de Niafadié. O major Combes estava em Niagassola com um destacamen-

to de 150 homens, alguns cavallos, um canhão de 4 de montanha e 150 carregadores e teve noticia da critica situação em que se achava o capitão Louvel, n'uma região em poder do adversario e desguarnecida de outras tropas francezas. A distancia entre as duas posições era de 95 k., mas não podia ser percorrida directamente em virtude d'essa zona ser vigiada por fortes grupos do adversario. Resolveu por isso, Combes dar uma grande volta, lançando-se n'uma floresta e depois nas montanhas para illudir a vigilancia do adversario, surprehendendo-o no seu acampamento, o que conseguiu, dando-se um vivo combate mesmo dentro do entrincheiramento do adversario e vingando por fim juntar-se a Louvel cujos 99 homens, apoz 10 dias de fome e sede, se encontravam n'um tal estado de fraqueza que não poderiam aguentar uma curta lucta com os sitiantes. N'essa mesma noite tratou Combes de retirar para Niagassola atravez das linhas inimigas, o que fez, apoz uma vivissima lucta. No dia seguinte repetidos encontros se effectuaram, conseguindo afinal chegar a Niagassola, sempre perseguido a curta distancia pelo inimigo que dispunha de cavallaria e fuzilava o quadrado de perto e incessantemente. Diz Peroz=«Esta epopêa durou 7 dias, durante os quaes a columna transpoz 227 k. isto é 32 por dia, sempre combatendo, ficando o quarto do effectivo fóra de combate pelo fogo. Durante a marcha, a columna manteve-se sempre formada em quadrado duplo, o comboio no centro, uma esquadra na vanguarda e um pelotão de guarda da retaguarda onde o inimigo fazia maior pressão. Os primeiros pelotões das duas companhias formavam duas faces do quadrado interior e os segundos as faces correspondentes do quadrado exterior. O pelotão da retaguarda era constituido por 32 atiradores escolhidos encarregados de recolher e conter o inimigo para permittir á columna *tomar ar* sempre que aquelle opprimia esta de mais perto. A guarda avançada marchava a 100^{m} da columna, e tinha por missão bater com descargas o terreno proximo, quando se suspeitava que abrigasse adversarios. Quando estes eram numerosos e não cediam, a guarda avançada esperava pela columna, entrando n'ella e deixando as faces extremas re-

pellil-os com os seus fogos. Alguns auxiliares mais ousados effectuavam a exploração na frente e flancos; o resto marchava junto da columna, na face menos exposta e era unicamente empregado na perseguição»—.

Combate de Tombokané—Em 1886 o coronel Frey para haver á mão o grosso das forças do marabuto Lamine ás quaes queria dar uma severa lição, mas que fugiam sempre ao contacto com as tropas francezas, empregou o estratagema do combate defensivo. Para isso fez espalhar o boato de que, não tendo tropas sufficientes para luctar com o marabuto, ia fortificar-se em Tombokané e esperar reforços. As suas forças eram 520 bayonetas, 56 sabres e 4 canhões de 4 de montanha. O marabuto dispunha de 10 a 12:000 fanaticos, incluindo 500 a 600 cavalleiros.

Primeiramente Frey estudou o terreno provavel do combate e organisou a defeza constituida por uma face grande de 150^{m} parallela ao rio e duas pequenas de 40 ou 50^{m} apoiadas na margem. Interiormente organisou-se um reducto. Dispoz uma *peça* em cada saliente; duas escadas observatorios de 20^{m} de altura permittiam a vigilancia ao longe. Alguns barcos no rio deviam servir de deposito de abastecimentos e de recurso para a retirada em caso de desastre. Uma reserva geral constituida por bons atiradores e pela cavallaria formava atraz da face grande. No saliente da direita havia um espaço morto e por isso espalharam-se lá alguns abrolhos. De dia a vigilancia era feita por pequenos postos a 300^{m} das faces, e approximando-se durante a noite a 150^{m}. A estes pequenos postos distribuiram-se preparações illuminantes para accender em caso de ataque nocturno, no momento em que retirassem sobre a face, afim de illuminarem bem o adversario. Patrulhas de cavallaria completavam a vigilancia.

Dado o signal d'alarme ás 10 da manhã, os postos recolheram e os defensores correram aos seus logares de combate. O inimigo vinha em tres columnas. A do centro, de muitos mil homens a pé, marchava direita sobre o campo e occupando uma frente de 200 metros; no meio erguia-se o pendão do propheta. A da direita formada de infantes e cavalleiros tornou a posição para cortar a retirada ao defen-

sor; a da esquerda era constituida do mesmo modo. A 500^{m} a columna do centro desenvolveu em crescente; rompeu o fogo a 300^{m} e precipitou-se em grande grita sobre a posição. Aqui estalaram tres descargas. O adversario prostrou-se por terra, mas continuou a avançada, rastejando, emquanto as outras duas alas corriam sobre o campo, onde o fogo rapido rompeu em todas as faces, atirando dois canhões á lanterneta sobre os proximos assaltantes e os outros dois á granada sobre as reservas. A 30^{m} o pendão sagrado cahiu e todo o inimigo bateu em retirada, mas perseguido de perto pela cavallaria e pelos auxiliares. Peroz conclue dizendo que um tal exito foi devido á pequena distancia a que se rompeu o fogo, á precisão e á serenidade com que foi feito, produzindo desde logo grandes perdas no inimigo. Se o fogo se abrisse a 500^{m}, não teria uma acção tão mortifera e isto tornaria o adversario mais ousado.

Defeza do posto de Niafadié—Foi aqui que se encontraram sitiadas durante 10 dias as tropas do capitão Louvel, sendo soccorridas pelo major Combes, facto a que já nos referimos. Resumamos o que diz Peroz—

Louvel, apoz uma marcha penosissima, veio encontrar o posto em critica situação. Os defensores tinham organisado o muro o melhor possivel, assim como o terreno exterior. As posições dos defensores consistiam apenas em dois dias de biscoito, um de carne, tres de milho (0,^{l}25 por homem) e um dia de agua. Nos arredores nenhum recurso havia. A guarnição estava tão enfraquecida que não poderia abandonar o posto immediatamente, marchando atravez d'uma região patrulhada por bandos do inimigo. Resolveu Louvel retirar no dia seguinte. A columna formou fóra do posto e punha-se em marcha, quando as alturas visinhas se começaram a cobrir de cavalleiros inimigos. Não podendo por falta de munições e pelo estado de fraqueza dos homens romper a linha adversaria, Louvel encerrou-se de novo no posto, depois de mandar 4 correios por caminhos differentes prevenir o posto de Niagassola. Mal os defensores tomavam as suas posições de combate, quando toda a linha inimiga se lançou rapidamente sobre o posto. Os capitães Louvel e Dar-

gelos treparam ao tecto de uma casa, d'onde commandavam a defeza; os homens visavam com as armas os chefes inimigos, promptos a disparar. O adversario chegara a 100m. Marchava em tres linhas envolventes parallelas apoiadas por uma multidão de guerreiros na retaguarda. A 30m rompeu do posto uma descarga e um tiro de metralha do unico canhão existente. O adversario continuou a marcha, attingindo finalmente o muro que tentou escalar; mas os defensores a tiro e á bayoneta resistiram vantajosamente e no fim de dez minutos, apezar dos esforços dos chefes sudanezes para reanimarem a sua gente, a linha retirava em debandada. Os defensores mais desafogados iam successivamente prostrando com certeiros tiros os chefes mais proximos. *O almamy* reuniu de novo a sua gente; desistia do ataque á viva força, mas começava a investir rigorosamente a posição com grandes postos a 40m em frente das faces e quatro fortes postos principaes á retaguarda, além d'um posto fortificado intersectando a estrada de Niagassola. Os defensores agora dispunham apenas de 40 cartuchos por praça. A agua estava exgottada e os viveres pouco durariam. Felizmente choveu muito n'esse dia e mandou-se calafetar todas as aberturas inferiores do posto, de modo a servir de reservatorio onde se detivessem as aguas pluviaes. As dejecções dos 200 homens, comprehendendo os indigenas refugiados, e dos 2 muares, tinham transformado estas n'um liquido amarello, nauseabundo, mas, apesar d'isso, era providencial para os defensores, porque os livrava da morte. Todos os vasos disponiveis se encheram d'este liquido e se guardaram n'uma casa que se forrou de palha para o conservar fresco, distribuindo-se diariamente ás rações (0,l25). A temperatura durante o dia era de 42 e 44° e de noite 30 a 35°. Os adversarios (sofas) tentaram durante os dias seguintes alguns assaltos, mas baldadamente. A cada momento choviam dentro do posto nuvens de projecteis a que Louvel só permittia que respondessem alguns atiradores escolhidos que se tinham organisado em 4 turnos, rendendo-se na defeza do posto. Ao nono dia do investimento consumiram-se as ultimas provisões que, todavia, tinham sido ainda fraccionadas quanto possivel. Resolveu-se então que, se no dia seguinte o posto não fos-

se soccorrido, se abatesse um muar, distribuindo-se a carne e que a guarnição tentasse uma sortida por surpreza, até ganhar uma posição proxima onde se julgava haver agua e algum milho. A sortida seria pela noite, em quadrado, os feridos ao centro, repellindo-se o inimigo á bayoneta e prohibindo-se fazer fogo. Mas Combes no dia immediato appareceu á vista da praça, como vimos na—*Marcha de Niagassola a Niafadié e retirada.*

Combate de Kokoro.—Foi o ultimo dos combates travados em 1885 na retirada da columna de Combes sobre Niagassola, a que já nos referimos. O terreno proximo da ribeira de Kokoro, onde a acção se ia pronunciar, era plano. Um pequeno resalto semi-circular do terreno, cujas duas extremidades se apoiavam na ribeira, descrevia um crescente, no centro do qual havia um macisso d'arvores. A 300^{m} do crescente e torneando-o havia uma floresta. Durante a noite o Samory occultou o seu exercito na floresta, proximo das duas pontas d'aquelle crescente, de modo a deixar as tropas francezas seguir a planicie que ia ao rio. Um irmão do Samory — Ibrahimo — devia impedir a Combes a passagem do Kokoro, cobrindo-se com uma trincheira reforçada por uma palissada. O numero dos adversarios era de cerca de 10:000 e 600 cavallos. O projecto do adversario era deixar Combes internar-se na planicie, topar com a gente de Ibrahimo e lançar-lhe depois na retaguarda o resto do exercito.

Combes, tendo chegado ao crescente e tendo até ahi marchado em quadrado no meio do maior silencio, parou e enviou adeante um pelotão de atiradores bater as margens da ribeira. A 200^{m} d'esta e á segunda descarga d'aquelle, estalou um vivo tiroteio de todos os lados, emquanto a cavallaria adversaria carregava sobre a retaguarda e faces do quadrado que rompia o seu fogo apenas a 100^{m} á voz de Combes. Ao mesmo tempo uma longa linha de peões apoiada por massas formidaveis á retaguarda esboçou um movimento envolvente que ameaçava asphixiar a columna. Combes mandou o comboio e a cavallaria occupar o macisso de arvores no centro do resalto em crescente e depois, apro-

veitando habilmente esta disposição do terreno, dispoz a sua gente em secções por detraz da crista d'aquelle de modo a fazer face ao inimigo por todos os lados, formando-se uma longa linha defensiva e em grandes intervallos, os homens de joelhos, e disposta de modo a cruzar os fogos a pequena distancia. A peça de 4 batia os entrincheiramentos que defendiam as immediações do vau do Kokoro.

O pelotão de atiradores de Peroz constituia a reserva com a frente para a ribeira, e uma secção de infantaria de marinha, á ordem de Combes, dirigia os seus fogos sobre os pontos mais ameaçados. O inimigo avançava sempre fazendo fogo e, por fim, grandes massas precipitaram-se sobre a direita dos francezes que cedeu. Combes mandou o pelotão de Peroz, de bayoneta cruzada, repellir a esquerda da columna d'assalto inimiga, cuja direita era batida pelos fogos da secção reserva de marinha, conseguindo assim fazel-a debandar em desordem para a floresta. Então toda a gente se levantou e, apoz um fogo rapido e vivissimo, toda a linha se lançou alguns passos para a frente. Entretanto a gente de Ibrahimo emboscada detraz das suas trincheiras avançou a cooperar na acção, atacando o comboio, que Peroz com o seu pelotão voltava de novo a defender pelo fogo. A acção estava engajada na frente e na retaguarda da posição. As munições estavam quasi exgottadas e o fogo do adversario não enfraquecia, não tentando este, todavia, um assalto em vista das grandes perdas que estava soffrendo. Combes aproveitou o momento para forçar a passagem do vau Kokoro. Para isso mandou as secções extremas da linha bater os defensores dos entrincheiramentos e a peça fazer um tiro mergulhante de granada com balas sobre o vau para desorganisar a sua defeza e depois, quando a gente de Ibrahimo estava já desmoralisada e havia já brechas nas trincheiras, ordenou a Peroz que com um pelotão tomasse o vau. Peroz mandou armar bayoneta, hombro-arma e accelerado. A 100^{m} deu uma descarga, a 40 mandou carregar, lançando-se os atiradores energicamente sobre as trincheiras cujos defensores repelliram, travando-se uma lucta corpo a corpo, no meio da qual o proprio Peroz conseguiu abater o guião sagrado do

inimigo, matando o portador. O inimigo fugiu precipitadamente. Combes fez então atravessar o Kokoro ás duas secções extremas da linha, que, passando para a outra margem, fuzilaram os flancos do inimigo o qual bateu em retirada perseguido pelos francezes e pelo fogo da peça.

Combes iniciou a retirada da sua gente em escalões, tentando ainda o adversario um retorno offensivo que foi repellido victoriosamente.

Peroz cita este exemplo para mostrar, diz elle, os verdadeiros *tours de force* de que é capaz uma tropa bem na mão e conduzida por um chefe que tenha confiança n'ella e saiba por experiencia a somma de resistencia que ella pode offerecer aos assaltos retirados e furiosos do adversario. Por pouco intelligente que o soldado seja, comprehende sempre que, envolvido por todos os lados pelo inimigo, a sua unica salvação é uma attitude energica, um cerrado hombro com hombro e um uso tão sobrio como efficaz das munições. Por tanto o unico factor que fica a considerar é o valor do chefe. Se os homens o notam commovido, nervoso, se elles percebem que elle duvida do exito da acção, perdem a esperança, e a confusão, a desordem e finalmente o massacre se produzirão ao primeiro ataque levado a fundo».

Combate de Goumbof — Em 1887 o coronel Coronnat com cerca de 500 homens, 40 cavalleiros, artilharia, um comboio de burros, muares e cavallos attravessava uma região coberta, cerrada que se dirigia á posição fortificada de Goumbof onde se encontrava um rei sudanez que os francezes queriam castigar. A columna seguia em quadrado, o comboio ao centro. Ao chegar a uma langua, appareceram alguns cavalleiros inimigos. Os spahis francezes lançaram-se em sua perseguição, sendo alcançados por alguns tiros partidos do matto, tornando-se preciso o commandante fazel-os recolher e batendo depois á granada o matto na direcção dos tiros. De subito declarou-se o incendio no bosque em frente, posto pelo adversario para produzir a confusão nas fileiras francezas e cahir-lhes depois em cima. Coronnat torneou o incendio e seguiu direito sobre Goumbof até 400^{m} dos entrincheiramentos. Ahi a artilharia abriu fogo para fazer brecha na muralha, cu-

jos defensores respondiam vivamente. A gente do rei negro, situada fóra da praça, começou então a esboçar um ataque a fundo sobre os flancos dos francezes, sendo repellidos em breve por descargas das faces e retirando sobre a povoação. O quadrado poz-se de novo em marcha atirando sempre por descargas de secção e parando de novo a 150m. Ahi o coronel reforçou a face da frente e a artilharia continuou a abertura da brecha. Então formou-se uma columna d'assalto com 4 secções acompanhadas de homens com escadas, que n'um momento era senhora da brecha. O quadrado, como apoio, continuou a sua marcha. Dentro da obra travou-se uma lucta renhida entre atacantes e defensores, sendo estes reforçados por mais duas secções que tinham por missão atacar o reducto interior pela direita, em quanto a outra columna o atacava pela esquerda, cahindo por fim o reducto em poder dos francezes que fizeram perseguir pela cavallaria e auxiliares os defensores em debandada.

Ataque de noite da povoação de Bokhoro—O coronel Frey resolveu na campanha de 1885-86 contra os fanaticos de Malinka-Mory tomar de noite a povoação fortificada de Bokhoro, onde se tinha refugiado um bando de inimigos. A columna, que se compunha de 350 soldados e 500 auxiliares, partiu do seu campo ás 8 da noite. Marchava em tres linhas parallelas de costado, de modo a passar rapidamente ao quadrado. Para tornear o grosso do inimigo que guardava Bokhoro assim como as emboscadas que por ventura estivessem dispostas, seguiu a columna atravez da floresta de modo a surgir do lado opposto da povoação. A cerca de um kilometro d'esta a columna parou, passando ao quadrado, cuja face da retaguarda era formada por cavallaria e irregulares, mandando-se um reconhecimento constatar a proximidade da posição, o qual verificou tambem que havia d'esse lado um grupo de cerca de 100 homens vigiando, e que o adversario parecia estar álerta. Retomou-se a marcha em silencio, lentamente e interrompeu-se de novo a pequena distancia da povoação, lançando-se então duas granadas sobre esta.

Levantou-se um grande alarido entre o adversario cujos

guerreiros corriam a reunir-se na frente da columna, rompendo um fogo vivissimo de lado a lado, os francezes por descargas, o adversario em tiroteio. De repente um bando de inimigos lançou-se furiosamente sobre a face direita do quadrado que aguentou esse impulso com fogos rapidos e bem disciplinados e com o auxilio de uma fracção de reserva que Frey lançou para alli. Os irregulares, porém, perdendo a cabeça, atiraram-se em confusão sobre o comboio, fazendo fogo em todos os sentidos. O tiroteio rompeu desordenado em todas as faces e não havia meio de o sustar, não obstante os toques repetidos de «cessar fogo». Foi um momento terrivel. Só a custo de violentos esforços dos officiaes se conseguiu fazer o silencio e reformar o quadrado. O inimigo retirara. Frey deu então algum descanço á sua gente, vigiando parte com o dedo no gatilho nos seus postos de combate e dormindo os restantes com as armas na mão. Ao romper a madrugada o inimigo atirou-se de novo em massa sobre o quadrado, tendo antes posto o fogo ao capim proximo. Algumas granadas e descargas pararam o seu impulso, fazendo-se sahir um contra-ataque á bayoneta que os repelliu de vez. Mais tarde verificou-se que a povoação tinha sido abandonada, levando os defensores todos os seus bens.

Campanhas do Dahomey.—1.ª (1890).—Em 1887 o rei do Dahomey notificou ao residente francez que recusava reconhecer a validade do tratado de 1878 pelo qual tinha cedido Kotonou á França. Em 1889 lançou os seus guerreiros sobre Porto Novo que estava sob o protectorado da França. Esta, porém, não reprimiu logo taes desmandos, tendo o rei Toffa, parte da população e até os colonos europeos que fugir para o territorio inglez. Em quanto a gente do rei devastava Porto Novo, em Kotonou eram chamados os europeos á residencia do representante d'aquelle e ahi, de pé, e com a cabeça descoberta, eram intimados a reconhecer a auctoridade do rei e a pagar os direitos d'alfandega, como n'outros tempos. Os religiosos francezes foram expulsos. Perante estes factos o governo francez limitou-se a pedir explica-

ções ao rei do Dahomey ácerca do seu procedimento. As instrucções dadas ao delegado da Republica eram pacificas quanto possivel e até acompanhadas de presentes!

O delegado escreveu ao rei, dizendo-lhe que o governo francez, querendo dar provas do seu desejo de viver em paz com o Dahomey, o encarregara de entregar-lhe alguns presentes. Ao mesmo tempo Glé-glé (o rei) escrevia uma carta-protesto ao Presidente da Republica e outra ao rei de Portugal pedindo a sua intervenção. O delegado francez foi em pessoa á côrte de Glé-glé tratar com o rei e ahi foi recebido insolentemente, sendo obrigado por vezes a passar entre fileiras de cabeças decepadas recentemente, sendo tão horripilantes os espectaculos sanguinolentos a que o fizeram assistir que cahiu gravemente enfermo e para salvar a vida em constante risco perante as ameaças da população que lhe attribuia uma grave doença de Glé-glé, viu-se obrigado a assignar um documento que destruia os tratados existentes e em que se faziam insolentes referencias ao systema governativo da França. Glé-glé morreu pouco depois do delegado sahir de Abomey, succedendo-lhe o filho Behanzim que se preparou activamente para a guerra.

O governo francez foi informado de tudo e, apezar d'isso, repelliu toda a ideia de acção offensiva, em virtude da repugnancia do Parlamento pelas expedições coloniaes.

Citamos desenvolvidamente estes factos para que os leitores saibam como um grande e forte paiz, como a França, não se envergonhou de se manter n'uma attitude humilima, infamante até, perante um ridiculo potentado negro. Que diriamos, os portuguezes, se isto fosse comnosco?!...

Finalmente foi resolvido mandar uma pequena expedição corrigir o insolente. Diversos combates e escaramuças se travaram de lado a lado, nunca passando os francezes da costa, sempre apoiados nos seus estabelecimentos e feitorias. A mais brilhante de todas as acções e decisiva, porque poz termo ás hostilidades, foi o

Combate de Atchoupa. Estavam as forças do tenente coronel Terrillon encerradas em Porto Novo organisado defensivamente. A pouca distancia estava o exercito dahomeano

que se preparava para uma investida. O perimetro de Porto Novo era muito desenvolvido para poder ser defendido pela reduzida guarnição. Resolveu, por isso, Terrillon sahir ao encontro do adversario. A columna era constituida por 350 atiradores disciplinarios, 500 auxiliares armados de espingardas de pederneira, 3 peças de 4 de montanha; o comboio levava dois dias de viveres e agua.

A's 7 ½ da manhã, ao chegarem á aldeia de Atchupa, os auxiliares que faziam o serviço de exploração, foram de subito fustigados pelo fogo do adversario, fugindo uns para detraz das tropas regulares e dispersando os outros.

Uma companhia de atiradores senegalezes estendeu em linha e avançou para o inimigo. A curta distancia parou e fez algumas descargas que detiveram a arremetida do adversario. Entretanto Terrillon formava o quadrado com as restantes forças, fazendo recolher a companhia avançada. Os dahomeanos (6:000 homens e 2:000 amazonas) precipitaram-se em massa envolvente sobre o quadrado. A 200^{m} rompeu o fogo d'este. Repetidos assaltos do adversario vieram assim despedaçar-se sob as descargas e a metralha dos francezes. Vendo aquelle a impossibilidade de se apoderar do quadrado, lançou-se sobre Porto Novo, collocando-se assim entre esta povoação e a columna. Esta, conservando-se sempre em quadrado, iniciou a retirada. De vez em quando parava para fazer algumas descargas sobre os adversarios mais proximos. Ao chegar a um ponto coberto onde se suppunha estar occulto algum bando dahomeano, o quadrado parou, a artilharia bateu durante algum tempo á granada e á lanterneta aquelle ponto e as massas inimigas ao alcance, dispersando-as e pondo-as em retirada. Os fogos da infantaria, sempre por descargas, foram muito efficazes desde 350 metros.

Pouco tempo depois assignava-se um accordo entre a França e Behanzim pelo qual se reconhecia o protectorado francez sobre Porto Novo, não podendo a gente do rei fazer nenhuma incursão n'este territorio, e o direito d'occupação de Kotonou, dando os francezes a Behanzim a indemnisação mensal de cerca de 4:000$000 reis.

Campanha de 1892-94—Em 1892 a gente de Behanzim voltou a perseguir os habitantes da região sob o protectorado da França, para fazer escravos que vendia aos allemães. Uma canhoneira franceza foi mesmo repellida a tiro pelos inimigos. Depois de algumas hesitações da parte do governo foi resolvida a acção armada. Segundo as informações mais seguras, Behanzim dispunha de 12:000 guerreiros dos quaes 4:000 armados com a carabina Winchester e 6 canhões rewolveres. Este exercito estava dividido em 3 corpos. Tanto o armamento como o municiamento eram principalmente de origem allemã.

Dodds dividiu em tres grupos as tropas de que dispunha=300 europeos, 950 indigenas, 6 canhões, 29 viaturas 1:800 carregadores. Mais tarde chegaram novos reforços da metropole. A 10 d'agosto de 1892 poz-se em marcha. As prescripções ácerca do serviço de segurança em estação eram as seguintes: o 1.º grupo occupava a face da frente, o 3.º a da retaguarda e o 2.º as lateraes. Aquelle grupo destacava uma companhia para em pequenos postos vigiar a 1.ª e 2.ª faces, sendo de noite reforçado por uma esquadra de infantaria de marinha. O 3.º grupo fornecia do mesmo modo o serviço de segurança da 3.ª e 4.ª faces. Cada face do quadrado fornecia duas sentinellas, uma na frente, outra no flanco direito. Artilharia nos angulos. De dia o serviço de segurança era feito por indigenas.

Dissemos já (pag. 49) como era cuidadosa a organisação do serviço sanitario d'esta expedição, o que aliás era imposto pelas insaluberrimas condições do clima. Os europeos nos bivaques alojavam-se em tendas transportaveis, sendo as paredes formadas por ramos de palmeiras seguros entre estacas e os tectos de pannos de tendas-abrigos. Os negros tinham tambem as suas tendas apropriadas.

O paiz a atravessar era uma floresta continua, alternando de onde em onde com extensas zonas de capim de mais de 2^{m} de altura. Na frente da columna marchava sempre um troço d'engenharia com 500 trabalhadores a abrir caminho pelo menos a uma viatura de frente.

Desde logo se travaram frequentes combates e escara-

muças com os dahomeanos, sendo, porém, estes sempre repellidos. A expedição, que a principio marchava em columnas parallelas intervalladas de 10 a 20 metros precedidas na frente por alguns atiradores que de machete em punho iam desbastando o caminho, passou á formação em quadrado elastico, sendo a exploração effectuada a 200 ou 300^{m} pela cavallaria nos logares descobertos e pela infantaria indigena no matto cerrado. Em caso de ataque, a ordem de Dodds era fazer ajoelhar immediatamente as praças, dar algumas descargas bem disciplinadas e lançar para a frente uma ou mais fracções á bayoneta. Cana era a cidade santa dos dahomeanos e perto d'ella estava a capital. Behanzim para demorar a marcha da columna, fazia successivas propostas de paz que, aliás, se recusava a garantir. Dizia Dodds ás tropas=«Cana, a cidade santa dista poucos kilometros de nós; 15 k. mais longe fica Abomey; Behanzim quer impedir-nos de chegar a Cana; a entrada n'esta povoação e a nossa presença nas proximidades de Abomey deverão comprometter-lhe para sempre o prestigio e annullar-lhe o poder».

Em todos os combates os officiaes francezes eram especialmente visados pelos bons atiradores inimigos. O numero d'officiaes mortos nos differentes combates foi de 8, o de feridos 22. Behanzim, finalmente, pediu a paz, deixando como garantia penetrar os francezes em Cana. Dodds, receiando que o rei lhe tivesse disposto uma emboscada, para entrar n'esta povoação dispoz as tropas assim: «O 1.º e 2.º grupos formados em linhas de columna de companhias com intervallos de desenvolvimento, com a artilharia e ambulancia respectivas a 20 passos do centro, a infantaria de marinha e a engenharia atraz. O 3.º e o 4.º grupos seguiam 200^{m} á retaguarda em quadrado com o comboio no centro. Patrulhas de cavallaria foram espalhadas em todas as direcções.»

Cana estava abandonada e ahi se installaram os francezes, procedendo á sua organisação defensiva. D'ahi impozeram os invasores as suas condições que o rei procurou illudir, submettendo-se a ellas, mas rompendo pouco depois as hostilidades, em vista da evidente duplicidade d'aquelle que

procurava ganhar tempo para organisar a resistencia na capital. O rei, á approximação da columna, que torneou as defezas de Abomey e ameaçou os flancos e a retaguarda, incendiou e abandonou esta povoação, resultando d'ahi a submissão de muitos chefes indigenas. A guerra terminara, sendo o rei declarado deposto e banido do paiz. Dodds tratou depois de organisar administrativamente o Dahomey que passava a estar sobre o protectorado da França; as povoações, as posições estrategicas importantes foram occupadas com boas guarnições. Eis algumas acções mais notaveis d'esta campanha=.

Combate de Dogba=Estacionava a columna em Dogba n'um logar arenoso, elevado. Uma força tinha partido em reconhecimento. Os dahomeanos, conseguindo passar despercebidos a esta, approximaram-se silenciosamente do campo, procurando envolvel-o por tres lados.

Annunciada a sua presença por um posto europeo que retirou, romperam o fogo, trepando alguns ao topo das palmeiras d'onde dirigiram um tiro mergulhante e efficaz sobre as tendas dos officiaes. A infantaria de marinha estendeu em atiradores diante dos abrigos, detendo o adversario a 50^{m} com um fogo lento, á vontade.

Esta linha prolongou-se á direita e á esquerda com outras tropas brancas que faziam fogo por descargas de secção, emquanto alguns atiradores escolhidos desalojavam os dahomeanos installados nos topos das palmeiras; a artilharia atirava á lanterneta e á granada. O inimigo começou finalmente a ceder, tentando ainda alguns retornos offensivos. Então a linha de combate franceza avançou durante algum tempo por lanços de 30^{m} alternados com fogo, repellindo assim de vez o inimigo, 4:000 homens.

Combate de Poguessa=Na marcha para Poguessa a columna seguia em columnas de secção parallelas intervalladas, como se disse já. O capim era tão denso e elevado que as columnas não se viam umas ás outras, sendo necessario os chefes chamarem-se constantemente para manterem os intervallos. De repente a guarda avançada recebeu alguns ti-

ros. As differentes formações passaram logo á linha, ligando-se umas ás outras, os homens hombro com hombro, ajoelhando immediatamente e respondendo ao fogo do inimigo invisivel, mas que depois se soube pela existencia de cadaveres de amazonas, estar apenas a 25m. As amazonas, como em todos os combates, notabilisavam-se sempre pela sua coragem e audacia. Após tres cargas successivas o inimigo cedeu, retirando em desordem.

Combate de Oumbouemdi=A columna marchava em quadrado elastico esclarecido pela cavallaria a 300m, quando o inimigo rompeu o fogo sobre esta que retirou immediatamente, desembaraçando a frente dos fogos e apeiando para reforçar o flanco esquerdo da columna que o inimigo procurava tornear. Como este fraquejasse sob a chuva de projecteis, Dodds ordenou uma carga de bayoneta ao som das cornetas e tambores. «A marcha fez-se de bayoneta armada alternando com descargas, os canhões conduzidos por tracção, em lanços de 200m. Foi a primeira vez que se empregou a carga de bayoneta e inspirou ella um tal terror ao inimigo que n'essa tarde não voltou a approximar-se das faces do quadrado» (Dodds).

Campanha de Madagascar (1895).—As causas d'esta campanha foram: os frequentes attentados praticados contra a segurança dos subditos francezes, os quaes ficavam impunes, negando-se o governo hova a todas as reparações pedidas pela França; a resistencia d'aquelle governo em pôr em execução as clausulas do tratado de 1885, etc. O exercito hova, embora mal organisado, dispunha de armas aperfeiçoadas que sabia manejar soffrivelmente, instruido por francezes e estrangeiros, podendo dispor assim d'uns 25 a 30:000 homens e de 40 a 50 canhões de modernos systemas. O governo francez, calculando como necessaria para as operações uma expedição de 12:000 homens abastecidos por um cuidadoso serviço d'étapes, tratou de adquirir os meios de transporte indispensaveis. Aproveitar-se-hiam quanto possivel os cursos d'agua que banhavam a zona d'operações.

Como meio de transporte terrestre adoptou se o carro Lefebvre (pag. 64), sendo 4:000 viaturas de grades, 1:000 de tampa e 40 carros cisternas (para transporte de liquidos). Para a navegação dos rios construiram-se de proposito canhoneiras rebocadoras de 25^{m} de comprido e 0,4^{m} a 0,7^{m} de calado e lanchões, sendo todos estes barcos de typos desmontaveis e já bem provados no Dahomey.

Do relatorio do general Duchesne extrahiremos mais algumas informações ácerca da organisação dos differentes serviços e material de que foram providos. A tracção das viaturas Lefebvre era feita por muares francezes, algerianos e abyssinios. O serviço de transportes era completado com o engajamento de 7:000 conductores e carregadores da Algeria, recorrendo-se a esta colonia, em vista das difficuldades em effectuar o recrutamento em Madagascar ou nas possessões mais proximas. As tropas alojavam-se em tendas de differentes modelos, nomeadamente a tenda conica para 16 homens. Reservas de fardamentos, de material de acampamento, etc., foram accumuladas nos armazens da baze d'operações. Providenciou-se de modo a fornecer pão fresco aos homens, sempre que fosse possivel. Os fornos eram fixos para 180, 200 e 300 rações diarias e desmontaveis para 380 rações. A infantaria dispunha da Lebel municiada com 400 cartuchos por praça; a cavallaria, a artilharia e o trem usavam a carabina ^{m}/1892; os conductores auxiliares estavam providos da carabina ^{m}/74 com 100 cartuchos. A artilharia (30 canhões de 8^{c} de montanha, 12 de 8^{c} de campanha e 4 obuzes de 12^{c}) dispunha de 350 tiros por peça, além d'um aprovisionamento especial de 500 granadas de melinite para o ataque d'obras. A engenharia estava provida de 750 kilometros de linha electrica com 20 postos; de 4 postos telephonicos e 31 helioscopios de 0,^{m}1 e 0,^{m}3; estava tambem provida d'um parque de aereostação com 3 balões e 5 cargas de hydrogenio comprimido; de resto dispunha de muito e variado material para pontes, conducta d'agua, trabalhos de campanha, etc.

Ao serviço de saude estavam affectos 70 medicos (isto

é, 1/200 do effectivo da expedição) que se distribuiram pelas unidades (2 por batalhão) e pelos differentes escalões (2 ambulancias activas, 4 hospitaes de campanha de 250 camas, 1 hospital de evacuação com 500 camas e uma estufa de desinfecção, um sanatorio para 500 doentes e uma estufa, 16 enfermarias-ambulancias e, finalmente, um navio hospital com 350 camas). Havia mais 8 pharmaceuticos e 300 enfermeiros.

Distribuiram-se os medicos assim: 5 por cada ambulancia activa ou hospital de campanha ou no hospital de evacuação e 6 no sanatorio. A agua era esterilisada em 3 apparelhos: um para 20:000 litros e 2 para 10:000.

As ambulancias e hospitaes estavam installadas em tendas Tollet, conicas e em barracas desmontaveis—m/Wehrlin-Espitalier. Em conclusão: o material permittia hospitalisar 2:500 homens (1/6 do effectivo total), deitando-os em macas cujos supportes eram providos de mosquiteiros. A todos os homens estavam distribuidos pensos individuaes. Quanto ao aprovisionamento em medicamentos, cita-se o seguinte para dar uma ideia da formidavel organisação sanitaria: a expedição levou á partida meia tonelada de chlorydrato de quinina e durante a campanha remetteu-se o dobro.

As tropas de infantaria formavam duas brigadas a 6 batalhões de 800 homens; a cavallaria um esquadrão de caçadores d'Africa—150 cavallos; artilharia, 9 baterias; a engenharia 4 companhias e um parque. Não se incluem aqui os effectivos que por varias vezes foram mandados reforçar a expedição.

A região em que se ia operar dividia-se em duas zonas: a do litoral em que os transportes se faziam por agua n'um percurso de 200 k. e a do interior até á capital Tananarive (300 k.) em que se esperava encontrar muita agua e lenha appellando-se exclusivamente para os transportes por terra, abrindo uma estrada carreteira de 2 ou 3 metros accessivel ás viaturas.

A marcha da expedição na região accidentada do interior praticou-se como já ficou dito a pag. 103. Dissemos tambem já (vêde pag. 46) como pela falta de trabalhadores

negros se viu Duchesne obrigado a empregar as tropas brancas nos trabalhos violentos da abertura de estradas, construcção de pontes, passagem dos pantanos, etc.

Os batalhões na abertura da estrada escalonavam-se ao longo d'ella de 2 em 2 kilometros, o que permittia o trabalho simultaneo de todas as unidades, sem comprometter a segurança das tropas que podiam sempre, em caso de necessidade, apoiar-se mutuamente.

Foi em presença d'estas difficuldades e da perniciosa acção do clima, o qual produzia immensas baixas nas tropas, que Duchesne se viu obrigado a aligeirar a columna (pag. 103), reduzindo tambem as rações (pag. 54), mas conseguindo dar sempre carne fresca á sua gente, graças ao abundante aprovisionamento de gado para abater.

Da noticia que se segue ácerca de alguns combates travados no decurso d'esta campanha, deprehenderá o leitor o seguinte.=Os francezes em Madagascar seguiam uma tactica apropriada ao inimigo com que estavam em lucta. Assim, faziam a guerra á europea, abandonando as formações cerradas, para desenvolverem uma ou mais fracções com apoios á retaguarda. Os hovas limitavam-se geralmente á guerra demasiadamente defensiva: guarneciam uma posição, faziam uns tiros e retiravam perante a investida dos brancos. Assim é que não consta que um corpo hova cahisse em massa sobre um acampamento ou sobre uma formação de marcha. A carga da bayoneta era empregada systematicamente pelos francezes, para desalojar o adversario ou para completar a sua desmoralisação na derrota.

Vejamos alguns combates.

Combate de Tsarasotra—A 29 de junho ao nascer do dia (5 $^{3}/_{4}$) muitas centenas de hovas, desembocando em columnas profundas d'um atalho que partia de Ikopa, vieram occupar uma ravina escarpada ao sul do planalto de Tsarasotra, escalaram a encosta direita e abriram subitamente sobre o campo, a 300 ou 400^{m} d'elle, um fogo vivissimo, procurando ao mesmo tempo envolver os francezes por oeste. A 6.ª companhia desenvolveu logo 3 secções frente ao sul, conservando a 4.ª em apoio. A secção d'artilharia poz-se em

bateria com a mesma frente, atirando á lanterneta sobre os hovas. A cavallaria (um pelotão) foi mandada reunir á guarda da direita do campo. Perante estas disposições o ataque fraquejou, até que uma nova columna hova, sobrevindo (6 3/4), procurou envolver um posto destacado. Para contrariar este movimento mandou-se á secção do apoio effectuar um contra-ataque á bayoneta contra os atacantes d'este posto e outro por uma fracção differente contra o adversario ao sul. Estes contra-ataques em passo gymnastico, pozeram os hovas em retirada e conseguiram occupar o planalto de Tsarasotra. Então uma 3.ª columna hova com artilharia deixou o monte de Beritzoka para atacar a secção do apoio que occupava aquelle planalto, sendo necessario reforçal-a com mais duas secções e dois canhões. A posição d'estas forças seria bastante critica em virtude da escassez de munições, se tropas fixas chegadas da retaguarda não viessem apoial-as, repellindo as avançadas e o grosso da columna hova. Outras tropas de reforço chegaram depois, não havendo majs novidade por esse dia. O General Metzinger, commandante da 1.ª columna d'operações (formação avançada), apreciando a situação, resolveu, *apezar da fadiga das tropas*, atacar no dia seguinte de manhã, sem esperar novos reforços, pelos seguintes motivos: se o inimigo repellido n'esse dia queria retirar-se, urgia apressar o ataque para o surprehender desmoralisado e privado de soccorros; se tencionava permanecer em Beritzoka, era preciso não lhe dar tempo para se fortificar; de resto convinha fazer-lhe perceber que os francezes não se deixavam surprehender e que qualquer ataque era logo seguido d'uma reacção rapida e energica.

Combate de Beritzoka — Organisou-se então uma columna d'ataque composta de 4 companhias de infantaria, 2 secções d'artilharia, deixando o campo guarnecido por uma companhia d'Algeria e uma secção d'artilharia e ficando garantidas as communicações com a retaguarda por um pelotão de cavallaria.

Uma outra companhia formava na esquerda para apoiar a artilharia como reserva geral.

Apoz algum tempo de marcha, mandaram-se dois pelotões

d'infantaria tomar o contacto, repellindo algumas avançadas hovas, occupando uma altura onde se lhe reuniu pouco depois o grosso das forças, passando-se então á formação de combate constituida por uma companhia e 2 pelotões em linha e 2 outras companhias de reserva. O avanço da 1.ª linha foi recebido a tiro de canhão hova com uma viva fusilaria. A artilharia franceza apoiada sempre pela companhia de reserva geral, tomou posição á retaguarda e abriu fogo sobre os canhões hovas a 2:500^{m}, fazendo-os calar. A marcha de frente da infantaria franceza continuou até 200^{m} dos hovas, sem se disparar um tiro, parando então e fazendo-se algumas descargas que repelliram o adversario, completando-se a acção com uma brilhante carga de bayoneta, ao mesmo tempo que a artilharia augmentava com o seu tiro a confusão dos hovas que retiraram em debandada.

Estes dois combates dão uma clara ideia da tactica seguida pelos francezes em Madagascar.

Tomada de Tananarive — A capital dos hovas ficava n'um planalto rochoso, estreito, alongado na direcção de N. S. com as vertentes quasi verticaes. Linhas d'alturas se elevavam parallelamente a este planalto, e eram occupadas pelos hovas. O General Duchesne resolveu atacar e occupar a linha de alturas e depois bombardear e, sendo preciso, tomar d'assalto a capital. Para isso a columna dividiu-se em 2 escalões, atacando um pelo S. e o outro pelo N. E. Apoz alguma resistencia os francezes occuparam a linha d'alturas, rompendo os defensores da capital o fogo da sua numerosa artilharia. Duchesne mandou bombardear a povoação com granadas de melinite durante uma hora e ao mesmo tempo fez marchar seis columnas d'assalto, de duas companhias cada uma, acompanhadas por bons guias e por sapadores munidos de petardos, atacando as defezas em pontos differentes e sendo a sua acção auxiliada pela artilharia que bateria os principaes nucleos de resistencia e desorganisaria a defeza. Os hovas desmoralisados pelas perdas soffridas e pelo effeito moral das granadas de melinite, pediram para parlamentar. Duchesne intimou-os a que lhe enviassem delegados de prestigio com poderes para tratarem da paz. Os hovas,

finalmente, consentiram em os francezes entrarem na cidade, affirmando que as hostilidades cessavam.

O general mandou algumas tropas occuparem a povoação, emquanto elle proprio continuava com as restantes tropas occupando as cristas e ameaçando os hovas de que arrazaria Tananarive, se porventura aquelles usassem de má fé.

Seguiram-se as negociações de paz que foi assignada dias depois.

INDICE

Cap. I **Relações politicas com os indigenas** . 5

Administração 10
Justiça 15
Trabalho 18
Occupação e politica a seguir nas regiões incompleta ou recentemente submettidas 25

Cap. II **Effectivos das columnas. — Organisação das armas e serviços.**

Generalidades 35
Quadros 37
Tropas brancas 38
Tropas negras 38
Infantaria 39
Infantaria montada 40
Cavallaria 43
Artilharia 43
Engenharia 45
Saude 48
Serviço administrativo 51
Subsistencias 53
Material 55
Transportes 56
Por carregadores 57
Por animaes 61
Em viaturas 64
Transportes por agua . . . 65
Irregulares 67

Cap. III **Instrucção** 69

Instrucção dos quadros 72
Idem dos recrutas 73
Idem das praças promptas 77

Cap. IV **Postos militares** 78

Cap. V **Tactica** 85

Generalidades 85
I — *Tactica de marcha* 93

1640 127

Formações de marcha. Elementos normaes das columnas 93
Exploração a distancia 49
Serviço de segurança proxima . . . 97
Corpo principal da columna . . . 98
Comboio 100
Marcha de grandes columnas e comboios. 102
Marchas de noite 106
Duração das marchas. Altos 108
Precauções geraes a adoptar nas marchas 111
Passagem d'um desfiladeiro. . . . 114
» d'uma ribeira não vadeavel . 114
» d'um vau 115
Formação para atravessar matto cerrado 115
Marchas em retirada 116
II — *Tactica de estacionamento* 117
Passagem da formação de marcha á de estacionamento; preparação do campo; installação 119
Dispositivos de segurança durante o dia. 125
Idem durante a noite 127
Serviço no interior 132
Prescripções varias. 136
III — *Tactica de combate* 138
Generalidades. 138
Combate de recontro. 142
» defensivo 144
» offensivo 145
Perseguição 149
Retirada 152
Estratagemas, embuscadas e surprezas. 153
IV — *Informações e reconhecimentos* 156

Cap. VI Fortificação e trabalhos de campanha. Ataque e defeza de posições. . . 164

I — *Generalidades* 164
II — *Trabalhos de fortificação* 168
Fortificação improvisada ou expedita . 168
» provisoria. 170
Organisação defensiva da baze d'operações 170
Postos provisorios. 171
Reductos 172
Aringas 177

Blockaus 181
Fortificação permanente 183
Parapeitos de tijollos ou de pedras . 185
III — *Trabalhos de campanha* 187
Passagem de cursos d'agua 187
Pontes 188
De troncos 188
Suspensas 189
Sobre apoios 191
Passagem de pantanos 194
Estradas 194
IV — *Ataque de posições fortificadas* 195
Ataque á viva força 197
Pela brecha 197
Por escalada 202
Ataque por surpreza 203
V — *Defeza de posições fortificadas* 205

Cap. VII — Noções d'estrategia colonial . . . 208

Objectivo principal 208
Communicações 210
Fraccionamento das columnas 213

Cap. VIII — Noticia historica sobre algumas campanhas coloniaes 214

I — *Campanhas portuguezas* 214
Campanha de Moçambique 214
Campanha de Gaza 218
» dos Namarraes 222
» do Barué 224
II — *Campanhas inglezas* 227
Campanha da Zululandia 227
» dos Matabeles. 233
III — *Campanhas francezas* 235
Soldão. 235
Dahomey 244
Madagascar 250

3 2044 012 265 302